



6

MATEUS A LUCAS

COMENTÁRIO BÍBLICO
BEACON

Ralph Earle
A. Elwood Sanner
Charles L. Childers



6

MATEUS A LUCAS

COMENTÁRIO BÍBLICO
BEACON

Ralph Earle
A. Elwood Sanner
Charles L. Childers

1. [Lucas](#)
2. [Introdução](#)
 1. [A PREPARAÇÃO PARA O MINISTÉRIO DE CRISTO](#)
 2. [A VIAGEM PARA JERUSALÉM O MINISTÉRIO NA PERÉIA](#)
 1. [Importa, porém, que eu seja batizado com um certo](#)
 2. [22. Os Servos Inúteis \(17.7-10\)](#)
 3. [O MINISTÉRIO EM JERUSALÉM](#)
 4. [O CRISTO RESSUSCITADO](#)
3. [Autores deste volume](#)

B

Comentário Bíblico

EACON

Mateus a Lucas

6



cm

O Evangelho Segundo

Lucas

Charles L. Childers

- [Introdução](#)
 - [A PREPARAÇÃO PARA O MINISTÉRIO DE CRISTO](#)
 - [A VIAGEM PARA JERUSALÉM O MINISTÉRIO NA PERÉIA](#)
 - [Importa, porém, que eu seja batizado com um certo](#)
 - [22. Os Servos Inúteis \(17.7-10\)](#)
 - [O MINISTÉRIO EM JERUSALÉM](#)
 - [O CRISTO RESSUSCITADO](#)
- [Autores deste volume](#)

Introdução

O Evangelho de Lucas tem sido chamado de “o mais belo livro do mundo”, e, juntamente com Atos dos Apóstolos, considerado “o mais ambicioso empreendimento literário da igreja na antiguidade”. Se tais expressões de louvor podem parecer extravagantes, elas pelo menos ajudam a preparar as pessoas para o estudo de uma obra que é, sem qualquer dúvida, uma porção muito significativa da Bíblia e uma das obras-primas da literatura antiga.

A. Autoria

Tanto a tradição antiga como os estudiosos modernos concordam que o autor do terceiro Evangelho era Lucas, o “médico amado” e companheiro do apóstolo Paulo. Declarações no sentido de que Lucas era o autor tanto do terceiro Evangelho como de Atos podem ser encontradas desde a segunda metade do século II; dessa época em diante, a tradição tem sido unânime em confirmar esta assertiva. Na verdade, não existe nenhuma prova de que esse Evangelho tenha sido atribuído, em qualquer momento, a outro autor que não fosse Lucas.

Podemos mais prontamente aceitar o veredicto da tradição quando nos lembramos de que existem muitos evangelhos “espúrios” falsamente atribuídos a vários apóstolos e a outras testemunhas oculares do ministério de Cristo. Lucas, entretanto, não foi nem uma testemunha ocular, nem suficientemente proeminente no Novo Testamento para que um livro lhe fosse atribuído, a não ser que, realmente, fosse ele o autor.

Embora em nenhum lugar Lucas tenha afirmado ser ele o autor tanto do terceiro Evangelho como de Atos, evidências internas do Novo Testamento dão sólido suporte à posição de que ele foi o autor dos dois livros. Em primeiro lugar, é evidente que tanto Lucas quanto Atos foram escritos pela mesma pessoa. Ambos foram dirigidos ao mesmo homem, Teófilo; e o livro de Atos, em seu prefácio, fala sobre um “primeiro tratado”. Além disso, um exame mais acurado do estilo

literário e do vocabulário dos dois livros revela uma semelhança demasiadamente grande e suficiente que explica, acima de qualquer outro fundamento, que são obras do mesmo autor.

Outro elo nessa cadeia de evidências é formado pelas famosas seções “nós” em Atos.¹ Estas passagens indicam claramente que o autor era companheiro de Paulo. Como Lucas é o único companheiro conhecido de Paulo (com exceção de Tito), que não recebeu outra identificação em Atos, parece óbvio que ele foi o autor.²

Muito pouco se sabe a respeito de Lucas. Seu nome é mencionado apenas três vezes no Novo Testamento. Em sua carta aos Colossenses (4.14) Paulo se refere a ele como o “médico amado”, e em sua Epístola a Filemom (24) Paulo chama Lucas de seu “cooperador”. Depois, em sua última carta - Segunda Epístola a Timóteo (4.11) - Lucas é mencionado como o único companheiro de Paulo na época em que esta Epístola foi escrita.

As seções “nós” em Atos indicam que Lucas se juntou ao grupo de Paulo em Trôade em sua segunda viagem missionária (16.10) e que foi seu companheiro pelo menos até Filipos. Quando o apóstolo se mudou para Tessalônica, o pronome da terceira pessoa indica que Lucas não estava mais ao seu lado. A próxima seção “nós” (20.5) mostra que Lucas havia novamente se reunido ao grupo de Paulo quando o apóstolo retornou da Grécia em sua terceira viagem missionária. Ele se juntou a esse grupo missionário em Filipos e o acompanhou até Jerusalém. A última seção “nós” (27.1) indica que Lucas acompanhou Paulo em sua viagem a Roma. Ele esteve com Paulo em Roma na época em que este escreveu as Epístolas a Filemom e aos Colossenses e, mais tarde, na época da Segunda Epístola a Timóteo - pouco antes da morte de Paulo.

Existem poucas referências interessantes a Lucas nos escritos dos patriarcas da igreja, mas estas referências pouco acrescentam àquilo que poderia ser aceito como um fato, pois os relatos muitas vezes são contraditórios. Entretanto, a referência feita por Paulo, chamando-o de médico, está em harmonia não só com a tradição, como também a linguagem médica tanto no Evangelho como em Atos corroboram

essa afirmação.³

B. Local e Data da Obra

O Evangelho pode ter sido escrito em Cesaréia, enquanto Paulo esteve ali aprisionado. Certamente este deve ter sido um período em que Lucas coletou a maior parte do seu material. Também é possível que Lucas tenha escrito o seu Evangelho em algum outro lugar - na Grécia ou na Ásia Menor, depois de Paulo ter sido libertado de seu primeiro aprisionamento em Roma - Cesaréia parece ser o lugar mais provável e Roma teria sido o lugar onde o livro de Atos foi escrito ou concluído.

A obra pode ter sido escrita em alguma época entre 58 e 69, pois é improvável que ele tivesse escrito o seu Evangelho antes da estada na Palestina. A maneira de Lucas tratar as profecias de Jesus sobre a destruição de Jerusalém deixa bem claro que ele escreveu antes do cumprimento dessas profecias.¹ Se, como foi sugerido acima, o Evangelho foi escrito em Cesaréia, então o ano 58 seria a data mais provável.

C. Propósito

No prefácio, Lucas declara o propósito da sua obra. Ele está escrevendo primeiramente para dar a Teófilo um conhecimento mais completo e satisfatório a respeito de Jesus Cristo. Teófilo havia recebido informações rudimentares e Lucas achava que precisava de mais instruções, ou possivelmente Teófilo tenha pedido a Lucas para lhe fornecer um relato mais adequado. Mas não há dúvida de que Lucas tinha em mente uma audiência mais numerosa que um único e proeminente indagador. Ele provavelmente sentiu que a igreja, como um todo, precisava de um Evangelho mais completo do que aquele que existia na ocasião.

D. Fontes

Estudiosos do Novo' Testamento acreditam atualmente que o livro de Marcos, assim como outros relatos escritos sobre certas fases do ministério de Jesus, foram usados por Lucas na composição de seu Evangelho. Geralmente, duas dessas fontes têm nomes: "Q" é a designação dada a um suposto documento que contém material usado tanto por Lucas como por Mateus, mas que não é encontrado em Marcos, e "L" é a designação do documento do qual supõe-se que Lucas tenha obtido o material que é peculiar ao seu Evangelho.

Também é amplamente reconhecido que essa explicação é uma exagerada simplificação desse assunto, e que outros documentos - de número indeterminado - foram supostamente usados. Certamente é possível, e até provável, que Lucas tenha usado essas fontes escritas. Em seu prefácio ele menciona "muitos" que tinham se encarregado de fazer um relato do Evangelho. Embora pense claramente que eles seriam inadequados para tal propósito, Lucas, no entanto, pode ter tido a oportunidade de usar estes escritos. Pelo menos, ele teria lido esses relatos para ver se poderia acrescentá-los às suas próprias fontes.

Mas uma fonte adicional da qual certamente Lucas se utilizou era a pregação, e, sem dúvida, as conversas particulares com seu companheiro, o apóstolo Paulo. Ele teve uma grande oportunidade de se aproveitar disso. Além disso, enquanto Paulo estava na prisão de Cesaréia, Lucas teve dois anos para fazer uma detalhada pesquisa sobre a terra natal de Jesus. Talvez nesse local ele pudesse ter falado com um grande número de testemunhas oculares do ministério de Jesus, inclusive Maria, a mãe de Jesus, de quem poderia muito bem ter ouvido acerca dos fatos que usou na narrativa do nascimento do Salvador. Ele também pode ter encontrado fontes escritas na Palestina.

E. Características

1. O *Mais Literário*

A estrutura, o vocabulário e o estilo do registro de Lucas fazem dele o

mais literário dos Evangelhos. Algumas parábolas que somente ele relata estão entre as histórias mais amadas do mundo - “O Bom Samaritano”, “O Filho Pródigo”, e outras.

2. *O Evangelho dos Hinos*

Intimamente aliado à sua importância é o fato de Lucas nos dar alguns dos hinos mais belos do cristianismo. Ele é considerado por alguns como o primeiro estudioso dos hinos cristãos. Entre eles estão o “Benedictus”, o “Magnificat”, o “Nunc Dimittis”, e a “Gloria in Excelsis” - todos nos dois primeiros capítulos.

3. *O Evangelho das Mulheres*

As mulheres ocupavam uma posição inferior na Palestina, assim como em todo o mundo da antiguidade, mas o Evangelho de Lucas é notável pela atenção que dedica a elas. Esse fato é claramente demonstrado pela importância de várias mulheres nesse Evangelho, como por exemplo: Isabel; Maria, a mãe de Jesus; as irmãs Maria e Marta; Maria Madalena e outras. ¹

5. *O Evangelho para os Gentios*

O fato de o Evangelho de Lucas ter sido escrito especificamente para os gentios pode ser verificado pelas seguintes circunstâncias: *a)* Por ser dirigido a um gentio, Teófilo; *b)* os termos judaicos são evitados ou explicados ou são usados termos gregos equivalentes; *c)* ele raramente faz citações do Antigo Testamento; e *d)* ele começa a datar os fatos a partir do imperador reinante, e do governador romano daqueles dias.

6. *O Evangelho do Salvador Universal*

Lucas apresenta Jesus como o Salvador de todos os homens. Parábolas como “O Bom Samaritano”, “O Filho Pródigo” e “O Fariseu e o Publicano” refletem seu interesse pelos oprimidos e pelos rejeitados.

Esboço

I. Prefácio (1.1-4)

II. O Nascimento e a Juventude de Jesus (1.5—2.52)

A. AAnunciação a Zacarias (1.5-25)

B. AAnunciação a Maria (1.26-38)

C. A Visita de Maria a Isabel (1.39-56)

D. O Nascimento de João (1.57-80)

E. O Nascimento de Jesus (2.1-20)

F. A Infância e a Juventude de Jesus (2.21-52)

III. A Preparação Para o Ministério de Cristo (3.1—4.13)

A. A Pregação de João (3.1-20)

B. O Batismo de Jesus (3.21-22)

C. A Genealogia de Jesus (3.23-28)

D. A Tentação de Jesus (4.1-13)

IV. O Ministério na Galiléia (4.14—9.50)

A. O Primeiro Período (4.14-44)

B. O Segundo Período (5.1—6.11)

C. O Terceiro Período (6.12—8.56)

D. O Quarto Período (9.1-50)

V. A Viagem para Jerusalém - O Ministério na Peréia (9.51—19.27)

A. O Primeiro Estágio (9.51—13.21)

- B. O Segundo Estágio (13.22—17.10)
- C. O Terceiro Estágio (17.11—19.27)
- VI. O Ministério em Jerusalém (19.28—21.38)**
 - A. A Entrada em Jerusalém e a Purificação do Templo (19.28-48)
 - B. O Ensino Diário no Templo (20.1—21.4)
 - C. A Revelação do Futuro (21.5-38)
- VII. A Paixão de Cristo (22.1—23.56)**
 - A. A Preparação Final (22.1-13)
 - B. A Última Ceia (22.14-38)
 - C. O Getsêmani (22.39-53)
 - D. O Julgamento Judaico (22.54-71)
 - E. O Julgamento Romano (23.1-25)
 - F. A Crucificação e o Sepultamento (23.26-56)
- VIII. O Cristo Ressuscitado (24.1-53)**
 - A. A Ressurreição (24.1-12)
 - B. Aparições do Senhor Ressuscitado (24.13-49)
 - C. A Ascensão (24.50-53)

PREFÁCIO

Lucas 1.1-4

O Evangelho de Lucas inicia com um curto prefácio que segue a forma de introdução utilizada pelos historiadores gregos - Heródoto,

Tucídides, Políbio e outros. E o único exemplo, nos quatro Evangelhos, onde o autor dá um passo à frente e, utilizando a primeira pessoa, declara o seu objetivo e plano de escrita. O Evangelho de Lucas também é o único Evangelho que foi dirigido especificamente a uma ou mais pessoas.

Tendo, pois, muitos empreendido (1) indica que houve muitos evangelhos ou narrativas, pelo menos de partes do ministério de Jesus, antes que Lucas escrevesse o seu Evangelho. Esses textos poderiam ter incluído coletâneas de dizeres, milagres, parábolas, etc. Normalmente, isto é entendido como uma evidência de que Lucas utilizou fontes escritas e pode assim ser interpretado (veja a Introdução). No entanto, Lucas não afirma que usou esses textos como fontes, mas deixa fortemente implícito que eram insatisfatórios ou inadequados. Se ele tivesse se sentido completamente satisfeito com algum deles, não teria escrito um Evangelho. Não foi afirmado se eram simplesmente incompletos, ou se eram imprecisos. Mas a completa ausência de uma crítica contrária, e a implicação de que esses textos, assim como o seu próprio, se originaram do testemunho visual, deixam bastante claro que a sua objeção se devia ao fato de que eram incompletos.

Os fatos que entre nós se cumpriram é uma expressão que pode ser traduzida como “as coisas que aconteceram entre nós”. Isto se refere aos fatos do evangelho - a vida histórica, as obras e os ensinamentos de Jesus. Eles são fatos históricos estabelecidos e certos, que assim devem ser aceitos.

Nos transmitiram os mesmos que os presenciaram desde o princípio e foram ministros (2) é uma expressão que dá a entender que a informação que Lucas apresenta no seu Evangelho veio daqueles que foram testemunhas visuais desde o início do ministério de Jesus. Poderiam ser, basicamente, os apóstolos. Mas Lucas também nos informa que ele não foi uma testemunha ocular. Isto revela tanto a sua humildade quanto a sua honestidade.

Havendo-me já informado minuciosamente de tudo desde o princípio (3)

literalmente significa: “tendo me familiarizado desde o princípio com precisão sobre todas as coisas”. Isto não afirma que ele fosse uma testemunha ocular. É uma declaração de que a sua pesquisa o familiarizou com precisão sobre todos os fatos pertinentes à vida de Jesus. Também parece ser uma indicação de que ele retrocedeu até além da tradição apostólica - que começa com o início do ministério de Jesus. Lucas não somente retrocedeu até o nascimento de Jesus, mas até às anunciações, tanto de Jesus quanto do seu precursor, João Batista.

Por sua ordem significa literalmente “uma depois da outra”. Lucas se propõe a fornecer uma apresentação ordenada do ministério de Jesus. Quando observamos o Evangelho completo, observamos que esta “ordem” incluía a organização lógica, assim como a cronológica.

O nome **Teófilo** significa “o que ama a Deus” ou “amigo de Deus”. Também pode ser interpretado como “o amado de Deus”. Alguns comentaristas sugeriram que esse nome poderia se referir a um grupo de pessoas - os que amam a Deus - mas o fato de o nome encontrar-se na forma singular invalidaria esse uso. Não há razão para duvidar que fosse o nome de uma pessoa.

Excelentíssimo é um título de respeito, usado para pessoas de autoridade. Teófilo foi provavelmente um oficial romano. Talvez isto seja ressaltado pelo fato de o autor utilizar o mesmo título, no original em grego, três vezes no livro de Atos (nessas ocorrências, traduzido como “potentíssimo”) e nessas três vezes ele se dirige a um oficial romano.¹

Para que conheças a certeza das coisas de que já estás informado (4) dá a

entender que Teófilo era um convertido ao cristianismo ou um pesquisador interessado nos fatos e no ensino do evangelho. O seu conhecimento é incompleto, e é possível que exista algum perigo de que ele tenha sido mal orientado por informações inverídicas. Ele parece ter sido previamente instruído por Lucas ou por alguém próximo a ele, e Lucas se sente na obrigação de aperfeiçoar essa

instrução.

Não precisamos supor que o evangelho de Lucas tenha sido escrito apenas para Teófilo. A extensão do seu trabalho, a sua perfeição literária e a grande quantidade de tempo e de esforço necessários para a escrita certamente indicam que o autor dirigia o seu Evangelho a todos aqueles gentios que, como Teófilo, estavam interessados, ou poderiam interessar-se, por uma narrativa fiel do ministério de Jesus de Nazaré. Já se observou (veja Introdução) que este Evangelho é considerado o “Evangelho para os Gentios”.

0 NASCIMENTO E A JUVENTUDE DE JESUS

Lucas 1.5—2.52

Esta parte das Escrituras contém a narrativa mais completa do nascimento e da infância de Jesus no Novo Testamento. Dois dos Evangelhos (Marcos e João) não falam da Natividade. O relato da Natividade de Mateus é diferente do de Lucas em três aspectos: *a)* é mais curto que o de Lucas; *b)* está escrito a partir do ponto de vista de José, ao passo que o de Lucas está escrito a partir do ponto de vista de Maria; e *c)* os fatos que Mateus escolheu para compor a sua narrativa são completamente diferentes daqueles que foram escolhidos por Lucas.

Existe uma mudança de estilo no texto original em grego, quando se passa do prefácio à história da Natividade. O primeiro é um excelente exemplo de grego clássico; a segunda é abundante em palavras hebraicas. Alguns estudiosos sugeriram que essas palavras indicam uma simples cópia das suas fontes. Mas o fato de que os elementos característicos do estilo de Lucas podem ser encontrados nesta seção, prova que esta suposição é incorreta. É bastante possível que ele de propósito nos esteja transmitindo o caráter genuinamente judaico das histórias. Uma coisa parece certa: Lucas seguiu as suas fontes de forma suficientemente fiel para preservar o sabor hebraico da narrativa.

A. AAnunciação a Zacarias, 1.5-25

1. A Apresentação de Zacarias (1.5-7)

No tempo de Herodes, rei da Judéia (5), é um dos muitos exemplos do cuidado de Lucas em fixar a data dos acontecimentos. Este procedimento ajuda a garantir

a precisão dos fatos, porque este esquema de datas possibilita aos leitores a confirmação das narrativas.

Este Herodes normalmente é chamado “o Grande”. Ele não era um judeu de nascimento, mas sim um idumeu, filho de Antípater. Ele dizia ser um prosélito, um convertido à religião judaica, mas toda a sua vida deixa claro que ele não apoiava religião alguma, exceto a que pudesse levar à satisfação dos seus interesses e ambições egoístas. Herodes era um instrumento dos romanos. Ele foi oficializado rei dos judeus pelo senado romano por sugestão de Antônio, depois que Herodes lhe prometeu uma grande quantia em dinheiro.¹

Da ordem de Abias, a oitava das 24 ordens - turnos de trabalho em que Davi dividiu os sacerdotes (1 Cr 24.10). Qualquer homem descendente de Arão era um sacerdote. Eles acabaram sendo tão numerosos que muitos deles nunca teriam tido oportunidade de servir se não houvesse alguma organização como aquela que foi efetuada por Davi. Os sacerdotes tinham a permissão de se casar somente com mulheres de linhagem judaica pura, e era considerado particularmente meritório casar-se com uma mulher que fosse descendente de Arão. Dessa forma, o casamento entre Zacarias e Isabel era de alto nível.

Eram ambos justos perante Deus (6) parece indicar uma retidão tanto moral quanto cerimonial, em termos religiosos, de acordo com os padrões do Antigo Testamento. Zacarias, Isabel e o seu filho formam um tipo de ponte entre o Antigo e o Novo Testamento.

Vivendo irrepreensivelmente em todos os mandamentos e preceitos do Senhor significa sendo fiéis a todas as exigências de

Deus. “Mandamentos” parece referir-se aos Dez Mandamentos, ou à lei moral em geral, e “preceitos” à lei judicial e cerimonial.

E não tinham filhos, porque Isabel era estéril, e ambos eram avançados em idade (7). O versículo 6 deixa claro que Deus estava satisfeito com Zacarias e Isabel. No entanto, aqueles israelitas que os conheciam não imaginariam isso, porque se acreditava que a falta de filhos era um sinal de desaprovação divina. Esta falta de filhos também trazia uma humilhação adicional ao casal: eles achavam que nunca poderiam sentir a esperança que todos os casais judeus sentiam, de poderem ser os pais do Messias. A infertilidade e a idade avançada se combinavam para tornar a paternidade uma impossibilidade física. É interessante observar que este caso é um paralelo perfeito com o caso de Abraão e Sara. ²

Os deveres do sacerdote eram atribuídos por meio da **sorte** sagrada **(9)**. A maior honra que um sacerdote poderia ter era a de oferecer incenso, e um sacerdote não poderia tirar outra sorte melhor durante aquela semana de serviço. O incenso era oferecido antes do sacrifício matinal, e depois do sacrifício vespertino, no altar do incenso. Este altar se localizava no Templo, imediatamente antes do véu que separava o Lugar Santo do Lugar Santíssimo.

Toda a multidão... estava fora, orando, à hora do incenso (10). Esta era uma ocasião altamente sagrada. O incenso oferecido simbolizava as orações do povo, que eram ofertadas ao mesmo tempo, pelas mulheres no pátio das mulheres, pelos homens no pátio dos homens e pelos demais sacerdotes no pátio dos sacerdotes.

Então, um anjo do Senhor lhe apareceu [a Zacarias] (11). A voz divina da revelação não havia se pronunciado durante quatro séculos. Então, de repente, apareceu o anjo do Senhor. Observamos que o anjo não “se aproximou”, ele *apareceu* - de repente, sem aviso. O fato de ele ter aparecido a um sacerdote no Templo ressalta as características de Antigo Testamento desse início da revelação do Novo Testamento. João seria um precursor do Cristo que viria e do seu Reino. Ele também seria um elo com a revelação do Antigo Testamento, que agora estava chegando ao seu final.

A direita do altar do incenso é o lado norte, entre o altar do incenso e a mesa dos pães da proposição. Observamos como Lucas é específico com os mínimos detalhes. Esta é uma característica que podemos observar em todo o seu Evangelho, e é mais uma prova da sua autenticidade.

Zacarias... turbou-se... e caiu temor sobre ele (12). Esta era uma reação natural sob estas circunstâncias incomuns. ³ do ministério do seu filho. **...e muitos se alegrarão no seu nascimento** é uma frase que não significa “por ocasião do seu nascimento” mas sim “graças ao seu nascimento”. Essa gratidão futura não poderia ter sido apreciada pelas multidões por ocasião do seu nascimento.

Ele **será grande diante do Senhor (15)** deixa implícito: “verdadeiramente grande”, “grande no mais elevado sentido da palavra”. Aqui também pode haver um contraste implícito intencional entre a grandeza de João e a grandeza terrena - uma diferença radical de tipos de grandeza.

Não beberá vinho, nem bebida forte literalmente significa “nem vinho nem bebidas inebriantes”. Esta proibição significa que João era um nazireu,³ e coloca-o no mesmo grupo de Sansão e Samuel.

Será cheio do Espírito Santo, já desde o ventre de sua mãe. Neste particular, João parece mais um profeta do Antigo Testamento do que um ministro do Novo Testamento. Ser cheio do Espírito Santo desde o nascimento é diferente da escolha individual que está relacionada com a santificação pessoal. Aqui ela inclui a indicação e a adequação para o trabalho profético.

Converterá muitos dos filhos de Israel (16). Esta profecia foi literalmente cumprida (Lc 3.10-18).

Irá adiante dele no espírito e virtude de Elias (17) é uma referência a Malaquias 3.1 e 4.5-6 e aponta claramente João como o precursor prometido do Messias, o cumprimento da profecia de Malaquias. **Dele,** aqui, se refere ao “Senhor, seu Deus” mencionado no versículo 16, mas a representação óbvia de João como sendo o

precursor do Messias dá ao pronome o antecedente implícito do “Senhor” na pessoa de Jesus Cristo. João não era, na verdade, Elias, como alguns pensaram, mas se assemelhava a ele em “espírito” e em “poder”. Também existem outras semelhanças notáveis entre João e a sua contrapartida do Antigo Testamento - o seu modo de vestir, os seus hábitos, o seu zelo e a sua responsabilidade particular de denunciar os pecados de um rei e de uma rainha que estavam na condição de pecadores.

Para converter o coração dos pais aos filhos... com o fim de preparar ao Senhor um povo bem disposto. A tarefa que Malaquias tinha previsto, e que o anjo repete, é a de que João iria preparar o povo para o ministério do Messias. Isto causaria ajustes nas relações domésticas - **dos pais aos filhos** - e no comportamento e nas atitudes morais - **...os rebeldes, à prudência dos justos.**

Embora João tenha muitas coisas em comum com os profetas do Antigo Testamento, ele é muito mais. O seu relacionamento com as obras de Cristo liga-o a uma nova revelação. Ele marca o amanhecer de um novo dia. ⁴ do homem e Ele conhece a diferença entre as objeções da falta de fé e os questionamentos naturais. Deus também julga esses casos com base no grau de esclarecimento e entendimento e no caráter da manifestação divina. Deus não rejeitou Zacarias por essa pergunta, mas o castigou pela sua falta de fé. O princípio que Zacarias violou é o seguinte: Deus merece que se creia nele com base unicamente em sua Palavra.

Eu sou Gabriel, que assisto diante de Deus (19). Aqui o anjo enfatiza a fonte da promessa e a natureza do mensageiro. O anjo tinha trazido uma mensagem do próprio Deus.

Todavia ficarás mudo (20). É interessante e revelador observar que aqui o anjo está repreendendo Zacarias e ao mesmo tempo dando-lhe um sinal. Esta punição era particularmente apropriada: uma vez que ele tinha errado com a sua fala, o seu castigo seria a incapacidade de falar durante algum tempo. Como sempre, o julgamento de Deus sobre os vivos foi suavizado com misericórdia, e o castigo se tornou um meio de aprendizado e de graça.

O povo estava esperando... e maravilhava-se de que tanto se demorasse

(21). Zacarias tinha estado no Templo mais tempo do que era necessário para oferecer o incenso. Tal demora não era normal. Talvez o povo temesse que o sacerdote tivesse ofendido a Deus e tivesse sido morto, ou talvez suspeitassem do que realmente aconteceu. Era uma ocasião das mais sagradas, e Zacarias estava no Templo sagrado. Não seria difícil para esses judeus que adoravam no Templo esperar alguma coisa fora do comum.

Entenderam que tivera alguma visão no templo (22). E Je não podia falar ao povo quando saiu do Templo. Desse fato, concluíram que ele tinha tido uma visão, ou talvez tivessem entendido prontamente o significado dos seus gestos.

Terminados os dias de seu ministério (23). Apesar da sua deficiência, Zacarias terminou a sua semana de serviço sacerdotal no Templo e então retornou para a sua casa, na região montanhosa da Judéia. Ele não usou a sua deficiência como uma desculpa para interromper o seu serviço. Ao invés disso, todos os seus pensamentos e atos devem ter trazido a marca dessa notável experiência. A visão e a promessa devem ter estado continuamente no seu pensamento. ⁵

G. Campbell Morgan desenvolve toda esta seção (1.5-25) sob o tema “O Nosso Deus Avança!” Ele encontra um texto central no versículo 17, e esquematiza a idéia da seguinte maneira: 1) A época - nos dias de Herodes, 5; 2) O lugar - o Templo, 8-9; 3) A pessoa - um sacerdote, 5-7; 4) A mensagem de esperança, 15-17; 5) A incerteza humana e a garantia divina, 18-20.

B. A Anunciação a Maria, 1.26-38

1. A Mensagem do Anjo (1:26-33)

No sexto mês depois da concepção de Isabel, **foi o anjo Gabriel enviado... a**

Nazaré (26). É óbvio que Lucas está escrevendo para gentios, pois

nenhum judeu precisa ser lembrado de que Nazaré era uma cidade da Galiléia. Embora, como descendentes de Davi, tanto José quanto Maria chamassem Belém de terra de seus antepassados, eles estavam naquela época vivendo em Nazaré, que se situava a cerca de 130 quilômetros a nordeste de Jerusalém, em um planalto no lado norte do Vale de Esdraelom.

A uma virgem desposada com... José (27). Maria ainda era uma virgem, e estava noiva de José. Os noivados ou contratos de casamento entre os israelitas nos tempos bíblicos eram mais significativos e representavam um laço mais forte do que na atualidade. A lei mosaica considerava a infidelidade sexual por parte de uma jovem que fosse noiva como adultério, e ela era punida por esta transgressão (Dt 22.23-24). Frequentemente existia um intervalo de meses entre o noivado e o casamento, mas ainda assim o noivado já representava um compromisso que só poderia ser rompido através do divórcio.⁵ Este último fato é exemplificado pela decisão de José de divorciar-se de Maria, antes de saber da natureza da sua concepção (Mt 1.19), embora ele e Maria ainda não estivessem casados.

Neste ponto, é bom lembrar que a narrativa de Lucas da anunciação e do nascimento de Jesus são feitos a partir do ponto de vista de Maria. Neste aspecto, a história difere do relato de Mateus, que é feito a partir do ponto de vista de José. É provável que Lucas tenha obtido esta informação direta ou indiretamente de Maria, quando ele passou dois anos na Palestina, enquanto Pedro estava na prisão em Cesaréia. Lucas também estava mais interessado em mostrar o relacionamento de Jesus com a humanidade através da Sua mãe, do que a Sua relação legal com o trono de Davi através de José, o seu pai oficial, embora não fosse o seu pai biológico.

Da casa de Davi se refere a José e não a Maria. A gramática do texto grego original e também a da versão em nosso idioma, exige esta interpretação. Mas isto não quer dizer que Maria não fosse descendente de Davi, pois os versículos 32 e 69 deste mesmo capítulo dão a entender fortemente que ela era da linhagem de Davi.

Entrando o anjo onde ela estava (28). Isto não foi um sonho nem

uma visão, mas uma autêntica visita de um anjo. **Salve**. Esta é uma saudação com alegria. A palavra no original é o imperativo de um verbo que significa “alegrar-se” ou “ficar feliz”. A forma usada aqui é uma saudação normal. Seria o equivalente a: “Que a alegria esteja com você”.

Agraciada (literalmente, “com a graça”); **bendita és tu entre as mulheres**. O anjo a honrou pelo que ela iria se tornar, antes mesmo que ela soubesse o assunto das boas-novas. É certo que Maria deveria receber honra, e o anjo nos deu o exemplo. Mas a adoração a Maria é completamente injustificada. Maria, um mero ser humano, seria **agraciada**. Certamente, nenhuma graça maior seria demonstrada em relação a um mortal. Ela era verdadeiramente **bendita**, ou “elogiada” entre as mulheres, isto é, mais do que todas as outras mulheres.

Ela turbou-se muito com aquelas palavras (29) significa, literalmente, “ela ficou grandemente agitada”. Mas o versículo indica que foi a saudação, e não a presença do anjo, que a perturbou. O que ele lhe disse era mais difícil de entender do que a sua aparição e, aparentemente, mais inesperado. Ela **considerava** significa, literalmente, “ela estava pensando”. Isto representa uma prova de sua presença de espírito neste momento crítico da sua vida.

Em teu ventre conceberás, e darás à luz um filho... Jesus (31). Aqui temos o anúncio da Encarnação. O Filho de Deus realmente se tornaria carne, seria concebido e nasceria de uma virgem. Neste Filho a divindade e a humanidade estariam unidas de maneira inseparável. O seu nome, **Jesus**, significa “Salvador” ou, mais literalmente, “Jeová salva”. É o equivalente grego do hebraico “Josué”. Lucas não joga com as palavras na etimologia do nome “Jesus”, como faz Mateus. Os seus leitores, sendo gentios, não teriam entendido o objetivo das palavras “porque ele salvará o seu povo dos seus pecados” de Mateus 1.21, por não conhecerem a relação etimológica entre as palavras “Jesus” e “salvar”.

Este será grande (32), no seu sentido mais elevado e verdadeiro. Deus é grande, e toda a grandeza verdadeira vem dele e é reconhecida

por Ele. Barnes acredita que essa frase é uma referência direta a Isaías 9.5-6.⁶

Será chamado Filho do Altíssimo não quer dizer que Ele simplesmente “seria chamado” de Filho de Deus, mas é equivalente a “Ele não apenas *será* o filho de Deus, como também será reconhecido como tal”. Ele terá as marcas da divindade. Esta palavra hebraica era de uso comum, e literalmente equivalente a “Ele será o Filho do Altíssimo”.

O trono de Davi, seu pai. Evidentemente, isto deixa claro que Maria era descendente de Davi. Como muitos poderão argumentar, é verdade que o direito de Jesus ao trono viria através de José, apesar de não ser o seu verdadeiro pai. Mas aqui se menciona a filiação, e não se menciona José. Além disso, deve-se observar que Lucas está escrevendo a partir do ponto de vista de Maria; e também que o seu interesse pelas relações humanas de Jesus está ligado à relação verdadeira, e não àquela que era considerada legal entre os judeus.⁷

Reinará eternamente na casa de Jacó (33). Isto é praticamente equivalente ao que está escrito na frase seguinte: **O seu Reino não terá fim**, exceto que a primeira enfatiza o aspecto judaico do reino. Lucas enfatiza muito claramente, em seu Evangelho, a universalidade do reino de Cristo; mas Paulo, que foi professor de Lucas, enfatizava a continuidade do reino de Israel - e da semente de Abraão - no reino de Cristo.⁸ A última é a flor e o fruto; a primeira é a videira.

2. A Pergunta de Maria (1.34)

Como se fará isso? (34) Não se trata de uma pergunta como produto da dúvida, mas da perplexidade e da inocência. Ela não está dizendo “Não pode ser”, mas pedindo uma explicação sobre como isso pode ser, e como será feito. Uma comparação superficial da pergunta de Maria com a expressão de dúvida de Zacarias (1.18) faria com que ambas parecessem muito similares. Um olhar mais detalhado sobre as duas perguntas irá provar conclusivamente que elas não se assemelham nem em significado, nem em espírito.

Zacarias perguntou: “Como saberei isso?”, querendo dizer, “Que sinal você vai me dar como prova de que isto irá acontecer?” Mas Maria perguntou “Como se fará isso?”, ou seja, que meios farão isso acontecer?

Existe ainda outra diferença que deve ser observada. O milagre que foi prometido a Zacarias era um caso normal de cura divina, aliado a uma capacitação divina de uma mulher para dar à luz em idade avançada. Isto realmente era um milagre. Mas a maravilha que foi prometida a Maria continua confundindo a imaginação dos maiores pensadores da igreja em todas as gerações. E nada menos do que o mistério da Encarnação divina - Deus se tornou carne.

3. A Resposta do Anjo (1.35-38)

Descerá sobre ti o Espírito Santo (35). O anjo respondeu amavelmente a pergunta que tinha sido feita de forma tão inocente. A resposta não esclarece o mistério: somente indica o agente. O Espírito Santo, como agente de Deus Pai, toma o lugar de um marido de alguma maneira não explicada - e talvez inexplicável. A pureza sagrada desta resposta pode ser vista na sua totalidade somente quando comparada com algumas das lascivas histórias das “escapadas românticas” dos deuses gregos. Aqui, na resposta do anjo, podemos ver o poder procriativo da mulher na sua mais completa pureza, unido à onipotência de um Deus amoroso e santo. Vemos delicadeza, significado e mistério unidos nas palavras **a virtude do Altíssimo te cobrirá com a sua sombra**. Esta “cobertura com a sombra do Altíssimo” possivelmente inclui tanto o milagre da concepção quanto a supervisão, o cuidado e a proteção contínuos de Maria pelo Espírito Santo.

Será chamado Filho de Deus não se refere à eterna filiação do Cristo pré-encarnado, mas sim ao milagre da Encarnação. Como Deus tomou o lugar de um pai terreno, Jesus pode ser chamado Filho de Deus da mesma forma que um menino é chamado de filho de seu pai.

Tua prima - em grego, “parente” (36). O anjo encoraja e ao mesmo

tempo inspira Maria com a narrativa da grande alegria de Isabel. Ele particularmente chama a atenção para o caráter miraculoso da concepção de Isabel; **aquela que era chamada estéril**.

Mas como podiam Maria e Isabel ser primas, uma vez que Maria era da tribo de Judá (1.32) e Isabel era da tribo de Levi (1.5)? O parentesco tinha que ser por parte de mãe. Ou a mãe de Maria era levita, ou a mãe de Isabel era da tribo de Judá. Edersheim pensa que a primeira alternativa é a correta. Isto estaria de acordo com a crença rabínica de que as tribos de Judá e de Levi seriam unidas por meio do Messias. Também provaria que Maria, embora pobre na época do seu casamento e do nascimento de Jesus, na verdade não era uma camponesa, mas vinha de uma família de alguma posição. Os sacerdotes não podiam se casar com alguém de fora da sua tribo, exceto se fosse de uma família de alta posição, e em especial com membros da tribo de Judá.⁹

Para Deus nada é impossível (37). A Encarnação é a prova definitiva e o exemplo desta verdade. Para Maria, estas palavras apoiavam e inspiravam a fé.

Cumpra-se em mim segundo a tua palavra (38). Nunca houve uma consagração a Deus mais humilde ou mais completa. Nem mesmo o conhecimento do estrago que as línguas caluniadoras poderiam fazer à sua reputação esfriou o fervor do seu compromisso. Ela entregou isto a Deus, assim como tudo mais, e o Senhor cuidou dela como somente Ele poderia cuidar.

C. A Visita de Maria a Isabel, 1.39-56

1. O Encontro e a Saudação (1.39-45)

...às montanhas... uma cidade de Judá (39). Não há dúvida de que foi a menção do anjo à concepção de Isabel que deu a Maria a idéia de ir visitar a sua prima. Ela deve ter ido logo depois da visita do anjo, pois ele lhe havia dito que Isabel estava no sexto mês de gravidez; e ficamos sabendo que Maria permaneceu com Isabel durante três meses, e partiu pouco tempo antes do nascimento de João. Alguns

estudiosos acreditam que a cidade onde viviam Zacarias e Isabel seria Hebrom. Sem dúvida, eles viviam em uma cidade de levitas, e Hebrom era uma cidade desse tipo, embora haja outras possibilidades.

Saudou a Isabel (40). A rapidez dessa viagem (v. 39) sem dúvida prosseguiu ao entrar na casa, e na saudação. Maria estava entusiasmada; ela tinha boas notícias -grandes notícias - para contar, e isto se refletia em todos os seus atos.

A criancinha saltou no seu ventre (41). Esta foi a resposta do bebê ainda não nascido à saudação de Maria. Tal resposta atesta a sensibilidade espiritual e o caráter profético do filho de Isabel. Deus estava ali, e seres espiritualmente sensíveis poderiam detectar a sua presença. Este ato por parte do ainda não nascido João está de acordo com a predição do anjo para Zacarias, de que a criança prometida seria cheia do Espírito Santo desde o ventre de sua mãe **(1.15)**.

Isabel foi cheia do Espírito Santo (41-42). Esta era uma unção divina e uma manifestação profética. O Espírito profético apoderou-se dela, e ela pronunciou um elogio inspirado. **Bendita és tu entre as mulheres.** Isabel, inspirada pelo Espírito, honra Maria praticamente com o mesmo elogio que foi usado pelo anjo. **Amãe do meu Senhor (43).** Ela inequivocamente está sendo guiada pelo Espírito, e identifica corretamente o Filho de Maria.

A criancinha saltou de alegria no meu ventre (44). O Espírito Santo não apenas tinha revelado a Isabel que era a alegria que fazia o seu bebê “saltar”, mas também possibilitou que ela soubesse a causa desta alegria - a presença do Filho de Deus.

Bem-aventurada a que creu, pois hão de cumprir-se as coisas (45). Isabel parece estar contrastando a fé de Maria com a dúvida de Zacarias. Provavelmente tanto ela quanto o seu marido tinham pensado com frequência sobre aquele momento de dúvida no Templo, e eles tinham aprendido algumas lições valiosas como resultado da experiência. Agora, inspirada pelo Espírito Santo, ela encoraja a fé de Maria com a certeza do cumprimento da promessa transmitida pelo anjo.

2. *O Magnificat* (1.46-56)

Então, sob a inspiração do Espírito Santo, Maria se torna, ao mesmo tempo, poeta e profeta. Esta passagem é um dos maiores poemas do mundo e também um dos maiores hinos da igreja. No entanto, como destaca um comentarista: “O ‘Magnificat’ evidentemente não é uma *ode* cuidadosamente composta, mas a efusão não premeditada de emoções profundas, o improvisado de uma fé alegre”.¹⁰ Este cântico de Maria é muito semelhante à canção de louvor de Ana em 1 Samuel 2.1-10. Ele está repleto de alusões ao Antigo Testamento, especialmente ecos dos Salmos. O nome “Magnificat” vem da primeira palavra deste hino na tradução da Vulgata Latina.

A minha alma engrandece ao Senhor, e o meu espírito se alegra em Deus, meu Salvador (46-47). Estes dois versículos formam uma parêntese típica, que é a forma mais simples da poesia hebraica. É composta de duas linhas paralelas, das quais a segunda reafirma o significado aproximado da primeira, mas com diferentes palavras. Este mesmo versículo expressa o sentimento de exultação de Maria, ao passo que os versículos seguintes do hino mencionam as obras específicas de Deus, pelas quais Ele merece louvor.

Embora o significado original da palavra grega traduzida como **engrandece** seja “tornar grande”, aqui ela significa “declarar que alguém é grande” ou “exaltar a grandeza de alguém”. A expressão **Deus, meu Salvador** mostra que Maria estava particularmente preocupada com o aspecto salvador do relacionamento de Deus com a humanidade.

Ele **atentou na humildade de sua serva** (48). Maria faz referência à sua própria condição de pobreza e falta de distinção social ou política. **Todas as gerações me chamarão bem-aventurada.** Ela deixou de ser uma jovem hebréia insignificante e pobre, para ser a mulher mais honrada da história da humanidade. Por meio do Espírito da profecia, ela enxerga a exaltação universal que lhe está sendo concedida, mas a sua humildade está presente para expressar louvor e agradecimento genuínos.

O Poderoso (49). Maria enxerga a relação entre o Deus Todo-poderoso e a concepção do seu Filho. A onipotência de Deus era necessária para a realização da Encarnação. **Santo é o seu nome.** Esta é uma expressão de louvor e ao mesmo tempo um reconhecimento da santidade de Deus, que está tão profundamente envolvida na redenção.

A **misericórdia** de Deus (50) é outro atributo divino claramente revelado na Encarnação. Foi demonstrada, de geração em geração, a todos aqueles que **o temem**; isto é, àqueles que confiam nele. Mas agora se manifesta particularmente no Presente de Deus ao homem, e ao mundo.

Depôs dos tronos os poderosos e elevou os humildes (52). Deus julga os homens com justiça. Ele exalta aqueles que o honram e “depõe” até mesmo os “poderosos” que se opõem a Ele. Maria poderia ter dado muitos exemplos do Antigo Testamento de quando Deus depôs os poderosos; ela mesma era o melhor exemplo de quando Ele exalta os humildes.

Encheu de bens os famintos, despediu vazios os ricos (53). Outro aspecto do tratamento justo de Deus para com a humanidade e de seus sábios juízos. Deus é o Provedor benevolente, Aquele que alimenta os famintos. As palavras também podem ser proféticas da compaixão e cuidado que Jesus tinha para com os famintos - tanto física quanto espiritualmente. Este reflexo de simpatia para com os oprimidos é uma característica do Evangelho de Lucas. **Israel, seu servo** (54). Deus estava se lembrando de sua promessa para Israel. Aqui podemos ver a fidelidade divina. Ele ajudou Israel nos piores momentos que a nação enfrentou. A palavra traduzida como **auxiliou** significa “cuidar e apoiar quando alguém está caindo”. **Como falou a nossos pais** (55). A aliança com Abraão foi renovada com Jacó (Gn 22.17-18; 28.13-22).

Maria ficou com ela quase três meses (56). Isto é coerente com o fato de que ela veio à casa de Isabel quando esta última estava no sexto mês de gravidez (1.36), e partiu pouco antes do nascimento de João.

D. O Nascimento de João, 1.57-80

1. *O Seu Nome é João* (1.57-66)

Quando Isabel deu à luz ao seu filho, os vizinhos e parentes vieram ver a criança e alegraram-se com ela. A sua idade e a esterilidade anterior tornaram a alegria mais intensa do que o normal.

Ao oitavo dia, vieram circuncidar o menino (59). Isto estava de acordo com a lei levítica, e remonta à ordem que Deus deu a Abraão (Gn 17.9-14; 21.3-4). Era costume dar nome à criança por ocasião da circuncisão - isto é, no oitavo dia. Também era costumeiro que o primogênito tivesse o nome do pai. De acordo com este costume, aqueles que vieram circuncidar o menino o chamavam de Zacarias. Quando Isabel objetou e insistiu no nome João, eles ficaram perplexos e disseram que ele não tinha nenhum parente com esse nome. Obviamente, eles não tinham o hábito de romper com os seus costumes.

Perguntaram, por acenos, ao pai (62). Isto parece dar a entender que Zacarias estava surdo e mudo. **O seu nome é João.** Zacarias escreveu o nome que o anjo lhe havia concedido. Ele não disse “O seu nome será”, mas “O seu nome é João”. Isto mostra determinação e propósito da parte do pai, mas ainda há algo mais. Mostra também que ele tinha considerado a definição do nome do menino um fato consumado desde que o anjo pronunciou o nome “João”.

A boca se lhe abriu (64). O anjo lhe havia dito que ele ficaria mudo até ao dia em que estas coisas acontecessem (1.20); a realização “destas coisas” havia sido concluída com o nome da criança. O louvor de Zacarias a Deus é compreensível, sendo motivado por tantas evidências inequívocas da atividade de Deus a seu favor.

Veio temor sobre todos os seus vizinhos (65). Eles não poderiam duvidar que a mão de Deus estava conduzindo os assuntos relacionados com essa criança. A pergunta que eles fizeram: **Quem será, pois, este menino?** (66) é perfeitamente compreensível. Eles conheciam as Escrituras suficientemente bem para reconhecer um

homem de estatura profética.

2. *O Hino de Louvor de Zacarias - o “Benedictus”* (1.67-80)

No instante em que Zacarias recuperou o uso de seus órgãos da fala, ele iniciou este hino de louvor que normalmente recebe o título “Benedictus”, devido à primeira palavra na tradução da Vulgata Latina.

Enquanto o cântico de Maria se assemelha à canção de Ana, o hino de Zacarias se assemelha às palavras dos profetas do Antigo Testamento.¹¹

Zacarias... profetizou (67). O sacerdote se torna profeta. A palavra “profetizar” descreve três tipos de declarações: *a)* predizer eventos futuros; *b)* proferir a verdade -ética, teológica, etc. - e *c)* elocuições de louvor. Um olhar detalhado ao hino de Zacarias revela esses três aspectos. A expressão: **cheio do Espírito Santo** é usada em seu sentido profético, mas também pode ser considerada como um dos primeiros exemplos do cumprimento da profecia de Joel do derramamento do Espírito Santo nos últimos dias, resultando em ato de profetizar (J12.28).

Bendito o Senhor... porque visitou e remiu o seu povo (68). Zacarias vê as glórias que ele está testemunhando e as glórias que virão em breve à luz da relação de Deus com Israel - a Sua forma de lidar com eles no passado, e as Suas promessas. A palavra grega traduzida como **visitou** significa “olhou para”. A palavra **remiu** é traduzida de uma frase de três palavras gregas que significam, literalmente, “trabalhou a redenção”. Vemos que Zacarias não está simplesmente pensando no ministério profético do seu filho, mas também no ministério redentor de Cristo, de quem o seu filho será o precursor. Como um pai, ele exalta o seu filho, mas como um sacerdote e israelita ele vai além do seu filho, até o Filho de Deus, o Redentor de Israel há tanto tempo esperado.

Nos levantou uma salvação poderosa na casa de Davi (69). Zacarias vê um Salvador poderoso, um Libertador forte, através de

sua compreensão profética. A sua associação deste Salvador com a casa de Davi parece deixar claras duas coisas: a primeira, que o Salvador é o Messias prometido há tanto tempo; e a segunda, que Ele se identifica com o Filho não nascido de Maria, que Isabel, com a ajuda do Espírito Santo, já tinha identificado como “meu Senhor” (1.43).

Pela boca dos seus santos profetas (70). Ele vê a revelação que está se iniciando como o cumprimento de uma corrente genuína de profecias desde o princípio do mundo. A sua expressão **desde o princípio do mundo** sem dúvida se refere ao *Proto-evangelho* (Gn 3.15), a primeira profecia referente ao Salvador.

Para nos livrar dos nossos inimigos (71). Com certeza Zacarias percebia fortemente as implicações políticas e sociais destas palavras. Ele não teria sido um israelita normal e patriota se não o percebesse. Mas o Espírito que inspirou suas palavras não tencionava esse significado limitado. O pecado e Satanás são os maiores inimigos do homem, e Cristo veio, como sabemos, para nos salvar destes dois inimigos. Talvez Zacarias tivesse algum entendimento deste aspecto da verdade que ele proferiu.

Para manifestar misericórdia... e para lembrar-se do seu santo concerto e do juramento... a Abraão (72-73). Aqui Zacarias se refere às promessas messiânicas da Antiga Aliança. Deus agora demonstrava a Sua fidelidade ao cumprir as Suas promessas, honrando o Seu juramento.¹² O texto diz, literalmente: “Para *manifestar* misericórdia a nossos pais”. “Misericórdia” aqui tem o mesmo sentido de “bondade”. A bondade para com a geração atual é bondade para com os seus pais; pois a graça concedida a um filho é vista pelos pais como uma bondade para com eles.

Libertados... o servíssemos (74). A libertação de Deus implica em serviço a Ele. Devemos servir a Deus sem medo. Ele nos resgatou daqueles a quem deveríamos temer. Além disso, não experimentamos escravidão nem um medo atormentador em relação a Deus - somente um temor que inclui reverência e respeito, combinados com amor.

Em santidade e justiça (75). As promessas de Deus e o cumprimento dessas promessas na obra redentora de Cristo incluem a santidade e a justiça pessoal para os seus filhos. Nestes dois termos temos os aspectos divinos e humanos da vida cristã. Servir a Deus em santidade é servir com uma natureza interior que está de acordo com a natureza e a vontade de Deus; servir a Ele em justiça é servi-lo com retidão em todos os relacionamentos humanos e terrenos. A devoção aceitável a Deus não inclui somente o fervor religioso, mas uma ética sadia.

A possibilidade de tal retidão interior e exterior constitui a essência do Evangelho. Não devemos sequer pensar em alguma coisa menor do que isso, por ser contraditória tanto ao caráter quanto aos mandamentos de Deus. Também o amor de Deus não é consistente com um plano de salvação que deixa o homem abaixo do plano da liberdade pessoal, tanto dos atos de pecado quanto da potencialidade destes. **Todos os dias da nossa vida.** Aqui está a resposta para qualquer evasiva sobre o cronograma de uma vida santificada. Isto não corresponde somente a futuras bênçãos celestiais para o povo de Deus, mas a privilégios que podemos gozar agora. Esta graça interior também não precisa ser espasmódica; deve ser um modo de vida estabelecido.

Os versículos 73-75 foram chamados de “O Evangelho de Deus Concede”. Aqui podemos encontrar: 1) libertação, 74; 2) dedicação, **o servíssemos**, 74; 3) disposição, **santidade e justiça**, 75; 4) duração, **todos os dias da nossa vida**, 75.

E tu, ó menino (76). O hino de Zacarias prosseguiu durante oito versículos antes que ele mencionasse o seu próprio filho. O seu espírito sacerdotal e profético definiu as prioridades. **Profeta do Altíssimo.** Ele está não apenas satisfeito pelo fato de seu filho ser subordinado ao filho de Maria, mas se gloria pelo fato de que João será um profeta do Altíssimo e um precursor do Senhor Jesus Cristo.

Dar... conhecimento da salvação, na remissão dos seus pecados (77). O tema da sua mensagem como um professor (dando “conhecimento”) será “arrependimento para o perdão dos pecados”.

Esta remissão dos pecados se dá através das **entranhas da misericórdia do nosso Deus** (78). Pois o homem, que se rebelou contra Deus, merece a morte, e não a vida.

O oriente do alto nos visitou (78) significa literalmente: “O nascer do sol, do alto, nos visitou”. Zacarias volta a sua atenção a Cristo. Estas palavras são um eco da profecia de Malaquias (4.2) que diz: “para vós que temeis o meu nome nascerá o sol da justiça e salvação trará debaixo das suas asas”. A vinda do Messias, então, será um nascer do sol que irá **alumiar os que estão assentados em trevas e sombra de morte** (79). E esta luz irá **dirigir os nossos pés pelo caminho da paz** (79). Aqueles viajantes que se perderam na escuridão da noite podem encontrar o caminho da paz, agora que surgiu o sol.

Charles Simeon sugere este tópico para os versículos 78-79: “As causas da Encarnação do Nosso Salvador”. Os seus três itens principais são: 1) O advento do nosso Senhor -simbolizado pelo sol; 2) A finalidade do seu advento - dissipar a escuridão; 3) A ilimitada misericórdia de Deus.

E o menino crescia, e se robustecia em espírito... até ao dia em que havia de mostrar-se a Israel (80). Aqui temos cerca de trinta anos da biografia de João em uma única frase. Durante aqueles anos o seu desenvolvimento físico foi normal, ele se tornou forte em espírito, e esperou nos bastidores pelo sinal do Senhor de que havia chegado o dia em que deveria dar início à sua grande obra. Aqui vemos uma das mais importantes - embora das mais raras - de todas as virtudes cristãs: a paciência.

E. O Nascimento de Jesus, 2.1-20

1. Não Há Lugar na Estalagem (2.1-7)

Um decreto da parte de César Augusto, para que todo o mundo se alistasse

(1). A palavra traduzida como **alistasse** significa literalmente

“registrar-se” ou “inscrever-se”. Otávio, o sobrinho-neto de Júlio César, tornou-se o imperador romano em 29 a.C. **Augusto** era um título, e não um nome. O alistamento mencionado aqui foi feito com o objetivo de cobrar impostos. **Todo o mundo** se refere ao Império Romano.

O fato de Lucas ser o único escritor do período cuja obra menciona este decreto, não prova que ele esteja errado. Muitas omissões desse tipo foram observadas nas obras dos historiadores romanos. Além disso, nenhum dos oponentes da igreja nos primeiros anos jamais acusou Lucas de um erro desse tipo. Se eles tivessem conhecimento de uma imprecisão como esta, teriam obtido alguma vantagem ao trazê-la a público. Por outro lado, existe muita evidência indireta que prova que o relato de Lucas era historicamente preciso.¹³ A alegação que se fez algumas vezes de que a Judéia não foi incluída nesse alistamento não é realista. Como Herodes devia o seu trono ao imperador, ele certamente não teria se recusado a cooperar com tal empreendimento que se aplicava a todo o Império.

Este primeiro alistamento foi feito sendo Cirênio governador da Síria (2). No que diz respeito às divisões do Império Romano, a Judéia fazia parte da Síria, e era subordinada ao seu governador. Cirênio foi governador da Síria duas vezes - na época desse registro a que Lucas faz referência, e novamente entre 6 e 9 d.C.¹⁴ Isto responde à alegação de alguns críticos de que ele não era governador na época do nascimento de Jesus, porque ocupou o posto em uma época posterior. A expressão **primeiro** parece ser a maneira que Lucas encontra para diferenciar este alistamento do mais conhecido, de 6 d.C.

Cada um à sua própria cidade, isto é, na cidade dos seus antepassados (3). Embora este registro fosse o resultado de um decreto imperial de Roma, o costume de que cada pessoa deveria ir até à cidade dos seus antepassados não era romano, mas judeu. Parece que se permitia alguma liberdade na escolha da maneira como se realizava o alistamento.

José foi à cidade de Davi... Belém (4). Isto ocorreu de acordo com o

método indicado no versículo 3, uma vez que José **era da casa e família de Davi**.

Com Maria, sua mulher (5). Veja o comentário sobre 1.27. Nenhuma lei, nem romana nem judaica, exigia que Maria acompanhasse José para esse alistamento. As suas razões para acompanhá-lo eram, provavelmente: *a)* o seu amor por José; *b)* o seu amor por Belém; *c)* o seu desejo de ter José consigo na época do nascimento do seu Filho; e, a mais importante, *d)* a direção do Espírito Santo.

Estando eles ali, se cumpriram os dias em que ela havia de dar à luz (6). Não é revelada a época do ano, mas a data de 25 de dezembro foi aceita de modo geral pelos gregos e pelos patriarcas da igreja latina desde o século IV. Edersheim defende fortemente a data tradicional,¹⁶ mas não existe fundamento para que se tenha uma certeza absoluta, até este ponto.

E deu à luz o seu filho primogênito (7). Os comentaristas que aceitam o ponto de vista romanista de que Maria não teve outros filhos, negam que o termo **primogênito** indica outros nascimentos posteriores; mas parece claro a este escritor que eles estão negando os fatos para apoiar a sua doutrina. O termo dá a entender claramente que Maria teve pelo menos um outro filho, e em outras passagens os irmãos de Jesus são especificamente mencionados, e os seus nomes são citados (Mt 13.55; Mc 3.31-35). Quando compreendermos que os filhos posteriores e naturais de Maria de maneira alguma diminuem a sua dignidade ou santidade como a mãe do nosso Senhor, já não sentiremos mais a necessidade de explicar - ou até mesmo de negar - os fatos. Veremos que eles se harmonizam perfeitamente com a natureza da Encarnação. A verdade desta doutrina exige que Maria seja completamente humana, e nascimentos posteriores somente demonstram este fato com maior clareza.¹⁶

Deitou-o numa manjedoura, porque não havia lugar para eles na estala-gem. A manjedoura era provavelmente uma caverna ou gruta na rocha, que era usada para o gado. Aestalagem, ou *khan*, estava lotada; e a implicação é que, se houvesse lugar para eles, José e

Maria teriam recebido a hospitalidade. No entanto, o fato de que havia muito ruído e confusão e pouca ou nenhuma privacidade neste tipo de alojamento pode ter sido uma vantagem para Maria em sua condição. Acreditamos que Deus, em Seu infinito amor e em Sua sabedoria, planejou as coisas desta forma.

Então, enquanto os mortais dormiam ou cuidavam dos seus assuntos mundanos, e os imortais vigiavam o lugar que era ao mesmo tempo o mais humilde e o mais sagrado, o Filho de Deus nascia em Belém como o santo profeta havia predito. Este é o fato central de toda a história.

2. Os Pastores Ouvem o Anúncio Celestial (2.8-14)

Naquela mesma comarca (8) significa a terra de pastoreio próxima a Belém. Um milênio antes disso, Davi cuidava do rebanho do seu pai nestas mesmas pastagens. **Pastores que estavam no campo.** Entre os judeus, a ocupação de pastor era uma das mais humildes, e provavelmente por essa razão Deus decidiu revelar o nascimento do Salvador em primeiro lugar aos pastores. Isto está de acordo com a escolha de uma manjedoura como o lugar do nascimento. A palavra grega traduzida como **estavam** tem o mesmo sentido de “moravam”, e não de simplesmente passar o dia ou a noite com o rebanho. Estes pastores viviam - talvez em tendas ou barracas - onde eles cuidavam dos seus rebanhos.

A questão da época do ano em que Jesus nasceu (veja o comentário sobre o versículo 6) depende muito da questão sobre em que época do ano os pastores conservavam os seus rebanhos em campo aberto. Três teorias foram apresentadas. Uma delas diz que, como as ovelhas na Palestina normalmente ficavam no campo desde a Páscoa (na primavera) até às primeiras chuvas (início de outubro), o nascimento não poderia ter ocorrido em dezembro. Uma segunda opinião é baseada nas histórias de viajantes de que o clima é tão moderado em dezembro que os rebanhos são levados novamente ao campo nessa época. Uma terceira opinião é a de Edersheim, de que os pastores, na história da Natividade, estavam encarregados dos rebanhos do Templo, e que esses ficavam no campo durante o ano

todo. Ele baseia essa opinião em uma passagem do Misná.¹⁷

Esta questão pareceu muito importante para estudiosos e para muitos cristãos em geral, mas deveríamos obter nossa resposta da óbvia falta de interesse divino na questão. Deus, em sua revelação, guardou silêncio sobre o assunto. No entanto, se Edersheim estiver correto em sua idéia de que os pastores estavam guardando as ovelhas para os sacrifícios no Templo, surge outra razão para que Deus os escolhesse para ouvir o primeiro anúncio do nascimento do Salvador. Haveria uma evidente relação simbólica com o Cordeiro de Deus, que se tornou o Cordeiro sacrificial do homem.

Guardavam durante as vigílias da noite. A palavra grega traduzida como **guardavam** parece dar a entender um sistema de turnos de vigília. O termo é aquele usado para a tarefa de guarda das sentinelas militares.

Um anjo do Senhor veio sobre eles (9) significa, literalmente, “Um anjo do Senhor ficou ao lado deles”. **A glória do Senhor os cercou de resplendor.** A palavra traduzida como **glória**, quando se refere a Deus ou ao Senhor, freqüentemente tem o sentido de “brilho” ou “luz”. A palavra **resplendor** dá a mesma idéia. Assim, foi a luz de Deus que repentinamente iluminou o campo quando o anjo apareceu. **Tiveram grande temor** significa, literalmente, “Eles se amedrontaram com um grande medo”. Esta era uma reação natural ao repentino, ao esplendor e à manifestação divina na sua aparição celestial.

E o anjo lhes disse: Não temais... vos trago novas de grande alegria... para todo o povo (10). Embora o medo fosse uma reação natural, gritos de alegria seriam muito mais apropriados. As novas que o anjo trouxe eram as melhores notícias que o homem já tinha ouvido. Os anjos se regozijaram naquela noite pela grande felicidade dos homens, porque a redenção não se destinava aos anjos santos, mas sim à humanidade pecadora e decaída. Estas novas eram para **todo o povo**. A aplicação (potencialmente) da redenção à personalidade humana seria tão ampla quanto a raça, e tão duradoura quanto o tempo, e os seus benefícios durariam para

sempre.

Vos nasceu hoje... o Salvador (11). Esta é a palavra favorita de Lucas e também do seu companheiro Paulo. Os termos “Salvador” e “salvação” aparecem mais de quarenta vezes nos seus escritos, ao passo que aparecem raramente nos outros livros do Novo Testamento. Não é apenas o fato da chegada do Salvador que constitui as boas-novas da mensagem do anjo, mas a natureza da Sua salvação. Embora os pastores pudessem provavelmente ter interpretado aquela salvação como sendo material e política, todo o Novo Testamento é inequívoco na sua interpretação como sendo moral e espiritual. O bebê anunciado pelos anjos seria o Salvador que os libertaria do pecado.

Fica claro que os anjos desejavam que os pastores fossem e vissem o Salvador, pelo fato de que lhes indicaram o lugar - a cidade de Davi, a própria cidade deles. Além disto, o anjo lhes deu um sinal para que pudessem identificar o Salvador.

Achareis o menino envolto em panos e deitado numa manjedoura (12). Este sinal não apenas facilitou a identificação - pois certamente eles não iriam encontrar dois bebês assim, naquela noite, em Belém - mas sem dúvida também encorajou-os a acreditar que Alguém tão humilde não afastaria sequer um pastor.

Uma multidão dos exércitos celestiais, louvando a Deus (13). Esta era a função normal e a alegria dos anjos. O coro que tão subitamente acompanhou o mensageiro angelical cantou músicas celestiais que certamente tinham como tema o Príncipe do Céu. Ele tinha vindo à terra para estabelecer o Reino do Céu, e para preparar um caminho para que as criaturas terrenas pudessem tornar-se cidadãos do céu.

Glória a Deus nas alturas (14). Esta não era somente uma continuação, na terra, do louvor perpétuo a Deus que os anjos cantam no céu. Era louvor a Deus pelo Seu programa de redenção, e especialmente pelo Redentor. Também é profético da glória que será dada a Deus através do ministério redentor de Cristo.

Paz na terra, boa vontade para com os homens. Alguns entendem esta frase como dizendo: “Entre os homens de boa vontade”, e assim há espaço para argumentação”.¹⁸ Cristo é o verdadeiro Príncipe da Paz. Ele veio para trazer paz ao coração dos homens, e Ele é a única esperança de paz no mundo. A paz entre o homem e Deus é um pré-requisito essencial para a paz entre o homem e os seus companheiros humanos.

3. Os Pastores Visitam o Salvador e Divulgam a Notícia (2.15-20)

Vamos, pois, até Belém e vejamos isso que aconteceu (15). Não houve uma sombra de dúvida nas mentes destes pastores de que o que eles tinham ouvido havia realmente “acontecido”. Esta decisão de ir até Belém foi ao mesmo tempo espontânea e imediata. **E que o Senhor nos fez saber.** A origem do anúncio era inconfundível.

Foram apressadamente (16). Acrença acendeu o entusiasmo; a esperança provocou o zelo. **Acharam Maria, e José, e o menino deitado na manjedoura.** O primeiro retrato da Sagrada Família. Os pastores encontraram o Bebê exatamente como foi descrito pelo anjo. A maravilhosa complacência que a cena humilde revelava, sem dúvida somente aumentava o seu significado aos olhos dos pastores. Ao refletirmos sobre esta cena, nos lembramos que na nossa própria época os homens podem conhecer pessoalmente o Salvador se eles, como os pastores, o procurarem com uma fé genuína e com uma devoção humilde e completa. Também é digno de nota que, hoje em dia, o Salvador é freqüentemente encontrado pelos humildes, pelos pobres e pelos que não receberam instrução, ao passo que a elite rica e intelectual está completamente alheia à Sua graciosa presença.

Divulgaram a palavra que acerca do menino lhes fora dita (17). Para estes pastores a mensagem do anjo, o coro e a visita ao Menino na manjedoura formavam um quadro unificado e completo, e foi assim que eles o divulgaram - um Bebê que os anjos tinham proclamado como o Salvador do mundo. Talvez os pastores tenham recebido alguma informação adicional de Maria e José sobre o Menino. Se isso aconteceu, certamente eles acrescentaram essa informação ao que **divulgaram.** A influência destes pastores provavelmente não foi

suficientemente grande para espalhar-se muito além do seu próprio círculo, mas eles realmente aproveitaram a honra de terem sido os primeiros evangelistas do Salvador.

Todos os que a ouviram se maravilharam (18). Onde quer que os pastores contassem a sua história extraordinária, deixavam os seus ouvintes imersos em profundos pensamentos. Estes ouvintes não entendiam - e nem podiam - todo o significado da história. O interesse de muitos deles era, sem dúvida, apenas temporário, mas nenhum ouvinte ficou indiferente, e todos conseguiram pelo menos captar um vislumbre do raiar de um novo dia.

Maria guardava todas essas coisas, conferindo-as em seu coração (19). Maria sabia mais sobre o seu Filho naquela ocasião do que qualquer outro mortal. Mesmo assim, havia muita coisa que ela não sabia, e muito mais que ela não conseguia entender. Mas as coisas que ela não entendia não comprometiam a sua fé. Ela simplesmente as guardava como recordações preciosas para refletir em oração durante os misteriosos, mas desafiadores, anos que estavam por vir.

Voltaram os pastores... louvando a Deus (20). De volta ao seu trabalho, de volta à velha e familiar rotina da vida (se é que voltaram a tudo isso), nunca mais seriam os mesmos - em seus corações. Nesta última vez que os vemos, eles ainda estão louvando a Deus pelo que tinham visto e ouvido.

Esta tão conhecida passagem é intitulada por Maclaren “Pastores e Anjos”. Ele observa: 1) O anúncio milagroso, 10-12; 2) Os humildes recebem a mensagem, 8-9; 3) Títulos do bebê, 9; 4) O coro dos anjos, 13-14; 5) Os pastores se apressam, 15-16; 6) A reação daqueles que ouviram, 18-19.

F. A Infância e a Juventude de Jesus, 2.21-52

1. O Menino é Chamado de Jesus e Apresentado ao Senhor (2.21-24)

Foi-lhe dado o nome de Jesus, que pelo anjo lhe fora posto (21).

Segundo o costume judaico, Ele foi circuncidado e também recebeu o nome no oitavo dia. Este é um dos muitos casos em que Jesus é apresentado em completa harmonia com a lei Mosaica e com os costumes religiosos do Seu povo. Foi no ambiente da vida judaica que Jesus nasceu e cresceu. Nada é dito sobre qualquer oposição à escolha do nome **JESUS** - como houve a respeito do nome “João” para o Seu precursor. Veja nos comentários sobre 1.31 a importância do nome Jesus.

A circuncisão do menino e a purificação da mãe eram requisitos da lei Mosaica. Estes rituais representavam um lembrete perpétuo da mancha do pecado transmitido de uma geração a outra, através de usos e costumes. Assim, este ritual aponta para a realidade da depravação herdada. Como Jesus nasceu sem pecado herdado, estes rituais não eram necessários para Ele; mas, como no caso do Seu batismo, que ocorreu posteriormente, houve a perfeita submissão ao que qualquer judeu e, por extensão, qualquer mortal devia cumprir.

Cumprindo-se os dias da purificação (22). Isto aconteceu trinta e três dias depois dos sete dias em que a mãe era considerada “imunda”, ou quarenta dias depois do nascimento do seu filho.¹⁹ Os manuscritos antigos diferem quanto ao pronome pessoal possessivo que indica a quem se refere a purificação. Alguns dizem “dela”, outros “deles”. As melhores versões dizem “deles” (do grego, *auton*). Isto significa que tanto a mãe quanto o Filho precisavam de purificação.

Evidentemente, a implicação de que Jesus era cerimonialmente impuro é mais do que alguns copistas dos manuscritos poderiam aceitar. Mas Jesus veio para viver entre os homens e também para viver a vida como um homem. Toda a Sua vida mostra que Ele se identificava com esta raça pecadora - embora Ele fosse sem pecado. Jesus sempre se submeteu aos rituais religiosos que eram necessários para os homens pecadores, mesmo que estes não fossem realmente necessários para Ele. Ele veio não para destruir a lei, mas para cumpri-la.

...o levaram a Jerusalém, para o apresentarem ao Senhor.

Maria não podia entrar no Templo nem participar dos cultos religiosos

antes do término dos quarenta dias. Quando este período expirou, ela foi a Jerusalém para o seu próprio ritual de purificação e para apresentar o seu Filho ao Senhor. O versículo 23 explica que a lei exigia um preço de resgate a ser pago para cada primogênito do sexo masculino.²⁰ Isto era para redimi-lo da consagração para o serviço sacerdotal ou religioso - a tribo de Levi tinha sido escolhida em lugar do primogênito, mas Deus queria um memorial eterno do Seu direito de reivindicar o primogênito.

Para darem a oferta... um par de rolas ou dois pombinhos (24). Um pássaro era para a oferta queimada, e o outro era para a oferta pelo pecado.²¹ A exigência normal para esta oferta era um cordeiro, mas as rolas ou os pombos eram uma concessão aos pobres. Este fato identifica José e Maria com os pobres.

2. Simeão Alcança o que Desejava (2.25-33)

Simeão... homem... justo e temente a Deus, esperando a consolação de Israel (25). É animador ver que mesmo em épocas de degeneração e apostasia por parte dos sacerdotes, Deus sempre tem os seus seguidores devotos - como Simeão. Este homem **justo e temente a Deus** sem dúvida era um daqueles muitos homens que procuravam (literalmente “esperavam”) a **consolação de Israel**, e oravam por ela. Esta expressão se refere ao reino messiânico.²² **O Espírito Santo estava sobre ele.** O impulso profético lhe foi dado para que ele estivesse ciente da proximidade da vinda de Cristo. Ele foi divinamente inspirado.

Pelo Espírito [ele], foi ao templo (27). O mesmo Espírito que lhe havia dito que ele veria o Cristo, conduziu-o até o templo exatamente na hora em que o menino Cristo estava ali. Não sabemos se ele tinha ouvido a história dos pastores, mas ele sentiu um impulso divino de ir até o templo precisamente naquele dia, e exatamente naquela hora.

Os versículos 29 a 32 contêm o cântico de louvor de Simeão. Comparado com o de Maria (1.46-55) e com o de Zacarias (1.68-79) é menos estético e mais concentrado em uma verdade teológica em particular. Também é mais curto.

Agora, Senhor, podes despedir em paz o teu servo (29). Embora nada seja dito sobre a idade de Simeão, esta frase parece dar a entender que ele já era idoso. Ele parece ter estado somente esperando pelo cumprimento desta grande promessa, antes de morrer. Nesta frase percebemos uma completa satisfação. Ele parece dizer: “A vida agora está completa; não tenho mais nada que me detenha neste mundo”.

Os meus olhos viram a tua salvação (30). Embora os seus olhos físicos vissem somente um Bebê impotente, a sua visão profética enxergou a salvação do mundo. Em geral, os judeus estavam procurando um Messias político, que iria trazer a independência e a grandeza para Israel, mas este homem devoto via o Messias como o Salvador. Ele percebia que a maior necessidade do homem era a salvação. Esta era uma salvação universal preparada por Deus para todos os homens.

Luz para alumiar as nações (32) significa literalmente “uma luz para a revelação aos gentios”. **E para a glória de teu povo Israel.** Aqui podemos ver a salvação apresentada sob dois aspectos, para os gentios e para os israelitas. Para os primeiros, a salvação é uma luz; para os outros, é a glória. Os gentios, vivendo na escuridão e na ignorância, precisam de luz; os judeus, vivendo em um estado de humilhação e censura, precisam de glória.²³ Simeão tinha a mente mais aberta e enxergava mais longe do que os outros judeus da sua época; em seu discernimento, ele também estava mais em harmonia com a profecia messiânica do Antigo Testamento do que os demais judeus.²⁴

José e Maria se maravilharam (33). Simeão não estava dizendo a José e a Maria nada que eles já não soubessem. Eles se maravilharam, entretanto, de que estas verdades lhes fossem ditas por um estranho, e sob tais circunstâncias. A maravilha para eles, e para nós, é que tudo o que foi dito por todos os mensageiros de Deus se harmonizava perfeitamente.

3. A Bênção e a Profecia de Simeão (2.34-35)

E Simeão os abençoou e disse à Maria... este [menino] é posto... (34). Depois do êxtase do cântico que era dirigido a Deus, Simeão se voltou novamente para a Sagrada família. A sua bênção evidentemente foi para Maria e José, e não para o Bebê. A gramática desta sentença parece indicar isto.²⁶ Reconhecendo a identidade do Bebê, Simeão se conteve e não o abençoou. Depois da bênção ele se voltou para Maria e fez a ela (e a nós) a primeira menção, encontrada no Evangelho de Lucas, da oposição que o reino de Cristo enfrentaria.

Queda e elevação de muitos em Israel. Isso pode dar a impressão de que as mesmas pessoas caem e se levantam. Este não é o significado pretendido pelo original. Cristo será a Rocha na qual os crentes encontrarão refúgio, e contra a qual os oponentes se chocarão.²⁶ Muitos cairão por causa da sua atitude em relação a Ele. Esta predição diz respeito a Israel, e na verdade é uma profecia precisa, pois Cristo era Aquele que iria “peneirar” o povo judeu. Mas isto é mais do que uma predição do destino religioso do povo judeu; é uma afirmação de um princípio universal, pois a decisão mais importante que qualquer homem jamais tomará, é o que ele irá fazer com Jesus Cristo.

[Um] **sinal que é contraditado.** Isaías se referia ao Senhor como um Sinal (Is 8.18); e João, por todo o seu Evangelho, se refere aos milagres de Jesus como sinais. Aqui Simeão, guiado pelo Espírito Santo, fala de Jesus como um Sinal, mas um Sinal contra o qual se falará. Aqui existe um contraste nesta afirmação. Um sinal significa que haverá evidência suficiente para convencer a todos. Apesar disso, este Sinal, esta Evidência, será caluniada e rejeitada. Uma leitura casual dos Evangelhos irá exemplificar amplamente como Jesus foi caluniado pelo Seu próprio povo.

E uma espada traspassará também a tua própria alma (35). Tristeza, juntamente com alegria, alcançarão Maria em seu relacionamento com o seu extraordinário filho. Não era o seu corpo, mas sim a sua alma que seria ferida. Maria não foi crucificada, nem traspassada com a espada, mas nenhum mártir sofreu mais do que ela. Mas a reação permanente era de uma alegria indescritível. Godet

acertadamente rejeita a inferência de Bleek, de que a espada que iria traspasar a alma de Maria era a dúvida.²⁷ A espada era a dor de ver o seu Filho morrer.

Para que se manifestem os pensamentos de muitos corações.

Com a aceitação ou a rejeição de Cristo, os pensamentos e os motivos de muitos, sejam bons ou maus, serão dados a conhecer.

4. *Ana e o Menino Jesus (2.36-38)*

E estava ali a profetisa Ana (36). Sabemos o nome do seu pai, a tribo de Israel à qual ela pertencia, a sua idade e que ela vivia no templo. Também sabemos que ela era viúva, e sabemos por quanto tempo tinha estado casada quando o seu marido morreu - tudo isto, além de sua vida devota e de seu ministério profético. Isto representa um contraste razoável com a quase completa falta de informações sobre Simeão.

E, sobrevindo na mesma hora, ela dava graças a Deus (38).

Simeão ainda estava segurando o Bebê quando Ana entrou. Ela deu graças imediatamente, confirmando a sua visão profética. **Falava dele a todos os que esperavam a redenção em Jerusalém.** Não temos o teor da sua mensagem, mas fica implícito que ela falava do Seu ministério messiânico. Como no caso de Simeão, a redenção - a salvação - era a sua principal ênfase.

Por intermédio de Zacarias, Isabel, os pastores, Simeão, Ana e outros, as boas-novas sobre o Salvador estavam se espalhando. E significativo que Deus só tenha revelado essas boas-novas àqueles que tinham a qualificação espiritual adequada para uma revelação tão sublime.

Barclay encontra nesta passagem uma história comovente de “Uma das pessoas quietas na terra”. Aqui está uma mulher a quem Deus se revelou. Que tipo de pessoa era ela? 1) Embora tivesse conhecido a tristeza, ela não era amargurada; 2) Embora tivesse idade, não tinha perdido a esperança; 3) Nunca deixou de adorar na casa de Deus; 4) Nunca deixou de orar. ⁶ dos magos, o assassinato das crianças em Belém por Herodes e a permanência no Egito precederam a volta a

Nazaré (Mt 2). Não se trata aqui de uma contradição, mas de um tipo de omissão. O mesmo ocorre em Atos 9.25-26, onde parece que Paulo retornou a Jerusalém pouco tempo depois de sua conversão; mas em Gálatas 1.17-18 vemos que três anos se passaram antes do seu retorno. Tais omissões são comuns nas Escrituras e em outros escritos antigos. Não era de utilidade para o autor a inclusão do material omitido, e os escritores antigos não sentiram a necessidade de notificar os seus leitores de tais lacunas nos seus relatos. Como isto era costumeiro, os leitores entendiam e faziam as compensações adequadas para a sua compreensão.

O versículo 40 abrange um intervalo de doze anos, em que o menino Jesus cresceu e se fortaleceu em espírito, cheio de sabedoria; e a graça de Deus estava sobre ele. Ele se desenvolveu física, mental e espiritualmente. Podemos ver aqui a verdadeira humanidade de Jesus. Uma das verdades essenciais das Escrituras é que a natureza divina nunca interferiu no desenvolvimento normal da humanidade de Jesus, nem fez com que ela fosse desnecessária.

Todos os anos, iam seus pais a Jerusalém, à Festa da Páscoa (41). Este costume era obrigatório para todos os homens adultos (Dt 16.16). Embora as mulheres não tivessem a obrigação legal de comparecer, sua presença era considerada religiosamente vantajosa para elas. Novamente podemos ver o cuidadoso cumprimento da lei Mosaica por José e Maria. A devoção perfeita gera a obediência perfeita.

Tendo ele já doze anos (42). Este é o único evento da vida de Jesus, no período compreendido entre a sua infância e a sua vida adulta, do qual temos informações específicas. As histórias fantásticas registradas nos Evangelhos espúrios obviamente não combinam com a vida de Jesus como ela é apresentada nos Evangelhos inspirados.

Muitos comentaristas supuseram que esta seria a primeira visita de Jesus ao templo, desde a sua apresentação ao Senhor. Mas isto é pura conjectura, uma vez que não existe qualquer evidência nesta passagem que possa servir como prova. O oposto parece mais provável. Sabemos que Maria freqüentava as festas em Jerusalém

com José, embora a sua presença não fosse exigida por lei. Além disso, a tradição do Talmude afirma que até mesmo os meninos de tenra idade deveriam comparecer às festas. Lucas parece ter registrado esta viagem em particular devido à importância dos eventos que ocorreram no templo, relacionados ao plano e ao objetivo deste Evangelho.

Outro engano comum é pensar que Jesus compareceu a esta festa em particular porque aos doze anos de idade os meninos judeus se tornam “filhos da Lei”. Na verdade isto ocorre aos treze anos. Se esta visita ao templo, em particular, estava de alguma maneira relacionada com o fato de Jesus se tornar “um filho da Lei”, ela foi apenas preparatória.

Ficou o menino Jesus em Jerusalém (43). A festa durou sete dias. Jesus teve, evidentemente, uma considerável liberdade durante esses dias. Ele deve ter conhecido os planos para a viagem de volta. Então seus pais supuseram que Ele estivesse em algum lugar no meio da multidão de pessoas que, juntamente com eles, estava voltando para casa. Duas coisas poderiam justificar esta liberdade que Ele teve. A primeira é o fato de que os meninos - como também as meninas - na Palestina são muito mais maduros aos doze anos de idade do que na Europa do norte ou no Ocidente. A segunda é a confiança que José e Maria indubitavelmente depositavam nele e no seu julgamen-

to. A confiança deles era suficientemente grande para permitir que viajassem um dia inteiro antes de se preocuparem.

Passados três dias, o acharam no templo (46). Depois de ficarem alarmados, primeiramente o procuraram entre os parentes e os conhecidos que estavam viajando na mesma direção. Somente depois que esta busca se revelou infrutífera, é que eles voltaram a Jerusalém para procurá-lo. **Passados três dias** significa “no terceiro dia”.

O primeiro dia foi gasto na saída de Jerusalém, antes de perceberem a ausência de Jesus; no segundo dia voltaram, chegando a Jerusalém no fim do dia. No dia seguinte - o terceiro - eles o encontraram no templo. Alguns afirmam, em suas pregações, que os pais procuraram em todos os lugares possíveis, antes de pensarem no templo; mas isto não é dito aqui.

Assentado no meio dos doutores, ouvindo-os e interrogando-os (46). Não eram médicos, mas sim doutores da Lei. Eram rabinos ou professores. Famosos rabinos, como Sammai e Hillel, poderiam ter estado presentes. Esses grupos de discussão eram comuns, e talvez algumas vezes os meninos pudessem ser ouvintes. Mas aqui Jesus não era um espectador interessado; Ele era um Participante.

Todos os que o ouviam admiravam a sua inteligência e respostas (47). Ele não estava apenas fazendo perguntas, como faria um discípulo, mas também dando respostas (como uma autoridade). Essas perguntas e respostas causavam admiração àqueles que ouviam - inclusive aos rabinos - pela rara profundidade de conhecimento que revelavam. Normalmente é preciso muito conhecimento e entendimento tanto para fazer perguntas inteligentes quanto para fornecer respostas satisfatórias.

Entretanto, esta passagem deve ser interpretada de uma maneira coerente com o crescimento e desenvolvimento normal de Jesus. Não devemos cair no mesmo erro de muitos escritores dos evangelhos espúrios, e atribuir a Jesus uma manifestação de divindade em desacordo com a formação progressiva do seu caráter messiânico. Aos doze anos de idade, Jesus podia manifestar desenvolvimento em qualquer área de sua vida e pessoa, inclusive em termos de consciência de sua missão, e em seu relacionamento com o Pai. Este desenvolvimento equilibrado continuaria por toda a sua vida terrena.

E, quando o viram, maravilharam-se, (48) frase que significa, literalmente: “E, vendo-o, ficaram maravilhados”. Eles ficaram espantados com todo o conjunto de circunstâncias que rodeava Jesus neste momento. **Disse-lhe sua mãe: Filho, por que fizeste assim para conosco? Eis que teu pai e eu, ansiosos, te procurávamos.** Maria aqui revela frustração, e um pouco de exasperação, algo como uma preocupação materna. Ela tinha ficado preocupada; ela estava cansada e confusa. Ela estava simultaneamente atônita com a sabedoria de Jesus, porém desconcertada com a situação. O seu apelo parece também revelar um sentimento de desamparo por estar diante de mais um mistério na vida desta criança incomum e maravilhosa.

Por que é que me procuráveis? (49) Jesus respondeu a uma pergunta com outra pergunta, e Ele reagiu ao assombro de Maria com o seu próprio assombro. Por que ela estava triste, e por que o procurava? **Não sabeis que me convém tratar dos negócios de meu Pai?** significa, literalmente, “Vocês não sabiam que é necessário que Eu esteja entre os assuntos do Meu Pai?”²⁸ Alguns pensam que Jesus parece ter suposto que a sua mãe entendia a sua missão melhor do que na realidade entendia. Observe o contraste entre “o **teu pai e eu**”, de Maria, e a frase **negócios de meu Pai**, de Jesus. Maria pensava que Ele não havia tido consideração com seus pais; Jesus indica que Ele tinha uma responsabilidade maior para com um Pai maior.

Mas a surpresa de Maria com a aparente falta de consideração de Jesus mostra o quanto a sua obediência e consideração tinham sido fielmente dedicadas a eles até este ponto. A situação também prova que a infância de Jesus tinha sido natural e normal e não tinha sido marcada por indicações freqüentes de talentos sobrenaturais.

E eles não compreenderam as palavras (50). A pergunta de Jesus, que é relativamente clara para nós, só serviu para desconcertar Maria ainda mais. Godet provavelmente está certo quando sugere que Maria não entendeu o uso que Jesus fez da palavra **Pai** como uma referência a Deus.²⁹ Mesmo que ela tenha entendido, é muito improvável que os demais tivessem entendido. De qualquer maneira, ela não entendeu o significado da frase. Entretanto, não devemos culpar Maria por não compreender o seu Filho. Esta falta de compreensão era necessária, já que Ele deveria levar uma vida humana normal. Se ela tivesse percebido inteiramente a divindade dele, tal conhecimento poderia ter interferido em sua maneira normal de tratá-lo - teria transformado uma mãe em uma adoradora.³⁰

E desceu com eles, e foi para Nazaré, e era-lhes sujeito (51). Depois desse episódio no templo, no qual foi vista (pelo menos superficialmente) a grande missão de Jesus, Ele reassumiu a sua posição normal de filho obediente. A vontade do Pai era que o seu

Filho percorresse o mesmo caminho de vida daqueles que Ele veio salvar.

Sua mãe guardava no coração todas essas coisas. Ela armazenava as coisas que não conseguia entender, para posteriormente dedicar-lhes mais pensamentos e orações. Ela era suficientemente paciente para esperar por um entendimento mais claro, e bastante interessada para não permitir que esses assuntos desaparecessem da sua mente.

Sob o título “O Menino no Templo”, Alexander Maclaren tem três divisões: 1) A consciência da Filiação; 2) O doce “dever” das obrigações filiais - **me convém tratar dos negócios de meu Pai**; (3) A aceitação mansa das tarefas mais humildes - **desceu com eles... e era-lhes sujeito**.

Crescia Jesus em sabedoria, e em estatura, e em graça para com Deus e os homens (52). Este é o desenvolvimento normal do homem completo - intelectual, físico, espiritual e social.

Seção III

1

O Evangelho da Oração

Lucas disse mais sobre a oração do que qualquer outro Evangelista. Ele mostra Jesus em oração nos momentos mais importantes da Sua vida. Somente Lucas nos relata as parábolas do “Amigo importuno” (11.5-13), do “Juiz Iníquo” (18.1-8), e do “Fariseu e o Publicano” (18.9-14).

2

A Aparição do Anjo do Senhor (1.8-12)

Exercendo ele o sacerdócio diante de Deus (8) indica que se tratava de um sacerdote - em uma época em que o sacerdócio era freqüentemente corrupto e secularizado - que percebia o caráter

sagrado do seu trabalho e o relacionamento, tanto do seu trabalho quanto da sua pessoa, com Deus. Deus não somente escolhe grandes homens para executarem grandes tarefas, mas Ele também destina grandes pais para esses homens - grandes, de acordo com o padrão de Deus.

Na ordem da sua turma significa a ordem de Abias (veja o comentário sobre o versículo 5). Na Páscoa, no Pentecostes, e na Festa dos Tabernáculos todos os sacerdotes serviam simultaneamente, mas durante o resto do ano cada uma das 24 ordens servia durante uma semana a cada seis meses. Zacarias estava servindo durante uma dessas semanas no Templo. Depois de terminar o seu período de serviço, ele retornaria à sua casa.

[3](#)

A Mensagem do Anjo (1.13-17)

O anjo lhe disse... não temas (13). Embora o medo fosse a reação humana natural, a missão do anjo proporcionava motivo para alegria. A sua presença não era uma indicação do desagrado de Deus, mas da Sua aprovação, e da adequação de Zacarias para uma tarefa divina muito significativa.

... a tua oração foi ouvida, e Isabel, tua mulher, dará à luz um filho. A oração à qual o anjo se refere deve ter sido feita em um período anterior da vida de Zacarias; a sua dificuldade em acreditar na promessa do anjo evidencia que há muito tempo ele já tinha deixado de orar por um filho, ou até mesmo de esperar por ele. Mas Deus não se esquece das orações passadas. O que parece ser uma demora ou uma recusa da parte de Deus, é somente a Sua perfeita sabedoria e o Seu perfeito planejamento. Alguns estudiosos opinam que a oração mencionada aqui foi para a vinda do Messias ou para a libertação de Israel, mas isto não seria coerente com o contexto. Sem dúvida, Zacarias orava freqüentemente pedindo essas coisas, mas a oração mencionada era aquela em que ele pedia um filho.

E lhe porás o nome de João. Deus não apenas convocava e enviava

os seus profetas, mas também freqüentemente lhes dava o nome. “João” significa “Jeová mostra graça” ou “a misericórdia” ou “a graça de Jeová”.² Este era um nome apropriado para alguém cujo ministério demonstra tão claramente a lembrança e a misericórdia de Deus para com o seu povo.

E terás prazer e alegria (14) significa, literalmente, “ele será a sua alegria e o seu júbilo”. A alegria interior e a honra exterior viriam a Zacarias como resultado da vida e

[4](#)

A Descrença de Zacarias (1.18-23)

Como saberei isso? (18) Zacarias parece ter ignorado completamente a fonte divina da promessa e o caráter do mensageiro angelical. Ele somente consegue ver uma coisa: **Eu já sou velho, e minha mulher, avançada em idade.** Normalmente isso seria razão suficiente para a descrença, mas naquele momento Deus tinha falado; o seu anjo está diante de Zacarias; que mais ele poderia desejar como confirmação?

Mas Deus tinha dado sinais no passado - para Abraão, Gideão e Ezequias (Gn 15; Jz 6; 2 Rs 20) - quando tinham sido necessários, e sem protestar. Deus olha para o coração

[5](#)

Isabel Concebe (1.24-25)

Depois da volta de Zacarias, **Isabel... concebeu** (24). A concepção e o nascimento do seu filho foram absolutamente normais, exceto pela intervenção divina que curou a sua infertilidade e tornou possível que ela engravidasse mesmo em sua idade avançada.

Por cinco meses se ocultou. Isto pode ser explicado de diversas maneiras. As duas perguntas principais são: *a)* por que ela se escondeu, antes de mais nada, e *b)* por que durante cinco meses. Ela não se escondeu para ocultar a sua gravidez, porque Isabel se ocultou

do povo precisamente quando ela não era evidente. A melhor explicação parece ser que ela estivesse esperando que a sua gravidez estivesse suficientemente adiantada, para servir como uma evidência inconfundível de que Deus realmente havia retirado a sua aparente reprovação. Isto explica também porque ela escolheu o período de cinco meses. A luz desta interpretação fica claro o significado do versículo 25: **Assim** (referindo-se à sua condição, depois de cinco meses) **me fez o Senhor, nos dias em que atentou em mim** (a época da concepção e os cinco meses durante os quais a evidência se tornou indiscutível), **para destruir o meu opróbrio entre os homens.**⁴

6

O Menino Jesus (2.39-52)

E, quando acabaram de cumprir tudo... voltaram à Galiléia (39). Não devemos entender que voltaram imediatamente a Nazaré, pois Mateus nos diz que a visita

A PREPARAÇÃO PARA O MINISTÉRIO DE CRISTO

Lucas 3.1—4.13

A. A Pregação de João, 3.1-20

1. João Inicia o Seu Ministério (3.1-6)

Os três Evangelhos Sinóticos tratam do ministério de João. Para uma argumentação mais detalhada, veja os comentários sobre Mateus 3.1-12. Os comentários aqui se limitarão às diferenças entre a narrativa de Lucas e os outros dois Evangelhos. Lucas apresenta um tratamento mais profundo do tema. Este relato contém vinte versículos, o de Mateus doze, e o de Marcos oito. Lucas também acrescenta alguns fatos específicos.

No ano quinze do império de Tibério César (1). Somente Lucas tenta fixar a data do início do ministério de João, e ele o faz com considerável número de detalhes. Ele não somente fornece o ano específico do reinado do imperador romano na época, mas também cita os governadores ou tetrarcas encarregados de todas as divisões da região palestina. Embora ele inclua os sumos sacerdotes, fica claro que as datas são mais para os leitores gentios do que para os judeus. Esta datação específica e cuidadosa é também uma característica dos historiadores gregos¹ - uma das muitas evidências de que Lucas era grego, e não judeu.

A data fornecida assinala o começo do ministério de João, mas para Lucas este ministério era simplesmente o prefácio ou a introdução ao ministério de Jesus. Era o acontecimento de abertura da “Grande Aventura”. Marcos considerou o ministério de João como sendo “o Princípio do evangelho de Jesus Cristo...” (1.1).

A questão sobre quando foi este ano quinze do reinado de Tibério é um assunto que tem causado várias discussões. Tibério tornou-se imperador devido à morte de Augusto, em 14-15 d.C. Se o décimo quinto ano for contado a partir dessa data, corresponderia a 28-29

d.C. Mas isto significaria que Jesus era mais velho do que Lucas afirma que era (3.23), ou que havia nascido dois anos mais tarde do que normalmente se acredita que Ele nasceu (por volta de 4 a.C.). Alguns estudiosos argumentam que Lucas está contando o reinado de Tibério a partir de 11-12 d.C., quando ele passou a governar juntamente com o seu padrasto, Augusto. Esta tese tem sido atacada e acusada de não estar de acordo com a maneira como os historiadores romanos datavam os eventos na história romana - o costume era fixar a data no início do reinado de um imperador que estivesse na condição de único governante. Entretanto, Lucas não era um historiador romano, e há provas que mostram que o costume de datar desde o início de um governo conjunto era seguido no Oriente.² Como Lucas viveu, foi educado e escreveu no Oriente, é mais razoável supor que ele tenha seguido o costume oriental de datar os acontecimentos nos seus escritos. No exemplo atual, portanto, ele está datando desde o início do governo conjunto de Tibério e Augusto - 11-12 d.C. - e assim o ministério de João começou em 26-27 d.C.¹

Sendo Pôncio Pilatos governador da Judéia. O seu título exato era “procurador”. Ele ocupou este posto de 26 a 36 d.C. e era subordinado ao governador da Síria. **Sendo... Herodes, tetrarca da Galiléia.** Este era Herodes Antipas, o filho de Herodes, o Grande, e irmão de Arquelau. Ele governou a Galiléia e a Peréia de 4 a.C. a 39 d.C. **Tetrarca** quer dizer “governador de um quarto”. Originalmente, o termo era usado para designar um governador subordinado encarregado de uma quarta parte dos domínios do seu superior. Na época da narrativa de Lucas, a divisão matemática exata já não era tão respeitada.

Herodes, o Grande, dividiu o seu reino no seu testamento. A Judéia foi designada a Arquelau, cujo título era “etnarca” (“governador de um povo ou de uma nação”), um título um pouco mais elevado do que “tetrarca”, o título dado àqueles que governavam as demais divisões do antigo reino de Herodes. Depois de seis anos de governo, Arquelau foi deposto e a Judéia foi anexada ao Império.

Seu irmão Filipe, tetrarca da Ituréia e da província de

Traconites. Filipe era o melhor da família de Herodes. Ele governou de 4 a.C. a 34 d.C. A sua tetrarquia ficava a leste do Jordão e ao norte da Peréia. **Lisânias** era o **tetrarca de Abilene**, que ficava imediatamente ao norte da Ituréia e a sudoeste de Damasco (veja o mapa). Lisânias não é mencionado na história secular.⁴

Sendo Anás e Caifás sumos sacerdotes (2). Este fenômeno aparentemente estranho, de haver dois sumos sacerdotes ao mesmo tempo, é justificado pelo fato de Anás, o sumo sacerdote legítimo, ter sido deposto aproximadamente quinze anos antes por Valério Grato, o antecessor de Pilatos, mas continuou a ser considerado como sumo sacerdote pela maioria dos seus compatriotas. Durante este período, quatro outros tinham estado no cargo oficialmente, e o último deles era Caifás, o genro de Anás, que serviu de 17 a 36 d.C.

A recusa, por parte do povo, de reconhecer a deposição de Anás, sem dúvida se devia ao fato de que no sistema mosaico se supunha que os sumos sacerdotes tinham um cargo vitalício. Também é importante lembrar que não se esperava que o povo reconhecesse um ato de um oficial romano pagão (gentio) que destituiu um oficial religioso judeu. Nenhum judeu ortodoxo poderia admitir que um romano tivesse tal autoridade. Também é bastante possível que Anás, embora tendo uma posição não oficial como sumo sacerdote, estivesse ocupando a importante posição de *nasi*, ou *presidente*, do Sinédrio.

Segundo o que está escrito no livro... do profeta Isaías (4). Esta passagem de Isaías, capítulo 40, é citada nos três Evangelhos Sinóticos, mas Lucas cita um trecho maior - uma parte do versículo 5 não é mencionada pelos outros dois evangelistas. Lucas também é mais fiel à Septuaginta do que os outros Sinóticos.

A expressão **Todo vale se encherá, e se abaixará todo monte e outeiro (5)**, vem de Isaías 40.4. Esta e as frases seguintes deste versículo sugerem alguns ajustes que o homem deve fazer para se encontrar com Deus. A imagem de toda esta passagem é a de pioneiros ou construtores de estradas indo à frente do rei para preparar o caminho pelo qual a sua comitiva deverá passar. João é o pioneiro do Rei dos reis, que está prestes a fazer a sua aparição. 1) Os

vales de vida ímpia devem ser preenchidos; 2) os montes e outeiros do orgulho e da hipocrisia deverão ser trazidos até o plano da verdadeira humildade; 3) os caminhos tortuosos e escabrosos deverão ser colocados em conformidade com a vontade do Rei.

Toda carne verá a salvação de Deus (6). Esta não é uma parte da passagem de Isaías 40, mas uma tradução livre de Isaías 52.10. A salvação de Deus, na forma do seu Filho encarnado, será revelada para que toda a carne possa saber e participar. Além disso, na segunda vinda de Cristo e no Juízo todos os olhos o verão - inclusive aqueles que o rejeitaram.

Esta passagem sugere o pensamento: “Como se preparar para o novo nascimento”. O texto seria **Preparai o caminho do Senhor**, 4; o “como” se encontra no versículo 5, que dá a prescrição de Deus: 1) **Todo vale se encherá**; 2) **se abaixará todo... outeiro**;

3) **o que é tortuoso se endireitará**; 4) **os caminhos escabrosos se aplanarão**. O versículo 6 dá o resultado desta preparação: **Toda carne verá a salvação de Deus**. Isto é o que acontece quando sobrevêm o verdadeiro avivamento.

2. *Um Pregador Destemido* (3.7-9)

Para uma discussão sobre o conteúdo desta passagem, veja os comentários sobre Mateus 3.7-10. A única diferença importante entre Mateus e Lucas nestes versículos é que Mateus especifica a **raça de víboras** como “muitos dos fariseus e dos saduceus”, ao passo que Lucas simplesmente os chama de **multidão**. Os leitores gentios de Lucas não teriam compreendido o significado completo da menção de Mateus a estas seitas judaicas. Também é provável que Lucas desejasse fazer uma aplicação mais ampla (universal) destas palavras. ¹ mesma verdade negativamente, quando diz: “Quem, pois, tiver bens do mundo e, vendo o seu irmão necessitado, lhe cerrar o seu coração, como estará nele a caridade [ou o amor] de Deus?” (1 Jo 3.17). O oposto deste princípio é o egoísmo, que tanto desonra a Deus como é autodestrutivo. **E quem tiver alimentos, que faça da mesma maneira**. A comida e as roupas são as necessidades materiais mais

básicas do homem, e o amor cristão não pode ficar indiferente na presença de alguém que não tenha essas coisas.

Chegaram também uns publicanos... e disseram-lhe: ...que devemos fazer? (12). Aqui estava um grupo homogêneo que tinha uma fraqueza característica. Esta é a primeira menção feita aos publicanos na história dos Evangelhos, mas Lucas os traz freqüentemente à sua narrativa no restante do seu Evangelho. Estes arrecadadores de impostos para os romanos geralmente eram detestados por uma dupla razão:

1) eles arrecadavam impostos para um poder estrangeiro que não era bem-vindo, e 2) quase sempre eram desonestos, cobrando mais do que era devido. A pergunta e o desejo deles no sentido de serem batizados indica que procuravam a salvação com sinceridade. O fato de João não os condenar, como fez com os fariseus e os saduceus, confirma esta interpretação.

Não peçais mais do que aquilo que vos está ordenado (13). João deu a resposta perfeita, porque este era o antídoto perfeito para a fraqueza característica deles. Aqui percebemos a exigência da honestidade pessoal em todos os relacionamentos.

E uns soldados o interrogaram também, dizendo: E nós, que faremos? (14) E a resposta de João é, novamente, muito apropriada: **A ninguém trateis mal, nem defraudeis e contentai-vos com o vosso soldo.** Isto abrange as três tentações mais comuns dos soldados. Nas respostas de João aos publicanos e aos soldados, podemos ver uma das muitas evidências no Novo Testamento do fato de que Deus se propõe a revolucionar a sociedade, não por meio de uma mudança brusca da estrutura social exterior, mas por meio de uma revolução interior e pessoal, e pela renovação (pelo novo nascimento) dos indivíduos que compõem a sociedade. As mudanças sociais exteriores devem ser o resultado da mudança interior dos indivíduos.

4. *Quem é João (3.15-17)*

Para uma discussão completa sobre estes versículos, veja os comentários sobre Mateus 3.11-12. A única diferença significativa entre a narrativa de Lucas e a de Mateus, está no fato de que Lucas acrescenta uma afirmação introdutória (15) que faz uma transição mais suave e mais literária às próximas palavras de João, e também apresenta a razão para o que vem a seguir. Lucas nos conta que a referência que João faz ao ministério e ao batismo de Jesus, e à sua própria inferioridade a Jesus, foi motivada pela **expectação** do povo e pelo fato de que estariam **pensando...** (ou argumentando) **se, porventura** [ele, João), **seria o Cristo** (15).

Nos versículos 16-17 podemos ver “Os dois batismos”. Aqui a Bíblia mostra: 1) comparação: ambos foram batismos - atos, não processos; 2) Contraste: a água *versus* o fogo; o arrependimento *versus* o Espírito; 3) Consequência: **nunca se apaga.** ² outros dois Sinóticos. Lucas resume todo o resto da pregação de João nas **muitas outras coisas** que ele pregava ao povo.

Sendo, porém, o tetrarca Herodes repreendido por ele... acrescentou a todas as outras ainda esta, a de encerrar João num cárcere (19-20). Mateus dá esta informação muito mais tarde⁶ - depois da morte de João - e somente com a finalidade de explicar a crença de Herodes de que Jesus era João ressuscitado dos mortos. Lucas, sendo novamente mais literário, usa esta informação como a conclusão da sua narrativa do ministério de João, apresentando-o, conseqüentemente, como uma unidade.

B. O Batismo de Jesus, 3.21-22

Em sua narrativa do Batismo, Lucas é muito mais conciso que Mateus, e até mesmo ligeiramente mais conciso que Marcos. Para uma argumentação a respeito, veja os comentários sobre Mateus 3.13-17. A única contribuição de Lucas é a sua afirmação de que Jesus orou depois do seu batismo e antes que descesse sobre Ele o Espírito Santo. A oração de Jesus nesta ocasião deve ter sido curta - como foi a sua oração no túmulo de Lázaro (Jo 11.41-42). Mas a oração era tão significativa para Ele, que até mesmo esta breve oração deve ser mencionada juntamente com sua relação com a descida do

Espírito Santo.

C. A Genealogia de Jesus, 3.23-38

Jesus... começava a ser de quase trinta anos (23). Esta era a idade com a qual os sacerdotes e os levitas iniciavam o seu serviço, e também aquela em que os escribas poderiam começar a ensinar legalmente. Jesus tinha atingido a idade em que Ele poderia iniciar o seu ministério público.

Sendo (como se cuidava) filho de José, e José, de Eli... (23). Aqui Lucas nos apresenta a genealogia de Jesus. O Evangelho de Mateus começa com uma genealogia, ao passo que Lucas a coloca aqui, no início do ministério público de Jesus. Este é o ponto em que Jesus se torna o principal Personagem da narrativa de Lucas. Os dois autores traçam a genealogia através de Davi, mas Mateus retrocede até Abraão, interessado na relação de Jesus com a nação de Israel, ao passo que Lucas retrocede até Adão. Ele apresenta Cristo não apenas como o Messias judeu prometido, o Filho de Davi, mas como o Salvador do mundo e o Filho de Adão. Outro contraste entre os dois relatos é o fato de que Mateus inicia a genealogia em Abraão e termina em Jesus, enquanto Lucas inicia em Jesus e retrocede para terminar em Adão e Deus.

Além destas três diferenças, existe outra que é mais difícil de explicar: os nomes nas duas listas diferem no período compreendido entre Davi e Cristo. Muitos estudiosos afirmam que as duas listas fornecem a genealogia de José. Outros acreditam que a genealogia de Mateus corresponde aos antepassados de José, ao passo que a de Lucas corresponde aos de Maria. Godet traduziu a última metade do versículo 23 como: “sendo filho - pensava-se, de José - de Eli”, ou seja, Jesus é identificado como o “filho” do seu avô materno, Eli⁶. Conseqüentemente, esta é a genealogia de Maria.

D. A Tentação de Jesus, 4.1-13

Para uma ampla argumentação sobre as tentações de Jesus, veja os comentários referentes a Mateus 4.1-11. Mateus e Lucas apresentam

a narrativa da Tentação com detalhes, ao passo que Marcos apenas a menciona (Mc 1.12-13). Naquilo que é o principal, os relatos de Mateus e Lucas contêm as mesmas informações, mas diferem quanto aos seguintes aspectos:

- 1) Eles não mencionam a segunda e a terceira tentações na mesma ordem. Mateus coloca a tentação de saltar do pináculo do Templo em segundo lugar, ao passo que no texto de Lucas ela está em terceiro lugar. A tentação de aceitar os reinos do mundo, então, é a terceira em Mateus e a segunda em Lucas.
- 2) Lucas diz que Jesus foi tentado durante os quarenta dias do jejum e também posteriormente; Mateus não menciona estas outras tentações.
- 3) Segundo Mateus, depois que Satanás mostra a Jesus os reinos deste mundo, ele diz: “Tudo isto te darei”. Lucas enfatiza a autoridade e a glória destes reinos. De acordo com Lucas, Satanás diz **Dar-te-ei a ti todo este poder** (literalmente, “autoridade”) **e a sua glória (6)**.
- 4) Quanto à mesma tentação, em Lucas, acrescenta-se ao texto de Mateus o seguinte: **porque a mim me foi entregue, e o dou a quem quero (6)**.
- 5) Na tentação de saltar do pináculo do Templo, Mateus chama a cidade de “Cidade Santa”, enquanto Lucas a chama pelo nome, **Jerusalém (9)**. Aqui, o motivo de Lucas é, obviamente, esclarecer os leitores gentios.

Estas diferenças não alteram em nada os ensinamentos relativos à tentação de Jesus.

Barclay intitula esta seção como “A batalha contra a tentação” e assim a esquematiza: 1) A tentação de subornar as pessoas com presentes materiais, 2-4; 2) A tentação de fazer acordos ou concessões, 5-8; 3) A tentação de dar demonstrações sensacionais às pessoas, 9-12. Poderíamos acrescentar mais uma: 4) As recompensas da vitória sobre a tentação, 13-14.

Seção IV

0 MINISTÉRIO NA GALILÉIA

Lucas 4.14—9.50

A. O Primeiro Período (4.14-44)

1. *A Rejeição de Jesus em Nazaré (4.14-30)*

O tratamento que Lucas dá a este episódio é um exemplo de organização lógica, mais do que cronológica. Se este for o mesmo episódio dos outros Evangelhos Sinóticos,¹ ele não aconteceu no início do ministério de Jesus. Lucas coloca este episódio como o primeiro no seu texto por causa do seu significado lógico. Pela mesma razão, ele inclui a leitura de Jesus da passagem em Isaías 61 e a aplicação desta passagem à Sua própria missão. .

Lucas não deixa implícito que este seja o verdadeiro início do ministério de Jesus. Ele afirma que Jesus já entrara suficientemente na vida pública, pois **a sua fama correu por todas as terras em redor. E ensinava nas suas sinagogas (14-15)**. Além disso, a predição de Jesus (no versículo 23) de que eles diriam **faze também aqui na tua pátria tudo o que ouvimos ter sido feito em Cafarnaum**, não apenas revela a verdade com respeito à cronologia, mas ajuda a definir o cenário para os acontecimentos em Nazaré. De tudo isto, fica claro que Lucas começa a sua narrativa do ministério de Jesus em Nazaré porque este parecia ser o lugar lógico para começar - Jesus de Nazaré, pregando em Nazaré e proclamando a si mesmo como sendo o Cumprimento da profecia de Isaías sobre a pregação do Evangelho.

Na versão de Lucas, este episódio é mais significativo do que nos outros dois Evangelhos Sinóticos, como pode ser visto pelo fato de lhe dedicar dezesseis versículos, enquanto que Mateus dá a sua versão em cinco versículos e Marcos em seis.

Pela virtude do Espírito, voltou Jesus para a Galiléia (14). Esta

passagem, seguindo-se imediatamente à narrativa da Tentação, nos lembra de que todos os três Evangelhos Sinóticos relacionam o relato do retorno à Galiléia à história da Tentação; mas tanto Mateus quanto Marcos dão a entender que a razão para o retorno se deu quando Jesus recebeu as notícias da prisão de João.² **A virtude do Espírito** era o poder do Espírito Santo, que foi visto descendo sobre Jesus no Seu batismo.

E, chegando a Nazaré, onde fora criado (16). Lucas conecta este episódio com o início da vida de Jesus que ele havia acabado de narrar. **Entrou... num dia de sábado, segundo o seu costume, na sinagoga.** Jesus vinha pregando por um tempo suficiente para já ter costumes estabelecidos. **E levantou-se para ler.** Esta era a postura habitual para a leitura das Escrituras na sinagoga. Qualquer outra postura seria um desrespeito às Sagradas Escrituras. O leitor não tinha permissão sequer de apoiar-se em alguma coisa enquanto lia.

E foi-lhe dado o livro do profeta Isaías (17). Nos cultos na sinagoga se pedia freqüentemente aos visitantes que lessem as Escrituras e fizessem os comentários que desejassem, ou que comentassem o que outra pessoa havia lido.³ Em cada culto se lia um trecho da Lei, e um dos textos dos Profetas. Nesta ocasião, o trecho da Lei havia sido lido antes que Jesus recebesse o Livro de Isaías.

Achou o lugar em que estava escrito... A passagem mencionada é Isaías 61.1-26. Este era o trecho especialmente designado para a leitura na manhã do Dia da Expição.⁴ Alguns julgam que o trecho lido era o ensino para aquele dia, e que foi providencial o fato de Jesus estar presente naquele dia específico, mas isto não está confirmado. Parece mais provável que Jesus tenha selecionado este trecho.

O Espírito do Senhor é sobre mim... (18). Lucas faz uma citação da Septuaginta, com algumas variações. Esta é uma passagem messiânica que indica as funções do ministério messiânico. Estas funções são realizadas sob a unção e a direção do Espírito Santo. Aqui o próprio Senhor nos dá a natureza da mensagem do Evangelho, que

pode ser esquematizada como:

1) **Evangelizar os pobres (18)**, ou “pregar o evangelho aos pobres”. O termo **evangelho** significa “boas-novas” ou “boas notícias”. Os **pobres** pareciam mais dispostos a ouvir Jesus. As suas necessidades faziam com que eles se voltassem para o Salvador. Ninguém, rico ou pobre, consegue encontrar Jesus até que perceba sua destituição espiritual, busque a Cristo, e confesse a Ele as suas necessidades.

2) **Para curar os quebrantados do coração (18)**. Para consolar aqueles cujas circunstâncias desesperadoras ou pecados causaram uma tristeza de coração.

3) Para **apregoar liberdade aos cativos (19)**, especialmente aqueles que são cativos do pecado e de Satanás. A expressão lembra o cativo na Babilônia.

4) Para **dar vista aos cegos (19)** - referindo-se tanto à cegueira física quanto à espiritual. Um momento de reflexão irá revelar Cristo em ambos os aspectos, em seu ministério que traz a Luz.

5) Para **pôr em liberdade os oprimidos (19)** - aqueles oprimidos pelas calamidades ou pelo pecado. A libertação do pecado é garantida e completa; a libertação da calamidade ou das dificuldades significa a libertação das suas causas, ou a graça necessária para suportá-las.

6) Para **anunciar o ano aceitável do Senhor (19)**. A expressão **ano aceitável** se

refere ao ano do jubileu - o quinquagésimo ano. Aqui se trata da época da aceitabilidade do homem por Deus - que Deus irá aceitar aquele que se voltar a Ele em verdadeira contrição e rendição. Este fato será pregado no ministério messiânico e na dispensação da graça.

Cerrando o livro e tornando a dá-lo ao ministro, assentou-se (20) significa literalmente: “Tendo enrolado o livro (ou o pergaminho) e tendo-o entregue ao ajudante, ele se sentou”. Normalmente os pregadores judeus pregavam sentados. **Os olhos de todos...**

estavam fitos nele - tanto em disposição para ouvir a sua mensagem quanto, possivelmente, com alguma ligeira percepção da exclusividade da situação atual, embora a seqüência mostre que eles não estavam prontos - no coração - para receber aquilo que Ele iria dizer.

Hoje se cumpriu esta Escritura em vossos ouvidos (21). Aqui temos a proclamação oficial de que o Messias chegou e que o seu ministério estava em andamento. Esta proclamação revela a principal razão de Lucas para iniciar, com este episódio, a narrativa do ministério de Cristo. Em termos literários, é um excelente ponto de partida, e o Evangelho de Lucas é o mais literário dos quatro.

E todos lhe davam testemunho, e se maravilhavam das palavras de graça (22). **Palavras de graça** literalmente significam “palavras que transmitem graça”. Sem dúvida, eles admiraram o seu talento para falar e a beleza da sua linguagem, mas também se extasiaram com a maravilha do que Ele estava dizendo e de quem Ele era. **Não é este o filho de José?** Este era o grupo hesitante. Para eles, Jesus era somente o filho de José; como poderia Ele ser o Cumprimento desta grande passagem messiânica?

Sem dúvida me direis... Médico, cura-te a ti mesmo (23). Aqui Jesus compreende os seus pensamentos e prevê os seus comentários posteriores. Mas os Seus comentários a seguir não são calculados para obter a confiança deles, nem para persuadi-los a aceitá-lo como o Messias. Grande parte do que Ele disse nesta ocasião eram palavras diametralmente opostas à cegueira e aos preconceitos mais amargos que eles possuíam.

Nenhum profeta é bem recebido na sua pátria (24). Provérbios como este não tinham a intenção de falar de uma situação ou fato que não tivesse uma exceção possível. Ao invés disso, eles são a afirmação de princípios importantes e gerais. Além disso, é necessário observar que este provérbio não se aplica aos grandes homens deste mundo cujas pátrias compartilham a sua glória. Ele se aplica aos profetas que representam Deus e pregam a verdade - a verdade freqüentemente embaraçosa e incriminadora.

Em verdade vos digo (25). A verdade que Ele irá dizer é algo de que eles não vão gostar, e que se recusarão a aceitar.

Muitas viúvas existiam em Israel... (25). Jesus cita dois eventos do Antigo Testamento em que os gentios pareceram obter um tratamento preferencial de Deus e de seus profetas, enquanto os judeus, com as mesmas necessidades, eram ignorados. Trata-se da viúva de Sarepta, a quem Elias ajudou (1 Rs 17.8-24) e de Naamã, o sírio, que foi purificado da lepra (2 Rs 5.1-19). Este é um dos muitos exemplos onde Lucas apresenta episódios e ensinamentos de Jesus que o mostram como tendo sido igualmente interessado em todos os homens e não limitado pelos rígidos preconceitos dos judeus.

E todos, na sinagoga... se encheram de ira (28). Nenhuma ira é tão feroz nem tão cega quanto aquela que é gerada pelo preconceito, particularmente pelo preconceito religioso.

E... o expulsaram da cidade e o levaram até ao cume do monte... para dali o precipitarem (29). Nazaré estava localizada em uma elevação, a pouca distância do Vale de Esdraelom. A cidade foi construída em um declive de 120 a 150 metros de altura de onde se vê um pequeno vale. O lugar aceito como sendo o da tentativa de destruir Jesus fica a cerca de três quilômetros de Nazaré, e é conhecido como o Monte da Precipitação. Mas um lugar mais provável é um paredão rochoso com 12 a 15 metros de altura, na parte oeste da cidade.

Ele, porém, passando pelo meio deles, retirou-se (30). Esta fuga deveu-se provavelmente à agilidade do Mestre mais do que a um milagre, pois Jesus seguia o princípio de nunca usar o seu poder milagroso em benefício de sua necessidade pessoal de segurança. No entanto, não se deve dizer que a Providência e a ajuda do Espírito Santo não estivessem envolvidas. Qualquer ajuda que Ele tenha recebido não foi milagrosa, no sentido usual desta palavra, mas aquela que está disponível a todos os filhos de Deus quando chega a necessidade, e Deus deseja interferir.

2. Jesus Vai a Cafarnaum; Um Demônio é Expulso (4.31-37)

Este material não é encontrado em Mateus, mas é fornecido, com algum detalhe, por Marcos. Aqui Lucas quase repete o conteúdo de Marcos.

Cafarnaum, cidade da Galiléia (31). Esta é outra indicação de que o Evangelho de Lucas foi escrito para os gentios, pois nenhum judeu precisava da explicação de que Cafarnaum ficava na Galiléia. Se alguma cidade pode ser mencionada como sendo a casa de Jesus durante o seu ministério público, essa era Cafarnaum. Os seus primeiros discípulos foram encontrados nesta cidade, e nas suas proximidades, e muitos dos acontecimentos relatados nos Evangelhos aconteceram aqui.

E os ensinava nos sábados. Evidentemente este era um costume regular de Jesus. Ele participava regularmente do culto da sinagoga aos sábados, tomando parte da leitura oficial da Lei ou dos textos dos Profetas, ou de ambos, fazendo os seus próprios comentários, e também pregando as boas-novas do seu ministério singular.

E admiravam-se da sua doutrina, porque a sua palavra era com autoridade (32). Doutrina aqui significa, literalmente, “ensino”. Uma característica admirável dos seus ensinamentos era que, diferentemente dos escribas, Ele baseava os seus pronunciamentos na sua própria autoridade e não na autoridade de alguns rabinos de destaque. Na verdade, podemos ver muitos exemplos em que Ele levou a sua própria autoridade na direção oposta dos ensinamentos dos rabinos ou “das tradições dos anciãos”.

E estava na sinagoga um homem que tinha um espírito de um demônio imundo (33). Observe que o dia de trabalho típico de um sábado para Jesus ia além dos seus ensinamentos e das suas pregações. Normalmente eram estas “outras” atividades que o colocavam em conflito com os líderes judeus. Para eles, a lei era mais importante do que os homens, e os preceitos eram mais importantes do que os princípios. Jesus se opunha a eles nas duas coisas.

Fica claro, tanto a partir das Escrituras quanto do Talmude, que os judeus antigos consideravam como obra de demônios muitas coisas

que hoje já não são consideradas assim, mesmo pelos estudiosos cristãos mais conservadores. Também é inegável que as Escrituras ensinam que a possessão demoníaca é uma realidade. Sem dúvida, muitos que eram deformados ou doentes mentais eram normalmente considerados como possuídos pelo demônio. Entretanto, se cremos na inspiração divina das Escrituras, precisamos reconhecer que os simples fatos da narrativa dos Evangelhos revelam o domínio dos demônios sobre a vida de muitas pessoas.

Que temos nós contigo... ? Vieste a destruir-nos? Bem sei quem és: o Santo de Deus (34). O cético chamaria estas palavras de delírios de uma mente demente. Mas nesta afirmação se encontram a sanidade perfeita e um discernimento sobre-humano. A mudança da forma plural para a singular dos pronomes pessoais (**nós** para **eu**) não é um erro gramatical do demônio. Quando ele usa a forma plural, se refere a todo o reino de demônios, do qual ele faz parte, e cuja punição compartilhará. Quando ele diz **sei quem és**, está revelando o seu discernimento pessoal quanto à pessoa e a natureza de Jesus.

Observe o que o demônio sabe: *a)* ele sabe quem Jesus é; *b)* sabe que a destruição (o castigo eterno) é o que irá receber. Mas ele tem um conhecimento limitado; não sabe se Jesus veio para destruí-lo junto com os seus semelhantes, ou não - os planos de Deus são ocultos para Satanás e os seus asseclas, exceto quando são revelados ao homem.

Jesus o repreendeu, dizendo: Cala-te e sai dele (35). Jesus não queria o testemunho da sua divindade vindo do mundo demoníaco, mesmo que os demônios conhecessem a sua identidade. **E o demônio, lançando-o por terra... saiu dele, sem lhe fazer mal.** O demônio não podia resistir à ordem de Jesus nem machucar seriamente o homem que Ele havia decidido defender.

Veio espanto sobre todos, e falavam... dizendo: Que palavra é esta. (36) A última frase não é na verdade uma pergunta, mas uma exclamação. **Aos espíritos imundos manda com autoridade e poder, e eles saem.** As duas palavras gregas mais comuns para “poder” são usadas aqui, e estão corretamente traduzidas. A congregação da sinagoga reconheceu que Jesus tinha autoridade para

ordenar aos demônios e também o poder (dinâmico) para forçá-los a obedecer.

E a sua fama divulgava-se por todos os lugares... (37). Um milagre assim não poderia ser mantido em segredo, e a fama de Jesus crescia muito, como resultado das emoções e das línguas incontroláveis.

3. *A Cura da Sogra de Pedro* (4.38-39)

Para uma argumentação sobre esta passagem, veja os comentários sobre Mateus 8.14-15 (cf. também Mc 1.29-31). Lucas acompanha Marcos mais de perto do que Mateus.

Lucas se refere à febre da sogra de Pedro como **muita febre**. Os outros dois Evangelhos Sinóticos não usam “muita”. A palavra original aqui era um termo científico usado pelos médicos para descrever uma febre grave. Galen também usa a mesma palavra com o mesmo sentido. Aqui há outra indicação de que o autor deste Evangelho era um médico, e representa uma prova a mais de que Lucas foi este autor.

4. *Os Milagres Depois do Pôr-do-sol em Cafarnaum* (4.40-41)

Para uma argumentação sobre este assunto, veja os comentários sobre Mateus 8.16-17. Lucas omite as citações de Isaías encontradas no texto de Mateus, citações que dão a entender que estes milagres são o cumprimento da profecia de Isaías. Por outro lado, Lucas nos conta que muitos demônios, antes de serem expulsos, gritavam e diziam: **Tu és o Cristo, o Filho de Deus** (41), e que Jesus os repreendia e não os deixava falar, porque sabiam que Ele era o Cristo (veja os comentários sobre Lucas 4.35). Marcos apresenta uma parte desta explicação (Mc 1.34).

5. *Jesus Expande o Seu ministério* (4.42-44)

O conteúdo dos versículos 42-44 não é encontrado no texto de Mateus, mas é fornecido em Marcos 1.35-38. Para uma argumentação ampla,

veja os comentários sobre esta passagem no texto de Marcos.

E, sendo já dia (Marcos diz: ...“de manhã muito cedo, estando ainda escuro”), **saiu e foi para um lugar deserto** (42). Normalmente, é Lucas quem narra os momentos de oração de Jesus, mas neste caso é Marcos quem nos conta que Jesus orou.

E a multidão o procurava... e o detinham, para que não se ausentasse... Eles queriam que Jesus ficasse com eles. Isto era incomparavelmente melhor do que o tratamento que Ele recebeu em Nazaré, mas Jesus tinha outros planos, e outros homens precisavam dele.

Também é necessário que eu anuncie a outras cidades o evangelho do Reino de Deus, porque para isso fui enviado (43). Marcos diz “aldeias vizinhas” em lugar de **outras cidades**. É fácil ver que Lucas está dando a este material uma aplicação mais ampla e, conseqüentemente, de um grande apelo junto aos gentios. Jesus deixa claro que Ele é enviado não para umas poucas pessoas ou para uma cidade, mas para outros e finalmente para todos os homens.

E pregava nas sinagogas da Galiléia (44) Uma afirmativa abrangente que mostra o seu ministério expandido para toda a Galiléia. Veja os comentários sobre Mateus 4.23.

B. O Segundo Período, 5.1—6.11

1. *Jesus Ensina e Convoca os Pescadores de Homens* (5.1-11)

O tratamento que Lucas dá a este episódio do ministério de Jesus é muito mais extenso do que o de Mateus, ou o de Marcos. Aqueles relatos se limitam aos detalhes mais imediatos da chamada dos quatro. Veja os comentários sobre Mateus 4.18-22.

Apertando-o a multidão (1). A sua popularidade tinha chegado ao ponto em que as multidões eram suficientemente grandes para criar problemas para Jesus. Havia inclusive o perigo de que Ele fosse esmagado ou pisoteado por elas. **Estava ele junto ao lago de**

Genesaré. Lucas é o único dos quatro Evangelistas que designa esta massa de água com o nome adequado de **lago**. Os outros três usam a designação popular “mar”. Observe que Lucas aqui descreve a Jesus como estando em pé junto ao lago, ao passo que nos textos de Mateus e de Marcos Ele está caminhando. Além disso, os dois primeiros Evangelhos dizem que Pedro e André estavam lançando uma rede ao mar, e Lucas diz que eles estavam lavando as suas redes. Um exame mais detalhado destes fatos mostrará que Mateus e Marcos começam a narrativa em um ponto anterior - quando os pescadores ainda estavam pescando; Lucas começa a sua narrativa depois que Jesus já havia chegado (então Ele já não estava mais caminhando), os homens tinham acabado de pescar e a multidão estava reunida.

E viu... dois barcos (2). Eram pequenas embarcações. Uma boa tradução poderia ser “barquinhos”. **Junto à praia do lago.** Os barcos estavam na margem. **Os pescadores... estavam lavando as redes.** Eles tinham acabado de pescar e estavam limpando as suas redes.

Entrando num dos barcos... o de Simão, pediu-lhe que o afastasse um pouco da terra (3). Esta é a primeira vez que Lucas apresenta qualquer dos discípulos de Jesus na sua narrativa.⁶ O barco estava na praia; Pedro o empurrou para o lago - provavelmente entrou na água por alguns metros, puxando ou empurrando o barco.

E, assentando-se, ensinava do barco a multidão. O texto em Mateus 13.1-3 registra uma experiência similar de Jesus, mas parece ser uma ocasião diferente da que Lucas registra aqui. O conteúdo dos ensinamentos de Jesus nesta ocasião não é mencionado aqui. Lucas só está interessado naquilo que influenciou estes quatro homens a se tornarem discípulos de Jesus.

Disse a Simão: faze-te ao mar alto, e lançaí as vossas redes para pescar (4). A palavra traduzida como **pescar** significa “pegar” ou “apanhar” e a maneira como é usada aqui dá a entender um sentido muito mais amplo. Jesus estava instruindo pescadores experientes, mas a sua autoridade e o seu conhecimento se baseavam em sua divindade, e não na experiência como no caso de um pescador.

Ele tinha conhecimento sobre-humano de onde estavam os peixes. O conselho de Jesus de ir **ao mar alto** dá a entender que estes pescadores estariam pescando em águas rasas. Neste tipo de pesca, uma das extremidades da rede era presa à costa enquanto a outra era presa ao barco. Os pescadores então remavam o barco em semicírculos, começando e terminando na costa, mantendo a rede esticada entre o barco e a costa. O fato de Mateus e Marcos dizerem que Jesus os viu lançando uma rede ao mar (Mt 4.18; Mc 1.16) dá a entender que o mesmo método de pescaria estava sendo utilizado. As palavras **faze-te ao mar alto** têm um óbvio significado espiritual.

Mestre, havendo trabalhado toda a noite... mas, porque mandas (5). Aqui vemos um misto de emoções e reações. A experiência de Pedro como pescador lhe dizia que, tendo pescado sem sucesso durante toda a noite, seria inútil tentar novamente agora. Mas ele parecia já conhecer Jesus o suficiente para que a ordem do Senhor fizesse uma diferença significativa nas circunstâncias. A fé dizia que se Jesus ordenava ou exigia uma ação, ela teria sucesso. Assim, podemos ver que a fé gera a obediência.

Rompia-se-lhes a rede (6) significa, literalmente, “a sua rede estava se rompendo”. O “romper” ou rasgar não evitou que eles levassem os peixes para a terra.

Fizeram sinal aos companheiros (7), que eram Tiago e João, os filhos de Zebedeu. Vemos que Tiago e João eram mais do que simples companheiros de pescaria ou vizinhos. O fato de haver dois barcos e quatro pescadores que trabalhavam juntos permitiria que eles pescassem mais afastados da costa - a rede podia ficar presa aos dois barcos.

Senhor, ausenta-te de mim, por que sou um homem pecador (8). O tremendo sucesso dos seus esforços, e a razão óbvia para esse sucesso repentino, deram a Pedro uma visão de dois fatos. Ele viu o Senhor, o seu poder, a sua sabedoria e o seu conhecimento, a sua falta de pecado - e Pedro viu a si mesmo, uma criatura pecadora. Ele era pecador em contraste com a santidade de Cristo, e era verdadeiramente um pecador. Esta experiência produziu uma

convicção do pecado que o deixou desconfortável na presença de Cristo, e o primeiro impulso foi o de pedir a Cristo que partisse. Pedro sempre falava de acordo com o seu primeiro impulso. Mas Jesus sabia que o seu desejo mais profundo era a libertação do pecado e a semelhança com Ele.

Pois que o espanto se apoderara dele (9) significa, literalmente, “Porque estava dominado pelo espanto”. Esta foi a sua razão para falar. Sempre havia suficiente razão para que o impulsivo Pedro falasse. Mas o mesmo espanto caiu sobre **todos os que com ele estavam**, e eles não falaram, embora sem dúvida sentissem a mesma convicção com respeito ao pecado. Algumas vezes criticamos Pedro pela sua impulsividade, mas deveríamos aprender algo com o fato de que obviamente Jesus sentia que precisava de um discípulo impulsivo.

E, de igual modo, também de Tiago e João (10), ou seja, “também o espanto tinha se apoderado deles”. **E disse Jesus a Simão: Não temas; de agora em diante, serás pescador de homens.** A atitude de Jesus com relação ao desabafo de Pedro é vista pelo fato de Pedro ter sido o único a receber estas palavras encorajadoras. Foi Pedro quem disse: ...“mas, porque mandas, lançarei a rede” (v. 5). Pedro havia apanhado os peixes e, como resultado, Jesus “pescou” Pedro, e o transformou em um “pescador” de homens para o Reino.

[Eles] **deixaram tudo e o seguiram (11)**. Assim que alcançaram a terra, eles deixaram o negócio da pesca e seguiram Jesus para se tornarem pescadores de homens. Os quatro pescadores tinham o mesmo pensamento. Pedro era diferente dos outros três em suas reações, mas não nas suas atitudes e desejos básicos. Jesus agora tinha os seus primeiros quatro discípulos.

Quanto a este evento, Alexander Maclaren destaca três pontos: 1) A lei do serviço, 4; 2) A resposta, 5; 3) O resultado, 6-8.

2. *Jesus Cura um Leproso (5.12-16)*

Mateus coloca este acontecimento imediatamente depois do Sermão

do Monte. Lucas simplesmente diz que aconteceu **quando Ele estava em uma daquelas cidades** (12). Para uma ampla argumentação sobre este assunto, veja os comentários sobre Mateus 8.1-4. Lucas, o médico, acrescenta ao relato de Marcos a observação que o homem estava **cheio de lepra** (12), isto é, a doença já tinha atingido um estágio muito avançado - já não era um foco localizado.

...Retirava-se para os desertos e ali orava (16). Não é fácil resistir à atração da popularidade, mas com frequência é mais sábio - e até mesmo essencial - deixar a multidão e retirar-se a um lugar de oração. Quando retornarmos à multidão, certamente teremos muito mais capacidade para ministrar a elas depois de nosso precioso período de oração no deserto. Aqui, como sempre, Jesus nos dá um exemplo maravilhoso, e Lucas é o único que registra este ponto.

3. *A Cura do Paralítico* (5.17-26)

Os três Evangelhos Sinóticos mencionam este episódio. Mateus e Marcos dizem que o lugar do milagre foi Cafarnaum; Lucas não diz onde ele ocorreu. Marcos e Lucas nos contam que o paralítico foi baixado pelo teto, enquanto que Mateus não comenta esse fato. Para uma argumentação melhor, veja os comentários sobre Mateus 9.2-8.

4. *O Chamado de Levi-Mateus* (5.27-32)

Este acontecimento é mencionado nos três Evangelhos Sinóticos. Para uma argumentação melhor, veja os comentários sobre Mateus 9.9-13. A única diferença significativa entre o texto de Lucas e o de Mateus é o fato de que Lucas usa o nome **Levi** ao invés de Mateus. Marcos também o chama de Levi. Talvez Jesus lhe tenha dado o apelido de Mateus, que significa “presente de Deus” ou “dom de Deus”.⁶

5. *A Questão do Jejum* (5.33-39)

Este material é encontrado nos três Evangelhos Sinóticos. Para uma argumentação mais detalhada, veja os comentários sobre Mateus 9.14-17. A única adição significativa de Lucas é o versículo 39. Aqui ele afirma que o Mestre disse que nenhum homem, tendo bebido o

vinho velho, vai querer o novo, porque vai dizer que o velho é melhor. Na parábola, Jesus está usando o vinho novo e os odres novos para representar o seu Reino e os seus ensinamentos. O versículo 39 parece contradizer isso, a menos que consigamos enxergar que Jesus está tentando mostrar a lentidão dos homens - especialmente dos líderes judeus - em aceitar o que é novo. Eles insistem que o velho é melhor. Foi esta insistência que deixou os judeus fora do Reino de Cristo. Observe que não é Jesus quem diz **Melhor é o velho**, mas o homem hipotético nesta ilustração.

6. *O Senhor do Sábado* (6.1-5)

Este episódio é encontrado nos três Sinóticos, e o relato de Lucas é o mais curto deles. Para uma argumentação mais detalhada, veja os comentários sobre Mateus 12.18 (cf. também Mc 2.23-38). O único detalhe significativo de Lucas é a sua menção ao fato de que eles, esfregando-as [as espigas] com as mãos (para remover as cascas), as comiam.

7. *A Cura no Sábado* (6.6-11)

O relato deste milagre é encontrado nos três Sinóticos. Para uma argumentação mais detalhada, veja os comentários sobre Mateus 12.9-14 (cf. também Mc 3.1-6). O único detalhe significativo de Lucas é a afirmação de que os inimigos de Jesus **ficaram cheios de furor** (11) devido à cura que o Senhor realizou no sábado. Isto mostra a extensão do descontentamento deles, mas também está em total contraste com a alegria que seria a reação humana natural sob tais circunstâncias.

A obra *Pulpit Commentary* (Comentário do Púlpito) sugere as seguintes divisões para este episódio: 1) O pecado nos deixa incapacitados, 6; 2) Cristo veio para nos restaurar, 8-10; 3) Cristo exige de nós uma resposta imediata e prática, 10; 4) Abundância prática é a principal manifestação do poder renovado - isto é, o homem deveria usar a sua mão curada para ajudar os outros.

C. O Terceiro Período, 6.12—8.56

1. *A Eleição dos Doze* (6.12-16)

Os três Sinóticos incluem o relato da escolha dos Doze. Para uma argumentação sobre o material dos versículos 14-16, veja os comentários sobre Mateus 10.2-4 (cf. também Mc 3.13-19). Lucas acrescenta ao relato encontrado em Mateus o conteúdo dos versículos 12 e 13.

Subiu ao monte a orar (12). Lucas mostra Jesus em oração antes de qualquer grande acontecimento na sua vida. A escolha dos Doze era tão importante que Jesus não somente orou, mas Ele **passou a noite em oração a Deus**. O Mestre nos deu um exemplo importante para seguir. Nunca devemos tomar qualquer decisão importante sem uma temporada de sinceras orações.

Quando já era dia, chamou a si os seus discípulos (13). Um discípulo é um aluno, um estudante, um aprendiz. Todos os seguidores de Jesus eram discípulos. Tendo concluído a sua noite de oração, agora Ele estava pronto para escolher os líderes do seu Reino e da obra do seu Reino. Entre esses discípulos **escolheu doze deles, a quem também deu o nome de apóstolos**. Os apóstolos eram os “enviados” com uma mensagem. Eles eram mensageiros, mas eram mais do que isso: eram representantes e embaixadores de Cristo.

2. *O Sermão da Montanha* (6.17-29)

Este é, evidentemente, o mesmo sermão apresentado no texto de Mateus, que geralmente é chamado de Sermão do Monte. Aqui há diferenças entre os dois relatos, que levaram alguns a concluir que se trata de dois sermões separados em duas ocasiões diferentes. Mas as similaridades superam as diferenças, e estas diferenças podem ser justificadas. As similaridades são as seguintes: *a)* As duas versões começam com uma série de bem-aventuranças; *b)* As duas incluem o ensino de Jesus de amar aos inimigos; e *c)* As duas terminam com a parábola dos dois construtores.

As diferenças são as seguintes: *a)* A versão de Mateus é bem mais longa; *b)* No texto de Mateus, o sermão se deu em uma montanha, e

em Lucas em uma planície ou “um lugar plano”; c) Lucas inclui algum material que não é encontrado em Mateus; e d) Lucas somente menciona quatro bem-aventuranças, ao passo que Mateus apresenta nove. Entretanto, as quatro apresentadas por Lucas têm o mesmo conteúdo, embora sejam ligeiramente diferentes em forma das quatro correspondentes em Mateus.

As omissões de Lucas são coerentes com o plano e os propósitos do seu livro - as passagens omitidas tratam de assuntos que geralmente eram omitidos por Lucas. Geralmente eram assuntos de interesse principalmente, ou exclusivamente, dos leitores judeus.

O aparente conflito entre o assim chamado **lugar plano** e a montanha como o lugar onde aconteceu o sermão não representa realmente um conflito. A palavra grega traduzida como **lugar plano** no relato de Lucas significa literalmente um “lugar mais alto”, ou um platô.

O fato de que Lucas incluía algum material que Mateus não apresenta somente demonstra que nem mesmo Mateus relatou tudo o que Jesus disse naquela ocasião. Para uma ampla argumentação, veja os comentários sobre Mateus, capítulos 5 a 7.⁷ O que Lucas acrescentou merece um comentário adicional. Lucas acrescenta um toque pessoal às suas bem-aventuranças ao usar a segunda pessoa ao invés da terceira, como faz Mateus.

O primeiro acréscimo importante de Lucas é encontrado nos versículos 24-26. É uma série de desgraças que seguem as bem-aventuranças. É ao mesmo tempo interessante e significativo que estas quatro desgraças sejam as antíteses exatas das quatro bem-aventuranças. A primeira bem-aventurança é: **Bem-aventurados vós, os pobres** (20). A primeira desgraça diz: **Mas ai de vós, ricos** (24). A segunda bem-aventurança diz: **Bem-aventurados vós, que agora tendes fome** (21). A segunda desgraça diz: **Ai de vós, os que estais fartos** (25). A terceira bem-aventurança diz: **Bem-aventurados vós, que agora chorais** (21). A terceira desgraça diz: **Ai de vós, os que agora rides** (25). A quarta bem-aventurança diz: **Bem-aventurados sereis quando os homens**

vos aborrecerem (22). A quarta desgraça diz: Ai de vós quando todos os homens falarem bem de vós (26).

Assim, em cada caso, Lucas citou Jesus abençoando aqueles que o mundo normalmente considera desafortunados, e pronunciou desgraças sobre aqueles que o mundo geralmente considera afortunados. Jesus não está dizendo que aquele que é rico ou que tem amigos não possa ser salvo e ir para o céu. Ele está mostrando o perigo de estar excessivamente ligado a este mundo. Ele também está mostrando que a infelicidade é, freqüentemente, o anjo do Senhor disfarçado.

A passagem encontrada nos versículos 33 e 34 é outro detalhe não encontrado no texto de Mateus. E uma parte da argumentação sobre amar os inimigos. Lucas omite o texto de Mateus 5.47, que diz: “E, se saudardes unicamente os vossos irmãos, que fazeis de mais? Não fazem os publicanos também assim?” Este texto apresenta conotações judaicas que Lucas evidentemente achou que estariam fora de lugar no “Evangelho para os gentios”. Mas Lucas acrescenta (versículos 33-34) um exemplo de Jesus que ensina a mesma coisa, sem as implicações judaicas. Os versículos são os seguintes:

E, se fizerdes bem aos que vos fazem bem, que recompensa tereis? Também os pecadores fazem o mesmo (33). Os vossos *irmãos* e os *publicanos*, palavras judaicas em sua conotação, não aparecem aqui.

E, se emprestardes àqueles de quem esperais tornar a receber, que recompensa tereis? Também os pecadores emprestam... para tomarem a receber outro tanto (34). Aqui novamente não vemos nenhum termo que tenha uma conotação judaica, embora aqui esteja o mesmo grande princípio eterno que é encontrado no exemplo citado no texto de Mateus. Uma vez mais, no versículo 35, Lucas cita a advertência de Jesus, para emprestar sem esperar uma recompensa. Este é um excelente exemplo de como estes dois evangelistas selecionaram as partes do sermão que melhor atendiam aos seus objetivos pessoais de redação.

O versículo 38 é outra passagem que não é encontrada na versão de Mateus: **Dai, e ser-vos-á dado; boa medida, recalcada, sacudida e transbordando vos darão.**

Embora não devamos dar nem emprestar para obter recompensa, temos a garantia de que dar traz alguma recompensa. No entanto, Jesus não diz que seremos sempre recompensados em espécie ou que a recompensa será necessariamente material. A nossa recompensa será muito melhor se consistir de coisas espirituais e eternas. Existem também muitas recompensas mentais e emocionais. Ainda assim, o nosso principal interesse deve estar em “dar” e não em “receber”.

A forma literária de Lucas ao descrever os quatro níveis da boa medida é excelente. Observe a força crescente dos termos descritivos: **boa medida**; a seguir, um aumento desta boa medida, **recalcada** (para caber mais no recipiente); então ela é aumentada novamente, **sacudida** (para que ainda caiba mais). Então, quando já não cabe mais, **transbordando**. Lucas parece ter esgotado as possibilidades de aumento que esta imagem poderia comportar.

O material encontrado no versículo 40 não está na versão de Mateus do Sermão do Monte, mas ele o apresenta em outra passagem (Mt 10.24-25).

Nos versículos 40-45 encontramos “os quatro bons do Evangelho”: 1) O bom mestre, 40; 2) A boa árvore, 43; 3) O bom tesouro, 45a; 4) O bom testemunho, 45b.

3. *O Servo do Centurião é Curado (7.1-10)*

Este episódio também é encontrado no texto de Mateus. Para uma argumentação mais detalhada, veja os comentários sobre Mateus 8.5-13. Lucas omite o material encontrado nos versículos 11 e 12 de Mateus, que contêm a passagem onde Jesus diz: “Muitos virão do Oriente e do Ocidente e assentar-se-ão à mesa com Abraão, e Isaque, e Jacó... E os filhos do Reino serão lançados nas trevas exteriores”. Esta é uma omissão característica, pois Lucas raramente inclui as passagens que dizem respeito exclusivamente aos judeus.

Lucas também dá uma contribuição significativa para essa história. No relato de Mateus está registrado que *chegou junto dele* (de Jesus) *um centurião*. Na verdade, se tivéssemos somente o relato de Mateus, poderíamos concluir que o centurião foi diretamente até Jesus. Lucas nos diz que o primeiro contato, nesta ocasião, foi feito pelos anciãos dos judeus que foram até Jesus com o pedido do centurião, e que também disseram que ele era digno da consideração do Senhor. A alta estima que eles dedicavam ao centurião se baseava no fato de que ele lhes havia construído uma sinagoga. Lucas também nos informa que quando Jesus se aproximou da casa, e o centurião viu que Ele estava chegando, enviou servos para dizer a Jesus que não era digno de tê-lo em sua casa. No relato de Lucas, Jesus e o centurião não tiveram contato direto. Isto não representa uma contradição ao relato de Mateus. Mateus simplesmente está seguindo o costume antigo de omitir, sem comentar, todo o material que não é útil aos seus objetivos.

4. *A Ressurreição do Filho da Viúva de Naim* (7.11-17)

Este episódio só consta do texto de Lucas. Naim ficava na planície de Esdraelom, a cerca de três quilômetros do monte Tabor, aproximadamente trinta quilômetros a sul-sudoeste de Cafarnaum, e a uns dez quilômetros ao sul de Nazaré. Pertencia à tribo de Issacar. Naim significa “agradável” ou “formosura”.

Este milagre é uma das três ocasiões registradas no Novo Testamento em que Jesus ressuscitou os mortos, embora haja clara evidência de que outras pessoas, não informadas, tenham sido ressuscitadas.⁸ Dois destes três milagres são narrados em somente um dos Evangelhos. A ressurreição de Lázaro é encontrada somente no texto de João (11.44). O evento mencionado aqui só é encontrado no texto de Lucas. A ressurreição da filha de Jairo é apresentada nos três Sinóticos.⁹

Aconteceu... ir ele à... Naim, e com ele iam muitos dos seus discípulos e uma grande multidão (11). A multidão não se limitava a ficar ao seu redor nas cidades, mas o seguia de uma cidade a outra. Esta multidão se compunha de três grupos: os Doze, **muitos dos seus discípulos**, e **grande multidão**.

Levavam um defunto, filho único de sua mãe... viúva (12). O Evangelho de Lucas é o Evangelho dos pobres, dos oprimidos, dos infelizes. O rapaz era o filho único e a mulher era viúva. Assim, ele era a sua única fonte de sustento, assim como a sua alegria e o seu orgulho. Jesus demonstrava interesse pelas necessidades econômicas do homem, e também pelas suas necessidades físicas e espirituais.

O Senhor é um título encontrado freqüentemente no texto de Lucas e peculiar a este Evangelho. **Moveu-se de íntima compaixão por ela (13).** Observamos, antes de mais nada, que o motivo deste milagre foi a compaixão. Sem dúvida, Jesus realizou milagres para confirmar a sua divindade. Mas a sua maravilhosa compaixão nunca estava ausente quando o milagre tinha algo a ver com os problemas humanos ou com o sofrimento humano, e algumas vezes esta compaixão parece ser o único motivo envolvido. Além disso, vemos que a compaixão era relacionada à viúva. Não há indicação de que Jesus tenha se comovido pela condição do filho morto, exceto pelo fato de que a sua morte trouxe dificuldades e tristeza para a mãe. Cristo não vê a morte como uma tragédia, a menos que seja a morte de um pecador. **Não chores.** Estas amáveis palavras, vindas do grande coração amoroso de Jesus, trariam um pouco de conforto à mulher.

Tocou o esquife (e os que o levavam pararam) (14). O esquife não era um caixão como os usados pelos egípcios, mas uma estrutura plana, semelhante a uma cama, na qual o cadáver era colocado embrulhado em um tecido.¹⁰ O toque de Jesus no esquife produziu uma reação imediata naqueles que o levavam. A fama de Jesus era tão grande que eles, sem dúvida, sabiam quem Ele era, e não estavam totalmente despreparados para um milagre.

Jovem, eu te digo: Levanta-te. Quando Jesus pronunciou estas palavras, elas pareciam ser uma simples ordem ou um pedido que certamente seria seguido por algum resultado imediato. O Criador, Aquele que dá a vida, está ali, falando, e o seu poder de dar a vida fica claramente demonstrado; pois **o defunto assentou-se e começou a falar (15).**

De todos se apoderou o temor (16). O efeito do milagre sobre a multidão foi tremendo. Literalmente, “o temor dominou a todos”. Uma evidência tão inconfundível da presença e do poder de Deus produz um medo em todos - no santo, produz um temor reverente; no pecador, um medo da punição. Mas todos eles **glorificavam a Deus**.

Eles justificavam o milagre de duas maneiras: *a) Um grande profeta se levantou entre nós*, e *b) Deus visitou o seu povo*. A segunda explicação parece implicar o Messias. Como aqueles que ouviram a história da Natividade ou que viram o menino Jesus, eles sabiam que Deus estava trabalhando, mesmo que não compreendessem inteiramente a evidência que tinham diante de si.

E correu dele esta fama (literalmente, “este relato”) **por toda a Judéia e por**

toda a terra circunvizinha (17). Nenhuma obra conhecida de Jesus até este ponto criou tanta agitação, e nenhum relato se espalhou com tanto entusiasmo, alcançando uma distância tão grande.

5. *João Batista Procura Certificar-se* (7.18-23)

Veja os comentários sobre Mateus 11.2-6.

6. *Jesus Fala Sobre João* (7.24-30)

Para uma ampla e detalhada argumentação, veja os comentários sobre Mateus 11.7-15. Embora Lucas omita alguns detalhes que aparecem no texto de Mateus, ele acrescenta algo significativo nos versículos 29 e 30. Uma leitura casual poderia dar a entender que esta passagem é um comentário de Lucas e não uma parte das palavras de Jesus. Alguns estudiosos assumiram esta opinião, mas a maior parte dos estudiosos do Novo Testamento rejeita este ponto de vista. Esta passagem parece, definitivamente, ser uma parte das palavras do Mestre sobre João. Se este fosse um comentário de Lucas, isto não teria precedente nos seus escritos; em nenhuma outra parte ele interrompe um discurso com os seus comentários. Observe que o versículo seguinte (31) prossegue com o discurso de Jesus sem nenhuma introdução ou qualquer outra indicação de que o discurso

tenha sido interrompido.

Todo o povo... e os publicanos, tendo sido batizados com o batismo de João, justificaram a Deus (29). Nos versículos anteriores (24-28) Jesus comentara a pessoa de João Batista. Agora Ele aponta para a recepção diversa dos seus ensinamentos pelos dois maiores grupos de israelitas. Justificar a Deus significa declarar por palavras e atos a garantia, a justiça e a excelência dos atos e palavras de Deus. O povo comum e os publicanos, que se convenciam com mais facilidade da sua característica pecadora e das suas necessidades espirituais, aceitavam a mensagem de João, se arrependiam, recebiam o batismo e apoiavam a sua obra.

Mas os fariseus e os doutores da lei rejeitaram o conselho de Deus contra si mesmos, não tendo sido batizados por ele (30). Literalmente, “anularam” ou “reservaram para si mesmos o conselho ou o decreto de Deus”. Eles não podiam frustrar o plano de Deus, mas pela rejeição e rebelião deles podiam invalidar ou limitar os seus benefícios, naquilo que lhes dizia respeito. Assim, vemos que qualquer pessoa que se oponha a Deus, está somente interrompendo o fluxo das bênçãos divinas sobre si mesma.

7. Uma Geração Infantil (7.31-35)

Veja os comentários sobre Mateus 11.16-19

8. Jesus, Uma Mulher Penitente e um Fariseu (7.36-50)

Este evento só é mencionado por Lucas. É semelhante ao relato da refeição de Jesus na casa de “Simão, o leproso,” em Betânia,¹¹ mas as diferenças são numerosas demais para permitir a suposição de que sejam, na verdade, o mesmo evento. Entre outras coisas, as atitudes dos dois fariseus em relação a Jesus são diferentes; as duas mulheres são diferentes - a de Betânia não tinha uma sombra de vergonha sobre si; a época é diferente - este evento acontece no início do ministério de Jesus, o outro está próximo ao final; e os lugares são diferentes - o evento atual ocorre na Galiléia e o outro na Judéia (Betânia).

Rogou-lhe um dos fariseus que comesse com ele (36). Embora muitos dos fariseus estivessem ficando cada vez mais desgostosos em relação a Jesus, a separação pública e declarada ainda não havia ocorrido. Não era de surpreender, portanto, que um fariseu o convidasse para jantar. Ele provavelmente tinha muitos amigos ou pessoas que o queriam bem nessa seita.

Uma mulher da cidade, uma pecadora (37). Uma expressão como esta, na terminologia do Novo Testamento, significa uma prostituta. A palavra **pecadora** tinha um estigma muito maior na época do Novo Testamento do que hoje em dia, e isto se deve a três causas: *a)* Os fariseus usavam a palavra em um sentido muito restritivo e condenatório, para referir-se àquelas que eles consideravam as pessoas mais inferiores (moral e espiritualmente); *b)* Jesus removeu grande parte do ódio e do sarcasmo da palavra por meio das suas bonitas histórias de compaixão pelos pecadores; e *c)* O uso moderno tendeu a remover da palavra grande parte do sentido de vergonha, de erro e de rebelião que ela transmitia no seu significado original.

Sabendo que ele estava à mesa. Ela tinha ouvido muitas coisas sobre Jesus, como todos na Galiléia. Consciente do peso do seu pecado e da sua fome por alívio, ela veio até a casa. Era costume que os não convidados a um banquete ou a um jantar se colocassem em pé junto às paredes e falassem com os convidados. Mas certamente não se esperaria que uma mulher como esta entrasse na casa de um fariseu. Ela **levou um vaso de alabastro com unguento.** O alabastro é um tipo muito fino de gipsita, ou gesso natural, normalmente branco, mas não tão duro quanto o mármore, e desta forma ele pode mais facilmente ser esculpido em forma de recipiente. Normalmente os perfumes eram transportados nesse tipo de “vasos” de alabastro.

Estando por detrás, aos seus pés, chorando (38). Na Palestina, à época de Jesus, o costume era reclinar-se junto a uma mesa sobre um sofá. Os pés se esticavam na direção oposta à da mesa. Assim, foi fácil para a mulher chegar aos pés de Jesus. As suas lágrimas podiam ter sido lágrimas de arrependimento, motivadas pela lembrança da sua vergonhosa vida passada, em contraste com a santidade que era

evidente no caráter de Jesus. Mas as afirmações do nosso Senhor, nos versículos 44-50, parecem sugerir que ela já havia sido convertida em um contato anterior com Ele; que essas lágrimas eram lágrimas de alegria, e que o ungüento tinha a finalidade de demonstrar a sua gratidão. Na sua profissão vergonhosa ela estava acostumada a comprar perfumes, e alguns pensam ser possível que este fosse originalmente destinado para propósitos relacionados ao pecado. Mas agora o seu coração estava afastado do pecado e da vergonha e voltado para o Salvador. Assim como o seu corpo e a sua alma, este ungüento estava dedicado a Cristo.

A sua intenção era ungir Jesus. Mas quando ela se colocou junto aos seus pés, o seu coração se comoveu, as lágrimas começaram a correr e a cair sobre os pés de Jesus. Não tendo nada para enxugá-las, ela soltou os seus cabelos e usou-os para isso.

Se este fora profeta, bem saberia... (39). Toda a cena foi vergonhosa para Simão, o fariseu. Sem dúvida ele tinha alguma afeição por Jesus, mas como Jesus não repreendeu esta mulher pecadora, isso pareceu provar que Ele não percebia que tipo de mulher ela era. Simão não estava falando em voz alta, ele **falava consigo**. Mas é interessante notar que enquanto Simão estava meditando sobre as limitações da visão profética de Jesus - o Seu suposto desconhecimento do verdadeiro caráter da mulher - Jesus também estava lendo os pensamentos de Simão. Logo Ele revelou que não somente tinha um perfeito conhecimento do caráter da mulher, mas também do de Simão.

Simão, uma coisa tenho a dizer-te (40). Aqui Jesus profere a sua parábola dos dois devedores. Nesta parábola e na sua aplicação vemos um excelente exemplo da força e da persuasão irresistíveis dos argumentos do Mestre. Jesus não está simplesmente tentando convencer Simão de que Ele o conhece e entende; Ele quer ajudar Simão a conhecer e entender a si mesmo. Simão é cortês com Jesus e responde: **dize-a, Mestre** (literalmente, “Professor”).

Um certo credor tinha dois devedores (41). Jesus sabia o que a maioria de nós ignora: que sempre podemos parecer melhores quando

olhamos para outra pessoa. Um dos devedores de quem Jesus estava falando era Simão. Em breve ele iria saber qual deles, e iria conhecer mais sobre si mesmo. **Um devia-lhe quinhentos dinheiros, e outro, cinqüenta.** O termo **dinheiro** é uma tradução do termo originalmente empregado para esta moeda - “denário” (o plural é “denarii”). Cinqüenta denarii corresponderiam a cerca de dez dólares americanos, e **500** somariam cerca de **100** dólares americanos (uma quantia muito elevada para a época).

Não tendo eles com que pagar, perdoou-lhes a ambos (42). No campo espiritual, todos os homens estão nesta situação difícil, pois ninguém consegue pagar a sua dívida moral e espiritual. Na época de Jesus, havia duas maneiras de libertar um devedor que não pudesse pagar a sua dívida: o perdão ou a escravidão. Assim, o perdão envolvia uma grande dívida de gratidão. **Qual deles o amará mais?** A resposta é óbvia.

Quando Simão diz: **Tenho para mim que é aquele a quem mais perdoou** (43), ele está hesitante, mas não por ter dúvidas quanto à resposta para a pergunta de Jesus, mas porque ele já percebe aonde Jesus o está conduzindo. Aceitando a resposta de Simão como correta, Jesus dá início a uma aplicação clara e muito eficiente da parábola para Simão e para a mulher.

Vês tu esta mulher? (44) Ele quer que Simão veja o que ainda não viu. **Entrei em tua casa, e não me deste água para os pés; mas esta...** ele tinha negligenciado uma cortesia habitual, esperada de todos os anfitriões naquela região. O calor e a poeira da Palestina, aliados ao fato de que os sapatos ou as sandálias eram meras solas atadas aos pés com correias de couro, faziam da lavagem dos pés ao entrar em uma casa tanto uma cortesia quando uma necessidade. A mulher compensou a falta de consideração de Simão ao lavar os pés de Jesus com as suas lágrimas.

Não me deste ósculo, mas esta... (45). Outro costume tinha sido quebrado por Simão; mas a mulher, com pureza e verdadeira humildade, tinha mais do que suficiente para compensar - ela não parava de beijar os seus pés.

Não me ungiste a cabeça com óleo, mas esta... (46). Parece que Simão tinha negligenciado todas as cortesias que eram o costume e até mesmo o prazer de um anfitrião atencioso. Mas a mulher tinha ungido os seus pés. Simão tinha provado, pelo tratamento que ele mesmo dispensou ao seu Convidado, - e um Convidado a quem ele aparentemente não dedicava nenhum antagonismo - que ele não era atencioso e praticamente não tinha amor para dar.

Por isso, te digo que os seus muitos pecados lhe são perdoados (47). Estas são algumas das palavras mais preciosas que Jesus pronunciou - palavras que muitos pecadores já ouviram e com as quais muitas almas pecadoras se alegraram.

Os teus pecados te são perdoados (48). As palavras do versículo anterior foram pronunciadas *a respeito* da mulher, mas Jesus agora se voltou *para* ela. A tradução literal aqui é: “Os teus pecados foram perdoados”. Isto pode dar a entender que a mulher havia conhecido anteriormente o Senhor e se convertido, e nesta ocasião ela estava simplesmente demonstrando gratidão. Também é coerente com a parábola e a sua aplicação, pois na parábola o amor se segue ao perdão, e na aplicação a mulher demonstrou amor antes que fosse mencionada a garantia do perdão. Parece que Jesus está dando à mulher uma nova garantia, a completa certeza do perdão.

Quem é este, que até perdoa pecados? (49) Para alguns daqueles que faziam esta pergunta, o fato de Jesus perdoar pecados era possivelmente uma demonstração da sua natureza divina, e para outros era, sem dúvida, um obstáculo. Mas Jesus nunca permitiu que o perigo de ser mal interpretado o impedisse de demonstrar misericórdia ou de expressar o seu amor.

A tua fé te salvou (50). Se, como parece, esta mulher converteu-se anteriormente, a fé a que Jesus se refere também foi anterior. Mas como a mulher confirmou o seu arrependimento e o seu amor, e como Jesus confirmou o seu perdão, a mulher demonstrou uma renovação da sua fé viva em Cristo. Certamente, a coragem que os seus atos demonstraram e a sua profunda sinceridade confirmam uma robusta fé, sem a qual aquelas ações não teriam sido possíveis.

Sob o título “A Fé do Pecador” (texto, 50), Charles Simeon oferece a seguinte esquematização: *Primeiro*, As marcas e as evidências da fé dela; 1) o seu zelo; 2) a sua humildade; 3) a sua contrição; 4) o seu amor; 5) a sua confiança. *Segundo*, os frutos e as conseqüências da sua fé: 1) o perdão dos seus pecados; 2) uma garantia de que ela era aceita; 3) a felicidade e a glória eternas.

9. *Jesus em Viagem* (8.1-3)

Esta passagem só é encontrada no texto de Lucas.

E aconteceu, depois disso (1). Isto assinala uma mudança na maneira de proceder do Mestre. Parece que Ele deixou de usar Cafarnaum como sua sede e começou a mover-se em círculos maiores. **Andava de cidade em cidade e de aldeia em aldeia.** Foi uma campanha planejada para atingir toda a Galiléia. **Pregando e anunciando o evangelho do Reino de Deus.** Trata-se de uma única palavra grega que traduzida como **anunciando o evangelho** significa, literalmente, “evangelizando” ou “anunciando (proclamando) as boas-novas (ou o evangelho)”. Esta seria uma viagem de evangelização; o objetivo era divulgar as boas-novas e insistir para que os homens as aceitassem. Os doze apóstolos estavam com Ele nesta viagem.

E algumas mulheres (2). Já foi dito na Introdução que o Evangelho de Lucas é o “Evangelho das mulheres”. Aqui vemos um exemplo deste fato. Lucas nos informa que **algumas mulheres** tinham um papel vital no ministério evangelizador de Jesus. Cada uma delas tinha uma razão especial para ser muito grata a Cristo, e para se sentir devedora a Ele. Elas **havam sido curadas de espíritos malignos e de enfermidades.**

Maria, chamada Madalena, significa Maria, da cidade de Magdala. Ela é descrita como uma mulher **da qual saíram sete demônios.** Normalmente se acredita que ela tinha sido uma prostituta que havia se arrependido e se tornado uma santa discípula de Jesus. Geralmente ela é assim representada pelos pintores e por alguns historiadores antigos. Mas não há o menor sinal de evidência, seja

aqui ou em qualquer outra parte do Novo Testamento, de que ela tenha sido uma mulher imoral. Foi claramente demonstrado que ela estava entre os mais devotados discípulos de Jesus. A expressão **sete demônios** pode significar muitos demônios, já que o número sete é freqüentemente usado para indicar um número indeterminado. Sem dúvida, ela tinha sido possuída por demônios, a ponto de chegar a um estado de insanidade.

Joana, mulher de Cuza, procurador de Herodes (3). O Herodes mencionado aqui é Herodes Antipas, governador da Galiléia. O registro não diz de que mal Joana foi curada - se era uma possessão demoníaca ou uma enfermidade física. A sua posição mostra que as pessoas proeminentes também eram levadas a Cristo. Supõe-se que nesta época ela fosse viúva. Sobre **Suzana** não se sabe nada, exceto o seu nome. **Muitas outras.** Apenas três nomes são mencionados - sem dúvida devido à sua importância. Mas houve muitas mais, constituindo uma grande seqüência de mulheres que **o serviam com suas fazendas**. Isto talvez signifique que todas eram mulheres de posses, possivelmente membros da classe alta.

10. *A Parábola do Semeador* (8.4-15)

Este episódio é mencionado nos três Sinóticos. Para uma argumentação mais detalhada, veja Mateus 13.1-9, 18.23 (cf. Mc 4.1-20).

Aqui podemos encontrar a “análise do solo feita por Deus”. Observamos 1) O solo junto do caminho - os corações endurecidos, 5; 2) O solo sobre pedra - os corações superficiais, 6; 3) O solo entre espinhos - os corações que não estão santificados, 7; 4) A boa terra - os corações que dão frutos, 8.

11. *A Luz Escondida* (8.16-18)

Este ensino é encontrado em Marcos, mas Mateus o omite. Para uma ampla argumentação, veja os comentários sobre Marcos 4.21-25.

Ninguém, acendendo uma candeia (16), literalmente, uma

lâmpada. Marcos coloca esta afirmação sob a forma de pergunta. O propósito da luz é o de revelar. A luz escondida é algo impensável.

Não há coisa oculta que não haja de manifestar-se (17). A luz reveladora de Deus não pode ser escondida, e nada pode se esconder dela. Aquele que tentar esconder segredos de Deus será considerado tolo.

Vede, pois, como ouvis (18). Não somente devemos ouvir, como diz Marcos (4.24), mas também é importante a maneira como ouvimos. Nós temos a obrigação de ouvir - de escutar. A seguir, temos a obrigação adicional de agir de acordo com a nova luz que nos vem daquilo que ouvimos. A luz, que vem da Palavra e do Espírito Santo, se transforma em escuridão quando não lhe damos atenção.

A qualquer que tiver lhe será dado, e a qualquer que não tiver até o que parece ter lhe será tirado... Aquele que tem, como resultado da audição correta e do reconhecimento da obrigação, lhe será confiado mais. **Até o que parece ter** - Marcos simplesmente diz “até o que tem” (4.25). O preguiçoso e o impostor espiritual nunca possuirão verdadeiras riquezas, mas até mesmo o que parecem ter lhes será tirado. Algumas vezes é difícil, para o espectador, distinguir a diferença entre o real e o aparente, mas Deus conhece a diferença e lida com os homens da melhor maneira possível.

Barclay chama este parágrafo de “As Leis da Vida”. Ele observa três delas: 1) A evidência essencial da vida cristã, 16; 2) A impossibilidade do segredo, 17; e 3) O homem que tem, terá mais - o que procura, sempre encontrará.

12. *A Mãe e os Irmãos de Jesus* (8.19-21)

O relato deste episódio no texto de Lucas é mais curto do que no de Marcos e no de Mateus.¹² É particularmente interessante observar que Lucas omite as perguntas: “Quem é minha mãe? E quem são meus irmãos?” encontradas nos outros Evangelhos. É possível que ele tenha julgado que isto poderia ser interpretado, pelos seus leitores gentios, como um desrespeito a Maria, que havia recebido um lugar de

importância neste Evangelho. Além disso, como já foi visto anteriormente, Lucas dá às mulheres um lugar mais elevado do que era habitual na Palestina do seu tempo. Para uma ampla argumentação, veja Mateus 12.46-50.

13. *O Senhor da Tempestade* (8.22-25)

Este relato é encontrado nos três Sinóticos. Para uma argumentação mais detalhada, veja Mateus 8.18, 23-27 (cf. Mc 4.35-41).

14. *O Endemoninhado Gadareno* (8.26-39)

O relato deste milagre é encontrado nos três Sinóticos. A narrativa mais extensa é a de Marcos, e a mais curta é a de Mateus. Lucas acompanha Marcos, diferindo um pouco na escolha de palavras, mas os fatos são bastante similares. Para uma argumentação mais detalhada, veja Marcos 5.1-20 (cf. Mt 8.28-34).

15. *A Ressurreição de Uma Menina e a Cura de Uma Mulher* (8.40-56)

Estes dois milagres formam um único episódio, pois um deles foi realizado quando o Senhor estava a caminho para realizar o outro. Os três Sinóticos incluem os dois milagres, e os três indicam a cura da mulher como sendo uma espécie de interrupção no caminho, quando o Senhor estava indo ressuscitar a menina. Marcos é o que dá o relato mais detalhado, e Mateus o mais curto. Lucas mais uma vez acompanha Marcos. Para uma argumentação detalhada, veja os comentários sobre Marcos 5.21-43 (cf. também Mt 9.1,18-26).

Lucas diz que a menina tinha doze anos, ao passo que Mateus omite a sua idade, e Marcos a informa no final. Mateus não menciona que os médicos não tinham conseguido ajudar a mulher. Mas é interessante notar como o assunto é tratado por Lucas, um médico, e por Marcos. Marcos diz que a mulher “havia padecido muito com muitos médicos, e despendido tudo quanto tinha, nada lhe aproveitando isso, antes indo a pior” (Mc 5.26). Lucas não é tão crítico com os médicos. Ele diz que ela **gastara com os médicos todos os seus haveres, e**

por nenhum pudera ser curada (43).

Com relação à cura da filha de Jairo, Maclaren observa três pontos: 1) Uma palavra de encorajamento que sustenta uma fé fraca - **Não temas; crê somente, e será salva**, 50; 2) Uma palavra de revelação que suaviza a severidade da morte - **não está morta, mas dorme**, 52; 3) Uma palavra de poder que traz de volta a menina - **Levanta-te, menina!**, 54.

D. O Quarto Período, 9.1-50

1. A Missão dos Doze (9.1-6)

Os quatro períodos do ministério de Jesus na Galiléia, exceto o primeiro, têm início com um episódio relativo aos discípulos (ou parte deles) - o Senhor naturalmente não tinha discípulos regulares no início do primeiro período. O segundo período começa com a chamada de quatro discípulos - Pedro, André, Tiago e João. O terceiro período começa com a escolha dos Doze. Agora, o quarto período começa com a missão dos Doze. Este episódio é encontrado nos três Sinóticos. Mateus fornece um relato detalhado com recomendações aos Doze. Para uma argumentação mais detalhada, veja Mateus 9.36—11.1.

2. Herodes se Perturba (9.7-9)

O relato de Lucas neste ponto é muito mais curto do que o dos outros dois Sinóticos. Ele só trata do problema de Herodes para identificar Jesus, ao passo que os outros dois evangelistas discutem a morte de João em conexão com esta temática. Neste ponto, Lucas apenas menciona a morte de João. Ele havia mencionado a prisão de João ao concluir sua narrativa do ministério do Batista (veja comentários sobre Lc 3.18-20). Para uma argumentação mais ampla, veja os comentários sobre Mateus 14.1-12.

3. Cinco Mil são Alimentados (9.10-17)

Esta narrativa é encontrada nos quatro Evangelhos.¹³ Para uma argumentação mais detalhada, veja os comentários sobre Mateus 14.13-21.

4. *A Grande Confissão* (9.18-21)

Este episódio é encontrado nos três Sinóticos. Para uma argumentação mais detalhada, veja os comentários sobre Mateus 16.13-20 (cf. também Mc 8.27-30).

5. *Jesus Ensina Um Comprometimento Total* (9.22-27)

Este registro é feito nos três Sinóticos. Para uma argumentação mais detalhada, veja os comentários sobre Mateus 16.21-28 (cf. também Mc 8.31—9.1).

6. *A Transfiguração* (9.28-36)

Este episódio é narrado nos três Sinóticos. Para uma ampla argumentação, veja os comentários sobre Mateus 17.1-13 (cf. também Mc 9.2-13). Lucas apresenta três contribuições à história:

- 1) Ele nos diz que Jesus subiu ao monte para orar, e que Ele se transfigurou enquanto estava orando (28-29).
- 2) Ele informa que Moisés e Elias falaram da morte de Jesus, que estava próxima, e que havia de se cumprir em Jerusalém (30).
- 3) Ele narra que Pedro, Tiago e João dormiram durante uma parte dos acontecimentos na montanha, e acordaram a tempo de ver os visitantes do céu (32).

Estes detalhes não alteram materialmente a história, mas ainda assim são significativos. O primeiro certamente é uma característica de Lucas. Ele, mais do que qualquer outro escritor dos Evangelhos, narra os exemplos significativos de oração na vida de Jesus. O conhecimento deste fato aprofunda o valor religioso da história.

Como a transfiguração está obviamente relacionada com a missão de Cristo na terra, o seu significado é esclarecido pelo relato de Lucas de que o tema da conversa era a morte expiatória de Cristo. Assim, é apropriado que Moisés e Elias estivessem ali, para representar a Lei e

os Profetas, em uma última reunião com o Redentor antes do pagamento do preço da redenção. ’

O terceiro detalhe que Lucas adiciona ao relato injeta o elemento humano na história. Precisamos sempre recordar que estes três vigorosos e devotados seguidores eram profundamente humanos. O sono, o medo e a frustração caracterizaram as suas reações nesta ocasião.

7. *Um Espírito Imundo é Expulso de Um Menino* (9.37-43a)

Marcos apresenta este episódio com detalhes, enquanto que os relatos dos outros dois Sinóticos são mais curtos. Nos pontos onde Lucas difere de Mateus, ele geralmente acompanha de forma muito próxima o texto de Marcos. Para uma argumentação mais detalhada, veja os comentários sobre Marcos 9.14-29 (cf. também Mt 17.14-20).

8. *Jesus Prediz a Sua Paixão* (9.43-45)

Os três Sinóticos contêm esta profecia. Novamente, Lucas acompanha Marcos mais do que Mateus nos detalhes. Para uma argumentação mais detalhada, veja os comentários sobre Marcos 9.30-32 (cf. Mt 17.22-23).

9. *Um Pensamento Diferente do Proclamado por Cristo* (9.46-50)

Os três Sinóticos relatam este episódio. O relato de Marcos é mais detalhado que os outros, e apresenta uma correspondência mais próxima com o de Lucas do que com o de Mateus. Para uma argumentação detalhada, veja os comentários sobre Marcos 9.33-50 (cf. Mt 18.1-6).

1

O que Devo Fazer? (3.10-14)

Nestes versículos, João é mais o conselheiro do que o evangelista. Aqui ele lida com problemas característicos de grupos específicos - problemas que poderiam impedir ou atrapalhar a vida espiritual

daqueles que os confrontavam.

E a multidão o interrogava... Que faremos, pois? E, respondendo ele... Quem tiver duas túnicas, que reparta com o que não tem... (10-11). **Amultidão** significa, literalmente, “a massa”. Eles representavam um grupo representativo da população, por isso a resposta de João era aplicável a todos - era um princípio universal. Este é o princípio que agora chamamos de caridade cristã ou amor fraterno. O apóstolo João afirma a

2

João e Herodes (3.18-20)

O versículo 18 é outro daqueles elos literários entre os acontecimentos que caracterizam o Evangelho de Lucas e marcam a sua superioridade literária em relação aos

A VIAGEM PARA JERUSALÉM O MINISTÉRIO NA PERÉIA

Lucas 9.51—19.27

Chamar esta grande divisão do Evangelho de Lucas de “A Viagem para Jerusalém” é uma simplificação excessiva, pois não foi uma simples e contínua viagem em direção àquela cidade. Ao contrário, foi um ministério evangelístico e de ensino, cujo destino final era Jerusalém. Pelo menos uma vez durante este ministério o Mestre fez uma curta viagem até lá (10.38-42).

De modo geral, o curso tomado por Jesus foi o seguinte: Ele iniciou este período na Galiléia, a oeste do rio Jordão. Atravessou o Jordão ao sul do mar da Galiléia e ao norte de Samaria. Passou pela região da Peréia, do norte para o sul (com muitas viagens intermediárias), até que alcançou um ponto no lado leste do Jordão, do outro lado de Jerico. Lá Ele cruzou o Jordão, passou por Jerico e subiu para Jerusalém. Parte da evangelização desta área parece ter sido conseguida através do envio de grupos de discípulos. Este ministério parece ter preenchido os últimos seis ou sete meses anteriores à Paixão de Cristo.

A maior parte do material nesta divisão da narrativa de Lucas não se encontra em nenhum outro Evangelho. Algumas das mais bem conhecidas e mais apreciadas histórias de todos os Evangelhos são encontradas aqui - “O Bom Samaritano”, “O Filho Pródigo”, “O Rico e Lázaro” e muitas outras.

A. O Primeiro Estágio, 9.51—13.21

1. A Rejeição dos Samaritanos (9.51-56)

E aconteceu que, completando-se os dias para a sua assunção, manifestou o firme propósito de ir a Jerusalém (51). Aqui está a introdução de Lucas para toda

esta divisão, e que define todo o ritmo do que se segue. A partir deste

ponto, a sombra da cruz cai sobre tudo o que é dito ou feito. Note, porém, que a ênfase não é sobre a morte ou a cruz, mas sobre a **assunção**. Jesus não perdeu a cruz de vista, mas a sua atenção estava concentrada além dela.

A frase **manifestou o firme propósito...** implica uma fixação concentrada e centralizada de sua atenção em seu próprio sacrifício, que era o propósito central de sua Encarnação. Deste ponto até o Calvário, Ele foi reconhecido como aquele cujo “rosto apontava para uma direção” e um propósito definido. Até os samaritanos notaram isso (cf. v. 53).

E mandou mensageiros para uma das aldeias de samaritanos (52). Parece que se os samaritanos estivessem dispostos, o estágio final do ministério de Jesus, antes dos seus últimos dias em Jerusalém, poderia ter acontecido em Samaria. Os samaritanos teriam ao menos compartilhado o seu precioso ministério.

Os samaritanos eram mestiços na raça e semi-pagãos na religião. Quando os assírios conquistaram Israel (as dez tribos) eles levaram cativos muitos dos israelitas e trouxeram pagãos do leste para tomarem o lugar deles na Palestina. Assim, ocorreu a mistura de raças e, ao longo do tempo, a religião deles também se tornou híbrida, com um templo rival e a afirmação de que o monte Gerizim era o lugar apropriado para a adoração.¹ A intensa rivalidade entre a Samaria e a Judéia começou na partilha do reino de Salomão² e intensificou-se após a miscigenação da raça pelos assírios — especialmente como resultado do conflito entre Sambalate e os judeus que retornaram do cativeiro na Babilônia.¹ Na época de Jesus, os judeus odiavam os samaritanos e os consideravam como estando no mesmo nível dos cães; os samaritanos retribuía na mesma moeda, de maneira que os judeus tinham duas razões para evitar Samaria: ódio e medo.

Mas não o receberam, porque o seu aspecto era como de quem ia a Jerusalém (53). Não há dúvidas de que os samaritanos sabiam algo a respeito de Jesus - de suas obras e de seus ensinamentos. Este

versículo parece indicar que eles o teriam recebido se Ele não estivesse decidido a ir a Jerusalém. Eles, sem dúvida, perceberam nele muita coisa desejável e sabiam que a hierarquia judaica não gostava dele. Isso o tornava mais atraente para eles. Mas sua determinação de ir para Jerusalém o tornou inaceitável.

Queres que digamos que desça fogo do céu e os consuma, como Elias também fez? (54). O Senhor sabia o que estava fazendo quando chamou Tiago e João de “Filhos do Trovão”. Aqui, sua disposição natural inflamada, sua típica antipatia judaica pelos samaritanos, e o fato de que o Senhor deles havia sido desprezado, eram suficientes para que sugerissem a aniquilação como forma de castigo. E eles tinham um precedente no Antigo Testamento.

Vós não sabeis de que espírito sois (55) significa, literalmente: “Vocês não sabem a que espírito pertencem”. Jesus não condenou Elias, mas queria que os seus discípulos soubessem que eles teriam um espírito diferente.⁴ Eles precisavam aprender que estavam ingressando na dispensação do amor, da piedade, do perdão e da misericórdia. Jesus não viera para destruir os pecadores, mas para lhes dar o Evangelho e uma oportunidade para se arrependerem.

Porque o Filho do Homem não veio para destruir as almas dos homens, mas para salvá-las (56). E foram para outra aldeia.

Aqui está um exemplo de misericórdia. E sempre melhor ir para outra aldeia do que pedir que o fogo caia. Mas a outra aldeia era uma aldeia judaica e isto marca a desistência de uma possível evangelização de Samaria. Marca também a mudança de direção, rumo à Peréia.

2. O Custo do Discipulado (9.57-62)

Uma certa pessoa disse: **Senhor, seguir-te-ei para onde quer que fores. E disse-lhe Jesus: As raposas têm covis, e as aves do céu, ninhos, mas o Filho do Homem não tem onde reclinar a cabeça (57-58).** Um compromisso superficial é facilmente estabelecido, mas por trás dele há muitas vezes um motivo egoísta. Aqui Jesus deixa claro que qualquer que quisesse segui-lo para obter ganhos terrenos ficaria desapontado. Para mais informações, veja os comentários sobre Mateus 8.18-22.

E disse a outro: Segue-me. Mas ele respondeu: Senhor, deixa que primeiro eu vá enterrar meu pai. Mas Jesus lhe observou: Deixa aos mortos o enterrar os seus mortos; porém tu vai e anuncia o Reino de Deus (59-60). O homem do versículo 57 ofereceu seus serviços e foi desencorajado. Este outro homem (59) recebeu um chamado especial de Jesus (**Segue-me**). Ele planejava obedecer ao chamado, mas queria fazer uma outra coisa primeiro. Jesus lhe informou que o seu chamado atual era mais importante do que qualquer outra coisa.

Disse também outro: Senhor, eu te seguirei, mas deixa-me despedir primeiro dos que estão em minha casa. E Jesus lhe disse: Ninguém que lança mão do arado e olha para trás é apto para o Reino de Deus (61-62). Este homem ofereceu, voluntariamente, seus serviços ao Mestre, mas queria adiar seus serviços religiosos até que as suas obrigações sociais tivessem sido cumpridas. Jesus está dizendo aqui, como nas duas passagens antecedentes, que servir a Cristo e ao seu Reino devem vir em primeiro lugar. Se não o pusermos acima de tudo o mais, não importa quão importantes sejam as demais coisas, não poderemos ser discípulos dele. Uma vez que tenhamos lançado nossas mãos ao arado no campo do Mestre, não poderemos olhar para trás. Jesus parece sugerir que este discípulo voluntário ainda está olhando ardentemente para as coisas que está deixando para trás.

Devemos nos lembrar de que Jesus enxergou estes três compromissos ou respostas mais profundamente do que seríamos capazes de enxergar. Ele viu a atitude do coração que os impelia. Ele sabia se os compromissos eram de coração ou não, e Ele, simplesmente, não queria discípulos que tivessem um coração dividido. Sua obra e sua pessoa são importantes demais para ter discípulos superficiais.

Charles Simeon descreve estes três personagens aqui. O primeiro (57-58) professa o extremo desejo de seguir a Cristo. O segundo (59-60) manifesta um elevado grau de relutância. O terceiro (61-62) professa um desejo de seguir a Cristo, mas pede permissão para um adiamento. Ao primeiro, Cristo mostra as dificuldades do discipulado. Ao segundo, mostra que qualquer consideração tem que ser posta de

lado. Ao terceiro, Ele administra uma solene advertência. ¹

presidente ou *nasi*) e, de acordo com a lenda judaica, os setenta povos ou nações da Terra, além dos judeus. O simples fato de que Jesus tinha estes muitos discípulos dignos de confiança é significativo. Muitas vezes nos esquecemos de que Ele tinha muitos seguidores leais.

Mandou-os... de dois em dois. Para ajuda mútua e encorajamento. **A todas as cidades e lugares aonde ele havia de ir.** Estes deveriam preparar a visita dele a essas cidades. Neste momento, os doze apóstolos estavam *com* Ele; os setenta foram **adiante da sua face**. É possível que cada uma dessas duplas de discípulos fosse a apenas uma cidade e ficasse por lá, pregando, ensinando e preparando, em outros aspectos, a visita de Jesus. Isto totalizaria trinta e cinco cidades e aldeias visitadas por Jesus em seu ministério na Peréia, e Ele dificilmente visitaria muitas mais em um período de seis ou sete meses, a menos que suas visitas fossem muito breves.

Do versículo 2 até o 16, Jesus dá instruções e admoestações aos setenta. Muitas destas são instruções iguais ou semelhantes às instruções dadas em várias ocasiões aos doze apóstolos. Alguns críticos tropeçam nesta similaridade entre as passagens. Porém é mais razoável que Jesus tenha dado as mesmas admoestações por duas vezes, se as exigências das situações fossem as mesmas. Qualquer líder da igreja admoestando grupos de obreiros inevitavelmente repetiria vários pontos, pois todos eles precisariam basicamente das mesmas instruções.

Grande é, em verdade, a seara, mas os obreiros são poucos (2). A metáfora da seara parece ter sido uma das favoritas de Jesus. A seara das almas humanas sempre foi grande e os obreiros sempre foram, tragicamente, poucos. É a fatal falta de interesse do homem pelos seus companheiros que mantém este número tão pequeno. Mas o Mestre torna claro, através de seu Evangelho, que este interesse é um teste do discipulado. Seus discípulos estão trabalhando na seara. Aqueles que não estão trabalhando não merecem ser chamados de discípulos.

Rogai, pois, ao Senhor da seara que envie obreiros para a sua seara. Levar a seara ao celeiro é nossa responsabilidade. E conseguir os obreiros necessários é, em parte, nossa responsabilidade. Devemos enxergar as necessidades e rogar que o Senhor envie obreiros adicionais, mas nenhum homem tem o direito de orar pedindo ajuda na seara, até que esteja fazendo o melhor de si. Deus não enviará obreiros para ajudar um preguiçoso - ele não precisa de ajuda para fazer o que está fazendo.

Eis que vos mando como cordeiros ao meio de lobos (3). Que paradoxo: Cordeiros saindo para salvar ovelhas de lobos! Aqui está a simplicidade unida ao desamparo: nenhuma arma carnal como defesa. Mas Deus tem uma maneira de criar a força a partir da fraqueza, e de usar até a morte como uma arma da vitória e da vida. Aqui vemos a supremacia de Cristo. Ele é o maior Vencedor do mundo, e ainda assim as suas forças não foram utilizadas no que se refere à defesa carnal ou terrena. Os cristãos têm sido assassinados aos milhares, mas o avanço triunfal continua. A esta altura temos que parar e meditar e ganhar uma nova luz e inspiração para a tarefa e a batalha dos dias atuais. Não estamos desprotegidos, pois Cristo está conosco. Uma vez que a própria morte não nos vence, podemos começar a entender que somos imbatíveis. Mas, se começarmos a nos equipar com armas carnis, estaremos caminhando em direção à derrota.

Não leveis bolsa, nem alforje, nem sandálias (4) significa, literalmente, “sem bolsa, nem sacola de mantimentos, nem sandálias extras”. Os setenta não deveriam carregar o peso da bagagem nem ficar embaraçados com os mantimentos. Eles tinham uma missão mais importante, e os negócios do Rei exigiam pressa. Veja, também, os comentários sobre Mateus 10.9ss.

A ninguém saudeis pelo caminho. Isto se refere, particularmente, à longa e tediosa saudação habitual no Oriente. Eles não deveriam desperdiçar seu tempo precioso, mas deveriam estar tão absorvidos com sua missão, que sua devoção sincera seria percebida por todos com quem se encontrassem.

Se ali houver algum filho de paz (6). Filho de paz é uma

expressão aramaica para “um homem pacífico” ou “um homem de boa reputação”, “respeitável”. Esses mensageiros de Cristo deveriam ficar em casas respeitáveis. Eles não deviam macular o nome de Cristo, habitando com alguém desprezível ou indigno.

Ficai na mesma casa, comendo e bebendo do que eles tiverem, pois digno é o obreiro de seu salário (7). Eles não deveriam fazer exigências, mas ser gratos por qualquer coisa que lhes fosse dada; e não deveriam se considerar (ou serem considerados por outros) mendigos, mas como obreiros poderiam receber seus pagamentos. **Não andeis de casa em casa.** A casa em que fossem originalmente recebidos, deveria ser seu domicílio enquanto estivessem em uma cidade ou aldeia.

Para uma discussão mais detalhada a respeito do material dos versículos 8-12, veja os comentários sobre Mateus 10.14-15; quanto aos versículos 13-15, veja os comentários sobre Mateus 11.21-24; para as notas sobre o versículo 16, veja Mateus 10.40.

E voltaram os setenta com alegria, dizendo: Senhor, pelo teu nome, até os demônios se nos sujeitam (17). Eles estavam maravilhados com o poder miraculoso que lhes fora permitido exercer. Estavam jubilosos com a lembrança de suas realizações. Mas Jesus lhes mostrou (20) que sua alegria não era correta, pois tinha o foco errado. Entretanto, Ele não os repreendeu por sua alegria ao verem o reino de Satanás sofrer perdas.

Eu via Satanás, como raio, cair do céu (18). Aqui Jesus estava tanto lembrando como profetizando. Satanás havia sofrido algumas importantes derrotas - especialmente no que se refere à tentação de Cristo. Mas Jesus aguardava ansiosamente a queda de Satanás; a sua completa derrota nas mãos do próprio Cristo.

Eis que vos dou poder para pisar serpentes, e escorpiões, e toda a força do Inimigo (19). Esta escritura tem, de fato, uma implicação literal,⁵ mas o contexto parece exigir que o principal significado seja espiritual. Note como Jesus faz uma analogia entre **serpentes, e escorpiões, e toda a força do Inimigo.** Tanto

os versículos anteriores como os posteriores se referem às forças satânicas. A gramática desses versículos implica, também, que essas **serpentes e escorpiões** estão incluídos nas forças do inimigo. O simbolismo é comum para as forças satânicas ou demônios e até para o próprio Satanás. O significado principal é que os cristãos têm poder para pisar triunfantemente sobre os exércitos de Satanás, através do auxílio e da graça de Jesus Cristo.

Mas... (20) mostra que o que se segue não era uma repreensão. ...não vos alegreis porque se vos sujeitem os espíritos; alegrai-vos, antes, por estar o vosso nome escrito nos céus. Esta é a ênfase correta, o terreno próprio para alegrar-se. O poder e sua manifestação são muito deslumbrantes, mas a vida eterna é mais importante. Ter a cidadania do céu é mais importante do que atemorizar o inferno.

4. O Momento de Júbilo de Jesus (10.21-24)

Se alegrou Jesus no Espírito Santo e disse: Graças te dou, ó Pai... porque escondeste essas coisas aos sábios e inteligentes e as revelaste às criancinhas

(21). Esta é uma daquelas ocasiões em que o contentamento encheu o coração do Homem de Dores e Ele **se alegrou... no Espírito Santo**. Ele tinha duas razões para se alegrar: a vitória havia coroado os esforços dos setenta, e a verdade divina havia sido comunicada a esses “bebês” em Cristo - verdades que os sábios e inteligentes deste mundo não haviam notado. Com a ajuda de Deus, estes homens incultos haviam penetrado mais profundamente na verdade do que os filósofos de todos os tempos, sem a ajuda da revelação divina. Note que o Pai havia **revelado** essas coisas a eles.⁶

Nesta passagem, a obra *Pulpit Commentary* (Comentário do Púlpito) oferece um esboço dividido em três partes: 1) A alegria da gratidão, 20; 2) A herança daqueles que têm um coração humilde, 21; 3) O refúgio daqueles que se sentem perplexos - **porque assim te aprouve, 21.**

Tudo por meu Pai me foi entregue (22). Duas palavras estão

expressas nesta frase. Por um lado, todo o poder do céu está à disposição de Jesus, caso Ele escolha usá-lo em sua guerra contra Satanás. Por outro lado, estas palavras mostram a completa submissão do Filho ao Pai, durante a sua curta permanência terrena. Esta submissão ou subordinação do Filho ao Pai é tanto voluntária quanto temporária.

Ninguém conhece quem é o Filho, senão o Pai. Só o divino Pai pode compreender a divina pessoa do Filho. **Nem quem é o Pai, senão o Filho.** Só o divino Filho compreende a divina pessoa do Pai. Só a Divindade pode compreender a Divindade. **E aquele a quem o Filho o quiser revelar.** O homem pode ter uma compreensão pálida e fragmentada do Pai, mas mesmo isto só é possível se o Pai lhe for revelado pelo Filho. E o Filho quem escolhe aqueles a quem Ele revelará o Pai. Nesta ocasião, Ele escolheu estes “bebês” ao invés dos **sábios e inteligentes.** A revelação vem “do” Pai, mas “através” do Filho.

E, voltando-se para os discípulos, disse-lhes em particular (23). Jesus tinha uma mensagem particular para eles, e não queria que as pessoas mundanas a ouvissem. Deus muitas vezes compartilha mensagens particulares com seus filhos - mensagens sobre as quais as outras pessoas que os cercam nada sabem. **Bem-aventurados os olhos que vêem o que vós vedes.** Estas palavras podiam ser lembradas com proveito nos dias de trevas que se seguiriam - quando a bem-aventurança na vida deles não seria tão aparente. Eles estavam vendo o início do poderoso avanço do Reino de Deus na terra. Estes discípulos não compreenderiam, tão cedo, o completo significado dessas palavras - talvez nunca neste mundo. Mas como discípulos, eles teriam uma revelação e uma compreensão progressivas do gracioso privilégio que lhes pertencia como embaixadores de Cristo.⁷

Pois... muitos profetas e reis desejaram ver o que vós vedes e não o viram; e ouvir o que ouvis e não o ouviram (24). Os homens na antiga dispensação viram estas coisas de forma vaga através dos olhos proféticos. Eles estavam destinados a jamais ver (neste mundo) as coisas que prediziam. Nenhum profeta ou rei no

grande passado de Israel havia sido tão abençoado quanto estes homens humildes. Embora provenientes das camadas mais baixas da sociedade, eles saíram para proclamar o estabelecimento do Reino de Cristo - as boas-novas da salvação.

5. O Bom Samaritano (10.25-37)

Esta é uma das histórias mais queridas do Novo Testamento. Estamos em débito com Lucas por tê-la registrado, pois nenhum outro autor do Novo Testamento a registra. A ocasião em que ela foi contada evidentemente ocorreu em Jerusalém, ou em suas proximidades - possivelmente em Betânia, na casa de Lázaro, quando Jesus fez sua curta viagem a Jerusalém para a celebração da Festa da Dedicção. Note que nos eventos seguintes (38-42) Ele está em Betânia.

Um certo doutor da lei (25). Estes homens são, às vezes, chamados de escribas -instruídos na lei de Moisés e na tradição judaica. **Se levantou.** Evidentemente, ele estava sentado entre aqueles que estavam ouvindo os ensinamentos de Jesus. Ele se levantou para chamar a atenção do Mestre e fazer uma pergunta. **Tentando-o.** Sua pergunta não era uma sincera busca pela verdade, mas uma pergunta maliciosa, que tinha a intenção de envolver o Mestre em uma das freqüentes disputas judaicas. **Que farei para herdar a vida eterna?** A artimanha contida nesta aparente busca inocente de orientação espiritual, foi percebida pelo Mestre. Ele evitou a resposta esperada ao fazer uma pergunta ao doutor da lei, deixando-o, assim, na defensiva. **Que está escrito na lei? Como lê?** (26). Se a Lei contivesse a resposta, um doutor da lei deveria saber qual era.

Amarás ao Senhor teu Deus... e ao teu próximo (27). O doutor da lei usou os dois textos encontrados entre as expressões do Antigo Testamento que melhor ilustram as atitudes que devemos ter no tempo do Novo Testamento. Para uma discussão do significado desses textos veja os comentários sobre Mateus 22.37-40.⁸

Respondeste bem (28). Jesus elogiou sua resposta e acrescentou, **faze isso e viverás.** O amor a Deus e aos seus semelhantes é a exata essência da verdadeira religião. Se o doutor da lei conseguisse viver

de acordo com esta regra, ele asseguraria viver eternamente.

Ele, porém, querendo justificar-se a si mesmo (29). Aquele homem se sentiu obviamente condenado pela segunda regra, embora nenhuma acusação tenha sido feita por alguém. Seu amor por Deus também estava, lamentavelmente, ausente. Mas sua relação e atitude para com o seu próximo puderam ser mais facilmente detectadas e medidas do que o seu amor por Deus. Ele condenou a si próprio - pelo menos revelou o seu senso de condenação ao tentar se justificar. **E quem é o meu próximo?** Evidentemente havia muitos a quem ele não amava, mas ele estava perguntando (e ao mesmo tempo satisfeito por saber a resposta): “Aqueles a quem eu não amo, são meus próximos?” Jesus lhe respondeu contando uma importante parábola, significativa como história, memorável como uma duradoura parcela de revelação divina, e notavelmente apropriada para a situação e para o homem. Nesta história o esclarecimento não é dado através de um preceito, mas pelo exemplo.

Descia um homem de Jerusalém para Jerico (30). Não se tem qualquer informação sobre o homem, além dos acontecimentos de sua jornada. Seu nome não é informado, nem mesmo a sua raça é declarada. Isto fica por conta de Lucas, pois ele está apresentando Jesus como o Salvador de todos os homens. No entanto, a implicação da história é que ele era judeu - grande parte da essência e da força da história dependem deste fato.

Jerico estava situada a cerca de vinte e sete quilômetros a noroeste de Jerusalém, e a cerca de oito quilômetros do rio Jordão. Jerico está a cerca de mil metros abaixo de

Jerusalém, de modo que em uma viagem como a deste homem seria necessário enfrentar uma descida bastante íngreme. O terreno entre estas duas cidades era acidentado e desabitado em alguns lugares, embora a estrada entre eles fosse bastante movimentada - uma das mais importantes estradas na Palestina. A aspereza da região e o número de viajantes a tornavam um paraíso para os bandidos.

Esta história pode ter sido um incidente real na estrada de Jerico, em

vez de uma simples parábola. Se for, com certeza foi bem escolhida pelo Mestre, pois tudo na história se ajusta perfeitamente à lição que Ele está ensinando.

Ele **caiu nas mãos dos salteadores** - literalmente “ladrões” ou “bandidos”. Os salteadores só estavam interessados em roubar os bens de alguém. Ladrões ou bandidos muitas vezes ferem ou matam. Este viajante não só teve seus bens roubados, mas também foi deixado **meio morto** (30).

Um **certo sacerdote** (31). Um grande número de sacerdotes e levitas vivia em Jerico e subia até Jerusalém quando chegava o seu período de servir no Templo. É interessante notar que esta é a única vez em que Jesus falou de algum modo contra os sacerdotes. A posição deles como guardiões da casa de Deus parece ter sido respeitada por Jesus, embora muitas vezes eles fossem pessoalmente merecedores de sua censura. Este sacerdote, em particular, podia estar vindo, naquela época, do Templo, ao término do seu período de uma semana de serviços. Sendo assim, ele provavelmente passou para o outro lado da estrada para evitar a profanação cerimonial, o que interferiria em suas funções sacerdotais por algum tempo. De qualquer forma, alguma outra coisa era mais importante para ele do que a vida de um homem - mesmo a vida de um semelhante judeu.

De igual modo, também um levita (32). Os levitas ajudavam os sacerdotes, executando os serviços necessários no terreno ao redor do Templo. Este levita realmente mostrou alguma compaixão - ou só curiosidade? Ele veio e olhou para o homem. Mas ele não era melhor do que o sacerdote, pois desprezou a pouca compaixão que sentiu. Ele também **passou de largo**. Qualquer que fosse o motivo que levou a ambos, o sacerdote e o levita, a passarem pelo seu semelhante judeu sem ajudá-lo, a ênfase é a mesma: o que importa é o que lhes faltou, e não o motivo pelo qual não agiram. Eles estavam quase (se não inteiramente) desprovidos de amor pelo seu próximo. O doutor da lei, em cujo benefício Jesus estava contando a história, teria, com certeza, considerado este homem desafortunado um próximo.

Um samaritano (33). Seu nome e nível social não têm importância,

pois todos os samaritanos eram odiados pelos judeus e, evidentemente, a maioria dos samaritanos tinha um sentimento similar pelos judeus. O importante é que um homem que não tinha nenhuma razão especial para ajudar este judeu e quase toda a motivação racial para não ajudá-lo, foi movido de compaixão por um ser humano que estava sofrendo. Embora esse ser humano pertencesse a uma raça odiada, ele parou e o ajudou, fazendo por ele o máximo que podia.

Note até que ponto o samaritano ajudou o judeu: a) Ele lhe prestou um imediato socorro emergencial; b) Ele o levou para uma hospedaria, onde o homem poderia receber os cuidados necessários enquanto convalescia; c) Ele pagou a conta antecipadamente; e d) Ofereceu mais assistência caso fosse necessária. Ele não negligenciou nenhum tipo de ajuda que pudesse prestar.

Qual.... destes três... foi o próximo daquele que caiu nas mãos dos salteadores? (36). Repare como Jesus inverteu a ordem e a relação. O doutor da lei havia dito: “Quem é o meu próximo?”. Mas na história de Jesus e na sua pergunta é: Quem era o próximo dele? Ou seja, de quem eu posso (devo) ser o próximo? A pergunta do doutor da lei não possuía nenhum senso de obrigação humana. A pergunta de Jesus reforça fortemente essa obrigação. Portanto, Jesus não respondeu, de fato, à pergunta do doutor da lei; o Senhor lhe mostrou que havia feito a pergunta errada (porque suas atitudes estavam erradas), e sua lamentável falta de amor por seu próximo. O homem entendeu a lição, pois ele respondeu corretamente à pergunta do Senhor: **O que usou de misericórdia para com ele (37).** A aplicação era clara e simples. O doutor da lei conseguiu percebê-la antes que o Mestre chamasse a atenção para o que deveria ser feito: **Vai e faz da mesma maneira.**

William Barclay destaca três verdades significativas na história: 1) Devemos ajudar um homem, mesmo que ele tenha causado o seu próprio problema, 30; 2) Qualquer homem de qualquer nação que estiver necessitado é o nosso próximo, 31-33; 3) A nossa ajuda tem que ser prática, e não pode consistir apenas em *sentir* pena.

6. *Uma Visita a Marta e Maria* (10.38-42)

Ele **entrou numa aldeia** (38). Esta aldeia era Betânia, portanto era sobre a Marta e a Maria acerca das quais João escreveu (Jo 11.1ss). As descrições das irmãs encontradas nos dois Evangelhos claramente apontam para as mesmas pessoas. Este incidente provavelmente ocorreu quando Jesus fez sua breve visita a Jerusalém para a celebração da Festa da Dedicção, no mês de dezembro que antecedeu a sua paixão.

Uma bela amizade existia entre Jesus e essas duas irmãs e o irmão delas, Lázaro. Na amizade do Senhor com eles, temos uma das melhores ilustrações do lado humano de Cristo, encontradas no Novo Testamento. Jesus deve tê-los conhecido bem no início de seu ministério. Ele pode tê-los encontrado em uma de suas muitas viagens a Jerusalém.

Em vista da óbvia cordialidade e proximidade dessa amizade, é um fato enigmático que nenhum dos Evangelhos Sinóticos mencione Lázaro, e que o único relato das irmãs, além do Evangelho de João, seja este que está sendo analisado. A melhor resposta disponível parece ser a de que a história não se ajustava ao propósito específico dos autores dos outros Evangelhos.

Muitas tentativas foram feitas para identificar Maria, Marta e Lázaro com outras pessoas conhecidas. Uma sugestão é que Marta era a esposa de Simão, o Leproso. Lázaro foi identificado com o rabi Eliezer (ou Lázaro) do Talmude. Mas esta e outras especulações não têm comprovação, e devem ser tratadas como meras conjecturas.

Marta é um nome aramaico e significa “senhora”; é o equivalente ao grego *kyria*. Foi sugerido que Marta era a “senhora eleita” a quem João escreveu a sua segunda Epístola. Ela **o recebeu em sua casa**. Há algumas possibilidades a considerar: Marta era casada ou viúva. Maria e Lázaro viviam com ela. Pode ser que ela fosse reconhecida como a senhora da casa por ser mais velha do que eles. Neste último caso, eles poderiam estar vivendo juntos como uma família desde a morte de seus pais.

Tinha esta uma irmã, chamada Maria (39). Maria é, obviamente, subordinada à sua irmã. Sua única relação com a casa ou com o evento social em curso é que ela é a irmã de Marta. **A qual, assentando-se também aos pés de Jesus, ouvia a sua palavra** - literalmente, “a qual tendo, também, se assentado aos pés de Jesus estava ouvindo (ou escutando) a sua palavra”. Foi sugerido que a palavra **também** implica que ela inicialmente ajudou a servir; depois ela se sentou para ouvir as palavras de Jesus. A expressão **assentando-se também aos pés de Jesus** tem dois significados. Literalmente, sugeriria que ela se sentou abaixo dele (em um assento mais baixo), mas tem, também, um sentido figurado ou metafórico, pelo qual ela o ouviu como um discípulo ouviria seu professor. A situação sugere uma relação professor-aluno. Os discípulos geralmente sentavam-se aos pés do rabi, como Paulo se sentava aos pés de Gamaliel (At 22.3).

Marta, porém, andava distraída em muitos serviços (40) é, literalmente, “Marta estava distraída com os afazeres domésticos”. **E aproximando-se...** Os termos gregos desta frase indicam uma repentina suspensão de sua situação febril - de uma maneira desesperada ou exasperada. **Senhor, não te importas que minha irmã me deixe servir só?** Esta frase também carrega uma marca de exasperação e agitação. Uma tradução literal seria: “O Senhor não se importa que a minha irmã me deixe sozinha?” Ela não só culpou sua irmã, mas estava também agitada e um tanto impaciente com o Senhor por permitir que a sua irmã a desamparasse. De fato, ela parecia sugerir que o Senhor estava encorajando Maria a negligenciar o seu dever. A palavra traduzida como **deixe**, significa “dar as costas”. Isto também sugere que Maria estava ajudando sua irmã, mas deve ter parado e ido ouvir Jesus.

Dize-lhe, pois, que me ajude - literalmente, “fale para ela”. A palavra **pois** indica que Marta tem certeza de que suas afirmativas anteriores justificavam seu pleito por completo, e condenavam Maria. A implicação é: Já que meu pleito ficou irrefutavelmente demonstrado, dá-lhe a ordem. Marta estava, obviamente, confiante de que estava certa -e que havia sido tratada

injustamente.

Marta, Marta (41). Spence destaca que “há várias instâncias notáveis desta repetição do nome pelo Mestre na história do Novo Testamento e, em cada caso, aparentemente em amor compassivo”.⁹ Ele se refere a “Simão, Simão”, em Lucas **22.31**; “Saulo, Saulo” em Atos **9.4**; etc. **Estás ansiosa e afadigada com muitas coisas.** A palavra grega traduzida como **Estás ansiosa** significa “preocupada” ou “atrapalhada com os cuidados”. Jesus está dizendo que ela está muito preocupada com muitas coisas não tão importantes.

Uma só é necessária (42). Note o contraste entre as **muitas coisas** com as quais Marta se preocupava e a única coisa que era necessária. As “muitas coisas” de Marta eram materiais, físicas e sociais; a “única coisa” (**“Uma só”**) de Maria era espiritual e de significado eterno. Marta não estava escolhendo o errado no lugar do certo, mas o incidental em lugar do mais importante, o temporal em lugar do eterno.

Jesus tinha vindo a esta casa como Convidado. Marta estava cuidando, febrilmente, de muitas coisas para ser agradável e entreter. Mas essas coisas não eram necessárias. O principal interesse dele não era ser recebido de braços abertos e nem com uma mesa farta, mas sim com corações abertos e uma oportunidade de servir o seu Alimento a eles.

Este pleito podia ter uma implicação secundária. Marta estava preparando uma refeição suntuosa e o trabalho extra a estava prejudicando mais do que a comida adicional ajudaria o Mestre.

A boa parte era uma expressão comum, significando a parte honrada de uma festividade. Maria escolhera com sabedoria. Ela sabia qual parte era a mais desejável e a mais nobre, e a escolheu. Há uma finalidade sugerida em conexão com este pensamento. Jesus garante essa finalidade ao dar apoio à escolha dela: **a qual não lhe será tirada.** A figura que permeia toda a passagem é a da festividade, e o Mestre transmite a sua mensagem ao colocar a festa espiritual acima da material.

7. Um Discurso em Oração (11.1-13)

Este discurso só é encontrado em Lucas, embora certas partes dele sejam muito semelhantes aos ensinamentos de Jesus nos outros Evangelhos Sinóticos - especialmente na versão de Mateus do Sermão do Monte (Mt 6.9-13; 7.7-11).

Estando ele a orar num certo lugar (1). O lugar é desconhecido. Evidentemente apenas o assunto interessava a Lucas. **Quando acabou, lhe disse um dos seus discípulos: Senhor, ensina-nos a orar.** Ele estava muito emocionado pela oração de Jesus, que parece ter ouvido por acaso. Era muito diferente das orações que ele ouvia na sinagoga e no Templo. Talvez fosse a intimidade pessoal ou a simples fé que o comoveu. Uma oração como a que Jesus fez não poderia deixar de emocionar qualquer alma verdadeiramente piedosa.

Como também João ensinou aos seus discípulos. Este discípulo deve ter sido um antigo discípulo de João. Neste caso, embora ele evidentemente sentisse que as orações de João fossem muito superiores às da média das pessoas, ele viu e ouviu alguma coisa na oração de Jesus que marcou um avanço que a sua alma desejava seguir. Também é possível que ele tivesse ouvido sobre as práticas de oração de João, mas não tivesse aprendido com ele.

Maclaren sugere para este versículo: 1) Cristo, orando, nos ensina a orar como um descanso após o trabalho; 2) Cristo, orando, nos ensina a orar como uma preparação para passos importantes; 3) Cristo, orando, nos ensina que a oração é a condição para recebermos o Espírito e a gloriosa presença de Deus (cf. 3.21-22; 9.29).

Quando orardes, dizei: Pai (2). Para maiores detalhes acerca dessa oração, veja os comentários sobre Mateus 6.9-13. A oração, como expressada aqui por Jesus, difere em dois aspectos da oração ensinada por ele no Sermão do Monte. Primeiro, ela contém as palavras **perdoa-nos os nossos pecados** onde na versão anterior o pedido era “perdoa-nos as nossas dívidas”. Aqueles que acreditam que os cristãos não cometem pecados e permanecem cristãos, às vezes evitam essa forma de oração. Dizer **perdoa-nos os nossos pecados** parece uma

admissão de que, voluntariamente, cometemos pecados - o que não acreditamos estar em harmonia com o padrão bíblico para a vida cristã.

Mas a oração, nesta forma, tem efetivamente algumas lições significativas para nós. Algumas delas são as seguintes: *a)* Nossa absolvição passada estava condicionada pela nossa disposição de perdoar; *b)* O pecado ainda é possível - e se pecarmos, nosso perdão é condicionado pela nossa disposição de pedir perdão; *c)* Nossos pecados não intencionais - quando nos conscientizamos deles - devem ser confessados; e *d)* O perdão de Deus será condicionado pela nossa própria capacidade de perdoar.

Um amigo... à meia-noite (5). Aqui Jesus usa uma parábola para ilustrar um importante aspecto da oração, e uma importante verdade sobre a oração. Viajar à noite na Palestina era comum por causa do intenso calor do dia, e assim a chegada deste amigo à meia-noite não é de forma alguma algo incomum.

Empresta-me três pães. Godet avalia que um pão era para o hóspede, outro para o anfitrião, que deveria sentar-se à mesa e comer com seu convidado, e o terceiro era um pão de reserva.¹⁰ O pão reserva daria a impressão de abundância de suprimento e assim evitaria embarçar o convidado com o pensamento de que ele estaria comendo o último pão de seu anfitrião.

Um amigo meu chegou... e não tenho o que apresentar-lhe (6). Aqui vemos duas coisas, a pobreza do anfitrião e as exigências da cortesia. Ele não tinha pão, mas não podia deixar seu hóspede ir para a cama com fome. Tanto as regras da cortesia como o amor por seu amigo exigiam que o pão estivesse garantido. Sua única esperança era que o vizinho lhe emprestasse os pães necessários.

Se ele, respondendo de dentro, disser: Não me importunes (7). O vizinho é hostil; um amigo que não demonstra amizade. O amor e as regras da cortesia exigem dele o que o necessitado vizinho pede, mas ele não reconhece essas exigências. **Já está a porta fechada.** Na antiga Palestina, ninguém bateria em uma porta fechada, a

menos que tivesse uma razão muito importante - neste caso, a necessidade era premente. **Os meus filhos estão comigo na cama.** A **cama** não era mais do que um espaço em relevo nesta casa de um cômodo e o homem não queria incomodar as crianças.

Ainda que se não levante a dar-lhos por ser seu amigo, levantar-se-á, todavia, por causa da sua importunação e lhe dará tudo o que houver mister (8). Agora chegamos ao ponto central da parábola. Mesmo quando a amizade é pequena, ser inoportuno produz resultados. A implicação é óbvia: Se ser importuno produz resultados junto a um amigo indiferente, que resultado alcançará uma oração persistente junto a um Deus amoroso! Persistência na oração não é um ato de descortesia para com Deus. Uma procura tão resoluta e contínua demonstra fé em Deus, e uma clara percepção de que Ele é a nossa única esperança.

Pedi, e dar-se-vos-á, etc. (9-13). Para uma discussão mais completa, veja os comentários sobre Mateus 7.7-11. A passagem atual em Lucas difere do discurso em Mateus, citado anteriormente, em dois detalhes: a) a descrição de Lucas inclui, no versículo 12, a pergunta: **Se lhe pedir um ovo, lhe dará um escorpião?** O significado aqui é o mesmo das duas perguntas anteriores. 6) Em Mateus, a passagem termina com as palavras:... *quanto mais vosso Pai, que está nos céus, dará bens aos que lhe pedirem* ? Nesta passagem, em Lucas, o Mestre muda “bens” para “o Espírito Santo”. Aqui nós vemos que o Espírito Santo é dado em resposta à oração, e que o Pai está ansioso para nos conceder esta preciosa bênção. O Espírito Santo é o melhor de todos os “bens”, e os cristãos sábios o pedirão antes de qualquer outra coisa. Precisamos do Espírito Santo em sua plena atividade santificadora, e precisamos dele como nosso permanente *Paráclito* ou Advogado. Este discurso em Lucas aparece mais tarde no ministério de Jesus, e está mais próximo ao Pentecostes do que o Sermão do Monte, no qual aparece a passagem citada em Mateus. Portanto, Jesus pode ter sido mais específico em suas referências às necessidades dos seus discípulos.

Os versículos 1-13 têm sido chamados de “A Lição da Oração”. As palavras estariam no primeiro versículo, “Ensina-nos a orar”: 1) Modelo, 2-4; 2) Persistência, 5-9; 3) Promessa, 10-13.

Os versículos 9-13 nos mostram “O Presente do Pai”. 1) Para quem?

Para aqueles que se tornaram filhos de Deus; 2) Qual é este presente? O Espírito Santo; 3) Como posso recebê-lo? Pedindo.

8. *Por Quem Ele Expulsou os Demônios?* (11.14-23)

Este episódio está registrado nos três Evangelhos Sinóticos. Para uma discussão detalhada, veja os comentários sobre Mateus 12.22-32 (cf. também Mc 3.22-30).

9. *Quando o Espírito Imundo Retorna* (11.24-26)

Para uma discussão detalhada, veja os comentários sobre Mateus 12.43-45.

Barclay chama esta seção de “O Perigo da Alma Vazia”. Ele nota: 1) Não se pode deixar a alma de um homem vazia, 24-26; 2) Não se pode conceber uma religião verdadeira baseada em coisas negativas, 24-26; 3) A melhor maneira de evitar o mal é fazer o bem (27-28).

10. *Quem é Mais Bem-Aventurado?* (11.27-28)

Bem-aventurado é o ventre que te trouxe (27). Esta **mulher dentre a multidão** estava, sem dúvida, dominada pela sabedoria e pelo poder que se manifestavam nas palavras e obras de Jesus. Ela podia ser uma daquelas que haviam experimentado a cura da possessão demoníaca que Jesus acabara de discutir. Sua reação aqui é uma espécie de veneração a um herói, mais ou menos peculiar às mães, que dramaticamente vêem grandes homens como o cumprimento das esperanças, sonhos e orações das mães. Esta mulher estava, provavelmente, colocando-se no lugar de Maria e desfrutando, no lugar dela, o êxtase do orgulho de uma mãe pelas realizações de seu filho. Mas ela estava míope, conforme revela o próximo versículo.

Sua exclamação de modo algum indica uma efetiva adoração a Maria. Nem sequer é certo que ela conhecesse a mãe de Jesus. A palavra **bem-aventurado** combina o significado de duas de nossas palavras: “feliz” e “afortunado”. No presente exemplo, traz também ao menos a sugestão da idéia de “santificado” ou “sagrado”. Este louvor a

Maria pode ser considerado como o primeiro cumprimento, no Novo Testamento, da previsão do *Magnificat*: “Todas as gerações me chamarão bem-aventurada” (Lc 1.48).

Antes, bem-aventurados os que ouvem a palavra de Deus e a guardam (28). A palavra **antes** parece indicar uma aprovação ao que disse a mulher, mas o texto grego não indica claramente uma aprovação nem uma reprovação. No entanto, sem importar o que possa ser dito a respeito da bem-aventurança de Maria como mãe de Jesus, maior bênção é ouvir as Palavras de Jesus e organizar a vida de acordo com elas. Portanto, mesmo para a própria Maria, a relação de discípula é mais abençoada do que a de mãe. O Mestre não perdia nenhuma oportunidade para deixar claro que a relação principal e significativa de qualquer pessoa com Ele é a relação espiritual, baseada na obediência e na unidade de vontade e propósito. Esta relação tem a sua origem nas experiências espirituais da conversão e da completa santificação, com uma permanente comunhão no Espírito.

11. *Uma Geração Má Busca um Sinal* (11.29-32)

Para uma discussão detalhada, veja os comentários sobre Mateus 12.38-42. As narrativas de Mateus e Lucas deste discurso são, em essência, as mesmas, embora a ordem das afirmações seja um pouco diferente.

12. *Luz e Trevas* (11.33-36)

A essência dos versículos 33-35 é análoga (de forma direta ou indireta) a outras partes dos Evangelhos sinóticos. Mas isto não significa que Lucas está incorreto ao registrar o discurso aqui e na sequência apresentada. O significado é que, de fato, Jesus utilizou o mais eficiente método pedagógico, conhecido como repetição. Como os princípios que Jesus ensinava eram geralmente novos, tanto em conteúdo como em espírito ou ênfase, era muito importante que Ele os repetisse muitas vezes; caso contrário seus discípulos nunca se lembrariam deles nem os compreenderiam. Quando Jesus repetia seus ensinamentos, Ele muitas vezes usava as mesmas palavras. O

que Ele queria enfatizar eram os princípios, e não as palavras.

Os versículos 33 e 34 são paralelos às duas partes do Sermão do Monte conforme registrado em Mateus. Para uma discussão detalhada, veja os comentários sobre Mateus 5.15; 6.22-23.

Se, pois, todo o teu corpo é luminoso (36). No versículo 34, Jesus disse: **Sendo, pois, o teu olho simples, também todo o teu corpo será luminoso**. Um olho “simples” é um olho sem defeito ou saudável; e quando o olho é sem defeito, cada parte do corpo e da mente compartilha a alegria da luz - nenhuma parte fica em trevas. O mesmo ocorre com a alma; a alma saudável recebe a luz: e como resultado, cada faceta, cada talento de nossa personalidade compartilha os benefícios da luz. A ênfase neste versículo parece ser a palavra **todo**. A idéia central é que deve existir uma alma saudável para que a saúde possa ser compartilhada por toda a personalidade. A falta de unidade na lealdade básica de alguém a Deus resultará em tensão, confusão e trevas em todos os outros aspectos. E exatamente tal sanidade espiritual e moral que constitui a santidade do Novo Testamento. Não há aqui uma sugestão de naturezas contraditórias ou qualquer resquício de dupla interpretação no modelo do Novo Testamento para o cristão.

13. *O Que Está Errado Com os Fariseus e os Doutores da Lei?* (11.37-54)

Muitas das declarações de Jesus relativas aos fariseus e doutores da lei nesta passagem são muito parecidas com suas acusações a esses mesmos grupos em Mateus 23. Estas não são, no entanto, duas versões do mesmo discurso, mas dois discursos proferidos pelo Mestre em duas ocasiões diferentes. Os eventos e ensinamentos registrados em Mateus 23 ocorreram em Jerusalém durante a Semana da Paixão; o episódio que estamos considerando em Lucas aconteceu enquanto Jesus estava na Peréia, a caminho de Jerusalém. A ocasião do discurso em Lucas e outras circunstâncias adjacentes eram muito diferentes daquela que foi relatada em Mateus. Uma comparação cuidadosa tornará isso bastante evidente.

Rogou-lhe um fariseu que fosse jantar com ele (37). Uma vez que nesta época os fariseus, de forma geral, eram inimigos de Jesus, é bem possível que este convite fosse parte de uma cilada para o Mestre. Como eles conheciam seus hábitos e os de seus discípulos, sem dúvida acharam que não seria difícil pegá-lo; Ele poderia, facilmente, ser colocado em uma posição em que alguma regra ou costume fariseu seria violado. Eles poderiam, então, usar essa informação como arma contra Ele.

E [Jesus], entrando, assentou-se à mesa. A palavra traduzida como **assentou-se** significa, literalmente, “reclinou-se”. Eles não usavam cadeiras; reclinavam-se em sofás. Jesus imediatamente aceitou o convite. Ele não se comprometeria com os fariseus; mas também não seria descortês para com eles.

O fariseu admirou-se, vendo que se não lavara antes do jantar (38). O interesse dos fariseus em se lavar antes do jantar não visava a higiene pessoal. Eles seguiam rigidamente um elaborado sistema de lavagens cerimoniais que lhes foi transmitido por muitas gerações de rabinos. Os simples preceitos da lei levítica, que exigiam a limpeza e a pureza cerimonial, haviam sido subscritos de uma forma tão completa e excessiva, com interpretações rabínicas e requisitos rituais, que os preceitos originais foram negligenciados.

Há uma forte implicação de Jesus propositadamente não ter lavado as mãos antes do jantar. O versículo 37 o mostra entrando e imediatamente reclinando-se para comer. A atitude que Ele mostra em sua discussão do assunto (39ss.), reforça a impressão de uma atitude deliberada de não se lavar conforme aquele costume cerimonial. Se a ação de Jesus foi de fato deliberada, Ele deve ter tido dois motivos: *a)* Ele estava expressando sua reprovação a uma regra que, além de não ter significado, obscurecia um importante princípio e ocasionava um pretexto hipócrita; *b)* Ele, provavelmente, estava tentando provocar uma discussão com os fariseus exatamente sobre esses assuntos. Assim, Jesus e o fariseu (ou fariseus, se outros estivessem trabalhando por meio deste) estariam tentando precipitar o conflito verbal. Com certeza, Jesus não estava sendo vingativo; Ele estava tentando ajudar os fariseus a verem a verdade e, ao mesmo

tempo, estava tentando salvar outros da influência corruptora do farisaísmo.

E o Senhor lhe disse... vós, fariseus, limpais o exterior do copo e do prato, mas o vosso interior está cheio de rapina e maldade (39). A palavra traduzida como **rapina** significa, literalmente, “pilhagem” ou “roubo”. Estas eram palavras fortes, mas verdadeiras e necessárias. Os fariseus tinham sido muito cuidadosos em limpar o exterior, mas negligenciaram um monturo de maldade em suas almas. Era como lavar os pratos e, então, servir comida estragada neles. Os fariseus eram cuidadosos com as aparências, mas descuidados com a verdade.

Loucos! (40). Certamente as ações deles assim como o padrão de valores que possuíam se mostraram inferiores ao necessário. **O que fez o exterior não fez também o interior?** Estas várias lavagens tinham um propósito religioso. Então, se elas eram motivadas pela religião, por que negligenciar o interior, a essência do homem? Por que se preocupar com o externo, o perecível, e negligenciar o permanente, quando deveriam estar lidando com assuntos eternos? As assim chamadas pessoas religiosas jamais haviam sequer tentado lidar com a fonte do pecado.

Dai, antes, esmola do que tiverdes (41). A tradução literal é bastante clara: “Mas dai esmolas das coisas que estiverem em vosso interior”. Há dois significados nestas palavras. Primeiro, Ele está dizendo que eles devem generosa e amorosamente dar esmolas, e nisto estariam fazendo um serviço maior do que a limpeza cerimonial. O significado mais profundo é que eles deveriam dar, generosa e amorosamente, de sua natureza mais íntima - seu amor, sua compaixão, sua devoção, seu próprio ser. O versículo 39 implica que esses fariseus estavam roubando os pobres. Aqui, Jesus está lhes dizendo que as suas práticas e atitudes deveriam ser exatamente opostas - deveriam dar esmolas, e fazê-lo sem pensar em retribuições.

E eis que tudo vos será limpo. Quando alguém age como Jesus acabou de advertir - com amor puro e desinteressado - então todas as coisas lhe são limpas. Pecado, egoísmo, desobediência, orgulho - estas

são as coisas que corrompem. Tal corrupção moral só pode ser encontrada na personalidade. O pecado começa e é, de fato, cometido, no campo da vontade de uma *pessoa* - um ser que tem liberdade para fazer escolhas morais.

Ai de vós, fariseus, que dizimais... e desprezais o Juízo e o amor de Deus!

(42). Para uma discussão detalhada, veja os comentários sobre Mateus 23.23. Na discussão sobre este assunto, registrada em Mateus, **o amor de Deus** não está incluído. É óbvio que o amor era um dos pontos mais fracos dos fariseus, e o ponto em que eles estavam mais distantes de Jesus e de seus ensinamentos.

Ai de vós, fariseus, que amais os primeiros assentos... e as saudações nas praças! (43). Para uma discussão detalhada, veja os comentários sobre Mateus 23.6-7.

Ai de vós, escribas e fariseus... sois como as sepulturas (44). Aqui temos uma diferença significativa em relação ao mais próximo discurso paralelo de Jesus (Mt 23.27). Em Mateus, os escribas e fariseus são comparados a “sepulcros caiados, que... parecem formosos, mas interiormente estão cheios de ossos de mortos e de toda imundícia”. O contraste, em Mateus, é entre a beleza exterior e o interior pútrido.

Aqui, em Lucas, as covas não são belos túmulos caiados, mas simples túmulos não identificados que alguém pode pisar sem o perceber. Assim se contrairia impureza cerimonial sem o saber.¹¹ Todos os túmulos deveriam ser pintados de branco para alertar o transeunte de sua localização. Mas estes túmulos haviam sido negligenciados. Os fariseus haviam sepultado a sua hipocrisia e maldade de tal maneira, que os outros cidadãos não sabiam o que realmente se escondia debaixo de seu exterior piedoso.

Há, também, pelo menos a sugestão de um segundo significado neste versículo. Da mesma forma que alguém poderia caminhar por sobre

um túmulo não identificado e ser cerimonialmente impuro sem o saber, assim alguém poderia ser culpado de infringir uma das várias regras intrincadas e, muitas vezes, irrelevantes que formavam a tradição dos antigos, e ficar cerimonialmente contaminado (aos olhos dos fariseus) sem o saber.

E, respondendo um dos doutores da lei, disse-lhe:... quando dizes isso também nos afrontas a nós (45). A palavra traduzida como **afrontas** significa, literalmente, “insultas”. No versículo anterior, em sua acusação, Jesus havia incluído os escribas. A semelhança entre doutores da lei e escribas e o fato adicional de que os doutores eram geralmente fariseus, deu a esses doutores presentes na audiência de Jesus a impressão de que eles também estavam incluídos. Pelo menos eles sentiram que também foram insultados.

Ai de vós também, doutores da lei (46). Jesus deixa claro que seu julgamento dos doutores da lei é o mesmo dos fariseus. Eles são iguais em sua fraqueza e maldade e devem compartilhar a condenação.

Carregais os homens com cargas... e vós mesmos nem ainda com um dos vossos dedos tocais essas cargas! Para uma discussão detalhada, veja os comentários sobre Mateus 23.4.

Ai de vós que edificais os sepulcros dos profetas, e vossos pais os mataram! (47). Para uma discussão detalhada, veja os comentários sobre Mateus 23.29-31. Na passagem citada em Mateus sobre a controvérsia posterior de Jesus com os fariseus e os doutores da lei, a denúncia é dirigida aos “escribas e fariseus”. Aqui se fala especificamente aos doutores da lei. O versículo 48 indicava que ao construírem as tumbas dos profetas, os judeus chamavam a atenção para o fato de que eles eram os filhos dos assassinos. Phillips traduz este versículo como: “Vocês mostram de forma suficientemente clara como aprovam as ações de seus pais. Eles executaram a matança, e vocês fizeram um memorial a isso”.

Por isso, diz também a sabedoria de Deus: Profetas e apóstolos lhes mandarei; e eles matarão uns... (49-51). Para uma discussão detalhada, veja os comentários sobre Mateus 23.34-36.

Ai de vós, doutores da lei, que tirastes a chave da ciência! (52). A **chave da ciência**, a Chave que abre a porta para o Reino de Deus, são as Escrituras. Os fariseus e os doutores da lei haviam confundido e mudado de tal forma as Escrituras em seu labirinto de cerimônias e proibições sem sentido, que já não serviam ao povo como um meio efetivo de entrar no Reino de Deus. **Vós mesmos não entrastes e impedistes os que entravam.** Tanto pelo próprio exemplo como pela interferência direta, eles fecharam o Reino de Deus para os homens. Para uma discussão detalhada, veja os comentários sobre Mateus 23.13.

E dizendo-lhes ele isso (53). Os melhores manuscritos registram “Saindo Jesus dali”; isto é, da casa do fariseu. Esta interpretação também está em harmonia com o fato de que pareceu haver um repentino aumento no número de seus inimigos - um grupo de fariseus e escribas parece tê-lo cercado quando Ele saiu da casa. Esta última interpretação também está em harmonia com o fato de que dois versículos adiante (12.1) uma grande multidão já se havia reunido - aparentemente em volta dele.

...começaram os escribas e os fariseus a apertá-lo fortemente e a fazê-lo falar acerca de muitas coisas, armando-lhe ciladas, a fim de apanharem da sua boca alguma coisa para o acusarem (53-54). Jesus sabia que eles estavam evidentemente fingindo ter um profundo e entusiasmado interesse pelos seus ensinamentos como Mestre. Fizeram muitas perguntas sobre muitas coisas, como deveriam fazer ansiosos investigadores procurando a verdade; mas, na verdade, estavam tentando pegá-lo em uma armadilha, fazendo com que dissesse algo que pudesse incriminá-lo. Em tais casos, entretanto, Jesus sempre conhecia os objetivos de seus inimigos. Mesmo quando lhes fornecia munição que podia ser usada contra Ele, o Mestre sabia muito bem o que estava fazendo.

14. Um Sério Olhar Sobre o Discipulado Cristão (12.1-12)

Ajuntando-se, entretanto, isto é, durante o tempo em que Jesus esteve na casa do fariseu (11.37ss.), **...muitos milhares de pessoas** - literalmente, “miríades de pessoas”. Evidentemente a multidão, que

vinha seguindo Jesus desde que fora convidado a comer com o fariseu, permanecera na rua ou no mercado próximo à casa. Quando Ele saiu da casa, sua presença na cidade já era do conhecimento geral e, conseqüentemente, a multidão aumentou muito pela grande afluência de pessoas da cidade e de suas vizinhanças. O tamanho dessa multidão é uma indicação clara de que a fama de Jesus era muito grande, embora alguns pensem que a sua popularidade naquela época estivesse em declínio. O povo que formava essa multidão representava, sem dúvida, todas as atitudes predominantes em relação a Jesus. Alguns eram seus amigos. Muitos eram inimigos de Jesus, e muitos outros eram influenciados pela atitude amarga e negativa de seus inimigos. Havia chegado a hora em que os extremos de amor e ódio por Jesus alcançariam o ponto máximo.

Ele **começou a dizer aos seus discípulos**. A palavra **primeiramente**, que consta em algumas traduções, não aparece no original. Todo o capítulo 12 parece ter sido dirigido principalmente aos discípulos, mas na presença da multidão, que certamente podia ouvi-lo. O que Ele tinha a dizer a seus discípulos não era segredo, sendo principalmente para benefício deles. De fato, pode ser que Jesus particularmente quisesse que esses estranhos e, até mesmo, os seus inimigos ouvissem essas coisas. Quando consideramos as sérias advertências que o Mestre dirige aos seus discípulos, devemos ter em mente a presença desses inimigos na multidão e a amargura que eles sentiam, como resultado de suas acusações recentes contra eles.

Tem havido alguma disputa entre estudiosos bíblicos quanto à relação apropriada e a aplicação da palavra **primeiramente** (literalmente, “primeiro”). Muitas autoridades, em concordância com a Versão King James em inglês, conectam esta frase com a frase anterior. Então o significado seria que Jesus estava se dirigindo “primeiro”, ou principalmente, aos discípulos. Isto implicaria que, em segundo lugar, Ele se dirigia também à multidão.

Alguns poucos estudiosos relacionam a expressão **primeiramente** à frase seguinte. Isso forneceria o significado de que os discípulos deveriam primeiramente ou “primariamente” acautelarem-se contra o **fermento dos fariseus**; ou seja, das muitas coisas contra as quais

eles deveriam se guardar, a mais importante era a hipocrisia dos fariseus.

Não é fácil consolidar este argumento a partir do grego, já que, no original, não havia sinais de pontuação, mas a interpretação da Versão King James em inglês é provavelmente a correta; entretanto, qualquer das interpretações se harmoniza com o contexto e com os princípios dos ensinamentos de Jesus.

Acautelai-vos... do fermento dos fariseus, que é a hipocrisia

(1). “Fermento”, para usar a definição de Godet, “é o emblema de cada princípio ativo, bom ou ruim, que possui o poder de assimilação”.¹² O fermento dos fariseus seria formado pelos seus ensinamentos e práticas, pois afetavam a vida das pessoas. Esta “devoção dos fariseus direcionou falsamente toda a religiosidade israelita”.¹³

A afirmação de Jesus implicava que a característica dos fariseus que exercia influência mais perigosa sobre os seus semelhantes era a hipocrisia. A nossa palavra **hipocrisia** veio diretamente do grego. Era um termo literal, usado em conexão com o drama grego e significava “fingir”. Da maneira como foi aplicada por Jesus aos fariseus, a palavra significava “representar falsamente a parte da devoção religiosa sem veracidade”.

A imparcialidade exige, entretanto, que observemos o fato de que Jesus não se opunha a tudo o que se referia aos fariseus. Teologicamente, Jesus estava mais próximo das posições deles do que de qualquer outra seita de seus dias. Sua maior disputa e sua maior divergência com eles estava relacionada com a hipocrisia, com a atitude legalista, e com a falta dos princípios básicos de uma experiência de vida religiosa interior.

As fortes acusações de Jesus contra eles, entretanto, nos mostram que esses assuntos pesaram mais nos pratos da balança da divina sabedoria do que todos os pontos em que Ele e os fariseus concordavam. O fato mais trágico era que eles estavam espiritualmente perdidos e influenciavam milhares de israelitas a seguirem o mesmo caminho largo, que levava à destruição, enquanto

faziam a sua viagem. Veja, também, os comentários sobre Mateus 16.6,11.

Nada há encoberto que não haja de ser descoberto; nem oculto, que não haja de ser sabido (2). Isto mostra como são tolos aqueles que praticam a hipocrisia e o fingimento. A religião tem a ver com o relacionamento do homem com Deus. Como Deus sabe de tudo, e no final revelará tudo, como é tolo alguém ficar contente com a forma e a sombra sem se importar com a realidade! É totalmente estúpido alguém ter a esperança de enganar o infinito conhecimento e a justiça de Deus! Veja, também, os comentários sobre Mateus 10.26.

Porquanto tudo o que em trevas dissestes à luz será ouvido; e o que falastes ao ouvido no gabinete sobre os telhados será apregoado (3). A estrutura literária deste versículo e do anterior é a de um dístico hebreu, que é a forma mais simples da estrofe poética hebraica. Há duas frases análogas; a segunda repete o significado da primeira com outras palavras. A segunda linha nada acrescenta ao significado da primeira, mas a ênfase é grandemente aumentada. O significado deste versículo é simples: é completamente impossível esconder segredos de Deus e, no final, Deus revelará todos os nossos segredos maus a todos os homens. O homem sábio viverá com este fato em vista.

Não temais os que matam o corpo e depois não têm mais o que fazer (4). Os materialistas e os secularistas - aqueles que só vêem este mundo - dirão que a vida mortal é o seu bem mais valioso. Para tais pessoas, este versículo soa como ingênuo. A expressão popular: “Eles não podem fazer nada além de me matar”, funciona como um humor irônico. E esta ironia pode ser considerada como sendo de um tipo bem leve. Mas Jesus deixa claro que a vida mortal não é, de forma alguma, o bem mais valioso. Alguns dos homens mais sábios perderam a vida em vez de sacrificar um tesouro maior. Nunca veremos esta vida sob a sua verdadeira perspectiva, até que a vejamos em contraste com a eternidade.

A história do início da igreja revela exatamente quão importante este pequeno momento de sabedoria foi para os seguidores de Jesus. A

perseguição começou com a crucificação de Jesus e não parou, exceto temporariamente, por quase três séculos. Durante esses anos, os mártires testaram a verdade dessas palavras e descobriram que eram verdadeiras. Eles deram para todos os homens exemplos de verdadeira coragem e a correta subordinação desta vida à eternidade.

Temei aquele que, depois de matar, tem poder para lançar no inferno (5). Isto é, temei a Deus, pois a nossa eternidade está em Suas mãos. A palavra traduzida como **inferno** é “Geena”, que originalmente se refere ao vale de Hinom, próximo a Jerusalém, onde o lixo era queimado. Mas é usada metaforicamente como inferno, onde os maus são punidos com fogo. O poder de lançar no inferno pertence a Deus, não a Satanás, pois o próprio Satanás será encarcerado lá.

Não se vendem cinco passarinhos por dois ceitis? (6). O ceitil valia mais ou menos um quinto de um centavo de dólar americano. A moeda a que Jesus se referiu era o *assarion* (ou asse) - valendo um décimo de um denário. **E nenhum deles está esquecido diante de Deus.** Se Deus mostra interesse por passarinhos, quanto maior será o seu interesse pelo homem - a coroa de sua criação terrena! Que consolo saber que Deus nunca se esquece de nós! Até mesmo os cabelos de nossa cabeça estão contados.

Não temais, pois (7). Nada, não importa quão insignificante, escapa à atenção de Deus. Portanto, nada pode nos acontecer sem a permissão de Deus. O medo das circunstâncias ou do futuro é desnecessário; isso revela falta de fé em Deus.

...todo aquele que me confessar diante dos homens, também o Filho do Homem o confessará diante dos anjos de Deus. Mas quem me negar diante dos homens será negado diante dos anjos de Deus (8-9). Não basta, simplesmente, temer a Deus. O teste do discipulado é o nosso amor. E o teste do amor é nossa vontade de confessá-lo diante de todos os homens. Aquele que nega seus pais diante de seus amigos não é digno do lar a que pertence. E aquele que nega a sua relação com o Salvador, rompe essa relação. Aquele que testemunha por meio de seus atos não ter uma relação espiritual com Cristo, recebe a negação da parte de Deus, nos céus, e aquilo que

recebe no julgamento não é o resultado de um espírito de vingança da parte de Deus. Antes, é o reconhecimento de um fato. Ser filho de Deus e um cidadão dos céus é uma situação que não pode existir onde a falta de amor, o egoísmo e a covardia caracterizam a atitude humana em relação a Deus.

Para mais esclarecimentos sobre os versículos 4-9, veja os comentários sobre Mateus 10.27-32.

Todo aquele que disser uma palavra contra o Filho do Homem ser-lhe-á perdoada (10). Veja os comentários sobre Mateus 12.31-32.

E, quando vos conduzirem às sinagogas, aos magistrados e potestades (11). A palavra traduzida como **potestades** significa, literalmente, “autoridades”. Três níveis de autoridades são indicados aqui. As **sinagogas** referem-se aos tribunais eclesiásticos inferiores; os **magistrados** são, literalmente, “governantes”, autoridades judaicas de nível mais elevado; as **potestades** ou “autoridades”, provavelmente, se referem a governantes como Herodes e Félix. **Não estejais solícitos de como ou do que haveis de responder.** Eles não precisavam preparar discursos e tê-los prontos, caso fossem presos pelas autoridades. Deveriam deixar tais assuntos para o futuro e para Deus. Enquanto isso, deveriam focar sua atenção em realizar fielmente a obra de difundir as boas-novas do Reino.

Na mesma hora vos ensinará o Espírito Santo o que vos convenha falar

(12). Carregar o peso de pensar no que dizer em caso de prisão seria errado porque interferiria no trabalho de pregar a Cristo; seria também pior do que desperdiçar tempo. O Espírito Santo poderia fornecer testemunhos e argumentos melhores, e Ele os forneceria imediatamente e no instante em que fossem necessários. Para mais esclarecimentos sobre os versículos 11 e 12, veja os comentários sobre Mateus 10.17-20.

Esta seção (1-12) tem sido chamada de “O Credo da Coragem e da Fé”. Nela, vemos: 1) O pecado proibido, a *hipocrisia*, 1-3; 2) A atitude

correta para com a vida, o *destemor*, 4-7; 3) O pecado imperdoável, a *blasfêmia*, 9-10; 4) A recompensa da *lealdade*, 8; 5) A ajuda do Espírito Santo, 11-12 (William Barclay).

15. *A Parábola do Rico Insensato* (12.13-21)

Esta parábola foi uma parte da resposta de Jesus a um pedido feito por **um da multidão** (13). Suas parábolas eram geralmente estimuladas pelas circunstâncias do momento e serviam para ilustrar algum princípio importante que o Mestre estava querendo mostrar. O pedido que se segue foi feito, provavelmente, em um intervalo nos ensinamentos de Jesus - após ter concluído seu discurso anterior, e antes que tivesse a oportunidade de introduzir um novo assunto.

Mestre, dize a meu irmão que reparta comigo a herança (13).

Há duas possíveis explicações para a essência e o motivo do pedido deste homem. Em qualquer das situações ele seria um irmão mais novo. Ele poderia ser aquele cuja parte na herança lhe havia sido negada, à força, pelo seu irmão mais velho, que era o herdeiro legal de uma porção dupla da herança. Por outro lado, ele poderia ter recebido sua parcela de acordo com a lei, mas ser contrário ao costume de dar ao irmão mais velho uma porção dupla. Neste último caso, ele estaria pedindo a Jesus para ajudá-lo a romper o costume, ou ao menos subvertê-lo neste caso em particular.

Esta última explicação é, provavelmente, a correta, pois se a sua parte legal houvesse sido negada, ele poderia ter apelado às autoridades, que teriam regularizado a situação. Esta possibilidade é grandemente reforçada pelo fato de o Mestre tê-lo acusado (indiretamente, v. 15) de ser avarento, o que Ele, certamente, não teria feito se o jovem tivesse uma queixa justa. Este jovem parece ter sido um dos que haviam ouvido os ensinamentos de Jesus sobre relações humanas. Mas, em vez de interpretá-los em termos do que ele poderia fazer pelos seus semelhantes, ele egoisticamente interpretou as palavras do Mestre em termos do que tais atitudes e práticas por parte dos outros poderiam lhe trazer.

Homem, quem me pôs a mim por juiz ou repartidor entre vós?

(14). Jesus teria, provavelmente, tomado essa posição mesmo que os direitos civis desse homem tivessem sido violados, pois Ele consistentemente se recusava a tentar mudar a estrutura política e social da época. Seu plano era, primeiro, mudar os homens para que esses homens mudados produzissem, inevitavelmente, um mundo melhor. O Mestre sabia que um mundo mudado não resolveria os problemas do homem, pois seu maior problema era interior - um coração pecaminoso.

Acautelai-vos e guardai-vos da avareza (15). Traduzida literalmente, esta passagem pode ser lida como: “Observem e guardem-se da avareza”. Segue-se, então, a declaração de um dos maiores princípios da filosofia de vida cristã: **porque a vida de qualquer não consiste na abundância do que possui**. O mundo em todas as épocas tem insistentemente ignorado ou se recusado a reconhecer a verdade deste princípio e, no entanto, cada época é rica de provas desta verdade. Cada homem, mais cedo ou mais tarde, chega à constatação de que *as coisas* que possui não são o mais importante, embora muitos só o percebam depois de viverem uma vida de desperdícios.

As coisas que alguém possui não produzem uma vida rica e completa, nem trazem felicidade. Quando estudamos a vida daqueles que viveram de uma forma rica e útil, é impressionante notar como davam pouca importância às *coisas* que possuíam. A abundância de coisas produz mais freqüentemente ansiedade e descontentamento do que felicidade. Muitas vezes aqueles que detêm a maioria dos bens do mundo, jamais conheceram a emoção de uma realização duradoura. O que conta na vida é, em primeiro lugar, Deus; e depois, os tesouros espirituais como amor, gozo, paz, uma consciência limpa, um sentimento de realização, um senso de missão, e a esperança de chegar ao céu.

A parábola do rico insensato tem a finalidade de ilustrar o princípio declarado no versículo 15. O rico, na parábola, despreza esse princípio. Como resultado, ele não só perde a sua alma, mas também se torna, para todo o sempre, a personificação exata do insensato e uma das melhores ilustrações do mundo de como não se deve viver.

A herdade de um homem rico tinha produzido com abundância (16). A colheita abundante era o presente de Deus para este homem. Ela representava riquezas, poder e influência, mas era mais do que isso. Esta era uma ocasião que exigia decisões importantes; era um teste que traria conseqüências eternas para o homem.

E arrazoava ele entre si, dizendo: Que farei? (17). Esta era a pergunta lógica a ser feita em tal ocasião, mas a compreensão que ele tinha do que ela significava era muito limitada. Ele só pensava em como conservar essa colheita; deveria ter considerado as amplas oportunidades que esta colheita lhe apresentava. Ele disse: **Não tenho onde recolher os meus frutos;** mas se o seu coração fosse suficientemente grande para abrigar o Senhor e a humanidade, talvez seus celeiros tivessem guardado o que o amor teria lhe permitido manter.

Farei isto: derribarei os meus celeiros, e edificarei outros maiores, e ali recolherei todas as minhas novidades e os meus bens (18). Note o uso de pronomes na primeira pessoa. Nos versículos 17-19, ele usa formas da primeira pessoa do singular onze vezes. Trata-se de um homem completamente egoísta. Ele não tinha pensamentos voltados aos seus semelhantes nem a Deus. A construção de celeiros maiores não era, por si só, algo errado; era a sua razão para querê-los que estava errada. Ele os queria para poder guardar tudo só para si.

Direi à minha alma...tens em depósito muitos bens... descansa... Mas Deus lhe disse: Louco (19-20). Nos dois versículos anteriores o rico era um avaro egoísta e incoerente; nestes versículos, ele é um insensato. Talvez devamos dizer que um homem egoísta é sempre um insensato, pois só um insensato deixaria Deus e os seus semelhantes fora de sua vida. No versículo que estamos considerando, ele mostra a sua completa insensatez ao supor que as riquezas poderiam trazer paz à alma, e que ele poderia alimentar a sua alma com aveia, trigo e cevada. Um insensato, na acepção usada na Bíblia, é alguém desprovido de razão, um “louco”.

Este homem havia agido como alguém inteiramente desprovido de razão.

O homem era um insensato: 1) Porque se esqueceu de Deus; 2) Porque se esqueceu de seu espírito imortal; 3) Porque se esqueceu dos outros.

Esta noite te pedirão a tua alma. Ele cometeu outro erro tolo e trágico. Ele parecia pensar que tinha um contrato com a vida - o que lhe daria, certamente, uma vida suficientemente longa para realizar seus planos e aproveitar a sua riqueza. Porém logo perceberia a sua loucura. Ele errou por não perceber que nem mesmo a sua alma lhe pertencia; e Deus, o verdadeiro Dono de tudo e de todos, estava ordenando um ajuste de contas imediato. Agora aquele homem perceberia que, em termos de verdadeira riqueza, era um indigente.

E o que tens preparado para quem será? O rico cometeu outro erro fatal ao desprezar um importante princípio da administração. Ele agora não possuía nada. Mas, na realidade, ele nunca havia possuído nada. Nenhum de nós é dono de nada. Deus é o Dono; somos apenas dispenseiros.

Assim é aquele que para si ajunta tesouros e não é rico para com Deus (21). O Mestre expande o enfoque da parábola para um princípio universal. Deus chama de “loucos” e “insensatos” os homens que dedicam todo o seu tempo e interesse a juntar tesouros neste mundo, desprezando totalmente o interesse por sua alma. Não há nada tão tolo quanto viver para o tempo e se esquecer da eternidade, e viver para si e se esquecer de Deus.

16. *Fé versus Ansiedade* (12.22-31)

Para uma discussão completa desta passagem, veja os comentários sobre Mateus 6.25-33. Embora a linguagem em Mateus seja, em essência, quase idêntica, as duas passagens não vieram de um mesmo discurso do Mestre. A passagem de Mateus faz parte do Sermão do Monte, proferido anteriormente, durante o ministério na Galiléia; a passagem atual, relatada por Lucas, foi proferida na Peréia durante os últimos seis meses da vida de Jesus na terra. Era um hábito do

Mestre repetir ensinamentos iguais ou semelhantes quando as necessidades eram as mesmas. Jesus já sabia o que as autoridades educacionais aprenderam a partir de então: que a repetição é um recurso de ensino excelente e quase indispensável.

Dois trechos no relato de Lucas merecem um comentário especial. O primeiro é: **Não andeis inquietos** (29) - literalmente: “não estejam ansiosos” ou “não oscilem entre a esperança e o medo”. Há uma declaração semelhante em Mateus 6.31: *Não andeis, pois, inquietos*. Em grego as duas passagens não são iguais. Mateus usa um verbo que significa simplesmente “estar ansioso” ou “procurar favorecer os interesses de alguém”. O verbo usado por Lucas inclui, além destes significados, a idéia de ir do júbilo ao desespero, da esperança ao medo. O termo usado por Mateus está mais próximo de expressar egoísmo; o de Lucas está mais próximo de agitação e frustração. Em qualquer dos casos, a atitude é oposta à fé no cuidado providencial de Deus, e não é digna do caráter cristão mais elevado.

Porque os gentios do mundo buscam todas essas coisas (30). A palavra traduzida como **buscam** tem a indicação adicional de dedicação ou intensidade, de modo que uma possível tradução seria: “Intensamente procuram por”. A passagem paralela em Mateus 6.32 não traz as palavras **do mundo**, tornando assim a palavra grega *ethnos* equivalente a “gentios”. A expressão de Lucas ostenta a marca de um gentio escrevendo para gentios, enquanto a declaração de Mateus é tipicamente judaica. Em ambos os casos o significado é que ficar ansioso ou frustrado ou ainda preocupado com as necessidades físicas e temporais do dia a dia, de forma egoísta, é seguir o exemplo dos pagãos que não conhecem a Deus. No entanto, Jesus não está, de forma alguma, sugerindo que a fé torne o trabalho de ganhar o sustento desnecessário. O trabalho honesto e árduo, e o cumprimento das obrigações temporais, não são somente consistentes com a fé; são pré-requisitos para a fé (cf. 2 Ts 3.10; 1 Tm 5.8).

17. *As Verdadeiras Riquezas* (12.32-34)

Não temas, ó pequeno rebanho, porque a vossa Pai agradou dar-vos o Reino (32). Deve-se lembrar que aqui Jesus ainda está

falando para seus discípulos, na presença de uma imensa multidão (veja 12.1,22). Com este quadro em mente, podemos enxergar uma dupla implicação para a expressão **pequeno rebanho**. O grupo de discípulos é muito pequeno em comparação com a multidão; o número total de seguidores de Jesus será extremamente pequeno em comparação com o mundo perante o qual eles vão representá-lo e proclamar o seu Evangelho.

Note, também, que Ele os está representando como um **rebanho**. Ovelhas e pastores eram muito comuns na Palestina, e os termos eram muitas vezes aplicados figurati-vamente para mostrar a relação entre Jesus e seus seguidores - a sua igreja. Os termos, particularmente quando usados por Jesus, significam uma relação especialmente próxima e amorosa entre o Mestre e os seus discípulos. A igreja sempre foi tocada pela conotação carinhosa da representação bíblica do “bom pastor” e seu “rebanho”, e dedicou a este tema alguns de seus sermões, ilustrações e hinos mais apreciados.

Mas o ensino central deste versículo não é a representação da igreja como um rebanho, nem a sua pequenez. A idéia central é avançada, otimista e potencialmente triunfante. Jesus está dizendo que sua pequenez não é razão para medo ou pessimismo, pois **agradou** ao Pai dar-lhes **o reino**. As palavras gregas traduzidas como **a vosso Pai agradou** significam, literalmente, “vosso Pai deleitou-se...” O Pai não está apenas desejoso, mas feliz e muito satisfeito de dar o Reino a este pequeno grupo.

O **Reino** que é prometido aos seus discípulos, neste versículo, é o “Reino de Deus”. No versículo 31, eles são exortados a procurá-lo. E, antes de tudo, um Reino espiritual, a cuja cidadania somos admitidos através do novo nascimento; ele se torna um Reino Celestial para aqueles que através da morte unem-se à atual Igreja Triunfante; ele se tornará um Reino literal e eterno por ocasião da segunda vinda de nosso Senhor.

A promessa implícita de dar a eles (e a nós) o Reino, inclui mais do que a cidadania e o gozo dos privilégios do Reino. E, também, uma promessa de vitória para os nossos esforços combativos com respeito

aos avanços da obra de Deus neste mundo. É uma promessa de que a igreja terá sucesso nesta tarefa mundial considerável. Esta promessa é nossa hoje, mas temos que nos lembrar de que as promessas de Deus são condicionais - as condições são consagração, obediência e fé.

Vendei o que tendes, e dai esmolas (33). Alguns deram uma interpretação extremamente literal a esta e outras passagens similares. Isto tomou várias formas, mas as duas mais proeminentes são o ascetismo e o assim chamado “comunismo” cristão. Estas duas visões estão em desarmonia com a vida e os ensinamentos de Jesus. O Senhor jamais ordenou que todos os homens desistam de todos os bens materiais, e se recusou tomar partido de um homem que estava interessado em subverter um costume estabelecido de herança e propriedade, acusando este homem, de forma indireta, de avareza.¹⁴ Deve ser notado, também, que o ascetismo nunca caracterizou uma igreja evangelista militante e cheia de vitalidade. E o assim chamado “comunismo” cristão só foi experimentado pela igreja uma única vez. Foi só em Jerusalém; e mesmo ali era voluntário e temporário.¹⁵

Embora essas interpretações literais sejam errôneas, não devemos ignorar o fato de que o versículo tem uma aplicação literal. Mas isso depende do sentimento de cada um. Muitos, incluindo os apóstolos e os missionários cristãos ao longo dos séculos, tiveram que renunciar todos os bens terrenos para seguir o Mestre. A outros foi permitido manter os seus bens e, algumas vezes, obter grande riqueza. Mas uma coisa é exigida de todos: um claro reconhecimento do princípio da mordomia cristã. Nós não somos donos de nada. Se Deus nos permitiu deter alguns dos bens deste mundo, somos apenas seus administradores; Deus ainda é o Dono, e nós devemos usar as riquezas conforme Ele indicar. Isto não se aplica somente ao dízimo. Tudo é de Deus e deve ser usado conforme a vontade dele.

A determinação para dar esmolas nos lembra do dever e da alegria da caridade cristã. O amor é a essência do espírito cristão, e esse amor tem um alcance maior e mais elevado. Um coração endurecido que não se comove na presença das necessidades humanas ou do Reino, é

inconsistente com a fé cristã.

Fazei para vós bolsas que não se envelheçam, tesouro nos céus que nunca acabe, aonde não chega ladrão, e a traça não rói.

Quando seguimos sinceramente os princípios da mordomia cristã e do amor cristão nos preparamos e fazemos a provisão mais sábia para o nosso próprio futuro. Este, como tantos outros princípios cristãos, é um paradoxo. Seguindo este modo de vida, estaremos colocando as nossas riquezas não em **bolsas**, que envelhecem e se desgastam, mas em bolsas celestiais que são indestrutíveis. Estamos trocando o terreno pelo divino, o transitório pelo permanente, aquilo que pode ser destruído ou roubado pelo que é indestrutível e, em todos os sentidos, intransferível.

Porque onde estiver o vosso tesouro, ali estará também o vosso coração

(34). Isto é mais do que uma previsão. É a declaração de um princípio universal. Seja quem formos, quaisquer que sejam as nossas condições ou fase da vida, quer sejamos santos ou pecadores, os nossos corações estão onde estão os nossos tesouros. Portanto, se amarmos a Deus, depositaremos os nossos tesouros no céu, utilizando tanto nossos talentos como nossos bens para a glória de Deus. Assim, enquanto juntamos cada vez mais tesouros no outro lado, nosso interesse pelo céu e pelas coisas divinas aumentará, e os nossos corações estarão mais firmemente presos ao mundo divino.

Este versículo é uma medida pela qual podemos determinar a profundidade da nossa devoção. Ele também pode servir como um aviso. Em qualquer momento que nos surpreendermos ficando mais interessados em bens terrenos do que em tesouros divinos, terá chegado a hora para um sério exame da alma; será o momento de uma transferência de depósitos do banco terreno para o banco divino.

18. Prontos Para a Volta do Mestre (12.35-40)

Jesus ainda está se dirigindo a seus discípulos na presença da multidão e Ele ainda está pensando no perigo da avareza - de estar

alguém fortemente preso às coisas materiais e temporais. Nesta passagem, Ele dá outro motivo pelo qual esta fixação àquilo que é material é perigosa. Se alguém quiser estar pronto para a volta do Mestre, a qualquer hora, deve ter o seu tesouro e o seu interesse nas coisas espirituais e eternas. A forte ligação com aquilo que é material se tornará a corrente que os prenderá aqui, quando os santos forem levados no arrebatamento.

Estejam cingidos os vossos lombos (35). Os longos mantos orientais podiam impedir tanto o caminhar como o trabalho, a menos que fossem amarrados acima da cintura, para dar liberdade de movimentos aos pés e pernas. O cinto servia, portanto, a um propósito prático. O servo assim cingido estava pronto para a ação imediata, como o cristão que removeu todos os obstáculos para servir a Deus, e receber os seus favores.

E acesas, as vossas candeias (literalmente, “lâmpadas”). A lâmpada usada na antiga Palestina era muito simples. Era uma pequena tigela em forma de jarra, com um pavio. O pavio tinha que ser ajustado e a lâmpada enchida com óleo para obter-se a luz. O cristão não deve jamais negligenciar a sua luz; ele não deve permitir que seu pavio fique chamuscado ou que o seu óleo se esgote. A devoção pessoal - oração e leitura da Bíblia - e o serviço fiel manterão a lâmpada da alma ardendo com brilho.

Sede vós semelhantes aos homens que esperam o seu senhor, quando houver de voltar das bodas (36). Com os mantos amarrados e as lâmpadas ardendo com brilho, esses servos aguardam o retorno do seu senhor das bodas. Eles não estão dormindo; estão vigiando, e servos fiéis nunca dormem em serviço. Não importa quanto possa tardar o retorno do Senhor, eles permanecem em vigília e estão sempre de prontidão. **Para que, quando vier e bater, logo possam abrir-lhe.** Sem lâmpadas para ajustar no último minuto, sem tarefas negligenciadas para executar, antes de ficarem prontos para encontrar o seu Mestre. Eles estão sempre prontos e assim podem *abrir... imediatamente*.

Bem-aventurados aqueles servos, os quais, quando o Senhor

vier, achar vigiando... [Ele] se cingirá, e... os servirá. Tal fidelidade da parte dos servos produz generosidade da parte do Senhor. Ele fica tão satisfeito que, em vez de sua habitual refeição, na qual eles o servem, o próprio Senhor os servirá enquanto eles comem.

E, se vier na segunda vigília... na terceira vigília, e os achar assim, bem-aventurados são os tais servos (38). A noite era dividida em vigílias.¹⁶ Estas vigílias correspondem ao nosso tempo da seguinte maneira: primeira vigília, das seis horas da tarde às nove horas da noite. Segunda vigília, das nove à meia-noite; terceira vigília, da meia-noite às três da manhã; e quarta vigília, das três às seis horas da manhã. Quanto mais tarde for a hora do retorno do Senhor, maior será a sua gratidão ao encontrar os seus servos agindo fielmente. Spence avalia que a segunda e a terceira vigílias - as referenciadas nesta parábola - representam o período da noite em que é mais difícil permanecer acordado e alerta.¹⁷

Uma vez que esta passagem está, obviamente, se referindo à segunda vinda do Senhor, alguns entendem que há aqui um forte indício de que seu retorno será postergado e que esta demora será um meio de testar a fidelidade dos seus servos.

Sabei, porém, isto: se o pai de família soubesse... (39). Sabei é imperativo aqui, mas também pode ser traduzido como “vós sabeis” (indicativo). A intenção do Mestre parece ser o equivalente a dizer “lembrai-vos”. O **pai** em uma casa é, literalmente, o “senhor” ou o “regente” da casa.

Note que a ênfase da imagem é deslocada dos servos da casa (em 36-38) para o senhor da casa. O dono da casa estaria preparado para um ladrão se soubesse que ele estaria chegando. O ladrão só tem sucesso se o dono estiver despreparado.

Portanto, estai vós também apercebidos; porque virá o Filho do Homem à hora que não imaginais (40). Este versículo amplifica e completa o anterior. O dono da casa está despreparado para o ladrão porque ele não “sabe” de sua vinda. Mas quando o Filho do Homem vier, é desnecessário que os seus seguidores professos

sejam apanhados despreparados, pois eles podem e vão “saber”. Eles não sabem a hora de sua vinda, mas sabem, com certeza, que Ele virá.

A solução é: Esteja sempre pronto. Portanto, o verdadeiro segredo da vinda do Senhor Jesus Cristo é um incentivo adicional para um permanente e elevado grau de discipulado. Para uma discussão mais ampla a respeito dos versículos 39-40, veja os comentários sobre Mateus 24.43-44.

Barclay sucintamente intitula esta passagem como: “Esteja Preparado”. Maclaren observa a natureza desta preparação: 1) Os lombos cingidos, 35; 2) As lâmpadas acesas, 35; 3) Os corações que esperam, 36.

19. Um Despenseiro Deve Ser Fiel (12.41-48)

E disse-lhe Pedro... Senhor, dizes essa parábola a nós ou também a todos?

(41). Pedro está, evidentemente, se referindo à parábola dos versículos 36-38, na qual os servos são recompensados por sua fidelidade. Esta pergunta está perfeitamente em harmonia com a personalidade de Pedro, conforme retratada em outras passagens do Novo Testamento. O fato de que em um relato similar, em Mateus (24.43-51), este mesmo material é expresso em um discurso contínuo, sem a interrupção por parte de Pedro, não prova que a pergunta de Pedro seja uma interpolação, como foi sugerido por alguns. Pois não apenas este é o estilo de Pedro, como também o discurso atual foi feito durante o ministério na Peréia, enquanto o relato de Mateus ocorre durante a Semana da Paixão, em Jerusalém.

E disse o Senhor: Qual é, pois, o mordomo fiel e prudente...?

(42). Aparentemente Jesus havia ignorado a pergunta de Pedro. Mas, na realidade, Ele não apenas responde a pergunta, mas vai além, fornecendo um material adicional não solicitado por Pedro. O fato de Jesus retornar ao assunto do servo fiel, não apenas mostra que Ele está respondendo a Pedro, mas que também identifica a “parábola” a que a pergunta de Pedro se refere.

Este **mordomo** é mencionado como um **servo** no restante da parábola. O relato de Mateus usa a palavra “servo” em seu todo, mas este escravo (grego literal) era obviamente um administrador. Um **mordomo** (grego, *oikonomos*) era, geralmente, um servo (escravo) superior, de caráter comprovado, que cuidava das coisas da casa.

Os versículos 42-44 mostram as recompensas para os mordomos fiéis, e os versículos 45-46 expressam o castigo que será aplicado aos administradores infiéis. Para uma discussão completa deste material veja os comentários sobre Mateus 24.45-51.

E lhe dará a sua parte com os infiéis (46). O relato de Mateus traz o termo “hipócritas” em vez de **infiéis**. Estes servos devem ser vistos sob duas óticas: primeiro, como julgados pela lei do Antigo Testamento; e, segundo, à luz das responsabilidades do Reino na dispensação cristã.

E o servo que soube a vontade do seu senhor e não se aprontou... será castigado com muitos açoites. Mas o que a não soube com poucos açoites... (4748). Para crimes puníveis com açoites, quarenta açoites eram o máximo para uma transgressão simples, mas os judeus eram conhecidos por aplicarem quatro ou cinco açoites para pequenas transgressões.¹⁸ A punição variava de acordo com o crime.

Maior entendimento, habilidade e oportunidade significam maior responsabilidade. Maior oportunidade de reconhecimento, posição e realização carregam consigo maior culpabilidade, em caso de infidelidade. Conhecer a vontade de Deus é, sem dúvida, uma bênção; mas desprezar a vontade de Deus e desconsiderá-la ou desvirtuá-la, apenas aumenta a culpa e a conseqüente punição.

O princípio dos graus de recompensa e punição é claramente ensinado aqui e em outras passagens do Novo Testamento, mas a forma exata como Deus aplicará o princípio nem sempre é aparente. Uma coisa é clara, entretanto: O grau de fidelidade ou infidelidade determinará o grau de recompensa ou punição e esta fidelidade é julgada à luz do conhecimento da vontade de Deus e das oportunidades que o servo

tem.

20. *Cristo, um Divisor* (12.49-53)

Vim lançar fogo na terra (49). Literalmente, “Eu vim para lançar um tição na Terra”. Jesus não mudou de assunto aqui; Ele simplesmente entrou em uma nova seção de seu discurso. A partir do versículo 14 Ele está discutindo o perigo de uma atenção egoísta às coisas deste mundo. Agora Ele vai em frente para dizer que a sua vinda à Terra não foi planejada para suavizar o caminho para o gozo do bem-estar deste mundo. Pelo contrário, a sua vinda traria, inevitavelmente, divisão e conflito. Como poderia ser diferente? Egoístas, os homens pecaminosos não se submeteriam, naturalmente e de vontade própria, a um estilo de vida altruísta e de auto-sacrifício, como aquele que é representado por Cristo.

Jesus está deixando claro para os seus discípulos e para aqueles que esperavam tornar-se discípulos, que se os seus motivos para segui-lo forem egoístas, eles se desapontarão. Ele não tem riqueza material, poder, fama ou comodidade para oferecer. Mas se desejarem segui-lo por puro amor, amor desinteressado, Ele tem recompensas espirituais e eternas, que excedem em muito os custos do discipulado.

Alguns comentaristas sugeriram que o **fogo** mencionado aqui é o fogo do Espírito Santo ou o fogo de uma nova fé.¹⁹ Mas a maioria dos estudiosos concorda que o contexto e o significado do versículo apóia a interpretação dada acima - que seja um fogo de conflito. Não devemos, entretanto, ignorar o fato de que o resultado final do conflito - ou do fogo - é bom. Será a vitória de Cristo e do seu Reino. Somente o mal será destruído. O fogo tem um efeito purificador, mesmo que seja o fogo do conflito.

E que-mais quero, se já está aceso? Literalmente: “E o que desejo se ele já está aceso?” Como esta tradução mostra, o significado em grego é vago, mas a maioria dos especialistas está de acordo com a versão *The New English Bible*, que traduz como: “E como eu desejaria que já estivesse aceso!” Tanto sua aversão humana e natural pelo sofrimento, como a sua ansiedade para lançar uma campanha

vitoriosa, inspira Jesus em seu desejo de executar e concluir esta experiência. Mas o conflito e a vitória devem ser adiados até a sua morte e ressurreição.

1

A Missão dos Setenta (10.1-20)

Designou o Senhor ainda outros setenta (1). Lucas não quer dizer que Cristo tinha enviado setenta anteriormente, mas que os setenta eram adicionais aos doze que haviam sido enviados. Lucas é o único autor de Evangelho que registra este episódio, mas ele é, também, o único a tratar (em detalhes) o ministério na Peréia, do qual é parte.

O número setenta parecia ter um significado especial entre os judeus. Havia setenta anciãos designados por Moisés, setenta membros do Sinédrio (setenta e um, incluindo o

Importa, porém, que eu seja batizado com um certo batismo (50). Seu iminente sofrimento e morte. **E como me angustio até que venha a cumprir-se!** Weymouth expressa o verdadeiro significado do texto grego, quando traduz esta passagem: “E como me sinto confinado até que se cumpra”. O Mestre está a par de ambos, do fato e da necessidade de seu sofrimento. Ele sabe que a vitória sobre o pecado e Satanás é impossível até que cheguem o conflito e a vitória, que são a sua morte e ressurreição. Ele está “confinado”, ansioso para enfrentar e derrotar o inimigo. Além disso, como sugerido em conexão com o versículo 49, Ele tem uma aversão natural ao sofrimento e deseja que esta desagradável, mas necessária tarefa, seja concluída. Esta passagem tem sido chamada de “um prelúdio do Getsêmani”.

Cuidais vós que vim trazer paz à terra? Não, vos digo, mas, antes, dissen-são (51). Jesus rapidamente retorna, de seu comentário sobre si mesmo e sobre o seu sofrimento futuro, para o seu discurso: Não a paz, mas a dissensão. Jesus, profeticamente, viu o que a história agora nos revela: o conflito ao longo dos séculos entre o Reino de Deus e o reino de Satanás. Este conflito estava destinado a dividir nações, cidades, tribos e famílias conforme a fidelidade pessoal dos indivíduos que formam esses grupos.

A dolorosa natureza de algumas dessas divisões está graficamente ilustrada nos versículos 52 e 53; famílias divididas - pais contra filhos, filhos contra pais, mães contra filhas. A raça inteira será dividida em dois campos. Para mais discussões a respeito do material dos versículos 51-53, veja os comentários sobre Mateus 10.34-36. [1](#)

L<ms 12.54-58

apagará.²⁰ Deve-se notar, também, que Jesus volta nesse momento sua atenção mais diretamente para a **multidão**. Os versículos anteriores parecem ter sido endereçados mais aos seus discípulos.

A severidade e a veemência do Mestre nestes versículos parecem indicar que algumas das pessoas mostravam desagrado ou hostilidade

em relação ao que Ele vinha dizendo. Talvez, mais uma vez, os fariseus estivessem incitando a oposição contra os seus ensinamentos.

Quando vedes a nuvem que vem do ocidente. O mar Mediterrâneo fica a oeste da Palestina, enquanto a leste fica uma região semidesértica. Portanto, toda chuva vem do oeste. Estas pessoas, evidentemente, se orgulhavam de ser capazes de prever o tempo, como é prática das pessoas do interior ou daquelas cuja vida se passa, em sua maior parte, ao ar livre. Apesar de serem versados na leitura do tempo meteorológico, eles não demonstraram habilidade para ler os sinais dos tempos, embora esses sinais fossem claramente evidentes à volta deles.

Quando assopra o vento sul (55). Para o sul e o sudeste fica o grande deserto Árábico, de forma que um vento procedente daquela direção traria um calor sufocante.

Hipócritas (56). Um hipócrita era alguém que fingia. Esses que se jactavam de sua habilidade de ler sinais estavam envolvidos em uma contradição. E apesar de serem bem versados nas profecias do Antigo Testamento relativas a Cristo, estavam completamente cegos ao óbvio cumprimento dessas profecias. Declarando ser aqueles que podiam ver, eles eram, de fato, cegos. E além disso estavam surdos à voz de Deus.

Sabeis discernir a face da terra e do céu; como não sabeis, então, discernir este tempo? A resposta a esta pergunta é que eles tinham discernimento no que lhes interessava. Eles tinham interesse na chuva, e nas colheitas que a chuva possibilitava; estavam interessados no calor, e no dano que este podia causar às colheitas; mas tinham pouco interesse em assuntos morais e espirituais. Eram materialistas e grosseiramente egoístas.

Spence destaca três sinais que foram completamente ignorados pelos líderes judeus: 1) Abaixa moralidade entre os homens públicos; 2) A situação política; e 3) As advertências divinas.¹ Vários livros foram escritos a respeito desses assuntos, mas os fariseus e outros líderes judeus os ignoravam ou lidavam com eles de uma maneira

puramente egoísta e materialista. Veja também os comentários sobre Mateus 16.2-3.

22. A Necessidade da Reconciliação (12.57-59)

E por que não julgais também por vós mesmos o que é justo? (57). Por que é que vocês não são capazes de (ou não desejam) tomar a iniciativa de julgar com justiça? Por que vocês têm que ser cutucados, estimulados ou forçados a realizar julgamentos íntegros; ou, por falta dessas pressões, nunca julgam corretamente? Jesus usa uma ilustração para clarear essa pergunta.

Quando, pois, vais com o teu adversário ao magistrado, procura livrar-te dele no caminho (58). Isto é apenas bom senso. Reconcilie-se antes de chegar ao tribunal, pois é certo que não encontrará clemência lá, apenas a plena força de uma lei violada. Qualquer acordo, em vista disso, é clemência, e a busca desse acordo é sabedoria. É óbvio que aqui é o **adversário** quem está do lado da lei, e que o outro é o transgressor. Na ilustração dada, as opções são reconciliação ou prisão; e só um tolo escolheria esta última.

A força total dessa verdade é sentida quando percebemos que a verdadeira preocupação do Mestre é com a aplicação espiritual desta parábola. A reconciliação sugerida é entre o homem e Deus, e é o homem quem deve se submeter às condições. A única alternativa é sujeitar-se à sentença do Grande Juiz; e essa sentença é a punição eterna.

Podemos ver agora o significado completo da pergunta do Mestre no versículo 57. Ele está dizendo: “Por que vocês não podem ser suficientemente sábios para se humilharem e se reconciliarem com Deus - se converterem - em vez de se arriscarem às inevitáveis conseqüências de irem ao Julgamento como incorrigíveis adversários de Deus?”

Digo-te que não sairás dali enquanto não pagares o derradeiro ceitil (59). Se alguém rejeitar o arrependimento, a humildade, a clemência e a graça, deverá, então, esperar pagar por tudo que é

exigido pela lei. O julgamento deve ocorrer de acordo com a lei; não há lugar para a clemência ali.

Alguns sugeriram que a esperança de salvação completa está implícita na frase **enquanto não pagares o derradeiro ceitil**. Entretanto, essa esperança só é possível na versão literal da parábola. O criminoso na prisão tem a esperança da libertação. Há sempre uma chance de que, de alguma forma, ele possa pagar **o derradeiro ceitil**. Mas não há tal esperança para o pecador no inferno. Estas almas totalmente arruinadas não poderão jamais pagar a menor parte de suas dívidas inestimáveis. Veja também os comentários sobre Mateus 5.25-26.

23. *Exceto Aqueles Que se Arrependem* (13.1-5)

E, naquele mesmo tempo, estavam presentes ali (1). Isto, evidentemente, se refere ao tempo do discurso registrado no capítulo 12. Alguns daqueles que estiveram ouvindo a sua doutrina solene, relativa à prontidão, fidelidade, conflito e julgamento, falaram durante uma pausa no discurso do Mestre ou, talvez, ao final deste.

Os galileus cujo sangue Pilatos misturara com os seus sacrifícios. Este acontecimento não foi registrado por Josefo ou por qualquer outra autoridade, além de Lucas; no entanto, ele é consistente com a personalidade de Pilatos, a turbulência daqueles tempos, e o temperamento dos galileus.

Os fatos da história parecem ser os seguintes: Os galileus estavam em Jerusalém oferecendo sacrifícios no Templo. E enquanto estavam ocupados com isso, Pilatos enviou seus soldados para assassiná-los e, no processo, o sangue deles se misturou com o sangue dos animais que eles estavam oferecendo como sacrifícios. Esses galileus eram, provavelmente, culpados de infringir alguma lei romana. Note-se que eles eram súditos de Herodes e que esta ação poderia ter sido uma causa ou uma conseqüência do ressentimento entre Pilatos e Herodes, mencionado em Lucas 23.12.

Cuidais vós que esses galileus foram mais pecadores do que

todos os galileus, por terem padecido tais coisas? (2). Este acontecimento repulsivo foi relatado, evidentemente, não para mostrar a crueldade dos romanos, mas para sugerir que a Providência permitiu que esses galileus fossem trucidados por serem grandes pecadores. Pelo menos desde os tempos de Jó, acreditava-se que o infortúnio só ocorria como punição pelo pecado e que, portanto, qualquer tipo de calamidade era sinal de um pecado cometido anteriormente.

E possível que esse relato tenha sido feito aqui para ilustrar o que Jesus acabara de dizer em 12.58-59 - sugerindo, então, que a calamidade desses galileus era o resultado do seu fracasso de se reconciliarem com Deus. Uma coisa, entretanto, é certa: Os que relataram esta carnificina se consideravam tão diferentes desses **pecadores** que não corriam o perigo de sofrer um destino semelhante.

Não, vos digo; antes, se vos não arrependerdes, todos de igual modo perecereis (3). Por um lado, Jesus estava, no mínimo, sugerindo que a calamidade não era necessariamente uma punição direta pelo pecado. Por outro lado, Ele estava especificamente mostrando que, a despeito da graça de Deus, todos são pecadores e todos os pecadores perecerão, a menos que se arrependam.

Os judeus reservavam a palavra "pecador" para uma classe de transgressores a quem consideravam particularmente "imundos". Eles se sentiam seguros de que aqueles que executavam regularmente as suas práticas religiosas, conforme a prescrição de seus líderes, não eram pecadores.

Mesmo em nossos dias é fácil, especialmente para aqueles que estão na igreja, apontar os outros como pecadores e necessitados da graça salvadora de Deus. Não é fácil para alguém olhar para dentro de si mesmo e reconhecer o pecado em seu próprio coração. A todos que pecaram (e *todos* pecaram), Jesus diz: **Se vos não arrependerdes, todos de igual modo perecereis.** E a calamidade desses galileus não se compara à calamidade do inferno.

E aqueles dezoito sobre os quais caiu a torre de Siloé... (4). A torre de Siloé era, provavelmente, ligada ao tanque de Siloé, situada fora dos muros da cidade de Jerusalém, na extremidade sudeste. O propósito para o qual a torre foi erguida é desconhecido. A época também é desconhecida, mas o evento deve ter ocorrido, provavelmente, não muito antes da referência feita por Jesus.

O fato de Jesus usar este acontecimento para reforçar o seu argumento seria uma forte indicação de que as pessoas conheciam bem as particularidades do caso, e que os homens que foram mortos na queda da torre não eram homens notavelmente ruins, mas típicos trabalhadores judeus.

Não, vos digo; antes, se vos não arrependerdes, todos de igual modo perecereis (5). Jesus repete textualmente o versículo 3 com o objetivo de enfatizar ainda mais o seu ensino. A verdade que Ele estava ensinando era de máxima importância -importante o suficiente para repeti-la aqui.

24. A Parábola da Figueira Estéril (13.6-9)

Um certo homem tinha uma figueira plantada na sua vinha (6). Era um costume na Palestina antiga, assim como hoje, plantar figueiras e outras árvores nas vinhas.²² Era um meio de utilizar cada pedaço disponível de boa terra. A figueira aqui, como em todo o simbolismo bíblico, refere-se a Israel.

O orgulho nacional e racial dos judeus não permitia que se considerassem nada menos do que o povo escolhido de Deus, a única nação que pertencia por direito ao domínio de Deus. Entretanto, o uso que Jesus faz da figueira para representar Israel é mais interessante. Esta parábola parece representar os judeus como se estivessem ocupando apenas um canto da grande vinha do mundo.

E foi procurar nela fruto, não o achando. Embora a figueira estivesse na vinha, ela não tinha outro propósito a não ser dar fruto. Da mesma forma, Israel só tinha uma razão para ocupar o primeiro ou qualquer outro lugar: cumprir a missão que lhe fora dada por

Deus. Visto que a figueira era infrutífera, não teria o direito de existir; e visto que Israel se recusava a cumprir sua missão determinada por Deus, não tinha o direito de continuar.

E disse ao vinhateiro (7). O dono da vinha na parábola simboliza Deus Pai; o vinhateiro simboliza Cristo ou o Espírito Santo - Ele é o homem que poda as videiras e cuida da vinha.

Há três anos venho procurar fruto nesta figueira e não o acho; corta-a.

Alguns tentam simbolizar “três” com um significado espiritual ou místico. Ele se refere 1) à lei, 2) aos profetas, ou 3) a Cristo. Outros fazem uma alusão aos três anos do ministério de Cristo, mas é mais prudente não tentar forçar um significado. O número é simplesmente um detalhe literal na parábola, e significa que foi dada uma grande oportunidade à árvore para dar frutos. Então foi dada a ordem para cortá-la.

Por que ela ocupa ainda a terra inutilmente? Literalmente, “Por que ela ainda mantém o solo inútil?” Para o dono da vinha o caso é simples: Deveria dar fruto; não está dando fruto; portanto, permitir que permaneça é um desperdício de solo bom.

E, respondendo ele, disse-lhe: Senhor, deixa-a este ano, até que eu a escave e a esterque (8). O vinhateiro está pedindo misericórdia pela árvore, mas não por razões sentimentais. Ele não faz mais uso da árvore infrutífera do que o dono da vinha. Ele está pedindo mais tempo na esperança de que mais cultivo e fertilizantes estimularão a produção de frutos.

Sob o véu desta parábola, Jesus está expressando o seu desejo de outorgar mais trabalho a Israel a fim de estimular a produção de frutos - restaurar o seu povo ao lugar anterior de povo escolhido de Deus -, impedindo a catástrofe que de outro modo seria inevitável.

E, se der fruto, ficará; e, se não, depois a mandarás cortar (9). O sucesso teria valido os esforços, mas esta seria a última chance. E

amplamente conhecido que Israel não tirou proveito desta última chance, e que a previsão da catástrofe nacional se cumpriu.

Apesar de esta parábola ser diretamente dirigida à nação e à raça judaica, este é um aviso solene que todos devem considerar no coração. E o caminho de Deus, ou nenhum caminho. Devemos ocupar o nosso lugar ordenado por Deus, ou perderemos o direito a qualquer lugar. Isto, como mostrado na passagem anterior, exige arrependimento e a salvação que só Cristo pode dar.

Matthew Henry aborda esta parábola sob três títulos: 1) As vantagens de que dispunha esta figueira - estava plantada **na sua vinha** (no melhor solo); **2) A expectativa do proprietário em relação a ela - e foi procurar nela fruto**; 3) O desapontamento da sua expectativa - **não o achando.** ² versículo, portanto, parece indicar que este costume não foi interrompido, embora tivesse a oposição dos líderes judeus. O milagre que se segue está registrado apenas em Lucas.

Estava ali uma mulher que tinha um espírito de enfermidade havia já dezoito anos (11). Observe a maneira precisa e detalhada que Lucas, o médico, descreve a doença da mulher. Parecia que este era um caso extremo de curvatura da espinha, e a história fica mais triste ainda pelo fato de ela sofrer com isso havia dezoito anos.

A expressão **espírito de enfermidade** indica fortemente que a enfermidade foi causada por um espírito maligno, ou que a sua causa básica era espiritual. Esta inferência é sustentada no versículo 16, onde Jesus disse que ela era cativa de Satanás. Godet diz que a expressão **espírito de enfermidade** se refere à fraqueza espiritual, que por sua vez vem de uma causa maior, pela qual a vontade do sofredor se tornou cativa.²⁴ Esta “causa maior” a que ele se refere é obviamente espiritual; ou seja, uma aflição satânica. Assim, a mulher tinha uma doença dupla. A dificuldade física era uma manifestação exterior do cativeiro espiritual interior.

E não podia de modo algum endireitar-se. Literalmente, “e não conseguia se levantar completamente”. O grego permitiria estes dois sentidos: 1) “Era totalmente incapaz de se levantar”, ou 2) “Não era

capaz de erguer-se completamente”. A tradução anterior é preferível, tanto pela gramática grega quanto pelo contexto da passagem.²

Estás livre da tua enfermidade (12). **Estás livre** traduz um tempo perfeito do verbo no grego, indicativo de que a libertação é um fato consumado.

E impôs as mãos sobre ela, e logo se endireitou (13). Aqui ela experimentou o milagre. Ela se endireitou pelo toque das mãos do Senhor.

O príncipe da sinagoga (14). Provavelmente o chefe do conselho dos dez judeus que controlavam esta sinagoga. **...indignado porque Jesus curava no sábado.** Ele estava tão irado pela aparente violação do sábado que perdeu totalmente o sentido e o valor do milagre. A Lei, de acordo com a interpretação dos rabinos daquela época, só permitia que, no sábado, os médicos atendessem casos de emergência. O caso em questão era crônico e, portanto, segundo a interpretação dos rabinos, não podia legalmente ser tratado naquele dia santo.

...disse à multidão. O príncipe da sinagoga não teve coragem de atacar o Mestre diretamente, mas reprovou o povo - a mulher e aqueles que estavam com ela - com uma voz suficientemente alta para que Jesus ouvisse.

Seis dias há em que é mister trabalhar. Os rabinos exageraram tanto as proibições do quarto mandamento, a ponto de tal gesto de misericórdia de Jesus - a cura desta mulher aflita - ser interpretado como trabalho e, portanto, proibido no sábado.

Hipócrita, no sábado não desprende da manjedoura cada um de vós o seu boi ou jumento e não o leva a beber água? (15) O príncipe da sinagoga e todos os líderes dos judeus realizavam aquele gesto humano no sábado. Mesmo assim entendiam que esta mulher deveria sofrer até o dia seguinte. Esta grotesca inconsistência torna o termo **hipócrita**, proferido pelo Mestre, ainda mais apropriado. Quando nos lembramos de que aqueles animais representavam

propriedade - riqueza - vemos o completo egoísmo destes hipócritas. Spence coloca a questão da seguinte forma: “Qualquer possível indulgência deveria ser mostrada nos casos em que os seus próprios interesses estivessem envolvidos; porém, não se deveria pensar em nenhuma forma de misericórdia ou indulgência onde só fossem considerados os interesses dos pobres doentes”.³

Não convinha soltar desta prisão, no dia de sábado, esta filha de Abraão

(16). Para qualquer um que não esteja cego pelo preconceito, a resposta não só é óbvia como também é mais poderosa quando está implícita e não abertamente verbalizada. A referência de Jesus à mulher como sendo filha de Abraão sugere que ela tem um duplo apelo à misericórdia e ajuda de todos os judeus - como um ser humano e como uma compatriota israelita.

E, dizendo ele isso, todos os seus adversários ficaram envergonhados (17). A palavra **todos** indica que o chefe da sinagoga tinha alguns ajudantes ativos no seu ataque ao Mestre. Mas a réplica de Jesus era tão relevante e tão adequada, que até mesmo estes homens egoístas ficaram envergonhados. Eles não expressaram qualquer refutação - não havia nenhuma a fazer.

E todo o povo se alegrava por todas as coisas gloriosas que eram feitas por ele. O povo reconheceu e apreciou aquilo que os líderes religiosos negligenciavam por sua cegueira: que Deus havia trabalhado entre eles, e que havia demonstrado a sua ilimitada compaixão, assim como o seu soberano poder. Aquilo que viram fez com que associassem este Jesus ao Deus do Céu. Sem dúvida, a resposta de Jesus censurando o príncipe da sinagoga aumentou o entendimento e a admiração que sentiram pelo milagre ali presenciado por eles.

Charles Simeon faz três reflexões sobre este episódio: 1) Quanta cegueira e hipocrisia existem no coração humano! 2) Como é desejável abraçar cada oportunidade de esperar em Deus! - esta mulher recebeu

a cura porque participava fielmente das reuniões na sinagoga; 3) Com que conforto e esperança podemos confiar os nossos problemas a Jesus!

explicação de que embora o grão de mostarda seja a menor das sementes, a planta que dele brota se torna maior do que todas as ervas.

A versão de Lucas destas duas parábolas do Reino não é tirada do mesmo discurso do Mestre, como no caso dos outros dois sinóticos. Em Mateus e Marcos estas parábolas são relatadas como uma parte do ministério de Jesus na Galiléia, ensinando em um barco no mar da Galiléia para uma multidão que estava na praia. Lucas, por outro lado, registra outra narração posterior destas parábolas do Mestre, ocorrida durante o seu ministério na Peréia.

E disse outra vez: A que compararei o Reino de Deus? (20)

Jesus aqui repete a essência das duas perguntas no versículo 18. Por meio da repetição, Ele está procurando manter e fortalecer o efeito dramático introduzido anteriormente em seu discurso.

E semelhante ao fermento (21). Para uma discussão completa veja os comentários sobre Mateus 13.33.

B. O Segundo Estágio, 13.22—17.10

E percorria as cidades e as aldeias, ensinando e caminhando para Jerusalém (22). Este versículo serve tanto como uma introdução para o segundo estágio do ministério na Peréia - a “Viagem para Jerusalém” - como uma lembrança de que Jesus ainda tem Jerusalém como seu destino. Embora seus movimentos não signifiquem de forma alguma uma linha reta, Ele está se aproximando cada vez mais desse objetivo.

Como vimos antes,²⁸ esta “Viagem para Jerusalém” não é simplesmente uma viagem no sentido físico e geográfico, mas um movimento cada vez mais próximo do grande compromisso de Jesus com a Cruz. Jesus está se movendo naquela direção em um

duplo sentido: 1) Ele está sistematicamente completando seu tão importante e necessário ministério evangelístico, em cada cidade e aldeia, e 2) Ele está se movendo ao longo do tempo - e o tempo está se esgotando. Isto não é inconsistente com o fato de que durante esta grande “Viagem para Jerusalém” Ele tenha feito várias viagens ocasionais para Jerusalém.²⁹

Esta parte do ministério de Jesus (13.23—17.10) parece ter ocorrido logo após a sua presença em Jerusalém, na festa da purificação do templo mencionada em João 10.22-39. Naquela ocasião, após deixar Jerusalém, Ele seguiu para a Peréia - a terra além do Jordão, “onde João tinha primeiramente batizado” (Jo 10.40). Ele permaneceu ali até ser informado sobre a doença de Lázaro (Jo 11.3-7).³⁰

1. “*São Poucos os que se Salvam?*” (13.23-30)

E disse-lhe um (23). A vaga referência de Lucas a esta pessoa, com a indicação no contexto seguinte de que ele está fora do Reino, indica que não se tratava de um dos apóstolos, mas alguém dentre a multidão que seguia Jesus.

São poucos os que se salvam? Não sabemos o que provocou esta pergunta, nem conhecemos a atitude ou a personalidade do inquiridor. John P. Lange está convencido de que este interrogador anônimo estava deixando implícito, talvez em um tom de ridicularização, que um professo Salvador, lamentavelmente acompanhado por um grupo tão pequeno de seguidores, não poderia ser o Senhor que afirmava ser.³¹ Spence enxer-

ga um reflexo do exclusivismo judaico prevalecente - os judeus como aqueles **poucos** que seriam salvos.³² Qualquer que fosse o motivo ou o preconceito por trás da pergunta, o Mestre deu uma resposta séria e objetiva.

Porfiai por entrar pela porta estreita (24). A palavra grega aqui traduzida como **porfiai** é a nossa palavra “agonizar” (um termo que vem do grego). A palavra estreita denota aperto. Com uma porta estreita restringindo a entrada, forçando aquele que entra a se livrar

de qualquer peso ou bagagem, e com forças opostas bloqueando a sua entrada, as pessoas deverão se esforçar ardentemente (*agonizar*) para entrar. A passagem como um todo está dizendo: “Quaisquer que sejam os obstáculos, você deve entrar porque o preço do fracasso é muito alto”. **Muitos procurarão entrar** (quando for tarde demais) **e não poderão**. Esta é uma referência à segunda vinda de Cristo, ao final da era da graça, ou à morte como término do período de provação.

Quando o pai de família se levantar e cerrar a porta (25). A mudança da imagem da porta estreita para a porta fechada é antecipada na última sentença do versículo 24. A porta estreita dificulta a entrada; a porta fechada impossibilita a entrada. Quando na hora certa, no final do dia, o dono da casa fechava e trancava a porta, esperava-se que todos os membros da casa estivessem do lado de dentro; e se tivessem sido leais e obedientes realmente estariam ali.

E começardes a estar de fora e a bater à porta. Dois pecados são provavelmente responsáveis pela chegada dos atrasados: rebeldia e presunção. O amor ao pecado os seguraria, e uma falsa esperança de que o amor e a bondade do Mestre o levariam a abrir uma exceção para eles, os impediriam de agir conforme uma boa consciência.

E, respondendo ele, vos disser: Não sei de onde vós sois. Neste ponto a imagem física começa a desaparecer, e as palavras do Mestre se tornam mais literais. Perdemos a visão do dono oriental da casa, e vemos no seu lugar o Senhor do céu e da terra.

A palavra grega traduzida como **sei** tem um significado muito mais amplo e profundo do que a sua contrapartida em português. Além da idéia de saber, como usamos o termo, ela contém a idéia de experiência e comprometimento. “Saber” ou “conhecer” alguém no seu sentido amplo é ter um relacionamento íntimo, e estar profundamente comprometido com tal pessoa.³³ Mas observe que a responsabilidade de sermos conhecidos por Deus não é dele, mas nossa. Se Deus não “nos conhece” a culpa é nossa.

Então, começareis a dizer: Temos comido e bebido na tua presença, e tu tens ensinado nas nossas ruas (26) Veja novamente que a imagem desapareceu e o próprio Mestre está inegavelmente presente em sua parábola. O conhecimento superficial resultante de comer na mesma mesa com o Mestre, e de estar presente quando ensinava em suas ruas, era algo muito diferente de “conhecer” o Mestre ou de ser conhecido por Ele, no sentido pleno e próprio da palavra grega. Tal conhecimento superficial estava longe de ser suficiente para justificar os seus apelos para entrar.

E ele vos responderá: Digo-vos que não sei de onde vós sois (27). A súplica pela entrada é firme e finalmente rejeitada pela repetição da sua significativa acusação: **Não sei de onde vós sois. O** âmago da questão é visto através da caracterização que o Mestre fez destes que o buscaram quando já era tarde demais: o Senhor os classificou como obreiros da iniquidade. As desculpas e explicações pela indiferença em relação a Deus são inúmeras; mas a verdadeira causa de tal comportamento é sempre o pecado.

Ali, haverá choro e ranger de dentes, quando virdes Ahraão, e Isaque, e Jacó, e todos os profetas no Reino de Deus e vós, lançados fora (28). Aqui temos a aplicação fundamental da parábola. Os judeus, que com amor e senso de dever aceitaram Abraão, Isaque, Jacó e os profetas, porém rejeitaram Jesus, um dia verão estes ancestrais reverenciados no Reino de Cristo. Eles mesmos serão lançados para fora, por não estarem preparados para se associar a esta santa habitação.

O **choro** e o **ranger de dentes**, a fórmula hebraica mais forte para expressar um intenso sofrimento, é uma medida do sentimento do Mestre. Ele retrata a seriedade do seu tema, e a trágica finalidade da sua sentença.

E virão do Oriente, e do Ocidente, e do Norte, e do Sul (29). De cada raça e nação virão cidadãos do Reino - pessoas que realmente são conhecidas pelo Mestre, e que de fato o conhecem.

Derradeiros há que serão os primeiros; e primeiros há que

serão os derradeiros (30) Os **primeiros** são evidentemente os judeus (na aplicação fundamental deste versículo), e os **derradeiros** são os gentios.

Observe, entretanto, que nem todos os gentios serão verdadeiramente os primeiros, e nem todos os judeus serão realmente os derradeiros. Como nação, os judeus dos dias de Jesus o rejeitaram, mas muitos judeus o aceitaram ao longo dos séculos. Por outro lado, os gentios estão sempre longe de ser bons exemplos de atitude em relação a Cristo.

A verdade permanente encontrada na fórmula deste versículo é que posição, raça, ou qualquer coisa que faça com que o homem seja o primeiro aos olhos dos homens é insuficiente para torná-lo o primeiro para com Deus. Em última análise, só é primeiro aquele que dá a Deus o primeiro lugar no seu coração e vida, e só é derradeiro aquele que rejeita ou negligencia a Deus e as coisas espirituais.

2. Oposição e Compaixão (13.31-35)

Naquele mesmo dia. Os melhores manuscritos gregos dizem: “na mesma hora”. **...chegaram uns fariseus, dizendo-lhe: Sai e retira-te daqui, porque Herodes quer matar-te** (31) Não sabemos se os fariseus estavam precisamente informando a intenção de Herodes ou se estavam inventando a história para forçar Jesus a sair daquela localidade. Duas coisas parecem estar claras na visão do que se sabe sobre Herodes e os fariseus. Em primeiro lugar, os fariseus eram hostis o bastante para se utilizar tanto da verdade como da falsidade contra Jesus, e de forma alguma iriam colaborar com um inimigo. Em segundo lugar, Herodes mostrou, ao assassinar João Batista, que era capaz de matar um líder religioso. Também era evidente que Herodes e os fariseus podiam estar esperando se beneficiar com o resultado de tal informação. Visto que Herodes parecia estar incomodado com medos supersticiosos como consequência do assassinato de João,³⁴ ele pode ter enviado os fariseus com esta notícia a Jesus. Talvez esperasse que o Mestre partisse, livrando-se dele sem a necessidade de repetir um crime que lhe fora muito desagradável.

O lugar do qual Jesus foi aconselhado a partir era evidentemente a Peréia, uma parte do reino de Herodes, onde se deu a maior parte do ministério de Jesus registrado nesta parte do Evangelho de Lucas.

Ide e dizei àquela raposa (32). Herodes era cruel e ousado, e seria mais esperado que fosse representado como um leão do que como uma raposa. Mas ele também era astuto e vil, e era este aspecto de sua personalidade que Jesus tinha em mente. Se, como sugerido acima, Herodes estivesse propositalmente enviando os fariseus até Jesus, com um aviso contra Ele, o motivo para a designação **raposa** estaria evidenciado.

Spence declara que Jesus está literalmente se referindo a uma raposa, à fêmea,³⁵ e a partir disso conclui que Herodias, o poder que estava por trás do trono, fosse o objeto da frase de Jesus. Spence está indubitavelmente baseando o seu julgamento no fato de que a palavra grega usada é feminina. Mas a palavra grega para raposa é feminina na sua forma básica, e assim não podemos saber com certeza se o Senhor estava se referindo à fêmea. De qualquer forma, o fato de “raposa” ser um termo feminino no grego, mostra claramente que os povos de língua grega consideravam uma raposa o oposto de ousado e corajoso, de modo que Jesus não estava de maneira alguma elogiando Herodes.

Alguns questionaram se Jesus usaria um termo desses para referir-se a um rei. Mas uma abordagem exageradamente nobre, como vista na Idade Média e em período subsequente, não era então algo habitual. O fato de o termo ser perfeitamente adequado a Herodes é a ampla justificativa do Mestre. Também é importante lembrar que Herodes não era um governante judeu legítimo, mas um instrumento de César.

Eis que eu expulso demônios, e efetuo curas, hoje e amanhã, e, no terceiro dia, sou consumado. Jesus está dizendo, em primeiro lugar, que Ele tem trabalho a fazer, e que irá realizar este trabalho apesar de tudo - inclusive apesar da oposição de Herodes. Em segundo lugar, o tipo de trabalho que Ele está fazendo não é de forma alguma uma ameaça para o reino de Herodes - exceto à medida que o pecado

for ameaçado pela justiça e pela santidade. Vemos também uma profecia velada da ressurreição (**no terceiro dia, sou consumado**) que ocorreria em um futuro próximo. A expressão **sou consumado** significa, basicamente, que a sua obra então estaria concluída.

Importa, porém, caminhar hoje, amanhã e no dia seguinte (33). O tempo é curto, mas até que a sua obra termine, nem Herodes nem ninguém mais poderá impedi-

lo. **Para que não suceda que morra um profeta fora de Jerusalém.** Van Oosterzee chama isto de “ironia santa unida com uma profunda melancolia”.³⁶ E estas palavras são tão irônicas que podem ser vistas tanto olhando para trás, para as cenas sangrentas ocorridas em Jerusalém, no passado, como olhando adiante, para a crucificação que ocorreria em breve.

Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas... Quantas vezes quis eu ajun-tar os teus filhos... (34-35). Aqui Jesus derrama a amarga agonia do amor rejeitado. A amargura da sua tristeza mostra que embora seu amor não tenha sido requisitado e sua oferta de ajuda não tenha sido aceita, o seu amor não mudou. Jerusalém está sem esperança não porque Cristo tenha ido embora, mas porque eles literalmente não desejaram, não tiveram vontade, não quiseram o que Ele oferecia. Deus não forçará ninguém a aceitar as suas bênçãos. Para uma discussão complementar veja os comentários sobre Mateus 23.37-39.

3. A Cura no Sábado (14.1-6)

Entrando ele em casa de um dos principais dos fariseus (1).

Este líder estava entre os fariseus mais graduados. Ele era possivelmente um membro do Sinédrio, ou ocupava uma elevada posição no Estado judaico, e que lhe dava poder e influência.

Num sábado... para comer pão. Estas festas no dia de sábado eram comuns, e Jesus foi convidado para várias delas.³⁷ A única restrição feita nestas ocasiões era que a comida deveria ser preparada no dia anterior.

Eles o estavam observando. Esta é a primeira pista que temos de que seu anfitrião tinha um motivo secreto para convidá-lo, e explica porque um fariseu de nível elevado convidaria Jesus para comer em sua companhia em tal ocasião. O preconceito e o ódio dos membros daquele partido em relação a Jesus tinham chegado a um ponto tão crítico, que procuravam a sua destruição. Esta é uma das muitas ocasiões em que os fariseus agiam como hipócritas - sempre fingindo ser amigos de Jesus para alcançar os seus objetivos malignos. Eles até mesmo colaboraram com inimigos tradicionais durante as suas campanhas contra o Senhor. A aceitação de um convite como este por parte de Jesus demonstrou coragem e amor. Ele sabia por experiência o perigo que correria, mas seu amor por todos os homens - incluindo os fariseus - não deixaria que Ele abrisse mão desta oportunidade. Poderia surgir uma chance de ajudar esse anfitrião até mesmo nesta fase final.

Estava ali diante dele um certo homem hidrópico (2). Estas palavras implicam um aparecimento súbito - ou pelo menos um súbito reconhecimento da situação por parte de Jesus. O homem foi obviamente trazido pelo anfitrião e seus comparsas como uma cilada para o Senhor. Sem qualquer preparação ou apresentação, ele apareceu perante o Mestre. O fato da presença deste homem ser parte de uma trama contra Jesus está fortemente implícito na “observação” por parte dos fariseus (2). Isto também é evidenciado pela imediata defesa de Jesus da sua prática de curar no sábado (3-6).

E Jesus... falou aos doutores da lei e aos fariseus, dizendo: É lícito curar no sábado? (3) Como os pássaros que esperam pela presa, estes predadores humanos esperavam que Jesus caísse em seu poder. Mas Jesus transferiu a responsabilidade a eles, através de sua pergunta. Eles se consideravam autoridades da lei. Mas a lei condenava tais atos de misericórdia? Não, e eles indubitavelmente enxergaram o âmago da questão do Mestre. Mas seus preconceitos e propósitos malignos os impediram de admitir.

Eles, porém, calaram-se. E tomando-o, o curou e despediu (4). Em circunstâncias normais os fariseus teriam respondido à pergunta de Jesus, tanto para esclarecer seus ensinamentos neste ponto, como

também para condenar Jesus. Mas ali seus sinistros intentos poderiam ser melhor servidos pelo silêncio. Eles evidentemente não queriam fazer ou dizer algo que evitasse a cura daquele homem. Eles queriam usar o que consideravam como desconsideração de Jesus pelo sábado como munição para a sua campanha de destruição. Jesus estava bem consciente dos desígnios deles, mas havia duas coisas mais importantes para Ele naquela hora do que a sua própria segurança: um princípio de justiça e um ser humano que estava sofrendo. O homem hidrópico não era um partidário daquela trama, mas um inocente sofredor que estava sendo usado por aquele ardiloso anfitrião. O Mestre, sábio e bondoso como sempre, o curou e o despediu.

Qual será de vós o que, caindo-lhe num poço, em dia de sábado, o jumento ou o boi, o não tire logo? (5) Todos estes fariseus sabiam que o Mestre estava certo. Eles resgatariam imediatamente, mesmo no sábado, um animal que estivesse encurralado. Então, por que um homem que estava sofrendo não poderia ser curado? A única explicação para a inconsistência deles é que o preconceito e a vaidade estimulavam as suas atitudes. O preconceito das suas doutrinas religiosas fazia com que desconsiderassem as necessidades mais urgentes dos seres humanos. A ambição pelas riquezas representada no caso do animal encurralado, os tornava ávidos para tirar o animal do buraco. Em nenhum dos casos o amor e a bondade eram os motivos de suas atitudes.

E nada lhe podiam replicar sobre isso (6). No versículo 4 eles nada disseram porque o silêncio estava em harmonia com os seus desejos malignos. Aqui **eles não podiam responder** porque não tinham resposta alguma que não os incriminasse. O Mestre curou o homem e silenciou os seus inimigos. Mas ao fazê-lo, abriu uma brecha entre ele e seus inimigos, aumentando a determinação daqueles homens de destruí-lo.

4. Regras para os Convidados (14.7-11)

E disse aos convidados uma parábola, reparando como

escolhiam os primeiros assentos - literalmente, “lugares de honra” (7). O episódio da cura do homem hidrópico aconteceu imediatamente depois da chegada dos convidados, antes que tivessem ocupado os seus lugares à mesa. Assim que o homem curado deixou a casa e o Mestre silenciou os seus críticos, os convidados escolheram os seus lugares. O egoísmo deles imediatamente mostrou como cada um - como crianças indisciplinadas - tentava conseguir os lugares de maior honra. O Mestre presenciou a completa desconsideração deles tanto em relação à boa educação, quanto aos sentimentos alheios. Então o Senhor usou as atitudes daqueles homens como uma ocasião para ensiná-los, por meio de uma parábola (ou mais corretamente, um discurso parabólico), a atitude e a conduta adequadas dos convidados. Por meio destas regras para convidados Ele ensina uma atitude básica que devemos manter em todos os nossos relacionamentos humanos.

Quando por alguém fores convidado... não te assentes no primeiro lugar, para que não aconteça que esteja convidado outro mais digno do que tu... (8). Os melhores lugares são para os mais honoráveis, não para aqueles que possuem um ego mais exacerbado. O fato de que a honra deveria ser reservada para o verdadeiro mérito é tão amplamente reconhecido, que a afirmação por si mesma parece banal. Os homens freqüentemente ainda procuram e dão honra com pouca ou nenhuma consideração pelo mérito. Os fariseus eram notórios por procurarem sempre os melhores lugares; porém, eles ainda conheciam pouco sobre o tipo de personalidade que merece os lugares de honra. De fato, a sede deles pelos primeiros lugares demonstrava a sua completa indignidade, e cancelava qualquer mérito que pudessem vir a ter de outro modo.

Vindo o que te convidou a ti e a ele, te diga: Dá o lugar a este; e então, com vergonha, tenhas de tomar o derradeiro lugar... (9-10). O interesse próprio bem como o respeito pelo mérito deveriam ditar uma atitude mais humilde. A humilhação da desonra faria mais do que cancelar tanto o prazer como a honra do momento no lugar de destaque.

A atitude humilde não apenas evita o risco da humilhação, mas é sempre o caminho da exaltação. Se alguém se posiciona em um lugar

inferior, provavelmente será promovido - se tiver qualquer mérito. Esta promoção trará uma honra superior à honra intrínseca do lugar que lhe for dado. Mas a atitude humilde deveria ser tomada, não porque funciona - traz honra - mas porque é a certa. A melhor forma de se manter sinceramente humilde é manter os olhos em Jesus. Se isto for feito, o verdadeiro mérito do Mestre irá, de longe, obscurecer qualquer mérito sem importância que qualquer pessoa possa sentir que lhe pertença, e o resultado natural será uma humildade genuína.

Porquanto, qualquer que a si mesmo se exaltar será humilhado, e aquele que a si mesmo se humilhar será exaltado (11). Aqui Jesus expande o seu ensino com relação à atitude e à conduta dos convidados a um princípio universal. O caminho que leva para cima é descendente, e o caminho que leva para baixo é ascendente - um paradoxo, mas uma verdade significativa. Visto que a auto-exaltação é maligna, ela só pode humilhar. E visto que a verdadeira humildade está em perfeita harmonia com o relacionamento Criador-criatura, ela só pode exaltar aquele que a pratica quanto ao caráter e com relação a Deus. Ela também sempre traz a exaltação perante os outros.

5. *As Regras para os Anfitriões* (14.12-14)

E dizia também ao que o tinha convidado (12). Depois do seu discurso para os convidados, Jesus viu que alguma coisa precisava ser dita ao anfitrião. Ele podia ver que seu anfitrião era egoísta na escolha dos convidados, assim como os convidados eram egoístas ao escolherem os lugares de honra.

Quando deres um jantar ou uma ceia, não chames os teus amigos, nem os teus irmãos, nem os teus parentes, nem vizinhos ricos; para que... te seja isso recompensado. Isto não deve ser interpretado como uma proibição da prática de recepcionar amigos e parentes. Antes, fica claro que estas recepções não têm recompensas celestiais. Elas têm a sua compensação aqui - no prazer que se desfruta na ocasião, e na recompensa do convite que é feito a título de retribuição. Jesus está, então, condenando as razões egoístas

de qualquer anfitrião. E o Senhor está condenando a justiça própria e a exclusividade egoísta dos fariseus que os impediam de ser bondosos e de ajudar todos aqueles que estivessem em necessidades - independentemente de raça, partido ou posição na vida. Talvez a pior característica da atitude dos fariseus é que ela era encorajada, e até mesmo exigida, pela religião que praticavam.

Mas, quando fizeres convite, chama os pobres, aleijados, mancos e cegos e serás bem-aventurado; porque eles não têm com que to recompensar; mas recompensado serás na ressurreição dos justos (13-14). Em vista da atitude e da prática dos fariseus, esta sugestão soa como revolucionária. Mas, na realidade, não era. Os israelitas' eram obrigados, pela lei de Moisés, a incluir os pobres, os estrangeiros, os órfãos, e as viúvas em suas festas (Dt 14.28-29; 16.11; 26.11-13). A menção que Jesus faz aqui em relação aos mandamentos de Deus a Moisés relembra a ênfase dada aos deficientes físicos - os aleijados, os mancos, os cegos.

Visto que o motivo desta prática de ajudar sem egoísmo é o amor, e que não há chance de recompensa terrena, **recompensado serás na ressurreição dos justos.**

6. *A Parábola da Grande Ceia* (14.15-24)

Esta parábola é bem similar ao casamento do filho do rei em Mateus 22.1-10. Mas não se trata da mesma parábola. Os fatos nas duas narrativas, assim como a geografia e as circunstâncias da narração, são diferentes. A história de Mateus foi relatada em Jerusalém, como uma entre várias das “Parábolas do Reino”. Ade Lucas foi contada na Peréia, na casa do chefe fariseu, onde Jesus foi recebido. A história de Mateus também é sobre a **grande ceia** dada por **um certo homem**, por ocasião do casamento de seu filho. A de Lucas fala de uma **grande ceia** oferecida por **um certo homem**. Se estas parábolas foram baseadas em um fato histórico, é possível que ambas tenham utilizado o mesmo episódio. Entretanto, parece óbvio que o Mestre as usou de modo diferente, e em ocasiões separadas.

Um dos que estavam com ele à mesa, disse-lhe: Bem-

aventurado o que comer pão no Reino de Deus! (15). Este convidado estava impressionado com aquilo que o Mestre estava dizendo sobre o desprendimento de dar àqueles que têm maior necessidade, e também sobre a recompensa celestial. Ele parece sincero, e até desejoso, quando comenta sobre a bênção da divina recompensa - comer pão no Reino de Deus.

Se o convidado era um fariseu, como provavelmente era, isso nos lembra que nem todos os fariseus eram irresponsáveis para com a mensagem do Evangelho. Entretanto, é bem possível, e até provável, que ele ainda estivesse pensando que aqueles que comeriam **pão no Reino de Deus** seriam os judeus. Esta probabilidade é dada quase como certa quando Jesus aproveita sua afirmação como ponto de partida para uma parábola que condena a atitude de exclusividade e falsa segurança.

Um certo homem fez uma grande ceia e convidou a muitos (16). O uso da imagem da festa para representar o Reino de Deus era comum entre os judeus nos dias de Jesus. Seus amigos convidados, sendo judeus influentes, facilmente entenderiam o seu significado. Jesus estava, com efeito, dizendo ao convidado que fez uma observação sobre a bênção de comer pão no reino de Deus: “Sim, será uma bênção participar do banquete celestial; mas você e os outros judeus estão confiantes demais quanto à sua inevitável participação naquele banquete”.

O homem da parábola **convidou a muitos**. Este primeiro convite era amplo, mas exclusivo. Os pobres, aleijados e cegos não estavam incluídos. Na aplicação da parábola, os convidados foram os judeus. Isto era uma discriminação, mas os fariseus tinham, na verdade, restringido o convite ainda mais, devido ao seu legalismo negativo e exclusivismo egoísta.

Mandou o seu servo dizer aos convidados: Vinde, que já tudo está preparado. E todos à uma começaram a escusar-se (17-18). Este anfitrião tinha grandes razões e todo direito de esperar por aqueles que foram convidados para a festa. Apesar-de se escusarem, a conduta deles era inescusável, e suas desculpas eram ridículas. Temos

a impressão clara de que estes detalhes da história são propositadamente exagerados para se adequarem a uma aplicação espiritual, que é o propósito de Jesus ao expressar a parábola.

Tanto a recusa como as desculpas absurdas mostram que estes convidados estavam mostrando desprezo pelo dono da festa. Ninguém poderia confundir o desdém manifestado por eles. Suas atitudes foram tomadas como insultos pessoais, e tiveram indubitavelmente esta intenção.

Sob o tema “As Desculpas não Justificam”, Maclaren destaca 3 pontos: 1) A estranha recusa unânime; 2) As fracas desculpas; 3) A verdadeira razão - eles não queriam ir.

Então, o pai de família, indignado, disse ao seu servo: Sai depressa pelas ruas e bairros da cidade e traze aqui os pobres, e os aleijados, e os mancos, e os cegos (21). Aqueles que faziam parte do segundo grupo de convidados ainda estavam na **cidade**, o que indica que eles representavam os judeus. Mas o fato de estarem **nas ruas e bairros** bem como sua frágil condição econômica e física aponta para judeus de menor poder aquisitivo - “publicanos e pecadores”, assim como aqueles que eram literalmente os pobres e aleijados. Os fariseus considerariam todos esses como estando abaixo deles e muito longe de merecerem a atenção e o convite de Deus. Foi este grupo, entretanto, incluindo galileus simples que estavam presentes, que ouviu Jesus “de boa vontade” (ou “com prazer”).

E disse o servo: Senhor, feito está como mandaste, e ainda há lugar (22). Os publicanos e pecadores, camponeses galileus e aleijados judeus não eram suficientes para lotar a casa de convidados. A sala do banquete ainda tinha muitos lugares vazios. Aqui a imagem vai decrescendo lentamente, e passamos a ver as verdadeiras condições do reino. Vemos seu tamanho vasto, vemos a ilimitada oportunidade para todos aqueles que têm a devida consideração pelo convite **do dono da casa**.

Sai pelos caminhos e atalhos (23). A terceira lista de convidados se estendia além da cidade - além de Israel, chegando até os gentios.

Aqueles que eram considerados cães e errantes para os judeus estavam incluídos no convite final e universal.

E força-os a entrar. No cenário literal da parábola, isto simplesmente indica que estes últimos foram pressionados a aceitar o convite, **para que a minha casa se encha**. Mas em uma aplicação espiritual vemos o zelo evangelístico da igreja, assim como a pressão de convencimento do Espírito Santo em relação ao pecado que “empurrou” milhões de gentios para dentro do Reino. A injunção na parábola de forma alguma autoriza ou justifica a conversão autocrática em massa e à força - de tribos ou nações inteiras - pelos reis antigos e medievais. Esta pressão deve ser a do amor, da lógica, e do poder de atração do Espírito Santo.

Porque eu vos digo que nenhum daqueles varões que foram convidados provará a minha ceia (24). O desprezo e o insulto trouxeram a recompensa apropriada: a exclusão final e completa. A imagem da grande ceia também é quase esquecida aqui, e a aplicação do Mestre nos é trazida de forma plena. Isto pode ser visto no texto grego, nos versículos 23 e 24, onde o termo **vos** mencionado está no plural, enquanto o dono do banquete se refere ao servo no singular. O **vos** não pode ser o servo; o termo obviamente se refere àqueles a quem Jesus se dirigia. **Minha ceia** se torna mais do que um banquete oriental; torna-se o banquete no Reino celestial. Para uma discussão mais detalhada, veja os comentários sobre Mateus 22.1-10.

7. As Condições do Discipulado (14.25-33)

Ora, ia com ele uma grande multidão (25). À medida que Jesus se aproximava de Jerusalém, a multidão que o seguia aumentava. Em meio a esta multidão de pessoas estavam os discípulos verdadeiros, parasitas egoístas interessados em qualquer vantagem que Ele lhes pudesse trazer, e inimigos ávidos para destruí-lo. A consequência demonstra claramente que o primeiro grupo era muito pequeno em comparação com os outros dois. Assim que as exigências de completa renúncia e total comprometimento se tornaram mais claramente compreendidas, o grupo dos discípulos que estava ao seu lado diminuiu; e enquanto a sua popularidade diminuía, seus

inimigos aumentavam tanto em número quanto no vigor de sua oposição.

Se alguém vier a mim e não aborrecer a seu pai, e mãe, e mulher, e filhos, e irmãos, e irmãs, e ainda também a sua própria vida, não pode ser meu discípulo (26). Jesus reconheceu a tríplice divisão da multidão. Ele esclareceu mais adiante as exigências do discipulado e, indubitavelmente, restringiu ainda mais o grupo dos discípulos sinceros. É claro que Ele não queria dizer que deveríamos literalmente odiar os nossos familiares. Isto estaria em completa desarmonia com os seus ensinamentos em outras passagens. Ele está usando esta linguagem forte para dizer que não se pode permitir que algum outro amor, obrigação ou relacionamento esteja entre o Mestre e os seus discípulos. Qualquer coisa que se interponha entre o homem e Deus separa o seu relacionamento com o Senhor.³⁸ Ou Cristo terá o primeiro lugar, ou não terá lugar algum em nosso coração e vida.

E qualquer que não levar a sua cruz e não vier após mim não pode ser meu discípulo (27). Veja os comentários sobre Mateus 10.38; 16.24.

Qual de vós, querendo edificar uma torre, não se assenta primeiro a fazer as contas dos gastos...? (28) A palavra grega traduzida como **torre** é *purgon*, e significa “um lugar fortificado”. Jesus provavelmente fazia referência às torres que eram construídas nas vinhas e nas propriedades do país para defesa e observação. A sentença, **qual de vós**, poderia indicar que a torre a que o Senhor se refere é aquela que os ouvintes de Jesus provavelmente construiriam. Alguns acham que Ele tinha em mente aqueles palácios construídos por Herodes, e por outros que tentavam imitá-lo,³⁹ mas que nunca eram financeiramente capazes de completar seus planos pretensiosos. Mas esta diferença quanto ao tipo de construção que Jesus tinha em mente não é importante, porque Ele estava enfatizando a importância de se calcular o custo antes de construir. As alternativas ao ato de calcular as despesas são a perda de tempo, a confusão, a perda de material e o dinheiro.

Começar a construir um edifício sem primeiro verificar se há fundos suficientes para terminar a obra, seria uma verdadeira tolice. Mas tomar o voto do discipulado de uma forma leviana e presunçosa é bancar o tolo de uma maneira mais profunda, e em um sentido mais trágico. Tal aceitação irreverente dos votos sagrados e das responsabilidades denuncia uma falta de entendimento ou uma desconsideração pela seriedade do passo. Ela poderia refletir o espírito do exclusivismo de justiça própria que era característico dos fariseus. A penalidade pelo fracasso de não se calcular o custo do discipulado não é uma mera perda temporária ou uma confusão pessoal. Ela envolve uma possível perda eterna para o envolvido, e um embaraço para a igreja cristã como um todo. Também dá ao inimigo a oportunidade para blasfemar, facilita que os descrentes duvidem das verdades do Evangelho, e aumenta a probabilidade de que muitos se percam.

Ou qual é o rei que, indo à guerra... não se assenta primeiro a tomar conselho sobre se com dez mil pode sair ao encontro do que vem contra ele com vinte mil? De outra maneira... manda embaixadores... (31-32). Jesus reforça a verdade abordada, expressando outra parábola que possui o mesmo significado. Nenhum rei merecedor do título que ostenta iria a uma guerra sem primeiro analisar a fundo o seu potencial de guerra. Calcular os custos em assuntos temporais é uma atividade que é feita para se determinar se é possível pagar o preço. Mas na questão do discipulado, o propósito é determinar a vontade de alguém. Deus entende que *somos capazes* de fazê-lo se de fato *desejarmos* fazê-lo.

Assim, pois, qualquer de vós que não renuncia a tudo quanto tem não pode ser meu discípulo (33). Aqui Jesus está repetindo a idéia contida nos versículos 26 e 27. Lá Ele expressou o custo do discipulado. Portanto (w. 28-32), o Senhor proferiu duas parábolas para demonstrar a importância de se calcular os custos. Agora Ele repete, em outras palavras, qual é o custo do discipulado. Esta forma de discurso é um artifício hebraico usado tanto na poesia como na prosa. Primeiro se faz a proposição - então ela é demonstrada ou desenvolvida; a seguir, a proposição original é repetida com outras

palavras ligeiramente diferentes.

Esta passagem aparentemente radical não indica que o discipulado imperfeito de muitos seguidores de Jesus foi de todo inválido. Ele está afirmando em termos absolutos as implicações do discipulado, implicações que nem sempre são vistas na conversão. Mas à medida que os homens seguem Jesus com sinceridade, Ele coloca estas questões sob um enfoque direto, mais cedo ou mais tarde. Portanto, o homem deve tomar uma decisão saudável: ou ele confirma e busca a perfeição do seu discipulado pagando o preço total, ou começará a estar entre dois pensamentos e se desviar, até que finalmente já não andarão mais com Ele (Jo 6.66). Todos os crentes chegam, mais cedo ou mais tarde, a uma segunda grande crise de decisão. Esta é a encruzilhada da chamada para a completa santificação - não afirmada doutrinariamente nesta passagem, mas implícita pelos termos absolutos do discipulado.

8. *O Sal Insípido* (14.34-35)

Bom é o sal, mas, se ele degenerar, com que se adubará? Nem presta para a terra, nem para o monturo (34-35). O sal era um dos itens mais importantes da comida nos dias antigos. Sua principal utilidade era preservar a comida, e visto que a refrigeração e os métodos modernos de embalagem eram desconhecidos, ele realizava uma função extremamente importante. Mas o sal só é bom, tanto para temperar como para preservar comida, se for salgado. Porém se perder a sua qualidade, ele se torna um dos materiais mais inúteis.

Assim também a religião passa a não valer nada se perder o seu elemento vital. Este elemento essencial não pode estar presente sem o auto-sacrifício e um comprometimento total com Cristo (para uma discussão mais profunda veja os comentários sobre Mt 5.13).

9. *Amor e Ódio pelos Pecadores* (15.1-2)

Estes dois versículos formam uma introdução para o capítulo 15 de Lucas. Um título apropriado para esta seção seria “Buscando o Perdido”. O capítulo é composto por três parábolas: “A Ovelha

Perdida”, “A Dracma Perdida” e “O Filho Pródigo”.

E chegavam-se a ele todos os publicanos e pecadores para o ouvir. E os fariseus e os escribas murmuravam, dizendo: Este recebe pecadores e come com eles (1-2). As palavras gregas traduzidas como **chegavam-se** poderiam ser traduzidas como “estavam se aproximando”. Isto indica não um episódio isolado, mas uma tendência geral de publicanos e “pecadores” se aproximarem de Jesus no final de seu ministério. Esta interpretação se harmoniza com a afirmação de Lucas de que **todos os publicanos e pecadores** estavam se aproximando. Esta sentença dificilmente poderia indicar uma única ocorrência. A acusação dos inimigos de Jesus de que Ele recebia pecadores e comia com eles deve se referir à prática geral de Jesus, ou a episódios anteriores. Não há indicações de que Jesus estivesse naquela época comendo com pecadores ou com alguém mais.

Mas visto que as murmurações dos fariseus e escribas era uma oportunidade para Jesus contar as parábolas, parece provável que alguma coisa tenha se espalhado nesta época para lembrar os inimigos de Jesus da afinidade que Ele tinha com os publicanos e pecadores. Isto, entretanto, pode não ter sido mais do que membros destes grupos desprezados estarem presentes na multidão que cercava Jesus naquele momento.

O ódio dos fariseus e escribas pelos publicanos e pecadores é bem conhecido. Eles sentiam que qualquer um que se associasse com estas pessoas desprezadas o fazia por ter o mesmo caráter. Eles não podiam compreender o tipo de amor que buscava os pecadores, os rejeitados, os desprezados, com a finalidade de lhes fazer o bem, para elevá-los a uma vida superior.

Era este amor da parte de Jesus que atraía este povo desprezado. Eles viram facilmente o contraste entre a atitude de Jesus e a dos fariseus, e era natural que fossem atraídos Aquele que tanto os amava. As três parábolas neste capítulo ilustram esta consideração pelos perdidos. Em cada caso aquele que estava perdido era considerado precioso. Valia a pena buscá-los, e também valia a pena se alegrar quando eram encontrados.

10. *A Ovelha Perdida* (15.3-7)

E ele lhes propôs esta parábola (3). Esta e a próxima parte formam um par de parábolas curtas, que expressam a mesma verdade através de diferentes figuras. Comparadas com a parábola do filho pródigo, elas são menores.

Para uma discussão detalhada dos versículos 4-6 veja os comentários sobre Mateus 18.12-13.

Digo-vos que assim haverá alegria no céu por um pecador que se arrepende, mais do que por noventa e nove justos que não necessitam de arrependimento (7). Este versículo é a aplicação da parábola ou a conclusão do argumento. Jesus está dizendo que a sua atitude para com o perdido, ilustrada pela atitude do pastor, é um reflexo das reações no céu - ele sente mais alegria pelo que se arrepende do que pelas noventa e nove **que não necessitam de arrependimento**.

Mas quem são os justos ou aqueles que não precisam de arrependimento? Lutero e outros entendem que Jesus se refere àqueles que foram justificados pela graça de Deus como resultado de um arrependimento anterior. Van Oosterzee está convencido de que Jesus está se referindo àqueles que se consideram justos - os fariseus, por exemplo, que faziam parte da multidão a quem Ele estava falando.⁴⁰ Também é possível que estes justos sejam os anjos.⁴¹

Visto que Jesus estava respondendo à crítica dos escribas e fariseus, é mais provável que estivesse tomando emprestado a terminologia deles. Eles dividiam a população judaica em pecadores e **justos**. Os justos eram aqueles que, na opinião deles, não necessitavam de arrependimento. Eles se colocavam nesta categoria. Jesus estava dizendo, com efeito: “Vocês desprezam aqueles que vocês mesmos chamam de ‘publicanos e pecadores’; mas o céu se alegra mais pelo arrependimento de um destes do que por noventa e nove de vocês, que, de acordo com as suas tendenciosas opiniões, não precisam de arrependimento”.

Ao interpretar qualquer parábola, devemos ter o cuidado de não fazer com que a parábola - como um todo ou em seus detalhes - se ajuste àquilo que pensamos.

11. *A Dracma Perdida* (15.8-10)

Ou qual a mulher que, tendo dez dracmas, se perder uma dracma, não acende a candeia, e Varre a casa, e busca com diligência até a achar? (8-9). Esta parábola repete o significado da primeira com uma ilustração diferente. Aqui uma mulher que tinha apenas dez dracmas perdeu uma, e procurou-a até encontrá-la. Sua alegria foi tamanha que, tendo-a encontrado, chamou suas amigas e vizinhas para comemorar com ela.

O versículo 10 é praticamente uma repetição do versículo 7. A alegria da mulher por encontrar a moeda perdida ilustra a atitude e a reação no céu quando um pecador se arrepende.

Charles Simeon faz três observações sobre esta parábola: 1) Não há ninguém tão indigno, a ponto de não ser objeto da preocupação do Senhor; 2) Não há esforços, por maiores que sejam, que Ele não faça em prol da recuperação deles; 3) Não há nada tão gratificante para Ele quanto a recuperação daquele que está perdido.

12. *O Filho Pródigo* (15.11-24)

A parábola do filho pródigo, como esta narrativa é normalmente chamada, é uma das histórias mais amadas em todo o mundo. É maior e mais complexa do que as duas parábolas anteriores, e tem uma aplicação mais ampla. Mas o ponto principal da história é o mesmo das que a precedem. A parábola completa inclui os versículos 11-32, mas ela é tratada aqui em duas partes; a primeira cuida do filho pródigo (o mais novo), e a segunda do filho mais velho. A parábola é encontrada apenas em Lucas.

Um certo homem tinha dois filhos. E o mais moço deles disse ao pai: Pai, dá-me a parte da fazenda que me pertence (11-12). Os personagens das duas parábolas anteriores eram de uma classe

inferior da sociedade judaica; a família aqui é de classe mais elevada, com considerável riqueza, prestígio e influência.

Não era totalmente incomum na história judaica o pai dar a herança ao filho mais novo antes da sua morte. Abraão deu a herança de Isaque e seus outros filhos, antes da sua própria morte (Gn 25.5-6). Porém era totalmente irregular que o filho a pedisse. Quando este favor era concedido, ele se originava da livre e espontânea vontade do pai.

E, poucos dias depois, o filho mais novo... partiu para uma terra longínqua e ali desperdiçou a sua fazenda (13). Esta foi a razão pela qual o filho pediu a sua herança. Ele queria desfrutar os prazeres, queria “cair na farra”. Ainda não tinha aprendido que aquilo que plantarmos, colheremos. Godget indica duas coisas que o impeliram a sair de casa: os limites impostos pelo pai, e a atração pelo mundo e suas diversões.⁴²

Não se sabe onde ficava este local, mas sem dúvida era um país bem além das fronteiras de Israel, e pode até ter sido Roma. Onde quer que fosse, era de fato um país moralmente distante - bem diferente da atmosfera de casa. A dissipação dos seus bens indica que seu dinheiro foi mal gasto e chegou ao fim. A vida desordenada é errada e cara.

E, havendo ele gastado tudo, houve naquela terra uma grande fome, e começou a padecer necessidades (14). A fome era comum nas terras orientais, mas em um sentido muito real esta era a própria fome pessoal do jovem. Este efeito foi aumentado no caso dele, devido à sua prodigalidade e pecado. Observe a relação gramatical próxima entre ter gasto tudo, e a vinda da fome. Ele estava destituído: estava sem dinheiro, sem trabalho, e sem amigos. Estava sem amigos porque não tinha dinheiro; o tipo de amigos que ele escolheu amava o seu dinheiro, porém não o amava.

E... chegou-se a um dos cidadãos daquela terra, o qual o mandou para os seus campos a apascentar porcos. E desejava encher o seu estômago com as bolotas... e ninguém lhe dava nada (15-16). Ele não tinha nada; não ganhava nada; e o único

emprego que conseguiu era inadequado à sua condição social e à sua religião. Os judeus eram proibidos de comer carne de porco. Eles podiam criá-los e vendê-los aos gentios, mas o trabalho de administrá-los era um dos mais baixos na escala social. O jovem não apenas aceitou o emprego, como estava a ponto de comer com os porcos, embora tal comida tivesse poucos nutrientes. Tendo deixado a sua casa em busca de liberdade, ele encontrou, ao invés disso, escravidão e privação - ou talvez elas o tenham encontrado.

E, caindo em si (17) - como se estivesse se levantando de um pesadelo. Ele estava moral e espiritualmente cego, não era capaz de enxergar as coisas como elas realmente eram; seu senso de valores estava desequilibrado. Agora ele via muitas coisas mais claramente e a partir de uma perspectiva certa. Mas principalmente via a si mesmo como ele realmente era. Viu que não estava apenas destituído, mas que aquele pecado - o seu próprio pecado - era a causa.

Quantos trabalhadores de meu pai têm abundância de pão, e eu aqui pereço de fome! Que incoerência! Ele havia se excluído da abundância da casa do pai. Isto ele vê claramente.

Levantar-me-ei, e irei ter com meu pai, e dir-lhe-ei: Pai, pequei... (18). Tendo agora uma clara visão da situação, ele foi capaz de escolher o remédio correto; se arrepender e voltar. Tanto o arrependimento quanto o retorno lhe eram necessários, e o mesmo é verdadeiro em relação a qualquer pecador.

Já não sou digno de ser chamado teu filho; faze-me como um dos teus trabalhadores (19). Uma clara visão da pecaminosidade produz a convicção da indignidade. Quando ele pediu ao pai a sua parte da herança, seu pedido estava baseado em um senso de mérito. Agora, uma consciência do pecado o convenceu de que ele não tinha mais nenhum mérito. Ele só podia contar com a misericórdia e o perdão. Esta é uma excelente imagem da atitude correta de um pecador que está buscando a salvação.

O filho pródigo não pediu para ser um servo, mas para ser tratado **como um dos seus trabalhadores**. Ele sabia que seu pai não podia

se esquecer completamente da sua relação anterior com a família, mas ele está totalmente convencido de que não merece mais ser chamado de filho. Ele pede que lhe seja restituído o seu ofício anterior, mas não pede para ter novamente a sua filiação, com seus privilégios e honras.

E, levantando-se, foi para seu pai; e, quando ainda estava longe, viu-o seu pai, e se moveu de íntima compaixão, e, correndo, lançou-se-lhe ao pescoço, e o beijou (20). O filho assumiu uma posição - levantou-se e foi. Mas ele subestimou completamente o amor de seu pai: o amor que fez com que o pai esperasse a sua volta, que corresse ao seu encontro, que interrompesse a confissão do jovem e começasse a dar mais do que foi pedido antes do pedido ter sido concluído. Ao filho pródigo foi restituída a completa filiação, com todos os seus privilégios e honras, e a sua volta foi comemorada com o melhor que o seu pai tinha a oferecer.

Porque este meu filho estava morto e reviveu; tinha-se perdido e foi achado (24). O amor encobriu o passado com um manto de perdão quando o filho retornou e se arrependeu. Agora o pai só tinha um pensamento: meu filho que estava morto - moralmente e perante a lei, como também no coração do pai - está vivo.

A referência ao filho ser **achado** indica uma procura da parte do pai. Mas este era um tipo de busca que é encontrado nas duas parábolas precedentes. O pai não saiu fisicamente em busca do seu filho. Ele sabia que isto seria inútil. O filho saiu porque queria sair, e não voltaria simplesmente através de um pedido do pai. O filho nunca voltaria até que tivesse mudado de idéia - até que caísse **em si**.

Foram o amor e a influência do pai que procuraram o filho, que seguiram cada um de seus passos. Este amor estava presente no momento em que o jovem caiu em si - esta foi a primeira coisa em que o jovem pensou. E assim que Deus busca o pecador; Ele o segue com a sua providência. Ele o atrai com amor, e o convence através do seu precioso e bendito Espírito Santo.

Maclaren apresenta uma boa abordagem dos “Presentes ao Pródigo”, dos quais ele lista quatro: 1) As vestes; 2) O anel; 3) Os calçados nos pés; 4) O banquete.

Um esboço simples desta parábola é: 1) O proprietário, 11-12; 2) O pródigo, 13-14; 3) O miserável, 15-16; 4) O penitente, 17-19. Há outro desenvolvimento que também tem sido utilizado: 1) O pecado deste filho, 11-16; 2) O retomo à sanidade, 17-20a; 3) As boas-vindas dadas pelo pai, 20b-24.

13. O Irmão Egoísta do Filho Pródigo (15.25-32)

E o seu filho mais velho estava no campo; e, quando veio e chegou perto de casa, ouviu a música e as danças. E, chamando um dos servos, perguntou-lhe que era aquilo (25-26).

E esta segunda parte da parábola que aponta para a situação imediata. O filho pródigo representa o pecador, os proscritos da raça judaica. O filho mais velho representa os judeus religiosos - fariseus, escribas e outros devotos professos. Eram aqueles que, segundo suas próprias afirmações, nunca tinham se desviado do caminho; permaneciam sempre fiéis.

Mas ele se indignou e não queria entrar. E, saindo o pai, instava com ele

(28). O amor do pai pelo filho mais velho não tinha diminuído devido ao retorno do mais novo. O filho mais velho **não entraria**, mas o pai **sairia** ao seu encontro.

Havia duas razões para a ira do filho mais velho. A primeira era um espírito legalista que levava o pedido de punição até o ponto de não haver mais espaço para a misericórdia. Então perdoar, receber e honrar o irmão mais novo, não importando as circunstâncias que se desejava suavizar, era considerado fraqueza e falta de preocupação com a justiça. A segunda causa da ira do irmão mais velho, e sem dúvida a causa básica, era o egoísmo. Ele queria tudo para si - toda a honra, assim como toda a propriedade.

Mas,... Eis que te sirvo há tantos anos, sem nunca transgredir o teu mandamento, e nunca me deste um cabrito... Vindo, porém, este teu filho... mataste-lhe o bezerro cevado (29-30). Aqui vemos os dois traços de caráter principais do irmão mais velho: justiça própria e egoísmo.

Veja a reclamação do filho mais velho. Ele faz um contraste duplo. Primeiro, diz que nunca foi recepcionado com um banquete pelo seu pai, enquanto seu irmão agora está sendo tão honrado. Em segundo lugar, compara o **cabrito** que não recebeu com o **bezerro cevado** que foi preparado para o seu irmão.

Observe também que o filho mais velho perdeu todo o sentimento de fraternidade pelo pródigo. O mais velho não se refere ao pródigo como “meu irmão”, mas sim como “teu filho”.

Filho, tu sempre estás comigo, e todas as minhas coisas são tuas (31). Como este filho mais velho era cego! Ele estava reclamando por nunca ter ganhado um cabrito, enquanto na realidade tudo que seu pai tinha era dele, tanto por ser o mais velho, como pelo fato de o filho mais novo já ter recebido a sua herança.

Aquilo pelo que deveria estar mais agradecido, e que ignorava ou negligenciava, era: **Sempre estás comigo.** O amor, a honra, o respeito, e o companheirismo de seu pai, deveriam estar guardados com ele acima de qualquer coisa.

Mas era justo alegrarmo-nos... porque este teu irmão estava morto e reviveu; tinha-se perdido e foi achado (32). O amor do pai capacitou o filho mais velho a enxergar uma responsabilidade que o legalismo, o materialismo e o egoísmo o impediram de ver. O pai gentilmente o lembrou de que o pródigo não era simplesmente filho dele, mas **teu irmão.**

A aplicação desta parábola é clara. Os publicanos e pecadores são representados pelos pródigos. Embora seus pecados sejam muitos e graves, eles encontrarão o perdão quando retornarem ao Pai Celestial com um verdadeiro arrependimento. Por outro lado, os escribas e

fariseus representados pelo irmão mais velho não são apenas desprovidos de amor pelos pecadores, mas tentam evitar que Deus opere na vida de outras pessoas. Não fazem nada para restaurar o perdido, e usam a influência que possuem para se oporem a qualquer um que procurar fazê-lo. Esta foi uma das maiores razões da oposição que fizeram a Jesus.

14. *A Parábola do Mordomo Infiel* (16.1-9)

Esta parábola foi provavelmente ensinada logo depois daquelas que se encontram no capítulo 15, mas em uma ocasião diferente. Provavelmente mais tarde, no mesmo dia.

E dizia também aos seus discípulos (1). A palavra **discípulos** é usada em um sentido amplo, incluindo todos os simpatizantes seguidores de Cristo. Embora dirigisse esta parábola aos seus discípulos, Jesus ainda estava na presença da multidão. Isto fica evidente no versículo 14, onde encontramos os fariseus se opondo à mensagem do Senhor.

Havia um certo homem rico, o qual tinha um mordomo; e este foi acusado perante ele de dissipar os seus bens. Este administrador cuidava dos negócios e bens do homem rico, incluindo as suas propriedades. Ele evidentemente havia recebido amplos poderes para administrar e controlar as riquezas do dono e, portanto, tinha várias oportunidades de ser desonesto. Ele foi acusado de desperdiçar os bens do seu senhor. A palavra grega traduzida como **dissipar** significa literalmente “desperdiçar”, “espalhar”, como em uma campanha militar. Parece que o mordomo estava realmente roubando os bens, ou administrando-os em seu próprio benefício. O dono evidentemente não vivia na propriedade, mas na cidade, e assim não conhecia os negócios desonestos do administrador.

E ele, chamando-o, disse-lhe:... Presta contas da tua mordomia, porque já não poderás ser mais meu mordomo (2). **Prestar contas** significa literalmente “mostrar as contas”. Seu patrão exigiu que fosse preparado um relatório financeiro completo. Esta conta não seria para mostrar a inocência ou culpa do administrador.

O proprietário já tinha certeza de sua culpa, e o informou: **porque já não poderás ser mais meu mordomo.**

E o mordomo disse consigo: Que farei... Cavar não posso; de mendigar tenho vergonha. Eu sei o que hei de fazer, para que, quando for desapossado da mordomia, me recebam em suas casas (3-4). O Dr. J. B. Chapman certa vez escreveu um pequeno artigo no *Herald of Holiness* sobre esta parábola, e o intitulou “Cavar, Mendigar, ou Roubar”. Ele afirma que o mordomo era muito preguiçoso para cavar e tinha vergonha de pedir; então decidiu roubar. O homem decidiu usar as poucas horas que lhe restavam no escritório para ganhar a amizade de alguns devedores do seu patrão, de forma que após a sua demissão tivesse amigos que o acolhessem.

Quanto deves ao meu senhor? (5) Este administrador desonesto e esperto chamou **cada um dos devedores** do seu patrão, e diminuiu a quantia da dívida que cada um tinha. Ele alterou uma conta de cem medidas de azeite (mil galões de azeite) para cinqüenta; reduziu outra conta de cem alqueires de trigo para oitenta.

E louvou aquele senhor o injusto mordomo por haver procedido prudentemente (8). O **senhor** que elogiou o mordomo na história era o dono dos bens na história, é claro, e não Jesus. A palavra traduzida como **prudentemente** pode ser traduzida como “sabiamente” ou “de forma escrupulosa em relação aos seus próprios interesses”. Embora o homem rico tivesse sido roubado, ele admirou esta demonstração incomum de prudência, de lidar com o dinheiro para fazer amigos.

Porque os filhos deste mundo são mais prudentes na sua geração do que os filhos da luz. Ou, “Porque ao lidar com os seus semelhantes, os homens do mundo são mais espertos do que os filhos da luz” (Weymouth). Os cristãos são geralmente menos prudentes ao lidar com o dinheiro do que os homens do mundo.

E eu vos digo: granjeai amigos com as riquezas da injustiça, para que, quando estas vos faltarem, vos recebam eles nos tabernáculos eternos (9). Jesus não está de forma alguma

aprovando a desonestidade do administrador. Mas, ao contrário, Ele diz: “Use as riquezas deste mundo para conseguir amigos a fim de que, quando as riquezas faltarem, eles recebam vocês no lar eterno”. Este versículo é de difícil interpretação. **Riquezas da injustiça**, ou mamom, significa, literalmente, “riquezas mundanas”. **Quando estas vos faltarem** é uma expressão que consta nos melhores textos gregos. Jesus está dizendo: “Use a sua riqueza mundana de forma a alcançar valores maiores”. Ele também encoraja os seus discípulos a usarem maior diligência e prudência ao se prepararem para o seu futuro eterno, assim como o mordomo infiel usou estas qualidades para se preparar para a seqüência de seus assuntos temporais. Trench escreve: “Estou convencido de que aqui temos simplesmente uma parábola da prudência cristã - Cristo nos exortando a usar o mundo e os bens do mundo, por assim dizer, *contra* o mundo e *a favor* de Deus”.⁴³

Nunca houve um conselho melhor sobre o tema deste versículo, do que aquele que está contido no sermão de John Wesley, intitulado: “O Uso do Dinheiro”. Ele faz três considerações simples, porém excelentes: 1) “Ganhe tudo que puder”; 2) “Economize tudo que puder”; 3) “Dê tudo que puder”. Para que seja corretamente entendido, o sermão deve ser lido em sua totalidade.

15. *A Fidelidade de Todo o Coração* (16.10-13)

A mensagem destes versículos é uma continuação do pensamento e uma aplicação da parábola do mordomo infiel.

Quem é fiel no mínimo também é fiel no muito; quem é injusto no mínimo também é injusto no muito (10). Esta é uma verdade universal. Fidelidade e infidelidade não são questões matemáticas. Elas surgem da condição moral e espiritual do homem interior. Assim, a fidelidade ou infidelidade do homem em questões menores é um indicador do seu caráter. Baseado neste indicador alguém pode determinar se pode ser confiável em questões de maior importância.

Pois, se nas riquezas injustas não fostes fiéis, quem vos confiará as verdadeiras? (11). Aqui está um contraste entre

riqueza eterna e temporal. Atemporal não é mais do que uma sombra quando comparada com aquela que é eternamente real. A infidelidade em relação à temporal é uma clara indicação da falta de merecimento de confiança em relação àquilo que é real e eterno.

E, se no alheio não fostes fiéis, quem vos dará o que é vosso?

(12). A falta de confiança como mordomo/administrador faz com que uma pessoa se torne indigna de possuir riquezas. A verdade escondida por trás da imagem é que nesta vida não possuímos nada; Deus é o dono de tudo e nós somos os seus administradores. Neste versículo está implícita a promessa de que no mundo vindouro receberemos a nossa própria riqueza. Mas se formos infiéis em nossa atual condição de administradores de riquezas, Deus não nos confiará a nossa própria riqueza - Ele não nos dará aquela verdadeira riqueza no próximo mundo.

Nenhum servo pode servir a dois senhores (13). A verdadeira lealdade não pode ser dividida em qualquer esfera, e isto é verdade especialmente na esfera celestial. **Porque ou há de aborrecer a um e amar ao outro ou se há de chegar a um e desprezar ao outro** (veja os comentários sobre Mt 6.24).

16. Auto justificação e Condenação Divina (16.14-15)

E os fariseus, que eram avarentos, ouviam todas essas coisas e zombavam dele (14). O egoísta pervertido passará a ridicularizar quando não tiver argumentos para defender a sua conduta. Visto que os fariseus eram notoriamente ambiciosos, eles sofreram uma dupla “ferroada” através da denúncia de Jesus: ferroada de consciência e ferroada de uma reputação ferida. É natural que sentissem que nestes dois assuntos os ensinamentos de Jesus eram dirigidos diretamente a eles, como sem dúvida eram - ao menos em parte.

E disse-lhes: Vós sois os que vos justificais a vós mesmos diante dos homens, mas Deus conhece o vosso coração (15). A reputação da qual gozavam os fariseus, obtida pela religiosidade, pelo poder da lei Mosaica, e da lógica, facilitava que eles impusessem sobre as pessoas as suas idéias, e justificassem as suas condutas, quando

qualquer uma de suas incoerências eram expostas à visão pública. Mas Jesus esclarece que embora pudessem convencer os homens da sua piedade e santidade, eles não podiam enganar a Deus. Ele conhece a verdade sobre todos os homens.

Porque o que entre os homens é elevado perante Deus é abominação. Os julgamentos dos homens são confundidos tanto pela ignorância como pela natureza carnal pervertida. Os homens apreciam as posses temporais mais do que as riquezas celestiais. Eles são enganados para acreditar que a hipocrisia farisaica é a verdadeira religião, e que a verdade sagrada é heresia. Mas Deus não pode ser enganado. Seu conhecimento é perfeito, e seus julgamentos são sempre verdadeiros e justos.

17. *Esforçando-se para Entrar no Reino* (16.16-17)

A Lei e os Profetas duraram até João; desde então, é anunciado o Reino de Deus, e todo homem emprega força para entrar nele (16). Veja os comentários sobre Mateus 11.12-13.

E é mais fácil passar o céu e a terra do que cair um til da Lei (17). Veja os comentários sobre Mateus 5.18

18. *Acerca do Divórcio* (16.18)

Qualquer que deixa sua mulher e casa com outra adultera; e aquele que casa com a repudiada pelo marido adultera também (18). Veja os comentários sobre Mateus 5.32; 19.9; e Mc 10.11. Mateus acrescenta a frase: “Anão ser por causa de prostituição”, mas Marcos e Lucas não fazem exceção.

19. *A Parábola do Rico e Lázaro* (16.19-31)

Havia um homem rico (19). Nas parábolas do filho pródigo e do mordomo infiel, um homem rico representava Deus. Nesta aqui o rico é visto apenas à luz das suas responsabilidades para com Deus e para com os seus semelhantes.

Muitos afirmam que esta história é o relato de um acontecimento real

e não simplesmente uma parábola. Estes entendem que a frase **um homem rico**, indica uma pessoa histórica. Quer a parábola seja uma história verdadeira ou não, uma coisa é certa: Jesus deu um relato do que poderia acontecer.

E vestia-se de púrpura e de linho finíssimo, e vivia todos os dias regalada e esplendidamente. Isto retrata uma vida de luxúria e magnífico esplendor. Este homem tinha em abundância tudo que o mundo podia oferecer para facilitar o conforto, o esplendor ou a felicidade mundana. Suas roupas eram de príncipe; sua casa era um palácio; suas refeições eram banquetes.

Havia também um certo mendigo, chamado Lázaro, que jazia cheio de chagas à porta daquele. E desejava alimentar-se com as migalhas que caíam da mesa do rico; e os próprios cães vinham lamber-lhe as chagas (20-21). Este mendigo era um completo contraste com o homem rico. Ele era a incorporação da pobreza, doença, e necessidade, assim como o rico o era da riqueza, prazer e saúde. Lázaro era, sem dúvida, **colocado** à porta do homem rico pelos seus amigos. Ali ele esperava comer as migalhas, ou pedaços de pão que se usavam para limpar os dedos e se atiravam aos cães debaixo da mesa. Mas este conforto lhe era evidentemente negado. **O rico não tinha misericórdia nem compaixão. Os próprios cães vinham lamber-lhe as chagas.** Estes provavelmente não eram os cães do homem rico. Eram cachorros selvagens sem donos, que perambulavam pelas ruas e comiam os restos que eram jogados ali.

O mendigo morreu e foi levado pelos anjos para o seio de Abraão (22). Nada se diz sobre seu funeral, mas ele provavelmente recebeu o funeral comum de um miserável. Isto não tinha importância nenhuma, porque a morte marcava o final do sofrimento e da privação, e o início da alegria celestial. A frase **o seio de Abraão** é uma linguagem figurada, emprestada do costume de se reclinar à mesa. Dizia-se que cada um estava no seio daquele que estivesse atrás de si, porque a sua cabeça estava próxima ao peito do outro. Esta frase era usada como uma referência ao paraíso, ou à morada de Deus. Observe o contexto e a terminologia rabínica do Antigo

Testamento nesta parábola. Jesus estava se dirigindo àqueles que eram especialistas neste uso.

Morreu também o rico e foi sepultado. A menção específica deste enterro nos relembra a pompa e a cerimônia associada aos funerais dos ricos nos dias de Jesus. Mas havia um temor e uma trágica ironia ali, quando percebemos onde o homem rico estava - a parte de seu ser que continuava viva - enquanto acontecia esta dispendiosa cerimônia fúnebre, acompanhada de grandes prantos e homenagens. O contraste entre as condições destes dois homens não termina na morte, mas ocorre uma inversão.

E, no Hades, ergueu os olhos, estando em tormentos (23). Ali não havia nenhum sono da alma, nenhum estado intermediário. Ele morreu, e imediatamente estava no inferno, enquanto Lázaro foi levado imediatamente para o céu pelos anjos. Este homem rico sem coração fechou os olhos para as suas riquezas terrenas e abriu os olhos no inferno. A palavra **Hades** é um termo amplo, equivalente “à terra dos espíritos que partiram” ou “mundo futuro”. Portanto nem sempre se refere a um lugar de punição. Mas nesta parábola era inquestionavelmente um local de punição; o rico abriu os olhos **em tormentos**. Observe que a palavra está no plural. O fogo era apenas uma das muitas causas de sofrimento para o homem perdido. Havia memória, consciência, raciocínio, a capacidade de enxergar o lugar bem-aventurado de Lázaro, e muito mais.

E viu ao longe Abraão e Lázaro, no seu seio. E, clamando, disse: Abraão, meu pai, tem misericórdia de mim e manda a Lázaro que molhe na água a ponta do seu dedo e me refresque a língua, porque estou atormentado nesta chama (23-24). Pela primeira vez o homem percebe que está desesperadamente necessitado de ajuda, e que ela está muito distante - distante demais para que pudesse lhe fazer algum bem. Ele não está apenas nos tormentos das chamas, mas também está sem ajuda. Ele quer que Lázaro traga uma gota d'água para lhe molhar a língua. Sua desolação é enfatizada quando nos lembramos de que na terra ele tinha todo conforto possível. Agora ele implora por uma gota d'água. Ao fazer esta súplica, ele certamente se lembra de Lázaro, que mendigava

pedindo migalhas; e se lembra também de que Lázaro mendigava em vão.

Disse, porém, Abraão: Filho, lembra-te... (25). Não foi solicitado que o rico se lembrasse de um crime ou de uma vida de vícios. Era apenas uma vida de indulgência egoísta, uma vida tão cheia de preocupações egocêntricas que não havia espaço nem tempo para os outros, nem para Deus. **Agora, este é consolado, e tu, atormentado.** Há uma justiça poética aqui, um acerto de contas. Contudo, o rico não estava em tormentos porque havia sido rico, nem Lázaro estava no seio de Abraão porque havia sido pobre. Nas duas parábolas anteriores o rico representava Deus; este não é o caso aqui. Esta parábola deixa claro porque o rico foi para o inferno. No caso de Lázaro, embora os fatos não sejam explicitados, devemos supor que ele era um homem justo.

E, além disso, está posto um grande abismo entre nós e vós (26). Deus colocou um abismo entre o céu e o inferno que nenhum homem pode atravessar. Esta vida é o tempo para o arrependimento; este mundo é o lugar onde se prepara a alma para a eternidade. Além daquela linha que demarca a morte, nenhum homem pode mudar o seu estado espiritual, ou o lugar onde morará eternamente.

E disse ele: Rogo-te, pois, ó pai, que o mandes à casa de meu pai, pois tenho cinco irmãos... (27-28). Ao ter seu pedido de ajuda recusado, o homem pede que Lázaro seja enviado à terra, como um missionário, aos seus cinco irmãos. Estes irmãos estavam evidentemente seguindo o mesmo caminho de egoísmo e pecado que o levaram para o inferno. Como ali não havia ajuda para ele, ao menos queria poupá-los do tormento que estava sofrendo. Mas este espírito missionário, este interesse pela salvação de sua família, deveria ter vindo mais cedo - quando ele ainda estava com eles.

Eles têm Moisés e os Profetas (29). Eles têm o modo e o meio pelo qual o Senhor Deus planejou e determinou a salvação, e qualquer um que tenha o coração submisso pode encontrar o caminho. Deus não abre exceções para aqueles que têm um coração endurecido.

E disse ele: Não, Abraão, meu pai; mas, se algum dos mortos fosse ter com eles, arrepender-se-iam... Se não ouvem a Moisés e aos Profetas, tampouco acreditarão, ainda que algum dos mortos ressuscite (30-31). O rico, como o povo de cada geração, achava que toda ocorrência sobrenatural faria com que os homens se voltassem a Deus. Ele supôs que o reaparecimento daqueles que morreram - como testemunhas oculares dos tormentos do inferno - faria com que os homens se arrependessem. Mas Deus não usa este método. Deus não se propõe a aceitar aqueles que se voltam a Ele apenas por medo do inferno. Um desejo completamente egoísta de escapar do inferno e desfrutar o céu não é o tipo de motivo que leva à salvação. Deus aceita aqueles que o servem porque agora odeiam o pecado, assim como Deus odeia o pecado. Eles querem a Deus pelo que Ele é, ao invés de simplesmente o quererem por aquilo que Ele pode fazer para evitar uma catástrofe eterna na vida deles. O modo e o meio pelo qual o Senhor Deus planejou e determinou a salvação são totalmente suficientes para todos aqueles cujos motivos estejam corretos; e não há outra forma de salvação.

20. O Ensino Referente aos Escândalos (17.1-4)

E disse aos discípulos (1). Não apenas aos doze discípulos, mas ao seu círculo mais amplo de seguidores. Não se sabe se a multidão estava presente nesta hora. Mas, independentemente de quem estivesse ali presente, Jesus estava dirigindo estas advertências aos seus discípulos. O assunto em questão tem uma grande aplicabilidade, mas tem uma relevância especial ao cristão que precisa de orientação em seu relacionamento e responsabilidade pelos seus semelhantes.

E impossível que não venham escândalos, mas ai daquele por quem vierem! Veja os comentários sobre Mateus 18.7.

Melhor lhe fora que lhe pusessem ao pescoço uma pedra de moinho, e fosse lançado ao mar, do que fazer tropeçar um destes pequenos (2). Veja os comentários sobre Mateus 18.6.

Olhai por vós mesmos (3). Acautelai-vos. **Se teu irmão pecar**

contra ti, repreende-o; e, se ele se arrepender, perdoa-lhe. Veja os comentários sobre Mateus 18.15. A linguagem de Lucas é, de algum modo, mais forte do que a de Mateus. Lucas diz: **Repreende-o.** Mateus diz: “Vai e repreende-o entre ti e ele só”. Lucas também diz: **Se ele se arrepender, perdoa-lhe.** Mateus diz: “Se te ouvir, ganhaste a teu irmão”.

E, se pecar contra ti sete vezes no dia e sete vezes no dia vier ter contigo, dizendo: Arrependo-me, perdoa-lhe. Jesus não está querendo dizer para ser matemático aqui. A expressão *sete vezes* indica infinidade - ou seja, perdoe quantas vezes ele se arrepender e o procurar. Veja também os comentários sobre Mateus 18.21-22.

21. O Poder da Fé (17.5-6)

Disseram, então, os apóstolos ao Senhor: Acrescenta-nos a fé (5). O ensino inflexível do Mestre com relação às ofensas assustou e deprimiu os apóstolos. Eles não se sentiram à altura desta nova exigência que, por um lado os ameaçava com um castigo sem palavras se eles fossem a causa de tropeço dos “pequeninos” no Reino, e, por outro, exigia que perdoassem os seus ofensores sempre que estes pedissem perdão. O senso de fraqueza e necessidade que resultou impeliu os apóstolos a pedirem ao Senhor para lhes dar mais fé. Eles sentiram que nunca poderiam estar à altura de tais padrões, sem que recebessem mais força espiritual do que possuíam no momento; e entenderam que uma fé mais forte poderia suprir esta necessidade. De fato, a necessidade deles não foi suprida até a chegada do Pentecostes, quando foram batizados no Espírito Santo.

E disse o Senhor: Se tivésseis fé como um grão de mostarda (6). Veja os comentários sobre Mateus 17.20; 21.21. **...dirieis a esta amoreira: Desarraiga-te daqui e planta-te no mar, e ela vos obedecerá.** Jesus também faz esta comparação de fé com um grão de mostarda em Mateus 17.20. Mas na demonstração do poder da fé ele fala de um monte sendo transportado, e não apenas uma amoreira. Este é o tipo de ensino que Jesus naturalmente repetia quando surgia a necessidade. No momento desse episódio, o Mestre provavelmente estava junto a uma árvore como esta, e assim tinha, à mão, os objetos

necessários à comparação que desejava fazer. Esta **amoreira** não era o mesmo sicômoro freqüentemente mencionado na Bíblia Sagrada; era a árvore que produz amoras pretas.⁴⁴

1

Os Sinais dos Tempos (12.54-56)

E [Ele] dizia, também, à multidão (54). Godet indica que a expressão **E dizia, também** é a fórmula que Lucas usa quando Jesus, ao concluir um discurso doutrinário, adiciona uma última palavra de maior peso que conduz a questão ao seu nível mais elevado, com a finalidade de deixar na mente do ouvinte uma impressão que nunca se

2

A Cura no Sábado -Amor versus Legalismo (13.10-17)

E ensinava no sábado, numa das sinagogas (10). Literalmente “aos sábados”. Bruce acredita que isto significava uma série de ensinos em uma sinagoga, com duração de várias semanas.²³ Entretanto, a palavra no original grego parece favorecer a interpretação de que se trata de um costume de ensinar no sábado nas sinagogas. Ensinar nas sinagogas no sábado era um hábito de Jesus durante os primeiros meses de seu ministério, mas há poucos registros desta prática durante o seu ministério na Peréia. Este

3

Duas Breves Parábolas Sobre o Reino de Deus (13.18-21)

A que é semelhante o Reino de Deus, e a que o compararei? (18) A idéia do Reino de Deus é sugerida pela resposta do povo ao Senhor no versículo 17. Seu milagre, e a resposta efetiva ao desafio dos seus inimigos, trouxeram um entusiasmado agradecimento e o regozijo por parte do povo. Ele viu na atitude dessas pessoas um início do Reino. Note como as duas parábolas destacam que o Reino de Deus

começa de um modo aparentemente pequeno.

22. *Os Servos Inúteis* (17.7-10)

Esta breve parábola, embora não estivesse diretamente relacionada ao que a precede no Evangelho de Lucas, está relacionada ao tema geral que Jesus estava desenvolvendo desde o capítulo 13. Ela pode ser classificada como “antifarisaísta”. Godet deu um excelente título para a parábola e sua aplicação: “As Obras Sem Méritos”.⁴⁵

E qual de vós terá um servo a lavrar ou a apascentar gado, a quem, voltando ele do campo, diga: Chega-te e assenta-te à mesa? E não lhe diga antes: Prepara-me a ceia, e cinge-te, e serve-me, até que tenha comido e bebido, e depois comerás e beberás tu? (7-8). Embora a ocasião que deu lugar a esta parábola não seja mencionada, ela responde a perguntas que estavam na mente dos discípulos, e que às vezes eram expressas, como por exemplo: Eis que nós deixamos tudo e te seguimos; que receberemos? (Mt 19.27). Em outras palavras: “O que eu vou ganhar como recompensa por servir a Cristo?”

A parábola lembra os ouvintes de Jesus de que não é porque o servo trabalha o dia inteiro no campo que terá o direito de comer antes do Mestre. Ainda é parte da sua tarefa servir a refeição do Mestre no final do dia, antes que se sirva. Ele é um servo e, como tal, não tem direitos. Ele pertence ao seu senhor, e as suas tarefas foram determinadas pelo seu senhor. Quando ele as tiver cumprido, terá feito apenas o seu trabalho; o mérito só existirá quando o servo fizer mais do que aquilo que era a sua obrigação.

Não podemos cometer o erro de interpretar esta parábola em termos dos padrões atuais de ética. As leis trabalhistas modernas, e os padrões éticos cristãos relacionados ao tratamento justo dos trabalhadores, não eram conhecidos nos dias de Jesus. Havia 60 milhões de escravos no Império Romano, e era praticamente impossível questionar ou desafiar o direito de existência do sistema da escravidão.

Assim também vós, quando fizerdes tudo o que vos for

mandado, dizei: Somos servos inúteis, porque fizemos somente o que devíamos fazer (10). A palavra traduzida como **inútil** aqui significa “aquele que não presta nenhum serviço além da sua obrigação”. A nossa dívida para com Deus é tão grande que, em nosso serviço cristão, jamais poderíamos ultrapassar a esfera do dever e alcançar um nível de méritos. Assim, as obras que fazemos não podem ser classificadas como méritos, porque jamais seremos capazes de fazer mais do que a nossa obrigação. Nunca poderemos fazer tudo, ou mesmo uma fração considerável, daquilo que realmente devemos a Deus.

Os versículos 1-10 foram intitulados como “Inventário Espiritual”. O texto está no versículo 3, “Olhai por vós mesmos” ou “Acautelai-vos”. Devemos nos acautelar: 1) Pelos nossos motivos, 1-2; 2) Pelo nosso espírito, 3-4; 3) Pela nossa fé, 5-6; 4) Pelo nosso trabalho, 7-10.

C. O Terceiro Estágio, 17.11—19.27

E aconteceu que, indo ele a Jerusalém, passou pelo meio de Samaria e da Galiléia (11). Esta é uma nota editorial usada por Lucas para lembrar os seus leitores de que a viagem para Jerusalém ainda continuava; um fato que o leitor poderia facilmente esquecer em meio ao grande número de feitos e palavras de Jesus que Lucas está relatando. A expressão, **pelo meio de Samaria e da Galiléia** também poderia ser traduzida como “ao longo da fronteira entre Samaria e a Galiléia”, sendo este último lugar a Galiléia além do Jordão”, ou a Peréia.⁴⁶

Havia duas rotas regulares da Galiléia para Jerusalém, uma por Samaria, e outra pela Peréia. Aqui Jesus não estava passando por nenhuma delas, mas entre as duas.

1. A Cura de Dez Leprosos (17.12-19)

E, entrando numa certa aldeia, saíram-lhe ao encontro dez homens leprosos, os quais pararam de longe (12). Ele encontrou estes leprosos antes de chegar à aldeia. Segundo a lei mosaica, os leprosos deveriam viver distantes dos lugares habitados, isolados de

todos, com exceção de seus companheiros leprosos (Lv 13.46). Eles também eram obrigados a anunciar a sua enfermidade a todos aqueles que se aproximassem, dizendo: “Impuro, impuro!”

E levantaram a voz, dizendo: Jesus, Mestre, tem misericórdia de nós! E ele, vendo-os, disse-lhes: Ide e mostrai-vos aos sacerdotes. E aconteceu que, indo eles, ficaram limpos (13-14). Eles sem dúvida conheciam Jesus tanto de vista como pela sua reputação. É bem possível que conhecessem pessoas que haviam sido anteriormente curadas de lepra pelo Senhor, durante o seu ministério. A instrução que Jesus lhes deu, para se mostrarem aos sacerdotes, estava de acordo com a lei levítica relativa à lepra.⁴⁷

E um deles... voltou glorificando a Deus (15-16). Este homem estava plenamente consciente do milagre que lhe foi concedido, e se sentia profundamente grato pela cura. Ele expressou a sua gratidão com grande emoção e em voz alta. **E este era samaritano.** Isto não era o que um judeu teria esperado de um samaritano. Os discípulos puderam aprender uma lição através desta experiência: a gratidão e a bondade são o resultado do caráter de cada pessoa; estas qualidades não estão ligadas à raça e nem à nacionalidade.

Não foram dez os limpos? E onde estão os nove? Não houve quem voltasse para dar glória a Deus, senão este estrangeiro? (17-18). Não sabemos se todos os nove eram judeus, mas sabemos que nenhum dos nove retornou para expressar a sua gratidão. Por que eles foram unânimes nesta falha? Por que há tão pouco do espírito de gratidão no coração humano?

E disse-lhe: Levanta-te e vai (19). O termo **vai** provavelmente significa, pelo menos em parte, “Vai até os sacerdotes”. Embora ele tivesse sido curado miraculosamente, a lei ainda exigia que obtivesse uma certificação por parte dos sacerdotes, antes que pudesse retomar a sua vida normal. **A tua fé te salvou.** Ele recebeu alguma coisa diferente dos outros? Todos foram limpos. Mesmo que este homem não tenha recebido mais nada do Senhor além deste elogio, podemos ter a certeza de que ele recebeu um presente de valor incalculável. Mas ele também recebeu uma bênção interior e o engrandecimento de

sua alma. O elogio implica que este homem tinha mais fé, ou uma qualidade superior de fé, quando comparado aos outros nove.

Usando o tema: “Onde estão os nove?”, Maclaren expressa quatro considerações: 1) O clamor dos leprosos, e a estranha resposta do Senhor; 2) A cura concedida através de uma fé obediente; 3) Um exemplo solitário de gratidão; 4) O triste espanto de Jesus e a ingratidão do homem.

2. A Espiritualidade do Reino (17.20-21)

E, interrogado pelos fariseus sobre quando havia de vir o Reino de Deus

(20). Os fariseus ouviram e sentiram as repreensões afiadas de Jesus. Ouviram seus ensinamentos e perceberam as muitas indicações de que Ele era o Messias, e também viram a manifestação do seu poder miraculoso. Mas Cristo não cumpriu as expectativas que eles alimentavam em relação ao Messias, e esta era para eles a prova positiva de que não seria Ele. As grandes escolas rabínicas nas quais os fariseus tinham recebido seu treinamento e visão teológica, ligavam a vinda do Messias à chegada do reino de Deus. Eles acreditavam que este seria um reino literal que reavivaria o poder político judaico, livrando-os do jugo romano e fazendo dos judeus os senhores do mundo.

A pergunta que os fariseus faziam era evidentemente colocada com um espírito beligerante, e estavam confiantes de que ela não seria respondida corretamente por Jesus. Ela tinha a força de uma pergunta retórica, cujo propósito era levar Jesus a admitir que Ele não era o Messias, visto ser incapaz de produzir o reino messiânico.

O Reino de Deus não vem com aparência exterior. Esta afirmação contradizia a doutrina defendida pelos fariseus sobre o tema do Reino de Deus. Ela negava completamente que este Reino seria, literalmente, um reino terreno.

Nem dirão: Ei-lo aqui! Ou: Ei-lo ali! Porque eis que o Reino de

Deus está entre vós (21). Muitos comentaristas modernos traduziram a última frase como “entre vós” ou “no meio de vós”. Estes intérpretes insistem que traduzir o texto grego como “dentro de vós” indicaria que o reino de Deus estava dentro destes fariseus, visto que Jesus estava dirigindo as suas observações a eles. Parece razoável interpretar o **vós** como um termo impessoal. Entretanto, o significado seria: “O reino de Deus está dentro do coração dos homens”. **O vós**, então, não se referiria, necessariamente, aos fariseus.

Na verdade os dois significados estariam em harmonia com os fatos. O Reino de Deus, já tendo chegado na Pessoa e obra de Jesus, estava de fato “no meio” deles. Contudo, também é verdade que o Reino de Deus está dentro dos corações dos homens, e não é externo nem material. Há, entretanto, um futuro reino literal de Deus, mas o Mestre escolheu não lidar com este aspecto do reino naquele momento. A maior verdade que Jesus está ensinando nestes versículos é que o Reino de Deus, na presente dispensação, não é um reino terreno mas um reino espiritual de Deus nos corações daqueles que irão se submeter ao reinado de Cristo.⁴⁸

3. Jesus Fala Sobre o Futuro (17.22-37)

E disse aos discípulos (22). Após responder a pergunta dos fariseus, Jesus se dirigiu novamente aos seus discípulos com uma verdade que era específica para eles: **Dias virão em que desejareis ver um dos dias do Filho do Homem e não o vereis.** O Mestre está aqui avisando os seus discípulos que dias negros os esperam - dias de perseguição e trabalho - quando suas mentes se voltariam às abençoadas lembranças do tempo em que Ele estava com eles. Eles desejarão a sua presença física novamente, mas esse desejo não será atendido. Estas palavras do Senhor Jesus também eram endereçadas àqueles discípulos que ainda não haviam nascido (incluindo a nossa época e épocas posteriores à nossa) e que só mais tarde tomariam conhecimento destas palavras. Nos dias de sofrimento e frustração, todos desejariam a presença física de Cristo.

E dir-vos-ão: Ei-lo aqui! Ou: Ei-lo ali! Não vades, nem os sigais (23). Veja os comentários sobre Mateus 24.23,26.

Porque, como o relâmpago... assim será também o Filho do Homem no seu

dia (24). Veja os comentários sobre Mateus 24.27.

Mas primeiro convém que ele padeça muito e seja reprovado por esta geração (25). Veja os comentários sobre Mateus 16.21 e Lc 9.22.

E, como aconteceu nos dias de Noé, assim será também nos dias do Filho do Homem... (26-27). Veja os comentários sobre Mateus 24.37-39.

Como também da mesma maneira aconteceu nos dias de Ló... Assim será no dia em que o Filho do Homem se há de manifestar (28-30). O significado aqui é o mesmo dos versículos 26 e 27. A certa, súbita, e inesperada vinda de Cristo são os pontos que Jesus está enfatizando.

Naquele dia, quem estiver no telhado... não desça a tomá-los; e... o que estiver no campo não volte para trás (31). Veja os comentários sobre Mateus 24.17-18.

Lembrai-vos da mulher de Ló (32). O trágico fim da mulher de Ló é uma excelente ilustração daquilo que Jesus acabou de avisar a seus discípulos para não fazer. Ló e sua família tiveram uma chance de escapar de Sodoma antes da sua destruição. A ordem do anjo foi: “Escapa-te por tua vida; não olhes para trás de ti e não pares em toda esta campina” (Gn 19.17). Mas a esposa de Ló desobedeceu esta ordem e olhou para trás, evidentemente desejando voltar, e foi transformada em uma estátua de sal. Ela foi tirada de Sodoma, mas Sodoma não foi tirada de dentro dela. Portanto, ela se tornou uma perpétua advertência de que a salvação estará incompleta se o coração não estiver purificado do amor pelo mundo.

Nos versículos que antecedem o versículo 32, Jesus está predizendo a destruição de Jerusalém. Ele está avisando os seus discípulos que deverão aproveitar ao máximo a oportunidade que lhes será dada

para escapar. Ser lento naquela hora seria o mesmo que repetir a trágica atitude da mulher de Ló.

A admoestação de Jesus foi tomada literalmente. Depois que Vespasiano e o exército romano iniciaram o cerco a Jerusalém, houve um curto período de calmaria como resultado da disputa, em Roma, pela sucessão do trono imperial que ficou vazio devido ao suicídio de Nero. Durante esta trégua no cerco, os cristãos em Jerusalém se aproveitaram da oportunidade para escapar. Eles fugiram para Pella, na parte leste do rio Jordão.

Qualquer que procurar salvar a sua vida perdê-la-á, e qualquer que a perder salvá-la-á (33). Veja os comentários sobre Mateus 10.39; 16.25.

Naquela noite, estarão dois numa cama; um será tomado, e outro será deixado. Duas estarão juntas... uma será tomada, e outra será deixada. Dois estarão no campo... (34-36). Veja os comentários sobre Mateus 24.40-41. O material no versículo 34 não tem um paralelo em Mateus; mas o seu significado é o mesmo dos outros dois versículos. O Mestre colocou duas pessoas em cada uma das três séries de acontecimentos, para mostrar como estas pessoas poderiam estar juntas na mesma atividade, ou descansando, e uma seria levada e a outra deixada por ocasião da vinda do Senhor.

E, respondendo, disseram-lhe: Onde, Senhor? (37). Esta pergunta já havia sido respondida no versículo 24. Mas os discípulos não podiam compreender qualquer acontecimento que não fosse local - eles não podiam compreender o aspecto mundial da vinda de Cristo. **Onde estiver o corpo, aí se ajuntarão as águias.** Estas águias eram literalmente abutres. Veja os comentários sobre Mateus 24.28.

William Barclay trata este parágrafo sob o título: “Os Sinais da Sua Vinda”. Ele observa: 1) Haverá tempos em que o cristão estará ansioso pela vinda de Cristo, mas precisará ser paciente, 22; 2) A vinda de Cristo é certa, mas a sua hora é desconhecida, 23-30; 3) Quando Cristo vier, Deus executará os seus julgamentos, 31-36; 4) Cristo virá quando as condições necessárias forem cumpridas - quando os

motivos forem certos. Este é o sentido do provérbio contido no versículo 37.

4. *A Parábola do Juiz Iníquo* (18.1-8)

E contou-lhes também uma parábola sobre o dever de orar sempre e nunca desfalecer (1). O termo **também** indica que esta parábola é uma parte do discurso anterior. Portanto, vemos que a oração é prescrita como um remédio para que ninguém esmoreça nos difíceis dias vindouros - os dias do cerco de Jerusalém, os dias que precederão a segunda vinda de Jesus e todos os outros dias desesperadores. Quando Jesus fosse levado da terra, a Igreja seria como a viúva na parábola. Mas a oração seria o seu meio de suporte e alívio.

Havia numa cidade um certo juiz, que nem a Deus temia, nem respeitava homem algum. Havia também naquela mesma cidade uma certa viúva e ia ter com ele, dizendo: Faze-me justiça contra o meu adversário (2-3). As palavras traduzidas como **faze-me justiça** não significam vingar, mas garantir justiça. Mas que chance uma viúva indefesa teria de obter justiça de um juiz que não temia a Deus e não respeitava o homem? Havia um caminho, e foi o que ela tomou.

E, por algum tempo, não quis; mas, depois, disse consigo... como esta viúva me molesta, hei de fazer-lhe justiça, para que enfim não volte e me importune muito (4-5). Sua única arma era a importunação, a persistência. A referência do juiz à sua **contínua** vinda indica que ele estava convencido de que ela nunca pararia de importuná-lo até que seu pedido fosse atendido. Não havia nada de profundo ali. Ela simplesmente não pararia de pedir até que o seu caso fosse tratado de forma justa.

Ouvi o que diz o injusto juiz. E Deus não fará justiça aos seus escolhidos, que clamam a ele de dia e de noite...? Digo-vos que, depressa, lhes fará justiça (6-8). A aplicação é clara e simples. Uma viúva pode obter justiça de um juiz que não teme a Deus e não tem nenhuma consideração pelos seus semelhantes, simplesmente pela

sua vinda contínua. Quanto mais deveria um cristão ter fé e crer que um Deus justo, bom e amoroso responderá as suas orações, embora Ele possa demorar - ou seja, embora às vezes pareça que a resposta demora! **Depressa, lhes fará justiça**, ou seja, subitamente, inesperadamente, mas não necessariamente quando eles pensam que a resposta deve vir.

Quando, porém, vier o Filho do Homem, porventura, achará fé na terra?

Em vista do ensino da parábola, ter fé deveria ser fácil. Apesar do fato de os cristãos terem todos os motivos para uma fé inabalável em Deus, é sempre difícil crer. A pergunta de Jesus não era para ser respondida. Ela não poderia ser respondida por ninguém, além de Deus; ela foi feita como um aviso, para que o aparente atraso da volta do Senhor não se tornasse uma ocasião para a dúvida. A última resposta será dada pelos cristãos. A resposta pode ser: “Sim, haverá fé”, se determinarmos resistir às sugestões de dúvida de Satanás. Podemos ficar mais perto do Senhor, de modo que a fé se torne o resultado natural do nosso relacionamento íntimo com Ele.

Thomson, em *Pulpit Commentary* (Comentário do Púlpito), aponta três contrastes nesta parábola: 1) Deus em contraste com o defensor humano; 2) O povo de Deus em contraste com a viúva; 3) A bondade e a compaixão de Deus, em contraste com a falta de bondade e compaixão por parte do homem.

5. A Parábola da Oração do Fariseu e do Publicano (18.9-14)

Depois de ter ensinado sobre a necessidade e o poder da oração por meio da parábola anterior, o Senhor conta uma segunda parábola para ensinar a atitude correta. Aqui somos ensinados que a mera persistência na oração não é suficiente.

E disse também esta parábola a uns que confiavam em si mesmos, crendo que eram justos, e desprezavam os outros (9). Eles não confiavam na graça de Deus para a sua justiça, mas confiavam em suas próprias boas obras. Eles consideravam a

si mesmos justificados pelas suas boas obras.

Dois homens subiram ao templo, a orar; um, fariseu, e o outro, publicano (10). Eles não entraram no santuário, mas em um dos átrios do templo onde eram oferecidas as orações. Este era o pátio das mulheres. Ao escolher um fariseu e um publicano para esta ilustração, Jesus escolheu dois extremos. Os fariseus eram a mais rígida, mais conservadora e mais legalista de todas as facções dos judeus. Os publicanos eram oficiais judeus do governo romano, cujo trabalho era recolher taxas para Roma. Eles eram odiados pelos judeus tanto pelas taxas recolhidas para os dominadores estrangeiros, como por serem geralmente desonestos. Eles cobravam mais taxas do que deveriam, e dessa forma ficavam mais ricos através deste trabalho odioso. Para mais informações relativas aos fariseus e publicanos, veja os comentários sobre Mateus 3.7; 5.46.

O fariseu, estando em pé, orava consigo desta maneira: Ó Deus, graças te dou, porque não sou como os demais homens... (11). Este é o melhor exemplo da oração de um homem que se intitula justo. Ela realmente não merece ser chamada de oração. Dificilmente é mais do que uma recitação das supostas qualidades e obras dos fariseus, uma tentativa de demonstrar a Deus que eles mereciam a consideração divina. O fariseu, entretanto, não levou o crédito pelo seu suposto sublime estado de graça. Suas palavras, **O Deus, graças te dou**, eram um reconhecimento do fato de que Deus era, pelo menos em parte, responsável por ele ser um dos justos. Mas a frase **orava consigo** - literalmente, “orava estas coisas para si” - indica que a sua principal atenção era dirigida a si mesmo. A palavra mais significativa na sua oração é o pronome pessoal *Eu*: [Eu] **não sou como os demais homens...** [eu] **jejuo...** [eu] **dou os dízimos** (12). É provável que estas palavras tenham sido ouvidas mais pelos homens do que pelo Senhor Deus. Seu auto-elogio contém apenas uma referência ao outro adorador. Até mesmo esta referência ao publicano foi feita de forma que o fariseu parecesse ser alguém superior.

O publicano, porém, estando em pé, de longe (13). Longe do templo, o símbolo da presença de Deus. Os fariseus evidentemente paravam ao lado do pátio mais próximo do Templo, enquanto o

publicano parou em uma posição mais distante do Templo. Também é possível que Jesus estivesse querendo dizer que ele não estava nem mesmo no Pátio das Mulheres, o lugar costumeiro de oração, porém ainda mais distante, no pátio dos gentios (veja a ilustração do Templo no final deste livro).

Nem ainda queria levantar os olhos ao céu, mas batia no peito, dizendo: O Deus, tem misericórdia de mim, pecador! -

literalmente, “o pecador”. Tanto a sua atitude quanto o conteúdo da sua oração eram opostos aos dos fariseus. Ele estava profundamente consciente dos seus pecados, e estava também espantado pelo seu próprio senso de indignidade. Ele não tinha nada para dizer a seu próprio favor; sua única súplica era por misericórdia.

Digo-vos que este desceu justificado para sua casa, e não aquele (14). Apala-vra *justificar* significa declarar ou tratar como justo. Este publicano foi tanto perdoado como aprovado por Deus, embora fosse um pecador e reconhecesse este fato. Por outro lado, o fariseu que estava feliz por não ser como este publicano, não foi perdoado. Ele não reconheceu nenhum pecado nem pediu perdão, embora na verdade fosse, à vista de Deus, um dos piores pecadores.

E qualquer que a si mesmo se humilha será exaltado. Veja os comentários sobre Lucas 14.11.

A partir desta parábola de Jesus, Barclay percebe três verdades universais: 1) Nenhum homem que for orgulhoso poderá orar, 11-12; 2) Nenhum homem que despreze os seus semelhantes poderá orar, 12; 3) A verdadeira oração surgirá ao colocarmos nossa vida no padrão de Deus, 13-14.

6. *Jesus e as Crianças* (18.15-17)

E traziam-lhe também crianças... e os discípulos, vendo isso, repreendiam-nos. Mas Jesus... disse: Deixai vir a mim os pequeninos (15-16). Veja os comentários sobre Mateus 19.13-14. Lucas difere de Mateus apenas na palavra que usa para crianças. O termo de Lucas denota crianças mais velhas.

Em verdade vos digo que qualquer que não receber o Reino de Deus como uma criança não entrará nele (17). Veja os comentários sobre Marcos 10.15.

7. *O Jovem Rico* (18.18-30)

Para uma discussão a respeito desse episódio, veja os comentários sobre Mateus **19.16-22**. Lucas se refere a ele simplesmente como um **príncipe** ou um homem de posição. Mateus apenas conta que era jovem, e os três sinóticos mencionam que era rico.

8. *Jesus Prediz o Seu Sofrimento* (18.31-34)

Para uma discussão dos versículos 31-33, veja também os comentários sobre Mateus 20.17-19.

Veja também Marcos 10.32-34. Mateus e Marcos omitem o material contido no versículo 34.

E eles nada disso entendiam, e esta palavra lhes era encoberta, não percebendo o que se lhes dizia (34). As três sentenças do versículo transmitem a mesma mensagem. Lucas sem dúvida usou este método para enfatizar o que estava dizendo. Os discípulos ouviram as palavras de Jesus, mas elas eram tão contraditórias a tudo aquilo que pensavam e acreditavam sobre o reino do Messias, que ficaram completamente perdidos, precisando de uma explicação. O sofrimento e a morte do Messias eram impensáveis; contudo, Jesus parecia estar se referindo claramente a si mesmo. A contradição era, é claro, o próprio conceito que eles tinham da obra de Cristo na terra.

9. *A Cura do Cego* (18.35-43)

Veja os comentários sobre Mateus 20.29-34; veja também Marcos 10.46-52. O relato do milagre consta nos três Evangelhos sinóticos. Mas há duas diferenças significativas entre os três relatos. Mateus diz que havia dois cegos, enquanto Marcos e Lucas se referem a apenas um. Lucas diz que o milagre ocorreu quando Jesus se aproximava de

Jerico, enquanto os dois outros escritores sinóticos dizem que isto ocorreu quando ele estava saindo de Jericó. O problema relacionado ao número de cegos não é difícil. Sem dúvida havia dois, mas Lucas e Marcos estão preocupados apenas com um deles - talvez o mais significativo e marcante daqueles dois homens.

A questão do local onde ocorreu o milagre é mais difícil, porém insignificante. Muitas soluções já foram propostas. A mais provável é que o primeiro contato com o cego, ou cegos, se deu quando Jesus se aproximava de Jericó. Entretanto, devido ao tamanho da multidão que acompanhava o Mestre, e, talvez, aos esforços de Jesus para testar a sinceridade dos sofrendores, o caso só pôde ser resolvido quando Ele estava saindo da cidade. Há também uma possibilidade distinta: que um dos evangelistas estivesse se referindo à antiga Jericó e os outros à nova Jericó, ou vice-versa. Uma terceira solução possível é que um cego tenha sido curado enquanto Jesus entrava em Jericó, e o outro enquanto Ele saía desta cidade.⁴⁹

10. *A Conversão de Zaqueu* (19.1-10)

E, tendo Jesus entrado em Jericó, ia passando (1). Ele estava a caminho de Jerusalém, pouco antes de sua Paixão. Jericó era uma próspera cidade comercial na estrada da Peréia para Jerusalém e Egito. Estava localizada no vale do Jordão, a cerca de 8 quilômetros do Jordão e 27 quilômetros de Jerusalém.⁶⁰

E eis que havia ali um homem, chamado Zaqueu; e era este um chefe dos publicanos e era rico (2). Devido ao considerável comércio que passava por Jerico, e à sua localização estratégica em uma importante rota comercial, e também ao fato de ser o centro do tráfego internacional de bálsamo, provavelmente ali se encontrava uma das maiores alfândegas daquela parte do Império Romano. Zaqueu era o chefe dos cobradores da alfândega em Jerico, e a renda que obteve com esta atividade fez dele um homem rico. O nome Zaqueu é de origem hebraica e significa “puro”.

E procurava ver quem era Jesus (3). Estas palavras sugerem a curiosidade como a razão para o seu desejo. Mas a seqüência mostra

que ele não tinha um motivo mais profundo, ou que depois de ter visto Jesus ficou tão impressionado que houve uma mudança em seus motivos. E bem provável que pelo menos uma parte do seu interesse tenha surgido do fato de ter ouvido algumas das famosas observações do Senhor acerca dos publicanos.

E, correndo adiante, subiu a uma figueira brava (4). Sendo pequeno em estatura, para poder ver acima da cabeça daqueles que formavam a multidão em volta de Jesus, ele foi correndo até à rua onde Jesus deveria passar para se dirigir a Jerusalém. Lá procurou e encontrou um ponto de vantagem do qual poderia ver Jesus. A **figueira brava** (ou sicômoro) em que ele subiu era o *ficus-sycomorus*. Seu tronco horizontal e baixo facilitava a subida, e sua folhagem era suficiente para escondê-lo da multidão.

E, quando Jesus chegou àquele lugar... disse-lhe: Zaqueu, desce depressa, porque, hoje, me convém pousar em tua casa (5) - literalmente, “é necessário que eu fique em tua casa”. Isto indica que havia no coração do Mestre um desejo interior para ir à casa de Zaqueu. Tal desejo foi inspirado e motivado pela ansiedade de Zaqueu em ver Jesus. Nosso Senhor sempre responde com simpatia àqueles que procuram conhecê-lo.

Jerico era uma das cidades dos sacerdotes, mas Jesus escolheu hospedar-se e comer na casa do chefe dos publicanos em vez de na casa de algum sacerdote. Ele sabia que estava escolhendo como anfitrião o homem que mais mereceu a sua presença; porém, quem teria esperado que Ele escolhesse Zaqueu?

E, vendo todos isso, murmuravam (7). A multidão deve ter sido quase unânime na reprovação da escolha de Jesus. Sentiram que a sua atitude era uma afronta aos sacerdotes e a outros líderes religiosos dos locais por onde Ele passara. Sua escolha era uma aprovação visível deste homem chamado tão rotineiramente de “pecador”. Duas coisas os impediram de reconhecer o verdadeiro motivo de Jesus. Uma era o exclusivismo cego deles, que se recusava a enxergar qualquer coisa boa em um publicano. A outra era a incapacidade de entender como Jesus poderia se associar com

pecadores sem se contaminar.

E... Zaqueu, disse... Senhor, eis que eu dou aos pobres metade dos meus bens; e, se em alguma coisa tenho defraudado alguém, o restituo quadruplicado (8). Aqui vemos tanto um verdadeiro espírito generoso como o desejo genuíno de reparar qualquer erro do passado. As duas atitudes refletem uma mudança de coração. O discurso de Zaqueu não foi dirigido à multidão, mas a Jesus. Não era um esforço para convencer as pessoas de que ele era sincero. Ao invés disso, era uma resposta não premeditada, espontânea, de um coração que se tornara limpo, e de um espírito que se tornara novo e que havia recebido a vida eterna.

A generosidade de Zaqueu é vista na oferta da metade da sua riqueza àqueles que eram menos afortunados do que ele. A oferta da restituição quadruplicada mostra que ele estava extremamente desejoso de reparar os seus erros. Zaqueu era indubitavelmente culpado de algumas injustiças nas cobranças da alfândega - isto pode ser constatado pelo fato de ele mesmo ter abordado o assunto. De qualquer forma, não é provável que ele fosse cruel, ou que tivesse obtido a maior parte de sua riqueza de forma desonesta, como é acusado tanto pelos judeus daqueles dias como por muitos pregadores atuais. Se tivesse conseguido toda a sua riqueza por intermédio da desonestidade, como muitos sugerem, ele não teria dinheiro suficiente para restituir quatro vezes mais.

E disse-lhe Jesus: Hoje, veio a salvação a esta casa (9). Um pecador em busca do Salvador se encontra com o Salvador que está em busca do pecador. Com verdadeiro arrependimento, o homem encontrou a salvação pessoal. Estas palavras graciosas do Mestre eram uma garantia da salvação de Zaqueu, uma proclamação em sua defesa diante da multidão, e uma promessa a todos os homens, em todos os lugares, e em todas as épocas, de que Jesus Cristo salva os pecadores.

Pois também este é filho de Abraão. Esta era uma lembrança àqueles judeus cheios de justiça própria, de que Zaqueu, também, era um judeu, um descendente de Abraão. Estas palavras também eram

um anúncio de que Zaqueu tinha, agora, de uma forma nova e viva, se tornado filho de Abraão, o “pai dos fiéis”. Por meio do novo nascimento, ele era agora um filho espiritual de Abraão e um membro do novo Israel.

Porque o Filho do Homem veio buscar e salvar o que se havia perdido (10). Aqui temos uma declaração do próprio Senhor Jesus sobre o maior propósito de sua vinda a este mundo. A verdade desta afirmação universal é o fundamento da garantia dada a Zaqueu no versículo anterior.

O bispo Ryle sugere várias lições a serem aprendidas por meio deste episódio: 1) Ninguém é tão mau que não possa ser salvo, e não há ninguém que esteja além do poder da graça de Cristo; 2) Como são pequenas e insignificantes as coisas que impedem a salvação da alma! 3) A sincera e voluntária compaixão de Cristo pelos pecadores, e o poder que Cristo tem para transformar corações; 4) Os pecadores convertidos sempre darão evidências de sua conversão.

11. *A Parábola das Dez Minas (19.11-27)*

E, ouvindo eles essas coisas, ele prosseguiu e contou uma parábola (11). Estas palavras mostram a relação entre o episódio envolvendo Zaqueu e a parábola seguinte. A afirmação de Jesus no versículo 10 parece ter aumentado o interesse pelo assunto cada vez mais presente nestes últimos dias do ministério de nosso Senhor. Tanto os discípulos como os antagonistas de Jesus demonstravam interesse pelo Reino de Deus.

Porquanto estava perto de Jerusalém, e cuidavam que logo se havia de manifestar o Reino de Deus. Este interesse aumentava à medida que Jesus se aproximava de Jerusalém. Havia uma excitação, uma atmosfera de expectativa, que finalmente explodiu em uma glorificação pública e em uma aclamação na entrada triunfal de Cristo. Mas a excitação se devia, quase que de forma generalizada, a uma noção equivocada - a crença universal, por parte daqueles que consideravam Jesus o Messias, de que o reino apareceria imediatamente. Era de se esperar que Jerusalém fosse o lugar onde o

Messias estabeleceria o seu reino, e naturalmente muitos criam que a hora havia chegado. Jesus contou esta parábola para corrigir esta noção.

Certo homem nobre partiu para uma terra remota, a fim de tomar para si um reino e voltar depois (12). Observe que a história não é sobre um nobre que *estabeleceu* um reino, mas sobre aquele que foi para um país distante para **tomar** (ou *receber*, conforme algumas versões da Bíblia Sagrada) um reino. Dois nobres, Herodes e seu filho Arquelau, deixaram sua cidade, Jerico, para ir a um país distante - Roma -, a fim de assegurar seus reinos,⁵¹ e sem dúvida eram estes homens que Jesus tinha em mente.

A inferência aqui é que Cristo não iria estabelecer um reino imediatamente, mas iria embora para o céu a fim de assegurar um reino. Mais tarde, Ele retornaria para aqueles que estivessem prontos para ser cidadãos do seu Reino.

E, chamando dez servos seus, deu-lhes dez minas e disse-lhes: Negociai até que eu venha (13). O nobre tinha um propósito duplo quando fez esta distribuição. Ele queria multiplicar a sua riqueza e ao mesmo tempo testar os seus servos, para verificar se seriam capazes de desempenhar funções de elevada responsabilidade no seu reino vindouro.

As “minas” valiam 100 dracmas (um valor extremamente elevado para a época). A palavra traduzida como **negociai** significa literalmente “ganhai negociando”. Portanto, deveriam multiplicar o dinheiro do seu senhor usando-o no comércio. Da mesma forma, Jesus iria embora para o céu e deixaria os seus discípulos encarregados da sua obra aqui na terra.

Mas os seus concidadãos aborreciam-no e mandaram após ele embaixadores, dizendo: Não queremos que este reine sobre nós (14). Esta mensagem não deveria ser enviada ao nobre, mas àqueles de quem ele receberia o reino. Jesus estava evidentemente traçando paralelos de acontecimentos no Império Romano, do qual os Herodes recebiam sua autoridade. Os judeus enviaram tal

mensagem acusadora - junto com uma delegação de cidadãos - quando Arquelau estava em busca de seu reino. Em sua aplicação, esta parte da parábola se refere ao fato de os judeus terem se recusado a reconhecer Jesus como Rei. Eles estavam prontos a destruí-lo para evitar que “governasse sobre eles”.

E... voltando ele, depois de ter tomado o reino, disse que lhe chamassem aqueles servos... (15). Ele exigiu um acerto de contas imediato e completo. Esta é uma ilustração do julgamento que ocorrerá por ocasião da volta do Senhor.

E veio o primeiro dizendo: Senhor, a tua mina rendeu dez minas. E ele lhe disse: Bem está, servo bom... foste fiel, sobre dez cidades terás a autoridade (16-17). O servo provou tanto a sua lealdade como a sua habilidade. Como recompensa, ele recebeu um lugar de maior responsabilidade no novo reino.

E veio o segundo, dizendo: Senhor, a tua mina rendeu cinco minas. E a este disse também: Sê tu também sobre cinco cidades (18-19). O princípio e a fórmula são os mesmos do caso do primeiro servo.

E veio outro, dizendo: Senhor, aqui está a tua mina, que guardei num lenço [ou, guardanapo], porque tive medo de ti, que és homem rigoroso (20-21). A história relata o acerto de contas com apenas três dos dez servos. Os outros sete não são importantes para o tema da parábola. E no acerto de contas com este terceiro servo que encontramos o verdadeiro significado e propósito da história.

O último servo parecia sentir que havia cumprido a sua obrigação para com o seu senhor quando devolveu o dinheiro, embora tivesse desconsiderado a ordem expressa: **Negociai até que eu venha.** A palavra traduzida como **rigoroso** significa rígido, severo, opressor, duro.

O servo procurou explicar a sua atitude, dizendo: **...tomas o que não puseste e segas o que não semeaste.** Aqui ele indica desonestidade, acusando seu senhor de tirar o que não era dele. Um

espírito de amor combinado com a percepção de que tanto ele como o dinheiro que possuía pertenciam ao seu senhor, lhe teria dado uma visão diferente, levando-o a seguir o exemplo dos outros dois servos.

Mau servo, pela tua boca te julgarei (22). Ele confessou que sabia exatamente o que o seu senhor esperava dele, porém usava esta mesma expectativa como um motivo para seu fracasso em obedecer à sua ordem. Se estivesse de fato à disposição do seu senhor, e à sua espera, haveria apenas um caminho sensível e seguro. Ele deveria ter negociado tão bem, a ponto de nem mesmo um senhor **rigoroso** poder encontrar alguma falha. Spence coloca as palavras do nobre da seguinte forma: “Por saber que sou austero, você deveria ter procurado, com mais dedicação, me deixar satisfeito”.⁵²

E disse... Tirai-lhe a mina e dai-a ao que tem dez minas (24). Assim, a lealdade e o amor são pagos com um bônus, enquanto as evasivas de responsabilidade - sob pretextos legalistas - têm como recompensa as privações.

Pois eu vos digo que a qualquer que tiver ser-lhe-á dado, mas ao que não tiver até o que tem lhe será tirado (26). Estas não são palavras de Jesus, mas do nobre afirmando o princípio sobre o qual ele julgou os seus servos. Aqueles que ganharam negociando - aqueles que “têm” - receberiam benefícios adicionais; aqueles que falharam em fazê-lo - aqueles que “não têm” - perderiam até mesmo a mina original.

Em sua aplicação espiritual, isto significa que aqueles que fizerem da oportunidade cristã uma forma de bênção e crescimento espiritual receberão o bônus divino. Aqueles que se esquivarem das suas falhas por meio de reflexões legalistas sobre as suas obrigações, perderão tanto o bônus quanto o principal.

Este servo representa o homem que permitiu que um espírito de ressentimento e amargura tomasse o lugar do amor e da lealdade. Ele designou a si mesmo como um juiz dos métodos do seu senhor; por não gostar da forma como o seu senhor faz as coisas, ele desiste do trabalho. Ele também representa o homem que pensa que a mordomia

consiste apenas em não roubar o dinheiro do senhor. Sua “bondade” é negativa, e não positiva. Ele não prejudica ninguém (é assim que ele pensa), mas também não faz nenhum bem. Na realidade ele é um ladrão, apesar de sua ilusão de justiça própria; por estar sendo inútil, está roubando de seu senhor o ganho que deveria ter. Quando o seu senhor retornar, ele será um apóstata e um cínico confirmado. Tanto em sua crítica injusta quanto em sua obrigação não cumprida, ele tipifica o cristão carnal que reclama e murmura ao invés de produzir. Quando esta batalha se desenvolver pela primeira vez na mente do cristão, se ele se render completamente ao que parece ser a divina “austeridade”, e confiar sem mais perguntas, a tensão será resolvida, e o resultado será diferente.

Quanto àqueles meus inimigos que não quiseram que eu reinasse sobre eles, trouxe-os aqui e matai-os diante de mim (27). Estas são, com certeza, palavras do nobre e parte da história. Na aplicação, que é o motivo pelo qual Jesus contou a história, foi prevista a perda, pelos judeus, da posição favorecida que desfrutavam. A ruína da nação judaica é profetizada por causa da sua rejeição ao Messias.

0 MINISTÉRIO EM JERUSALÉM

Lucas 19.28—21.38

A. A Entrada em Jerusalém e a Purificação do Templo, 19.28-48

E, dito isso, ia caminhando adiante, subindo para Jerusalém (28). Este versículo específico cobre o tempo entre o ensino da parábola das minas em Jerico, ou logo após deixar aquela cidade, e a Entrada Triunfal.

Após deixar Jerico, Jesus e os seus discípulos subiram os íngrimes 24 quilômetros até Betânia, onde passaram o período de sexta-feira à noite até domingo pela manhã, tendo a multidão se dirigido a Jerusalém.¹ Lucas omite a história do banquete na casa de Simão, o leproso, oportunidade na qual Maria ungiu Jesus com o ungüento de nardo puro.

E, respondendo ele, disse-lhes: Digo-vos que, se estes se calarem, as próprias pedras clamarão (40). Os termos usados na resposta de Jesus parecem ser proverbiais. Vale a pena citar o comentário dramático de Godet sobre o versículo. Ele diz: “A resposta de Jesus possui terrível majestade: ‘Se eu silenciar todas essas bocas, vocês ouviriam a mesma aclamação vindo do solo’. Este acontecimento seria tão impossível de ocorrer, que a sua ocorrência única mereceria ser saudada na terra”.²

E bem possível que Jesus tivesse em mente as palavras de Habacuque: “Porque a pedra clamará da parede, e a trave lhe responderá do madeiramento” (Hc 2.11).

2. *Jesus Chora Sobre Jerusalém* (19.41-44)

E, quando ia chegando, vendo a cidade, chorou sobre ela (41). A vista de Jerusalém a partir do monte das Oliveiras estava em vivo contraste com a disposição do Mestre para a lamentação. O magnífico Templo, os palácios e os jardins dos judeus ricos, e a grande muralha

cercando a cidade formavam uma vista de beleza e esplendor. Adicione a isso as memórias associadas com mais de mil anos de história sagrada e ter-se-ia uma vista que prostraria um piedoso judeu que visse Jerusalém pela primeira vez.

Mas tudo isso levou Jesus apenas às lágrimas. Ele viu alguma coisa que os outros não viram. Ele viu a futura destruição da cidade. Ele sabia que todos os seus esforços para reverter a tragédia haviam sido repelidos e rejeitados.

Se tu conhecesses... o que à tua paz pertence! Mas, agora, isso está encoberto aos teus olhos (42). Se eles pelo menos soubessem, se pudessem aprender agora as condições sobre as quais a paz poderia ser obtida! Essas condições eram o arrependimento e a aceitação de Jesus como Senhor e Salvador. Havia, ainda, um pouco de tempo. Mas o caso deles não tinha esperança, pois o pecado, o preconceito, a rebeldia e a presunção ocultaram de seus olhos estas condições básicas para a paz.

Porque dias virão sobre ti, em que os teus inimigos te cercarão de trincheiras, e te sitiarão (43). Estas palavras vividas descrevem o cerco de Jerusalém e a destruição final da cidade pelos romanos como se estivessem sendo vistas ao vivo.³

3. *Jesus Purifica o Templo (19.45-46)*

Para uma discussão a respeito deste episódio, veja os comentários sobre Mateus 21.12-13.

4. *A Oposição ao Seu Ensino no Templo (19.47-48)*

E todos os dias ensinava no templo; mas os principais dos sacerdotes, e os escribas, e os principais do povo procuravam matá-lo (48). Esse ensino não era uma atividade isolada, mas refere-se à atividade de Jesus durante a sua última semana na terra (cf. 21.37). A oposição era, também, um esforço contínuo e concentrado, por parte dos líderes judeus, para destruí-lo.

E não achavam meio de o fazer, porque todo o povo pendia para ele, escutando-o (48). Os planos deles foram temporariamente frustrados, porque Jesus ainda mantinha uma considerável popularidade junto às massas. Mas essa popularidade não se transformou em uma verdadeira devoção por parte do povo. Isso logo ficou demonstrado quando eles foram facilmente levados a tomar partido contra Jesus em seu julgamento diante de Pilatos.

B. O Ensino Diário no Templo, 20.1—21.4

1. *A Autoridade de Jesus é Questionada* (20.1-8)

Para uma discussão detalhada a respeito deste episódio, veja os comentários sobre Mateus 21.23-27.

2. *A Parábola dos Lavradores Perversos* (20.9-18)

Para uma discussão detalhada a respeito desta parábola, veja os comentários sobre Mateus 21.33-46.

3. *“Dai... a César... e dai a Deus”* (20.19-26)

Para uma discussão a respeito do ensino contido no versículo 19, veja os comentários sobre Marcos 12.12. Para os versículos 20-26, veja os comentários sobre Mateus 22.15-22.

Maclaren tem um excelente esboço sobre a questão do versículo 24: “De quem tem a imagem e a inscrição?” Enfatizando o pensamento de que o homem tem estampada em sua alma a imagem de Deus, ele destaca estes três pontos: 1) A imagem estampada no homem e a conseqüente obrigação; 2) A deformação da imagem e o gasto incorreto da moeda; 3) A restauração e o aperfeiçoamento da imagem deformada.

4. *Os Sete Maridos e a Ressurreição* (20.27-40)

Veja os comentários sobre Mateus 22.23-33. Lucas faz um pequeno acréscimo à versão de Mateus no versículo 36: **Porque já não podem mais morrer, pois são iguais aos anjos e são filhos de Deus,**

sendo filhos da ressurreição. Em paralelo a esta afirmação completa, Mateus diz simplesmente: “Mas serão como os anjos no céu”. O casamento não mais será necessário após a ressurreição, pois todos os homens serão imortais. O propósito do casamento é repovoar a terra, substituir os que morrem; após a ressurreição, as pessoas não mais morrerão, e assim não precisarão ser substituídas. **Iguais aos anjos**, significa igualmente imortais.

E, respondendo alguns dos escribas, disseram: Mestre, disseste bem (39). Veja os comentários sobre Marcos 12.32-34a. O relato de Lucas é uma abreviatura do episódio que Marcos descreve com mais detalhes.

E não ousavam perguntar-lhe mais coisa alguma (40). Veja o comentário sobre Marcos 12.34-40.

5. *Filho ou Senhor de Davi?* (20.41-44)

Veja os comentários sobre Mateus 22.41-45.

6. *“Guardai-vos dos Escribas”* (20.45-47)

Estes três versículos em Lucas são um resumo do discurso de Jesus a partir do qual Mateus compôs seu “capítulo das aflições”. Veja os comentários sobre Mateus 23.

7. *O Maior Presente* (21.1-4)

Veja os comentários sobre Marcos 12.41-44.

C. *A Revelação do Futuro*, 21.5-38

1. *“Quando Serão Essas Coisas?”* (21.5-9)

Veja os comentários sobre Mateus 24.1-6. Lucas faz um acréscimo ao relato de Mateus. Na referência ao Templo, no versículo 5, que levou ao discurso sobre o futuro, Lucas é mais específico do que Mateus. No relato de Mateus, nos é dito simplesmente que os discípulos lhe mostraram “a estrutura do templo”. Mas Lucas diz que alguns

falavam a respeito do templo, que estava ornado de formosas pedras e dádivas - literalmente, “dádivas consagradas”.

Formosas pedras se refere provavelmente à beleza e ao grande tamanho dos blocos de mármore com os quais o Templo foi construído. Josefo diz que algumas das pedras chegavam a ter quarenta côvados de comprimento por dez de altura. Isto seria cerca de dezoito metros de comprimento por quatro metros e meio de altura.

Também é possível que essas **formosas pedras** se referissem não aos blocos de pedra, mas às pedras preciosas com as quais o Templo fora decorado. O uso do termo **ornado** daria um certo peso a esta interpretação. No entanto, a resposta de Jesus de que **se não deixará pedra sobre pedra** parece fazer da primeira interpretação a correta.

As **dádivas** eram, evidentemente, as muitas coisas valiosas doadas ao Templo por personagens importantes, como a videira de ouro doada por Herodes.

2. *As Dificuldades Vindouras* (21.10-19)

Veja os comentários sobre Mateus 24.7-14. Veja também os comentários sobre Mateus 10.17-22,30. No versículo 15, Lucas dá o mais belo e confortador acréscimo ao relato de Mateus: **Porque eu vos darei boca e sabedoria a que não poderão resistir.**

Como Marcos nos lembra, é o Espírito Santo quem falará por intermédio da boca do cristão em tais ocasiões (Mc 13.11). Exemplos do cumprimento dessa promessa são a defesa de Estêvão diante do Sinédrio (At 7), e as defesas de Paulo diante de Félix (At 25) e do rei Agripa (At 26).

Na vossa paciência, possuí a vossa alma (19). Suportar pacientemente a perseguição e as dores e confiar no poder de um Deus totalmente sábio, amoroso e todo-pode-roso é o caminho para a vitória.

Em 17-19, Ryle fornece um esboço de três pontos: 1) Uma declaração alarmante - **E de todos sereis odiados**; 2) Uma promessa consoladora - **Não perecerá um único cabelo da vossa cabeça**; 3)

Uma orientação encorajadora - **Na vossa paciência, possuí a vossa alma.**

3. *O Cerco a Jerusalém (21.20-24)*

Veja os comentários sobre Mateus 24.15-28. O relato de Lucas é mais breve do que o de Mateus, mas a referência à destruição de Jerusalém pelos romanos em 70 d.C. pode ser vista mais claramente. Onde Mateus usa a vaga linguagem da profecia de Daniel, “a abominação da desolação” (24.15), Lucas claramente afirma que eles verão **Jerusalém cercada de exércitos** (21.20). Novamente, onde Mateus se refere à “grande aflição” ou à “grande tribulação” e em termos um tanto vagos sugere a destruição de Jerusalém (24.21-28), Lucas usa uma linguagem clara e direta. Ele diz: **cairão a fio de espada e para todas as nações serão levados cativos** (21.24).

Neste ponto encontramos em Lucas uma parte significativa da profecia que os outros sinóticos omitem: **E Jerusalém será pisada pelos gentios, até que os tempos dos gentios se completem** (24). Neste ponto, Jesus anuncia, claramente, que Jerusalém será dominada por conquistadores gentios. **Os tempos dos gentios** pode significar o “dia da graça” dos gentios,⁴ isto é, o período da igreja.

4. *Sinais da Segunda Vinda de Cristo (21.25-28)*

Veja os comentários sobre Mateus 24.29-31. Nos versículos 26 e 28, Lucas nos fornece partes da profecia do Mestre omitidas pelos outros dois sinóticos: **Homens desmaiando de terror, na expectativa das coisas que sobrevirão ao mundo, porquanto os poderes do céu serão abalados** (26). Isto expressa o terror que se apoderará dos não-convertidos quando essas calamidades previstas ocorrerem. **Homens desmaiando de terror** é, literalmente, “os corações dos homens desfalecendo”, e sugere um desejo de morrer em vez de enfrentar esses terríveis julgamentos.

Quando essas coisas começarem a acontecer, olhai para cima e levantai a vossa cabeça, porque a vossa redenção está próxima (28). As mesmas ocorrências incomuns que produzirão

terror nos corações dos não-convertidos serão, para os verdadeiros discípulos de Cristo, sinais de que a sua redenção final e eterna está se aproximando. E interessante notar a freqüência com que Lucas inclui as declarações de encorajamento do Mestre que os outros sinóticos omitem.

5. *A Parábola da Figueira* (21.29-33)

Veja os comentários sobre Mateus 24.32-42. [2](#)

7. *Como Jesus Gastou o Seu Tempo em Jerusalém* (21.37-38)

E, de dia, ensinava no templo e, à noite, saindo, ficava no monte... das Oliveiras (37). Isto se refere, não a uma ocasião específica, mas à prática de Jesus durante os últimos dias antes da sua morte. As palavras gregas traduzidas como **de dia** significam literalmente “durante o dia” ou “diariamente”. Lucas havia omitido vários acontecimentos da Semana da Paixão, e ele cobre a omissão com esta afirmação genérica.

Adam Clarke acredita que a afirmativa de que Jesus passou suas noites no Monte das Oliveiras se refere a Betânia, onde Ele muitas vezes visitava os seus amigos, sendo Betânia uma “cidade aos pés ou na encosta do Monte das Oliveiras”.⁵ Mas a palavra grega traduzida como **ficava** neste versículo significa literalmente alojar-se em um local aberto.² Portanto, alguns entendem que Jesus passou várias noites a céu aberto no Monte das Oliveiras.

E todo o povo ia ter com ele ao templo, de manhã cedo, para o ouvir (38). Isto também se refere à prática dele durante aqueles últimos dias, e não a um evento isolado. Aqui fica evidente a contínua popularidade que Jesus tinha junto às massas. O povo mal podia esperar para ouvi-lo; levantavam-se cedo e corriam para o templo, onde o Senhor costumava estar de manhã, bem cedo.

Seção VII

A PAIXÃO DE CRISTO

Lucas 22.1—23.56

A. A Preparação Final, 22.1 -13

1. A Conspiração dos Seus Inimigos (22.1-2)

Veja os comentários sobre Mateus 26.1-5. Veja também Marcos 14.1-2.

2. Judas Faz uma Barganha (22.3-6)

Veja os comentários sobre Mateus 26.14-16. Lucas adiciona o detalhe de que **entrou, porém, Satanás em Judas**. Isto é mais do que um mero exemplo do uso de linguagem forte e vivida; mostra a relação de Satanás com a Crucificação. Satanás -e não simplesmente Judas e os principais dos sacerdotes - conspirou para que Cristo fosse assassinado. Quando ele conseguiu o seu propósito, pensou sem dúvida que havia dado um golpe de morte no Reino de Deus na terra. Mas, ao contrário, isso ajudou a trazer a sua própria ruína, pois esta “derrota” de Cristo era a maior vitória de todos os tempos.

3. A Preparação para a Páscoa (22.7-13)

Veja os comentários sobre Mateus 26.17-19 e Marcos 14.12-16. A narração feita por Marcos deste episódio é muito mais detalhada do que a de Mateus. Lucas segue Marcos bem de perto.

B. A Última Ceia, 22.14-38

1. A Ceia do Senhor é Instituída e a Traição é Preditada (22.14-23)

E, chegada a hora, (14) refere-se à hora da Páscoa - a hora de comer o cordeiro pascal, que era ao anoitecer, ao pôr-do-sol. Ele **pôs-se à mesa** (literalmente, “reclinou-se”) **e, com ele, os doze**. Ele e os seus doze apóstolos se reclinaram juntos ao redor da mesa onde a refeição pascal estava servida.

E disse-lhes: Desejei muito comer convosco esta Páscoa, antes que padeça (15). Esta é uma forma hebraica que significa: “Eu

desejei grandemente comer a Páscoa com vocês, etc”. Observe a tradução precisa de Lucas, do original aramaico ao grego, das exatas palavras de Jesus.

Este forte desejo brotava de duas fontes. Jesus sentia a ansiedade normal e humana por estes preciosos últimos momentos de comunhão com os companheiros a quem amava, antes que a morte o separasse deles. Ele também conhecia a importância espiritual que este anoitecer teria para a Igreja nos séculos futuros.

Porque... não a comerei mais até que ela se cumpra no Reino de Deus (16). Esta previsão aponta para um duplo cumprimento. Primeiro, para a bênção espiritual que Cristo e o seu povo desfrutarão juntos como resultado de sua morte próxima. Esta é a herança espiritual de cada verdadeiro seguidor de Jesus Cristo. O segundo e último cumprimento desta previsão é o que poderíamos chamar de “O Grande Banquete Messiânico”, por ocasião da segunda vinda do nosso Senhor. A ceia do Senhor tipifica tanto a festa espiritual quanto o banquete messiânico.

E, tomando o cálice (literalmente, “tendo recebido o cálice”) **e havendo dado graças, disse: Tomai-o e reparti-o entre vós (17).** O Mestre oficia aqui a celebração da festa da Páscoa e não a santa ceia. Barnes está correto ao afirmar que este não era o cálice sacramental, mas um dos cálices compartilhados como parte da celebração da Páscoa.¹ O cálice sacramental é aquele mencionado no versículo 20. Aqui, Jesus dá todo o conteúdo do cálice pascal a seus discípulos.

Porque... já não beberei do fruto da vide, até que venha o Reino de Deus (18). Esta linguagem é figurada. Jesus está, pela última vez, comendo a páscoa judaica. Antes de outra celebração como esta, ocorrerão a sua morte redentora, a sua ressurreição, e a descida do Espírito Santo no Pentecostes. A páscoa terá sido substituída pela Ceia do Senhor, e o Reino de Deus terá chegado em um sentido novo e glorioso. Veja, também, os comentários sobre o versículo **16**.

Para uma discussão a respeito dos versículos 19 e 20, veja os

comentários sobre Mateus 26.26-29. Para uma discussão a respeito dos versículos 21-23, veja os comentários sobre Mateus 26.20-25.

2. *Quem Será o Maior* (22.24-30)

E houve também entre eles contenda sobre qual deles parecia ser o maior

(24). Isto era, evidentemente, um debate sobre qual dos discípulos teria a mais elevada posição no reino que eles esperavam que Jesus estabelecesse em um futuro não muito distante. Quase três anos junto de Jesus não haviam purificado os seus corações do egoísmo. Este ministério seria desempenhado pelo “santificador”, o Espírito Santo. Nem o espírito de Jesus nem as suas explicações sobre a natureza do Reino haviam sido totalmente compreendidos pelos discípulos. Nem suas profecias sobre a destruição de Jerusalém e os sofrimentos que seus seguidores seriam obrigados a suportar foram suficientes para mudar a noção que tinham sobre o Reino, ou diminuir o ardor que sentiam por posições de destaque.

Embora o relato desta **contenda** em particular sobre a grandeza relativa entre os apóstolos seja peculiar a Lucas, não há justificativa suficiente para supor, como faz Adam Clarke, que Lucas tenha inserido este relato em uma posição errada em seu Evangelho. Clarke concorda que esta não pode ter sido a disputa anteriormente registrada por Lucas (9.46), e assim conclui que Lucas deveria ter em mente o episódio relatado por Mateus (20.20ss.) e Marcos (10.35ss.).² Esta conjectura só seria razoável se o episódio estivesse em desarmonia com o contexto no qual Lucas o insere, ou com a atitude e o nível de compreensão dos apóstolos naquele tempo. Nenhuma dessas condições necessárias é verdadeira.³

E ele lhes disse: Os reis dos gentios dominam sobre eles (25). Nos reinos dos gentios, a grandeza era sinônimo de autoridade. **E os que têm autoridade sobre eles são chamados benfeitores.** Esses tiranos, como Ptolomeu Evérgeta, do Egito, escolhiam o título “Benfeitor”. Este também se aplicava a vários dos imperadores romanos. Em alguns casos, os monarcas de fato mereciam o título;

porém, de forma geral, eles eram mais comumente uma maldição ou um flagelo.

Mas não sereis vós assim (26). No Reino de Cristo, a grandeza é mais do que um título e mais do que uma posição ou autoridade.

Antes, o maior entre vós seja como o menor. Esperava-se que os mais jovens demonstrassem consideração por aqueles que fossem mais velhos. Esta mesma consideração ou humildade é demonstrada por aquele que é “grande” no reino de Deus. A humildade é uma das maiores qualidades da verdadeira grandeza. **E quem governa, como quem serve.** Servir deve ser uma marca de distinção: quanto maior o serviço prestado, maior o homem. Todos os cristãos devem ser servos - de Deus e dos seus semelhantes.

Pois qual é maior: quem está à mesa ou quem serve? (27). Nos dias de Jesus, a resposta quase universal a esta pergunta teria sido que aquele que estivesse sentado à mesa seria o maior. O servo era um mero escravo. Assim, Jesus responde a sua própria pergunta em termos do conceito predominante de grandeza: **Não é quem está à mesa?** E quase como se Ele estivesse concordando com a noção popular, porém é contra este conhecimento hipotético que Ele diz: **Eu, porém, entre vós sou como aquele que serve.** Jesus está dizendo que servir é um emblema da verdadeira grandeza. Ele também está dizendo que mesmo em um mundo onde a visão oposta é a que vigora, onde a autoridade e a posição são sinais de grandeza, e onde um servo vale quase nada, o cristão deve seguir o caminho do servir. À medida que cada cristão segue este caminho, enxerga as divinas pegadas que mostram que o Mestre passou por ali antes dele.

E vós sois os que tendes permanecido comigo nas minhas tentações (28). Após a gentil repreensão, e após suas instruções corretivas a respeito da verdadeira grandeza, Jesus carinhosamente lembra aos discípulos que eles haviam sido leais a Ele em suas horas de provação. À medida que se tornaram capazes e entenderam, eles tomaram o caminho do servir. O Mestre sabia que o obstáculo restante, a carnalidade, seria removido no Pentecostes.

E eu vos destino o Reino, como meu Pai mo destinou (29). Este

versículo se refere ao reino espiritual presente, a Igreja, da qual os apóstolos, em breve, seriam os líderes. A palavra traduzida como **destino** contém em si a idéia de aliança. Cristo faz um pacto com os seus apóstolos, assim como o Pai fez com Ele. Portanto, os discípulos terão lugares de destaque no Reino, mas com uma diferença que eles não haviam antecipado. Servir a Deus e à humanidade é uma tarefa acompanhada por privações, perseguições e pela morte como um martírio. Mas eles não seriam esquecidos pelo Mestre, a quem os seus serviços seriam prestados com alegria.

Para que comais e bebais à minha mesa no meu Reino e vos assenteis sobre tronos, julgando as doze tribos de Israel (30). Isto se refere ao Reino celestial, que incluirá como cidadãos aqueles que foram fiéis às suas responsabilidades espirituais nesta vida. O Mestre usa duas figuras para ilustrar a honra e a recompensa de seus discípulos no Reino celestial. A primeira figura é o banquete messiânico, uma metáfora favorita entre os judeus. Nesse banquete eles comerão, à mesa do Senhor, as boas coisas do paraíso. A segunda figura é a da realeza: eles se sentarão em *tronos*, julgando as doze tribos de Israel. Esta linguagem é figurada, mas parece sugerir que, assim como o seu Mestre, eles serão rejeitados pelos judeus e, por fim, se tornarão os maiores entre todos os israelitas.

3. A Negação de Pedro é Profetizada (22.31-34)

Disse também o Senhor: Simão, Simão, eis que Satanás vos pediu para vos cirandar como trigo (31). Isto é remanescente dos esforços de Satanás para pegar Jó através de seu processo de “cirandar/peneirar”. A seqüência, entretanto, mostra que ele teve mais sucesso com Pedro do que com Jó, embora este sucesso tenha sido apenas temporário. Talvez Satanás estivesse animado por seu sucesso em afastar Judas do Mestre.

Satanás deseja **cirandar** todos os filhos de Deus, e fará tudo o que puder para provar que eles não são dignos do Mestre. É necessário estar em constante oração para se livrar do “maligno”.⁴

A figura de cirandar como trigo é uma metáfora que seria facilmente

compreendida pelos ouvintes de Jesus. Cirandar ou peneirar tem por objetivo remover o joio ou os resíduos do trigo. Satanás peneira por meio da tentação que ele usa para poder nos separar do **trigo** do Senhor.

Mas eu roguei por ti, para que a tua fé não desfaleça (32). O Mestre roga dessa maneira por todos os seus discípulos. As orações são respondidas à medida que a nossa fé é fortalecida. Satanás não foi proibido de tentar Pedro, nem está impedido de nos tentar. Nessas tentações, a decisão final pela vitória ou derrota deve ser tomada por aquele que é tentado. Mas Cristo não é um espectador neutro deste combate. Nós temos a sua in-tercessão e também a assistência celestial.

E tu, quando te converteres, confirma teus irmãos. “Quando você estiver recuperado” ou “quando você voltar” do conflito com Satanás, então ajude a estabelecer os seus irmãos. Jesus sabia pelo que Pedro passaria em breve. Por mais humilhante que fosse o resultado, o Senhor também sabia que Pedro se tornaria mais sábio como resultado da experiência, e que seria capaz de ajudar a sua Igreja e impedir que seus servos caíssem como vítimas de uma tentação semelhante.

Para uma discussão a respeito dos versículos 33 e 34, veja os comentários sobre Mateus 26.31-35.

4. Ordens Mudadas (22.35-38) .

Quando vos mandei sem bolsa, alforje (literalmente, “bolsa para provisões”) **ou sandálias, faltou-vos, porventura, alguma coisa?** (35). Quando Jesus enviou os Doze anteriormente em seu ministério,⁵ eles se beneficiaram da popularidade de seu Mestre. Nada lhes faltou, embora não tenham levado provisões; tudo foi providenciado por um povo generoso e favorável.

Mas agora (36). Uma grande mudança está ocorrendo. Em vez da aclamação popular, o Mestre vê a Cruz, e seus discípulos compartilharão o seu descrédito da mesma forma que compartilharam

a sua popularidade. Além disto, dentro de pouco tempo Ele não estaria mais com eles. Eles devem partir para levar uma mensagem, nem sempre popular, a um povo muitas vezes grosseiro. E, desta vez, eles não irão apenas às “ovelhas perdidas da casa de Israel” (Mt 10.6). A incumbência deles será: “Ide por todo o mundo, pregai o evangelho a toda criatura” (Mc 16.15).

Aquele que tiver bolsa, tome-a, como também o alforje. Embora os trabalhadores sejam dignos de seus salários, eles muitas vezes não receberão o que lhes é devido. Por esta razão, devem estar preparados para se sustentarem por conta própria. A frase **aquele que tiver bolsa** nos lembra que haverá desigualdade de bens terrenos entre os mensageiros da Cruz. Alguns serão capazes de sustentar a si e a outros, como por exemplo Barnabé. Outros não terão posses terrenas.

E o que não tem espada, venda a sua veste e compre-a. Esta é uma passagem difícil. Alguns sugeriram que a palavra **espada** não constava no manuscrito original do Evangelho de Lucas, mas que seria uma interpolação.⁶ Outros pensam que a palavra deveria ser entendida de forma figurada, sugerindo os dias difíceis que se seguiriam - a usual hostilidade do mundo para com aqueles que levam a mensagem do evangelho.⁷ Há ainda outros que pensam que a palavra deveria ser entendida de forma literal, mas que a espada seria usada somente em caso de defesa própria (contra assaltantes, etc).⁸ Os estudiosos estão de acordo sobre um tópico: que Jesus não está defendendo o uso da força, seja para propagar ou defender o evangelho. O próprio Senhor Jesus deu o exemplo neste particular, entregando-se sem resistência àqueles que vieram prendê-lo. O sangue de centenas de milhares de mártires cristãos fala com eloqüência sobre como outros seguiram o exemplo do Mestre.

Porquanto vos digo que importa que em mim se cumpra aquilo que está escrito: E com os malfeitores foi contado (37).

Jesus está, aqui, dizendo duas coisas. Primeiro, Ele está dizendo que a profecia de Isaías a respeito de sua morte como malfeitor (Is 53.12) deve ser cumprida. Ele está dizendo, adicionalmente, que como Ele será tratado deste modo, os seus seguidores não devem esperar um

tratamento diferente. **Porque o que está escrito de mim terá cumprimento.** Seu ministério terreno então era algo temporal e devia, portanto, chegar a um fim, e esse fim estava muito próximo. A profecia de Isaías implicava tudo isso.

E eles disseram: Senhor, eis aqui duas espadas (38). A tendência material e terrena das mentes dos discípulos é evidente. A referência de Jesus à necessidade de espadas, conectada com a súbita consciência do perigo presente, os tornou mais preocupados em encontrar essas duas espadas do que entender a grande verdade que o Mestre estava expondo. **E ele lhes disse: Basta.** Isto parece não se referir às espadas, mas é equivalente a dizer: “Chegou a hora” ou “Nós demoramos demais” ou “Ele não precisa dizer mais nada”. Jesus parece ter ignorado suas referências às espadas.

Godet sugere outro possível significado para o comentário do Mestre: **Basta.** Ele acredita que esta resposta pode ter sido dada como uma reação irônica à mentalidade física e material dos discípulos. Portanto, Ele queria dizer: “Sim, para o uso que vocês terão para esse tipo de arma, essas duas espadas bastam” - significando, naturalmente, que quanto menos espadas eles tivessem, melhor.⁹ Independentemente de quão interessante seja esta interpretação, a gramática das palavras do Mestre parece favorecer a interpretação anterior.

C. O Getsêmani, 22.39-53

1. *A Oração no Jardim* (22.39-46)

Veja os comentários sobre Mateus 26.30,36-46. Lucas fornece duas pequenas informações não relatadas pelos outros dois sinóticos. Elas se encontram nos versículos 43 e 44.

E apareceu-lhe um anjo do céu, que o confortava (43). Sua necessidade deste conforto testemunha a intensidade da angústia mental do conflito pelo qual a sua alma estava passando. O conforto recebido era provavelmente necessário para evitar a sua morte antes da hora do seu sacrifício pelos pecados no Calvário.

E, **posto em agonia, orava mais intensamente. E o seu suor tornou-se em grandes gotas de sangue que corriam até ao chão** (44). Alguns interpretaram este versículo como se indicasse apenas o grande tamanho das gotas de **suor**, mas os intérpretes conservadores da igreja, desde Atanásio até os dias de hoje, têm insistido na literalidade do sangue. O significado parece ser que o **suor** estava misturado com **sangue**, dando assim a impressão de puro sangue saindo pelos poros da pele de Jesus. Muitos peritos testemunham que um grande sofrimento, ou agonia mental, pode fazer o sangue se misturar com a transpiração do corpo humano.

2. *A Traição e a Prisão* (22.47-53)

Veja os comentários sobre Mateus 26.47-56. Lucas adiciona duas pequenas informações não encontradas nos outros sinóticos. No versículo 48, ele relata Jesus dizendo a Judas: **Com um beijo trais o Filho do Homem?**

Um acréscimo importante é encontrado no versículo 51. Ali Lucas reporta que Jesus curou o servo do sumo sacerdote cuja orelha havia sido decepada. Este não é só mais um fato sobre a vida de Jesus; isto também nos dá um dos poucos vislumbres do interesse especial de Lucas. Como médico, é natural que ele tomasse nota deste milagre, que não é uma duplicação de outro milagre registrado de Jesus. Este interesse especial de Lucas dá maior peso à crença tradicional de que ele era um médico.¹⁰

Pois **esta é a vossa hora e o poder das trevas** (53), Maclaren sugere: 1) A cruz de Jesus Cristo é o centro e o ponto de encontro das energias de três mundos; 2) A cruz é o ponto máximo, a “marca d’água”, do pecado do homem; 3) O triunfo temporário das trevas é a eterna vitória da luz.

D. O Julgamento Judaico, 22.54-71

1. *A Negação de Pedro* (22.54-62)

Veja os comentários sobre Mateus **26.57-75**. Lucas faz uma

contribuição significativa ao relatar este evento. Ela se encontra no versículo **61. E, virando-se o Senhor, olhou para Pedro.** Isto provavelmente ocorreu quando Jesus estava sendo levado de seu interrogatório diante de Anás para o seu julgamento perante Caifás e o Sinédrio. João se refere a essa mudança de local, ao dizer: *Anás mandou-o, manietado, ao sumo sacerdote Caifás (Jo 18.24).* Jesus foi levado pelo pátio enquanto Pedro estava veementemente engajado em sua terceira negação. A repentina e inesperada aparição do Mestre, o olhar de bondade e suave repreensão que Pedro pôde contemplar na face de Jesus, a lembrança da advertência de que ele faria exatamente aquilo que estava fazendo naquele momento, reforçaram, tremendamente, o efeito produzido pelo cantar do galo. O resultado foi um amargo remorso e um profundo arrependimento.

2. Jesus é Condenado pelo Sinédrio (22.63-71)

Para uma discussão a respeito dos versículos 63-65, veja os comentários sobre Mateus 26.67-68. Para uma discussão a respeito do versículo 66, veja os comentários sobre Mateus 27.1.

Se tu és o Cristo, dize-nos. Ele replicou: Se vo-lo disser, não o crereis (67). Caifás e o Sinédrio já tinham decidido de forma irrevogável o que pretendiam fazer. Embora a pergunta feita, evidentemente por Caifás, tenha a aparência de sinceridade, ela era, na realidade, uma sutil tentativa de fazer Jesus dizer alguma coisa que o incriminasse. Sua resposta mostra como Ele os entendia.

E também, se vos perguntar, não me respondereis, nem me soltareis (68). A palavra grega traduzida como **perguntar** é um termo amplo e pode ser traduzida como “pergunta”, “perguntar”, “pedido”, “implorar” ou “pedir”. Assim, a declaração de Jesus podia ter dois significados. Ela podia significar: “Se eu vos perguntar com respeito a Cristo, vós não me respondereis e, portanto, eu não posso vos convencer de que estou certo na minha reivindicação e não posso esperar ser absolvido”. Ou a declaração podia significar: “Se eu pedir ou rogar que me solteis, vós me ignorareis e vos recusareis a dar-me a minha liberdade”. O fato de ambos os significados estarem em harmonia com o contexto torna ainda mais difícil a escolha entre os

dois. Entretanto, as exatas palavras da sentença, especialmente a inserção da frase **não me respondereis**, parece favorecer a interpretação anterior. Godet, que está em harmonia com esta visão, parafraseia, portanto, as palavras do Mestre: “Eu não posso tratar-vos nem como juizes a quem estou procurando convencer, pois vós já estais determinados a não dar crédito às minhas declarações, nem como discípulos a quem estou me empenhando em instruir, pois vós não entrarieis em uma justa discussão comigo”.¹¹

Desde agora, o Filho do Homem se assentará à direita do poder de Deus (69). Jesus vai além da pergunta deles, com a sua reivindicação e predição. Este era um passo ousado, pois a declaração podia ser mais facilmente interpretada como blasfêmia do que como uma resposta afirmativa à pergunta: “Es o Cristo?”. Alguns entendem que o conceito judaico do Cristo ou Messias não era tão elevado - ele não incluía a filiação divina. Jesus parece ter tido duas razões para fazer a sua corajosa reivindicação e predição: dar um fim ao inútil julgamento e deixar um pronunciamento final da verdade a respeito de si próprio.

E disseram todos: Logo, és tu o Filho de Deus? (70). Eles queriam que Jesus esclarecesse as implicações de sua declaração no versículo 69. Eles, sem dúvida, entenderam a implicação disto, mas queriam a sua reivindicação categórica de ser o Filho de Deus, pois com isso poderiam condená-lo. **E ele lhes disse: Vós dizeis que eu sou.** Esta é uma forma hebraica de afirmação. Ela não só convencia o Sinédrio de que Jesus havia blasfemado, mas podia ser tomada como uma clara reivindicação, por nosso Senhor, de sua divindade.

De que mais testemunho necessitamos? Pois nós mesmos o ouvimos da sua boca (71). Eles aceitaram a afirmação, a interpretaram como blasfêmia, e condenaram a Jesus. Mas era isso que haviam determinado fazer desde o início.

E. O Julgamento Romano, 23.1-25

1. A Primeira Audiência Diante de Pilatos (23.1-5)

Para uma discussão a respeito do versículo 1, veja os comentários sobre Mateus 27.2. Veja também Marcos 15.1.

E começaram a acusá-lo, dizendo: Havemos achado este pervertendo a nossa nação, proibindo dar o tributo a César e dizendo que ele mesmo é Cristo, o rei (2). Nada foi dito sobre a acusação de blasfêmia pela qual Ele fora condenado pelo Sinédrio. Eles não mencionaram isso porque não era um crime sob a lei romana, e eles estavam determinados a levá-lo à morte. Portanto, inventaram novas acusações que correspondiam a crimes.

A extensão da hipocrisia daqueles homens é vista no fato de que as “maldades” de que acusavam Jesus eram as posições que eles próprios (exceto os Herodianos) sustentavam fortemente em circunstâncias normais. Os judeus conservadores da época de Cristo menosprezavam Roma e esperavam alguém que os livrasse do jugo estrangeiro. Eles não podiam, por outro lado, ser sinceros em suas acusações de que Ele era um perigo para Roma. Jesus sempre tinha resistido a cada esforço calculado para induzi-lo a fazer ou dizer alguma coisa que poderia ser interpretada como anti-romana.

Para uma discussão a respeito do versículo 3, veja os comentários sobre Mateus 27.11.

E disse Pilatos... Não acho culpa alguma neste homem. Mas eles insistiam cada vez mais (4-5). Pilatos estava a par dos motivos deles e não viu em Jesus nada que fosse uma ameaça para Roma. A impetuosidade deles atestava a sua determinação e o seu ódio intenso. Como Pilatos não se perturbava com a insinuação deles de que Jesus era culpado de traição, eles inventaram uma nova acusação. Desta vez chegaram mais próximo dos interesses pessoais de Pilatos: **Ele alvoroça o povo ensinando por toda a Judéia, começando desde a Galiléia até aqui.** Eles, sem dúvida, sabiam que Pilatos temia que os judeus se revoltassem, pois ele não podia esperar manter a sua posição, a menos que pudesse controlar aquele povo rebelde. Os acusadores de Jesus sentiam que Pilatos teria que agir se houvesse o risco de uma revolta popular. Mas a menção da Galiléia deu a Pilatos uma idéia que eles não haviam antecipado.

2. *Jesus é Levado à Presença de Herodes (23.6-12)*

Este episódio é peculiar a Lucas. **Então, Pilatos, ouvindo falar da Galiléia, perguntou se aquele homem era galileu. E... remeteu-o a Herodes, que também, naqueles dias, estava em Jerusalém...** (6-7). Esta pareceu a Pilatos uma excelente oportunidade de passar um problema complicado e potencialmente perigoso para outra pessoa. Ele, provavelmente, esperava que Herodes cuidasse do caso para ele ou pelo menos fornecesse um julgamento que servisse como suporte. Isto o ajudaria tanto na sua decisão como diminuiria a sua própria responsabilidade pelo destino de Jesus e pelas reações dos líderes judeus. Veja no versículo 12 um segundo motivo que, sem dúvida, estava presente na mente de Pilatos ao enviar Jesus a Herodes.

E Herodes, quando viu a Jesus, alegrou-se muito, porque havia muito que desejava vê-lo, por ter ouvido dele muitas coisas; e esperava que lhe veria fazer algum sinal (8). Este era Herodes Antipas, o infame por seu adultério com Herodias e por ter assassinado João Batista. Seu único interesse em Jesus era a curiosidade - ele queria ver e ser entretido pelo famoso “realizador de milagres”.

E interrogava-o com muitas palavras, mas ele nada lhe respondia (9). Os esforços de Herodes foram amplos, porém infrutíferos. Jesus se recusou a ser usado como objeto de entretenimento daquele rei assassino e incestuoso, a quem Ele não temia nem respeitava.

E estavam os principais dos sacerdotes e os escribas acusando-o com grande veemência (10). Jesus era a única Figura passiva naquele tribunal. Embora seus acusadores fizessem de tudo para tornar suas acusações eficazes, Jesus permanecia inabalável. Herodes não tinha qualquer interesse no caso, além da curiosidade.

E Herodes, com os seus soldados, desprezou-o, e, escarnecendo dele... (11) ou “fez pouco dele e ridicularizou-o” (Goodspeed). Nas palavras de Spence: “Ele o tratou não como um criminoso, mas como

um religioso entusiasta nocivo, digno somente de desprezo e escárnio”.¹² Esta atitude foi, sem dúvida, alimentada pelo fato de Jesus não satisfazer a curiosidade de Herodes.

E, no mesmo dia, Pilatos e Herodes, entre si, se fizeram amigos; pois, dantes, andavam em inimizade (12). Esta foi provavelmente uma razão pela qual Pilatos mandou Jesus a Herodes. A causa da inimizade entre eles não é conhecida, mas acredita-se comumente ter sido a matança dos galileus, mencionada em Lucas 13.1-2. Foi a cortesia e a deferência de Pilatos para com Herodes que remediou a discórdia.

3. O Segundo Comparecimento Diante de Pilatos (23.13-17)

E, convocando Pilatos os principais dos sacerdotes, e os magistrados... disse-lhes: Haveis-me apresentado este homem como pervertedor do povo; e... nenhuma culpa... acho neste homem (13-14). Eles haviam falhado por completo em estabelecer sequer uma razoável suspeita quanto a Jesus ter tendências de sedição, ou de representar qualquer perigo em relação a um levante popular.

Nem mesmo Herodes (15). Pilatos está usando o fato de Herodes não condenar Jesus, como suporte para o seu próprio julgamento de que Jesus deveria ser solto. **Eis que não tem feito coisa alguma digna de morte.** Ou ainda: “Nada digno de morte foi feito por ele”. Embora Ele tivesse sido julgado duas vezes pelos judeus, uma vez por Herodes e, agora, duas vezes por Pilatos, nenhuma acusação havia sido provada.

Castigá-lo-ei, pois, e soltá-lo-ei (16). Se Pilatos tivesse sido menos covarde, este teria sido o final do julgamento. Mas este veredicto, embora muito mais favorável a Jesus do que o veredicto final, era injusto e cruel. Açoitar um homem a quem ele havia publicamente declarado inocente era o máximo da injustiça. Pilatos esperava, por meio desta concessão aos inimigos de Jesus, impedi-los de atingir os seus objetivos. Ele subestimou a ambos: os inimigos e a extensão de sua própria covardia.

E era-lhe necessário soltar-lhes um detento por ocasião da festa (17). A *necessidade* nesse caso era um costume. Parece que a prática originou-se da liberação de um prisioneiro, talvez comumente um prisioneiro político, a cada ano na época da festividade da Páscoa. O versículo 17 nos lembra, portanto, que a oferta de libertar Jesus, feita no versículo 16, não seria uma absolvição. Pilatos estava, efetivamente, dizendo: “Eu não encontrei crime algum em Jesus e, portanto, ele merece ser solto, mas eu o tratarei como culpado, açoitando-o e então o soltarei seguindo o nosso costume anual”. Portanto, esperava ele, Jesus seria livre e ao mesmo tempo os líderes judeus seriam acalmados.

4. *Jesus ou Barrabás?* (23.18-25)

Veja os comentários sobre Mateus 27.15-26. Embora Lucas pouco acrescente a Mateus em termos de fatos ou interpretações, ele expressa de modo excelente, no versículo 25, a ironia, a injustiça e a contradição nas ações e no veredicto final de Pilatos.

F. A Crucificação e o Sepultamento, 23.26-56

1. *Ensinando a Caminho do Calvário* (23.26-31)

O material dos versículos 27-31 é peculiar a Lucas. Para uma discussão a respeito do versículo 26, veja os comentários sobre Mateus 27.32.

E seguia-o grande multidão de povo e de mulheres, as quais batiam nos peitos e o lamentavam (27). A narrativa de Lucas tem sido chamada de “O Evangelho das Mulheres” porque as mulheres têm um espaço maior neste Evangelho do que em qualquer dos outros.¹³ A lamentação dessas mulheres era a demonstração de sua verdadeira simpatia por Jesus, e um lembrete de que nem todos os corações judeus estavam endurecidos em relação a Ele.

Porém Jesus, voltando-se para elas, disse: Filhas de Jerusalém (28). Este discurso teria tomado mais tempo do que o permitido a um condenado a caminho da sua execução. Como a imposição a Simão, o

cireneu, de carregar a cruz é mencionada no versículo **26**, imediatamente anterior, é razoável supor que este discurso foi feito durante a pausa ocorrida enquanto a cruz estava sendo transferida para Simão. A denominação **Filhas de Jerusalém** indicaria que pelo menos a maioria destas mulheres residia em Jerusalém, distinguindo-as, assim, das mulheres que o seguiam desde a Galiléia.

Não choreis por mim; chorai, antes, por vós mesmas e por vossos filhos. A

tragédia dele, se puder ser assim chamada, é muito menor do que a delas. Sua morte iminente será seguida por uma gloriosa ressurreição, enquanto elas irão sofrer uma das maiores calamidades da história, a destruição de Jerusalém.¹⁴

Porque eis que hão de vir dias em que dirão: Bem-aventuradas as estéreis

(29) - porque aquelas que tiverem filhos os verão morrer de fome em uma cidade cercada, ou serem trucidados pelo inimigo, ou ainda vendidos como escravos. Atrágica conotação desta estranha bem-aventurança - **Bem-aventuradas as estéreis** - só pode ser completamente compreendida quando percebemos o ardente desejo das mulheres judaicas de ter filhos, e a vergonha que sofriam ao saber que não podiam dar à luz.

Então, começarão a dizer aos montes: Caí sobre nós! E aos outeiros: Cobri-nos! (30). Aqui Jesus se refere ao indescritível sofrimento durante o cerco a Jerusalém e o que se seguirá (68-70 d.C.).¹⁶ Naqueles dias, ser subitamente esmagado sob uma montanha de terra seria um alívio bem-vindo.

Porque, se ao madeiro verde fazem isso, que se fará ao seco? (31). Esta expressão proverbial compara o que se faz agora a Cristo com o que será feito aos judeus quando Jerusalém for destruída. O **madeiro verde** se refere à lealdade de Jesus aos romanos; a madeira

seca se refere à deslealdade crônica dos judeus. Se os romanos são cruéis o suficiente para fazer o que estão fazendo agora Aquele a quem até o seu governador considera ser inocente e leal, quanto mais cruelmente eles tratarão esses desleais e provocativos judeus quando ocorrer a ruptura das relações!

2. *Cristo é Crucificado* (23.32-38)

Para uma discussão a respeito do versículo 32, veja os comentários sobre Mateus 27.38. Mateus e Marcos chamam esses dois colegas de sofrimento de salteadores, enquanto Lucas os chama de **malfeitores** - “fazedores do mal” ou “homens maus”.

Para uma discussão a respeito dos versículos 33-38, veja os comentários sobre Mateus 27.33-44. Apenas Lucas relata a oração intercessória de Jesus: **Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem** (34). Esta oração, que é a primeira das sete declarações feitas por Jesus na cruz, parece ter sido dirigida aos soldados, e foi provavelmente expressa enquanto eles o estavam pregando à cruz. A expressão [eles] **não sabem o que fazem** dificilmente poderia se aplicar àqueles judeus que haviam planejado a sua morte, nem poderia se aplicar completamente a Pilatos, embora Jesus não desejasse o mal nem aos judeus e nem a Pilatos.

3. *Um Ladrão Agonizante Convertido* (23.39-43)

Este episódio é peculiar a Lucas. **E um dos malfeitores que estavam pendurados blasfemava dele, dizendo: Se tu és o Cristo, salva-te a ti mesmo e a nós (39)**. A palavra grega traduzida como **blasfemava** significa aqui usar palavras injuriosas e linguagem ofensiva. Os outros dois sinóticos dizem que ambos os ladrões injuriavam ou escarneciam de Jesus. Mas as palavras usadas no original não são tão fortes quanto aquela que é usada aqui por Lucas; elas não indicam nada blasfemo. Colocando as três versões juntas, vemos que ambos os malfeitores o acusavam, mas só um deles usava uma linguagem insultuosa ou blasfema.¹⁶

Respondendo, porém, o outro, repreendia-o (40). Ao se

conscientizar de quem Jesus era, um dos crucificados parou de pronunciar palavras insensatas contra Jesus, e até repreendeu o outro ladrão pela sua blasfêmia. A esta altura ele havia visto as reações de Jesus ao sofrimento e às acusações; ele o ouviu orar por seus executores. Ele o ouvira ser chamado de Cristo e, provavelmente, já possuía algum conhecimento anterior a res-

A Paixão de Cristo

Lieis 23.40-56

peito de Jesus. Ele deve, também, ter visto a inscrição acima da cabeça de Jesus. Agora, a verdadeira humanidade daquele condenado vem à tona, talvez pela primeira vez em muitos anos.

Tu nem ainda temes a Deus, estando na mesma condenação?

Esta não é hora de blasfemar. Em uma ocasião como esta, qualquer homem inteligente deveria estar preocupado com o seu relacionamento com Deus.

E nós, na verdade, com justiça... mas este nenhum mal fez (41). Agora ele está pensando corretamente. Ele vê a inocência de Jesus e a injustiça de seu sofrimento. Ele percebe seu próprio pecado e a justiça da sua própria condenação e também a de seu colega ladrão. Mas ele enxergou mais, como mostra o versículo seguinte.

E disse a Jesus: Senhor, lembra-te de mim, quando entrares no teu Reino (42). Ele tem entendimento e fé suficientes para reconhecer a Jesus como o Messias. Quando Jesus chegar ao seu Reino, ele quer que o Mestre se lembre daquele que morreu ao lado da sua cruz. O conhecimento deste homem era incompleto e a sua oração não revela, por inteiro, a ansiedade e o lamento da sua alma. Mas o que ele estava realmente pedindo era a salvação do pecado, e um lugar no Reino vindouro de Cristo.

Hoje estarás comigo no paraíso (43). Não “algum dia no meu Reino”, mas **hoje... no paraíso.** Jesus ouviu o clamor do coração deste homem, bem como a oração de seus lábios e, desconsiderando a

lacuna em seu conhecimento e entendimento, lhe deu a salvação instantânea e a promessa de estar com o Senhor no paraíso. A palavra **paraíso** veio originariamente da Pérsia, e denotava um belo e prazeroso jardim. Ganhou o significado de lugar de felicidade, e aqui se refere ao Céu.¹⁷

4. *Aquele que Nunca Pecou Morre Pelo Pecado* (23.44-49)

Veja os comentários sobre Mateus 27.45-56. Lucas relata dois itens que não estão nos outros sinóticos. No versículo 46, ele fornece a última das sete declarações de Cristo na cruz. Spence diz que as palavras de Cristo: “Está consumado” (Jo 19.30), foram seu “adeus à Terra”, e que a declaração registrada por Lucas: **Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito**, é a sua “saudação de entrada no Céu”.¹⁸

O segundo detalhe peculiar a este Evangelho encontra-se no versículo 48. Lucas nos conta que, além daquelas testemunhas da morte de Jesus mencionadas nos outros Evangelhos, havia uma multidão que **se ajuntara a este espetáculo**, a qual **vendo o que havia acontecido, voltava batendo nos peitos**. A multidão havia tido uma participação na crucificação de Jesus, mas isto não havia sido idéia dela. Eles foram usados por seus líderes; foram vítimas da psicologia de massas e da demagogia. Agora eles estavam experimentando uma inexprimível mudança de sentimentos.

Para estes versículos (44-49), Ryle destaca: 1) Os miraculosos sinais que acompanharam a morte de nosso Senhor na cruz; 2) As palavras notáveis que o nosso Senhor disse ao morrer; 3) O poder de consciência no caso do centurião e da multidão que viu Cristo morrer.

5. *O Sepultamento* (23.50-56)

Veja os comentários sobre Mateus 27.57-61. Veja também os comentários sobre Marcos 15.42-47.

Seção VIII

A Entrada em Jerusalém (19.29-40)

Para uma discussão a respeito dos versículos 29-38, veja os comentários sobre Mateus 21.1-11; veja também Marcos 11.1-11. O material nos versículos 39 e 40 só é encontrado em Lucas.

E disseram-lhe dentre a multidão alguns dos fariseus: Mestre, repreende os teus discípulos (39). Isto é, repreende-os por estarem gritando e pelo uso de expressões messiânicas. Os fariseus tinham duas razões para levantar essas objeções. Primeiro, eles consideravam tais expressões messiânicas um tipo de blasfêmia, quando usadas em louvor de alguém a quem eles consideraram um simples homem. Segundo, a principal guarnição romana de Jerusalém, a Torre de Antônia, estava à vista durante esta demonstração do povo. Os líderes dos judeus temiam que tais demonstrações levassem os romanos a lançar mão de medidas repressivas.

[2](#)

A Importância da Vigilância (21.34-36)

E olhai por vós, para que não aconteça que o vosso coração se carregue de glotonaria (ou “não permitam que vossas mentes sejam entorpecidas pela dissipação”), **de embriaguez... e venha sobre vós de improviso aquele dia** (34). O Mestre termina o discurso com um alerta ríspido e vivido a seus discípulos, para que nunca se descuidassem, de modo que o dia do Senhor os encontrasse despreparados. Está aqui a insinuação definitiva de que o retorno do Senhor não pode ser datado. Ele pode ocorrer a qualquer momento.

Porque (o dia da vinda do Senhor) **virá como um laço sobre todos os que**

habitam na face de toda a terra (35). A repentina vinda do Senhor será para aqueles que não estão preparados como o repentino fechamento de uma armadilha sobre um animal que nem sequer suspeitava dela. Nesse dia haverá somente duas classes de pessoas: aquelas que estão prontas, para as quais a vinda de Cristo será um

supremo prazer, e aquelas que não estão prontas e para quem o seu retorno será como um golpe de destruição. .

Vigiai, pois, em todo o tempo, orando, para que sejais havidos por dignos de evitar todas essas coisas... e de estar em pé diante do Filho do Homem (36). Oração e vigilância incessantes são as chaves para estarmos sempre preparados. Isto exige os nossos próprios esforços mais a ajuda de Deus, que é obtida através da oração. **Estar em pé** significa estar justificado, permanecer aprovado.

O CRISTO RESSUSCITADO

Lucas 24.1-53

A. A Ressurreição, 24.1-12

Para uma discussão detalhada a respeito dos versículos 1-6a veja os comentários sobre Mateus 28.1-10. Veja também Marcos 16.1-8.

Lembraí-vos como vos falou, estando ainda na Galiléia, dizendo: Convém que o Filho do Homem seja entregue nas mãos de homens pecadores, e seja crucificado, e, ao terceiro dia, ressuscite (6-7). Não tendo entendido as palavras de Jesus às quais o anjo se refere, as mulheres podem tê-las esquecido. O anjo lhes refresca a memória em um momento em que elas podiam entender a profecia à luz de seu recente cumprimento. Assim, tanto o entendimento do ministério de Jesus na terra como a fé dessas mulheres em sua divindade seriam enriquecidas e fortalecidas.

Mateus e Marcos omitem o lembrete angelical desta profecia. Em seu lugar, eles relatam a incumbência dada às mulheres de contar aos apóstolos que Cristo ia adiante deles para a Galiléia.

E, voltando do sepulcro, anunciaram todas essas coisas aos onze e a todos os demais (9). Veja os comentários sobre Mateus 28.8.

Para uma discussão a respeito do versículo 10, veja os comentários sobre Marcos 16.1. O nome de **Joana** é omitido no relato de Marcos. Ela era a esposa de Cuza, procurador de Herodes, mencionado em Lucas 8.3.

E as suas palavras lhes pareciam como desvario (11). Embora Jesus houvesse claramente profetizado a sua morte e ressurreição para seus discípulos, a concepção que estes tinham do Reino Messiânico não tinha lugar para tal idéia. Agora que chegara a hora, eles estavam tão indecisos e surpresos como se nunca tivessem ouvido

as profecias do Mestre. Eles devem ter descartado totalmente essas previsões de suas mentes, como incompreensíveis, ou então as interpretaram espiritualmente. O esquecimento dos discípulos está em vivo contraste com a lembrança pelos membros do Sinédrio a esse respeito. Estes líderes judeus se lembravam que Jesus havia previsto a sua ressurreição após três dias, e foi por essa razão que pediram a Pilatos que colocasse os guardas no sepulcro.¹

Para uma discussão a respeito do versículo 12, veja os comentários sobre João 20.2-10.

B. Aparições do Senhor Ressuscitado, 24.13-49

1. *O aparecimento de Jesus na Estrada para Emaús (24.13-27)*

Godet classifica esta parte como uma das mais admiráveis do Evangelho de Lucas.² O relato é peculiar a Lucas, embora Marcos faça, de fato, uma breve referência a este acontecimento (Mc 16.12-13).

E eis que... dois deles (13). Não dos Doze, mas dois do círculo mais amplo dos discípulos. Eles poderiam ser um homem e sua esposa. Um é identificado no versículo 18. O outro tem sido objeto de considerável conjectura, tendo Lucas sido identificado por alguns, mas não há evidência real que nos permita determinar quem seria este discípulo anônimo. Com respeito àquele a quem Lucas identifica como Cleopas, uma abreviação de “Cleopatos”, nada se sabe além de seu nome.³ **No mesmo dia.** O dia da ressurreição, o primeiro dia da semana. **Para uma aldeia... cujo nome era Emaús.** A aldeia chama-se hoje Kolonieh, e é assim chamada porque o imperador Tito fez dela uma colônia para alguns de seus veteranos de guerra. Está localizada, como diz Lucas, a cerca de sessenta estádios de Jerusalém. Um estádio mede 606.75 pés. Portanto, essa aldeia estava a cerca de onze quilômetros de Jerusalém.

E iam falando entre si de tudo aquilo que havia sucedido (14). Os acontecimentos ligados à morte de Cristo, e o muito incompleto relato de que Ele havia ressuscitado dentre os mortos.

E... indo eles... fazendo perguntas (15). Eles estavam tentando dar sentido a uma confusa mistura de fatos, relatos e noções preconcebidas do Reino Messiânico e seus próprios sentimentos pessoais a respeito de Jesus. Era como um quebra-cabeças que parecia ter alguns pedaços faltando, enquanto outros pareciam não fazer parte dele.

O mesmo Jesus se aproximou e ia com eles. Mas os olhos deles estavam como que fechados, para que o não conhecessem (15-16). Ou seja, alguma coisa “fechou” os olhos deles, de tal forma que não puderam reconhecê-lo.

Uma coisa que não permitia que esses discípulos reconhecessem Jesus era o fato de que, conforme expresso por Marcos, Ele “manifestou-se em outra forma” (Mc 16.12). De alguma forma, sua aparência pessoal estava mudada. Maria Madalena havia visto o Senhor ressuscitado, sem reconhecê-lo, embora ela o tivesse encontrado nas vizinhanças de seu túmulo (Jo 20.15). O disfarce de Jesus foi mais eficaz aqui devido à incredulidade dos discípulos em relação à ressurreição, e também pelo seu repentino aparecimento na estrada para Emaús.

E ele lhes disse: Que palavras são essas que, caminhando, trocáis entre vós e por que estais tristes? (17). O Mestre não precisava que lhe dissessem qual era o tema da conversa deles. Esta foi, simplesmente, a maneira que Ele utilizou para juntar-se à discussão, o que Ele fez a fim de ensinar-lhes algumas verdades valiosas.

E.. um... disse-lhe: Es tu só peregrino em Jerusalém? (18) - literalmente: “Estás em Jerusalém de passagem?” Esta pergunta implica que eles sabiam que Ele havia escutado pelo menos parte da conversa deles. Talvez Ele tivesse caminhado com eles em silêncio, por um curto espaço de tempo, antes de se juntar à discussão. Qualquer um que não fosse um forasteiro em Jerusalém, naquela manhã, saberia a importância, bem como o teor, da conversa sobre Jesus de Nazaré.

E ele lhes perguntou: Quais? (19). Ele queria que eles lhe dessem

informações que lhe permitissem ensinar suas verdades a respeito do assunto. E Ele queria fazer isso sem revelar a sua identidade - pelo menos por enquanto. Ele também estava lhes dando uma oportunidade de abrirem seus corações para Ele. **E eles lhe disseram: As que dizem respeito a Jesus, o Nazareno.** Com a certeza de que Ele era um forasteiro, eles relatam breve, mas vividamente, e com profunda emoção, a história de Jesus: que Ele era **um profeta poderoso em obras e palavras**, que fora condenado por intermédio dos esforços dos líderes judeus, e que fora **crucificado**. Eles, provavelmente, incluíram outros detalhes não relatados por Lucas.

E nós esperávamos que fosse ele o que remisse Israel (21). Eles ainda o amavam; sofriam profundamente por Ele. Mas pode um Messias morto redimir Israel? Eles estão pensando no rei-Messias, aquele que expulsaria os romanos e faria com que Israel se tornasse novamente uma grande nação.

Mas, agora, com tudo isso, é já hoje o terceiro dia... algumas mulheres... nos maravilharam, as quais de madrugada foram ao sepulcro; e, não achando o seu corpo, voltaram, dizendo que também tinham visto uma visão de anjos, que dizem que ele vive (21-23). Este relato das mulheres parece ter confundido estes dois discípulos, ao invés de tê-los encorajado. Eles ainda continuaram tristes (versículo 17), e a esperança que tinham de que Jesus fosse o Messias já era parte do passado. Eles tinham dois problemas: primeiro: Será o relato verdadeiro? e, segundo: O que tudo isso significa em termos do messianato de Jesus e da própria felicidade deles? Até o momento, eles parecem estar suspensos entre a esperança e o desespero.

E alguns dos que estavam conosco foram ao sepulcro e acharam ser assim como as mulheres haviam dito, porém, não o viram (24). Esta investigação havia resultado na corroboração parcial, mas não na explicação. Eles viram o sepulcro vazio, mas não viram Jesus. O sepulcro vazio era uma valiosa evidência sustentadora, mas somente a presença do Cristo ressuscitado satisfaria esses discípulos.

E ele lhes disse: O néscios e tardos de coração para crer tudo o que os profetas disseram! (25). A palavra traduzida como **néscios** significa “fracos de entendimento”. Ela não tem a conotação maligna que a palavra usada em nosso idioma tem em seu uso diário. Esta não é a mesma palavra usada em Mateus 5.22, onde somos proibidos de dizer: “Louco” aos nossos irmãos. Godet destaca que esta palavra, **néscios**, se refere ao entendimento, enquanto a palavra traduzida como **tardos** se refere ao coração.⁴ Jesus está lhes dizendo que eles haviam entendido incorretamente a predição profética relacionada ao ministério messiânico, e que esta deficiência se devia tanto a uma falta de compreensão intelectual como a uma indolência espiritual. Uma maior aplicação intelectual, aliada a uma devoção mais profunda e intensa a Deus e à verdade, os teria levado à solução de seus problemas.

Porventura, não convinha que o Cristo padecesse essas coisas e entrasse na sua glória? (26). A palavra **convinha** significa a necessidade do sofrimento do Cristo. Seus sofrimentos eram necessários para a redenção do homem, e eram o caminho pelo qual Ele entraria **na sua glória** - a glória que começa com a sua ressurreição.

E, começando por Moisés... explicava-lhes o que dele se achava em todas as Escrituras (27). Esta era a primeira extensa e precisa lição sobre os ensinamentos messiânicos das Escrituras do Antigo Testamento que eles recebiam. Que lição deve ter sido esta, ministrada pelo próprio Senhor ressuscitado! Neste panorama das Escrituras hebraicas, Jesus fez um inconfundível retrato de si mesmo, de como Ele havia vivido, ensinado e sofrido, e de como Ele era agora - o Senhor ressuscitado. Embora eles não o tivessem visto antes, este quadro e o retrato do rei messiânico estão claramente desenhados no Antigo Testamento.⁵

2. O Mestre é Reconhecido (24.28-35)

E chegaram à aldeia... e ele fez como quem ia para mais longe. E eles o constrangeram, dizendo: Fica conosco (28-29).

Evidentemente estes dois discípulos, talvez marido e mulher, viviam na aldeia de Emaús e estavam retornando de Jerusalém para sua casa. O movimento de Jesus para ir adiante, ao chegarem à casa deles, não era enganoso. Como indicado por Spence, Ele teria ido em frente, se eles não o tivessem convidado para ficar.⁶ O convite deles testemunha a cortês hospitalidade e o interesse de ambos por este Forasteiro - um interesse e respeito que devem ter crescido bastante durante o curto período que haviam caminhado juntos.

E... estando com eles à mesa, tomando o pão, o abençoou e partiu-o e lho deu. Abriram-se-lhes, então, os olhos, e o conheceram (30-31). Esta foi quase uma repetição da Ceia do Senhor, que fora instituída havia poucos dias, e que lhes falava de uma comunhão abençoada e santa. Não é de admirar que seus olhos se tenham aberto; não é de admirar que eles o tenham conhecido! Este Forasteiro com quem se dispuseram a compartilhar o seu pão era o Salvador, que estava pronto e capacitado a lhes dar o Pão da Vida. Este Forasteiro, que estava à mesa deles, de repente se tornou o Chefe da casa, o Mestre do banquete, e assim Ele será em cada lar e em cada coração onde for convidado a **residir**.

E ele desapareceu-lhes. Não somos capazes de entender a natureza do corpo ressuscitado que permitiria um movimento tão livre como vemos aqui e em outras passagens na história do Cristo ressuscitado. O corpo de Nosso Senhor era real e não apenas aparente. Ainda assim, estava isento das limitações comuns do corpo humano.

Nestes dois versículos (30-31) que descrevem a refeição em Emaús, Maclaren nota que os três pontos da narrativa são: 1) A distribuição do pão; 2) A descoberta; 3) O desaparecimento.

E disseram um para o outro: Porventura, não ardia em nós o nosso coração quando... nos falava e... nos abria as Escrituras? (32). Agora que o haviam reconhecido como o Senhor Jesus, eles entenderam porque seus corações queimavam quando Ele lhes ensinava ao longo do caminho. Estes não foram os últimos discípulos de Cristo que passaram pela experiência do coração ardente. A Palavra Viva, a Revelação de Deus, havia comunicado a verdade

divina e seus espíritos libertos responderam naturalmente à sua voz - que era, sem dúvida, a voz de Deus.

E, na mesma hora, levantando-se, voltaram para Jerusalém e acharam congregados os onze... os quais diziam: Ressuscitou, verdadeiramente, o Senhor e já apareceu a Simão (33-34). O espanto e a emoção que sentiram estava em completo contraste com o pessimismo destes discípulos quando começaram a caminhar para Emaús-, Desconsiderando completamente os perigos que os espreitavam na estrada semidesértica à noite, retornaram logo a Jerusalém. Porém, as alegres notícias deles teriam que aguardar até que uma segunda aparição do Senhor ressuscitado fosse relatada. Ao entrarem na residência dos onze, ouviram as palavras de júbilo de um discípulo entusiasmado, que dizia: **Ressuscitou, verdadeiramente, o Senhor e já apareceu a Simão.** A evidência estava começando a se multiplicar.

E eles lhes contaram o que lhes acontecera no caminho, e como deles foi conhecido no partir do pão (35). Eles relataram todo o episódio, desde a triste conversa até à gloriosa percepção da presença do Senhor. A expressão **partir do pão** tem implicações sacramentais definitivas, especialmente quando nos lembramos de que na ocasião em que Lucas estava escrevendo o seu Evangelho, esta expressão era o nome habitual da Ceia do Senhor.

3. O Senhor Ressuscitado Visita os Seus Discípulos (24.36-43)

E, falando ele dessas coisas, o mesmo Jesus se apresentou no meio deles

(36). Tanto João como Lucas situam esta aparição no anoitecer do dia da ressurreição de Cristo. João nos informa que “cerradas as portas... com medo dos judeus...” (Jo 20.19). A expressão **Jesus se apresentou no meio deles** indica uma aparição repentina em vez de uma entrada perceptível. **E disse-lhes: Paz seja convosco.** Esta era a saudação judaica usual. Mas, desta vez, ela tinha mais do que o significado habitual para os discípulos de Jesus. Ela transmitia uma mensagem de conforto, coragem e esperança. Para informações

adicionais a respeito deste e dos versículos seguintes desta seção, veja os comentários sobre João 20.19-23.

E eles, espantados e atemorizados, pensavam que viam algum espírito. Eles tinham discutido, com júbilo, os relatos de suas aparições pós-ressurreição e deveriam estar esperando que Ele aparecesse a todos eles. Mas, apesar da alegria e da esperança deles, sua aparição repentina - quando todas as portas estavam fechadas - os aterrorizou. Apesar da aparente contradição de sentimentos aqui, temos que confessar que a reação deles foi muito humana e muito normal. A única explicação que parecia de alguma forma razoável para eles, no momento, era que se tratava de um espírito. Como é que Ele poderia aparecer desta maneira?

Neste ponto parece haver uma contradição entre Lucas e João, pois João diz: “Os discípulos se alegraram, vendo o Senhor” (Jo 20.20). Entretanto, João evidentemente se refere à situação de alguns momentos depois, após terem se recuperado da aparição súbita e sobrenatural, e depois de Jesus tê-los tranqüilizado com suas preciosas palavras.

E ele lhes disse: Por que estais perturbados... Vede as minhas mãos e os meus pés, que sou eu mesmo; tocai-me e vede, pois um espírito não tem carne nem ossos (38-39). Jesus prossegue mostrando-lhes que seus medos eram infundados e que a sua noção de que Ele era um espírito desencarnado estava errada. Ele primeiro lhes mostra suas mãos e pés - as cicatrizes da recente crucificação. Espíritos não têm cicatrizes das feridas terrenas. Ele, então, os convida a apalpá-lo - para sentir a carne sólida de um corpo material. Espíritos não têm materialidade; eles não têm carne e ossos.

E, não o crendo eles ainda por causa da alegria e estando maravilhados

(41); isto é equivalente à nossa expressão moderna: “é bom demais para ser verdade”. Era tão maravilhoso que eles temiam que pudesse não ser verdade. Estavam alegres e, ao mesmo tempo, com medo, como alguém que de repente consegue o que desejava mais do que

qualquer outra coisa no mundo.

...disse-lhes: Tendes aqui alguma coisa que comer? Então, eles apresentaram-lhe parte de um peixe assado e um favo de mel, o que ele tomou e comeu diante deles (41-43). Esta é a terceira demonstração de sua materialidade. Espíritos não comem peixe e mel. Em todas estas demonstrações, nosso Senhor está tentando mostrar que o que os discípulos vêem diante de si não é o espírito desencarnado de um Jesus de Nazaré morto, mas o corpo ressuscitado do Filho de Deus encarnado. Ele está mesmo diante deles - corpo, alma e espírito. Sua ressurreição é, em todos os sentidos, uma gloriosa realidade.

4. A Incumbência e a Promessa (24.44-49)

Deste ponto até o final do Evangelho, o leitor deve saber que há uma passagem de tempo que Lucas não deixa particularmente clara na narração. Se este Evangelho fosse a única fonte de informação referente ao período entre a ressurreição e a ascensão de Jesus, o leitor poderia ficar com a impressão de que não teriam se passado mais de vinte e quatro horas. Mas o próprio Lucas nos informa, em Atos 1.3, que aquele período durou quarenta dias. Não é claro se a instrução relatada na seção presente foi dada aos discípulos na noite da ressurreição do Senhor, na mesma ocasião do versículo anterior, ou mais tarde. Mas esta falta de informação não afeta a interpretação.

São estas as palavras que vos disse estando ainda convosco (44). Jesus se refere ao seu ministério, até à hora da sua crucificação, como a alguma coisa que já fazia parte do passado. As palavras **estando ainda convosco** não só predizem a sua ascensão, mas também indicam que mesmo naquele momento em que está falando, Ele não está “com eles”, no mesmo sentido usado anteriormente. Sua morte e ressurreição mudaram o mortal para imortal, e criaram uma diferença entre eles que apenas a morte e a ressurreição deles próprios poderiam lhes permitir transcender.

Convinha que se cumprisse tudo o que de mim estava escrito na Lei de Moisés, e nos Profetas, e nos Salmos. A Lei, os

Profetas e os **Salmos** são as três principais divisões das Escrituras Hebraicas. Deste modo, Jesus está se referindo à série completa da profecia messiânica, da primeira promessa em Gênesis 3.15 até o Livro de Malaquias. Ele deixa claro um vínculo inseparável entre Ele mesmo e esta profecia do Antigo Testamento. O Senhor lembra aos seus discípulos que Ele deixou este ponto claro enquanto ainda estava com eles. Antes de sua morte, a ênfase era de que **se cumprisse tudo**, e se referia ao seu ministério terreno.

Então, abriu-lhes o entendimento para compreenderem as Escrituras (45). Não é dito exatamente de que modo Jesus lhes abriu o entendimento. É possível que

Ele tenha feito isso explicando apenas o que as profecias messiânicas mencionavam. Mas Spence sugere o que é provavelmente o verdadeiro significado deste versículo. Ele acredita que essas palavras foram ditas ao anoitecer da primeira Páscoa. Se for assim, a expressão de Lucas: **então abriu-lhes o entendimento**, equivale à declaração de João de que Jesus “assoprou sobre eles e disse-lhes: Recebei o Espírito Santo” (20.22). Quando nos lembramos que “inspiração” significa “respirar para dentro”, vemos a lógica da sugestão de Spence. Jesus, aqui, estava dando aos seus discípulos a inspiração necessária para que entendessem as Escrituras.⁷

Assim está escrito, e assim convinha que o Cristo padecesse... e, em seu nome, se pregasse o arrependimento e a remissão dos pecados, em todas as nações, começando por Jerusalém (46-47). Aqui vemos a necessidade da redenção relacionada, no passado, às Escrituras do Antigo Testamento e, no futuro, à cruzada evangelística mundial e perene da Igreja. Os aspectos negativo e positivo da mensagem podem ser expressos assim: Não há salvação para ninguém sem a expiação; a salvação completa está disponível para todos os homens por meio da redenção.

E dessas coisas sois vós testemunhas (48). Os discípulos de Jesus tinham visto os seus atos e ouvido as suas palavras; eles receberam o presente da interpretação das Escrituras pela “inspiração” de Cristo. Após o Pentecostes, eles teriam a pureza e o poder necessários. Tudo

isso deve ser cristalizado em uma missão sublimemente designada: **sois vós testemunhas**. Jesus dependia deles para a divulgação de sua mensagem - a notícia da salvação “Comprada-com-sangue”. Se eles falhassem, Ele não teria outra maneira de transmitir a sua Palavra. Mas eles não teriam que ir sozinhos; o Espírito Santo testemunharia tanto *para* eles, como *através* deles.

E eis que sobre vós envio a promessa de meu Pai;⁸ ficai, porém, na cidade de Jerusalém, até que do alto sejais revestidos de poder (49). Esta foi uma ordem divina e até o seu cumprimento deve ter precedência sobre a incumbência divina. Até que recebessem o poder no Pentecostes, eles não estariam qualificados para levar a cabo a incumbência. O cumprimento da promessa e da ordem contida neste versículo ocorreu no Dia de Pentecostes, quando cerca de 120 discípulos foram santificados por intermédio do batismo no Espírito Santo.

As palavras do versículo 49 foram ditas por Jesus provavelmente no dia de sua ascensão, dez dias antes do seu cumprimento e quarenta dias após a ressurreição.

C. A Ascensão, 24.50-53

E levou-os fora, até Betânia (50) - significando uma parte do Monte das Oliveiras que dá vista para Betânia, pois em Atos 1.12 Lucas nos conta que Jesus ascendeu do Monte das Oliveiras. **E, levantando as mãos, os abençoou** - uma bênção sumo sacerdotal; o Senhor os estava abençoando por ocasião de sua despedida.

E aconteceu que, abençoando-os ele, se apartou deles e foi elevado ao céu (51). Dos quatro autores dos Evangelhos, apenas Lucas nos fala da ascensão de Jesus, embora ela seja tomada como certa ao longo de todo o restante do Novo Testamento. Lucas expressa um tratamento completo deste tema em Atos 1.9-11.

E, adorando-o eles, tornaram com grande júbilo para Jerusalém (52). A adoração dos discípulos foi um ato de homenagem a um ascendente, mas sempre presente, Salvador. A alegria deles

mostra o quanto, agora, entendem a sua relação com Jesus. Eles sabem que não o perderam, mas de algum modo misterioso Ele estará mais próximo deles do que antes.

E estavam sempre no templo, louvando e bendizendo a Deus (53). Esta declaração é amplificada em Atos dos Apóstolos. Lucas resume, assim, a vida posterior dos apóstolos por intermédio desta breve afirmativa, consciente de que pretendia cobrir o assunto detalhadamente em outra obra.

Notas

INTRODUÇÃO

¹ Estas passagens são: Atos 16.10-17; 20.5-15; 21.1-18; 27.1-28.31.

² Como não existe nenhuma tradição antiga em favor de Tito ser o autor desses livros, e como o

que é conhecido sobre o autor está muito mais de acordo com Lucas do que com Tito, esse último pode ser desconsiderado como um possível autor.

³ William Kirk Hobart, *The Medical Language of St. Luke* (Grand Rapids: Baker Book House,

1954 [reimpressão]). Embora essa obra tenha sido parcialmente desacreditada, sua tese mais importante - de que o Evangelho de Lucas contém uma distinta terminologia médica - é provavelmente válida.

⁴ Estudiosos liberais insistem em uma data posterior - talvez nos anos 90 - mas essa posição

parece depender da falta de disposição deles em aceitar a veracidade da profecia. A alegação é que as profecias de Lucas sobre a destruição de Jerusalém são tão semelhantes aos fatos históricos, que elas devem ter sido escritas depois que estes aconteceram. A destruição de Jerusalém aconteceu no ano 70 d.C.

SEÇÃO I

¹ Atos 23.26; 24.3; 26.25. A versão KJV em inglês traduz as duas últimas ocorrências como “nobilíssimo”, mas a mesma palavra grega é usada nas três

ocorrências, e é a mesma palavra usada em Lucas 1.3.

SEÇÃO II

¹ Josefo, *Antiquities* XIV.

² Veja Adam Clarke, *The New Testament of Our Lord and Savior Jesus Christ* (Nova Iorque:

Methodist Book Concern, s.d.), I, 289ss.; Também F. Godet, *A Commentary on the New Testament* (Edinburgh: T. and T. Clark, s.d.), I, 77.

³ Para as leis do nazireado, veja Nm 6.1-21.

“Para uma argumentação complementar sobre esta questão, veja Clarke, *op. cit.*, I, 359; Godet, *op. cit.*, I, 85.

⁵ Para uma argumentação complementar sobre este assunto, veja Alfred Edersheim, *The Life and*

Times of Jesus the Messiah (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Company, 1943), I, 149ss.

⁶ Albert Barnes, *Notes on the New Testament* (Grand Rapids: Baker Book House, 1949

[reimpressão]), p. 7.

⁷ Para uma argumentação mais ampla sobre este assunto, veja Norval Geldenhuys, *Commentary*

on the Gospel of Luke (“The International Commentary on the New Testament”, Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1951), p. 79, nota 2.

⁸ Veja Romanos, capítulos 9-11.

⁹ Edersheim, *op. cit.*, p. 149.

¹⁰ J. J. Van Oosterzee, “The Gospel According to Luke”, *Commentary on the Holy Scriptures*, ed. J.

P. Lange (Grand Rapids: Zondervan Publishing House, s.d.), p. 25.

¹¹ Veja Geldenhuys, *op. cit.*, pp. 19ss.

¹² Para o julgamento mencionado aqui, veja Gênesis 22.16-17.

¹³ Para um tratamento abrangente e de alto conhecimento deste assunto, veja Godet. *op. cit.* L 119-25

¹⁴ *Ibid.* Veja também H. D. M. Spence, “Luke”, *The Pulpit Commentary*, ed. H. D. M. Spence

(Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1950), I, 37.

¹⁵ Edersheim, *op. cit.*, 1,186-87. Para um ponto de vista contrário, veja Clarke, *op. cit.*, 1.370-7L

¹⁶ Para uma argumentação mais ampla sobre este assunto, veja Godet, *op. cit.*, 1,130.

¹⁷ Edersheim, *op. cit.*, I, 186.

¹⁸ Uma parte dos manuscritos antigos favorece esta leitura. O significado correto parece ser: “En

tre os homens de seu favor” (*Berkeley Version*).

¹⁹ Veja Lv 12.2-6.

²⁰ Veja Êx 13.2; Nm 8.16; 18.15.

²¹ Veja Lv 12.8.

²² Veja Is 49.13; 52.9; 66.13.

²³ Veja Godet, *op. cit.*, I, 139ss.

²⁴ Veja Is 11.10; 52.10; 60.3; 62.2.

²⁵ Veja Godet, *op. cit.*, 1,141.

²⁶ Isto reflete a verdade de Is 8.14.

²⁷ Godet, *op. cit.*, I, 141ss.

²⁸ Aversão *The New English Bible*, diz: “Vocês não sabiam que eu tinha que estar na casa do meu Pai?”

²⁹ Godet, *op. cit.*, I, 149.

³⁰ Para maior esclarecimento sobre este assunto, veja a obra de Edersheim, *op. cit.*, 1,191ss.

SEÇÃO III

‘Compare Tucídides, Políbio, *et al.*

²Veja Godet, *op. cit.*, I, 166ss.

³ Para uma argumentação mais detalhada sobre este assunto, veja a obra de Alexander Balmain

Bruce, “The Synoptic Gospels”, *The Expositor’s Greek New Testament* (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Company, s.d.), I, 480ss.; veja também Godet, *op. cit.*, I, 166-67.

⁴ Para uma discussão sobre esta questão, veja Bruce, *op. cit.*, I, 481; veja também Godet, *op. cit.*,

1,168ss.

⁵ Mt 14.3. Mateus menciona duas vezes a prisão de João em capítulos anteriores, mas sem comen

tar-4.12; 11.2-3.

⁶ Godet, *op. cit.*, I, 195-207; veja também Geldenhuys, *op. cit.*, pp. 150-55; Spence, *op. cit.*, I, 70-72;

Clarke, *op. cit.*, I, 385, 394.

SEÇÃO IV

¹ Veja Mt 13.54-58 e Mc 6.1-6.

² Veja Mt 4.12 e Mc 1.14. Para mais comentários sobre este assunto, veja Godet, *op. cit.*, I, 227.

³ Veja At 13.15.

⁴ Van Oosterzee, *op. cit.*, p. 73.

⁵ A sogra de Simão é mencionada em 4.38, mas Simão não é mencionado naquela ocasião.

⁶ Veja Godet, *op. cit.*, I, 271.

⁷ Veja também Godet, *op. cit.*, I, 294ss.

⁸ Veja Mt 10.8; 11.5; Lc 7.22.

⁹ Mt 9.22-26; Mc 5.22-43; Lc 8.41-56.

¹⁰ Compare com o sepultamento de Lázaro, Jo 11.41-44.

¹¹ Mt 26.6-13; Mc 14.3-9; Jo 12.1-9.

¹² Veja Mt 12.46-50; Mc 3.31-35.

¹³ cf. Mt 14.13-21; Mc 6.30-46; Jo 6.1-15.

SEÇÃO V

¹ Veja 2 Reis 17.24-34. Veja também João 4.30-37.

² Existia, de fato, uma rivalidade tribal entre Judá e Efraim desde tempos anteriores a este.

³ Ne 4.1-2.

⁴ Embora Elias tivesse vivido em uma época anterior e diferente, pode haver aqui uma sugestão

de que mesmo Elias era movido por motivos mais puros do que Tiago e João, sendo estes motivados, pelo menos parcialmente, por preconceitos raciais. A frase **Como Elias também fez**, não consta nos manuscritos mais antigos.

⁵ Veja Atos 28.3-5.

⁶ Para um esclarecimento adicional sobre este versículo e os versículos seguintes, veja os comen

tários sobre Mateus 11.25-27. '

⁷ Para esclarecimentos adicionais sobre este versículo e os versículos seguintes, veja os comentá

rios sobre Mateus 13.16-17. '

⁸ Veja também os comentários sobre Mateus 19.19.

⁹ Spence, *op. cit.*, I, 278.

¹⁰ Godet, *op. cit.*, II, 56.

¹¹ Sob a lei levítica, todo e qualquer contato com um sepulcro causava uma contaminação cerimonial.

¹² Godet, *op. cit.*, II, 89.

¹³ *Ibid.*

¹⁴ Veja os comentários sobre Lucas 12.13-15.

¹⁶ Veja os comentários sobre Atos 2.44; 4.34-5.11.

¹⁶ Os antigos judeus tinham apenas três vigílias ou divisões da noite (Jz 7.19), mas durante a

ocupação romana foi adicionada uma quarta vigília, provavelmente como resultado das práticas dos soldados romanos.

¹⁷ Spence, *op. cit.*, I, 337.

¹⁸ Veja Adam Clarke, *op. cit.*, p. 445.

¹⁹ Veja Bruce, *op. cit.*, p. 562.

²⁰ Godet, *op. cit.*, II, 115.

²¹ Spence, *op. cit.*, I, 339-40.

²² Veja Geldenhuys, *op. cit.*, p. 372; também Spence, *op. cit.*, II, 2.

²³ Veja Bruce, *op. cit.*, p. 566.

²⁴ Godet, *op. cit.*, p. 120.

²⁵ Veja Bruce, *op. cit.*, 566.

²⁶ Spence, *op. cit.*, II, 3.

²⁷ Veja também Marcos 4.30-32.

²⁸ Veja os comentários sobre Lucas 9.51ss.

²⁹ Veja os comentários sobre Lucas 10.38ss, e 13.22 (abaixo).

³⁰ Veja Van Oosterzee, *op. cit.*, p. 217.

³¹ John Peter Lange, *The Life of the Lord Jesus Christ*, ed. Marcus Dods, trad. por J. E. Ryland

(Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1958), II, 414ss.

³² Spence, *op. cit.*, II, 4.

³³ Veja também os comentários sobre Mateus 7.23.

³⁴ Veja Mateus 14.1-2; Marcos 6.14; Lucas 9.7.

³⁵ Spence, *op. cit.*, II, 6.

³⁶ Van Oosterzee, *op. cit.*, p. 221.

³⁷ Lange chama estes banquetes de “diversões perigosas”. Veja Lange, *Life of Jesus*, p. 419.

³⁸ Veja os comentários sobre Mateus 10.37.

³⁹ Esta interpretação está de acordo com a idéia da parábola, mas não se harmoniza com o sentido

básico da palavra *purgou*, a menos que este “palácio” seja uma fortaleza ou um

castelo.

⁴⁰ Van Oosterzee, *op. cit.*, p. 235.

⁴¹ Veja Barnes, *op. cit.*, p. 101.

⁴² Godet, *op. cit.*, II, 150.

⁴³ R. C. Trench, *Notes on the Parables of Our Lord* (Filadélfia: William Syckelmoore, 1878), p. 324.

⁴⁴ Spence, *op. cit.*, II, 87.

⁴⁵ Godet, *op. cit.*, II, 188.

⁴⁶ Para um tratamento excelente e suporte a esta tradução, veja Godet, *op. cit.*, II, 190-91.

⁴⁷ Veja Levítico, capítulos 13-14.

⁴⁸ Para uma discussão mais detalhada a respeito deste ponto veja Spence, *op. cit.*, p. 89; e Godet,

op. cit., II, 193-94.

⁴⁹ Para uma discussão mais detalhada a respeito destes problemas, veja Spence, *op. cit.*, II, 114, e

Godet, *op. cit.*, II, 213ss.

“Veja a nota sobre Lucas 10.30.

⁵¹ Josefo, *Antiquities* 14.14; 17.9.

“Spence, *op. cit.*, II, 137.

SEÇÃO VI

⁴Veja Mt 26.6-13; Mc 14.3-9; Jo 11.55—12.11.

²Godet, *op. cit.*, II, 230-31.

³ Para um testemunho ocular detalhado do cerco e destruição de Jerusalém, veja a obra de Josefo,

Wars 5.12.

⁴ EGT, I, 621.

⁵ Clarke, *op. cit.*, p. 485.

⁶ Veja Godet, *op. cit.*, II, 276. Veja também a obra *Greek English Lexicon of the New Testament*, de

Thayer.

SEÇÃO VII

¹Barnes, *op. cit.*, p. 147.

² Clarke, *op. cit.*, p. 448.

³ Spence, Barnes, Godet, Geldenhuys e Van Oosterzee, estão de acordo com Lucas neste ponto.

⁴ Esta é a tradução literal da parte da oração do Senhor que é traduzida como “livra-nos do mal”

em várias versões (Mt 6.13).

⁵ Mt 10.2-15; Mc 6.7-11; Lc 9.1-5.

⁶Veja Clarke, *op. cit.*, II, 489.

⁷ Veja Spence, *op. cit.*, II, 201.

⁸ Veja Van Oosterzee, *op. cit.*, pp. 342ss.

⁹ Godet, *op. cit.*, II, 302.

¹⁰ Veja, na Introdução deste comentário, a referência ao Evangelho de Lucas.

¹¹ Godet, *op. cit.*, II, 317.

¹² Spence, *op. cit.*, II, 236.

¹³ Veja a Introdução a Lucas neste comentário.

¹⁴ Veja Josefo, *Wars* 5.10—6.10. ^w*Ibid.*

¹⁶ Veja também os comentários sobre Mateus 27.44.

¹⁷ Para um tratamento mais completo da palavra “paraíso”, veja Barnes, *op. cit.*, pg 158.

¹⁸ Spence, *op. cit.*, II, 243.

SEÇÃO VIII

⁴Veja Mt 27.62-66.

² Godet, *op. cit.*, II, 352.

³Para uma discussão mais ampla, veja Godet, *op. cit.*, II, 352ss.

⁴ Godet, *op. cit.*, II, 354.

⁵ Para uma lista das passagens do Antigo Testamento para as quais Jesus poderia ter chamado a

atenção neste discurso, veja Spence, *op. cit.*, II, 271ss.

^e *Ibid.*, p. 272.

⁷Veja Spence, *op. cit.*, II, 275.

⁸ Veja Jo 14.16-26; 15.26-27; 16.7.

Bibliografia

I. INTRODUÇÕES E PANORAMAS DO NOVO TESTAMENTO

Barnett, Albert E. *The New Testament: Its Making and Meaning*. Nashville: Abingdon Press, 1958.

Cambron, Mark G. *The New Testament: A Book-by-Book Survey*. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1958.

Earle, Ralph (ed.), Blaney, Harvey J. S., Hanson, Carl. *Exploring the New Testament*. Kansas City: Beacon Hill Press, 1955.

Farrar, F. W. *The Messages of the Books*. New York: The Macmillan Co., 1927.

Franzmann, Martin H. *The Word of the Lord Grows*. St. Louis: Concordia Publishing House, 1961.

Goodspeed, Edgar J. *An Introduction to the New Testament*. Chicago: University of Chicago Press, 1937.

Miller, Adam W. *An Introduction to the New Testament*. Anderson, Ind.: Gospel Trumpet Co., 1943.

Price, James L. *Interpreting the New Testament*. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1961.

Tenney, Merrill (*A New Testament Survey*). Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1961.

Thiessen, Henry C. *Introduction to the New Testament*. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1943.

II. TRABALHOS ESPECIAIS

Hobart, William Kirk. *The Medical Language of St. Luke*. Grand Rapids: Baker Book House, 1954 (reimpressão).

Ramsay, William M. *Luke the Physician and Other Studies*. Grand Rapids: Baker Book House, 1956 (reimpressão).

III. TRABALHOS GERAIS

Edersheim, Alfred. *The Life and Times of Jesus the Messiah*, 2 vols. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Company, 1943.

Geikie, Cunningham. *New Testament Hours*, 4 vols. New York: James Pott & Company, 1897.

Josephus, Flavius. *The Life and Works of Flavius Josephus*. Traduzido por William

Whiston. Editado por Rev. H. Stebbing. Philadelphia: The John C. Winston Company, s.d.

Lange, Peter John. *The Life of the Lord Jesus Christ*. Traduzido por Sophia Taylor e J. E. Ryland. Editado por Marcus Dodds. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1952 (reprodução de 1872, edição publicada por T. & T. Clark).

IV. COMENTÁRIOS

Barclay, William. *The Gospel of Luke*. Philadelphia: The Westminster Press, 1956.

Bruce, Alexander Balmain. "The Synoptic Gospels," *The Expositor's Greek House*, 1949.

Barnes, Albert. *Notes on the New Testament*. Grand Rapids: Baker Book Testament. Editado por W. Robertson Nicoll, Vol. I. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Company, s.d.

Clarke, Adam. *The New Testament of Our Lord and Saviour Jesus Christ*. New York-Nashville: Abingdon-Cokesbury Press, s.d.

Davidson, P. (ed.). *New Bible Commentary*. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Company, 1960.

Geldenhuys, Norval. *Commentary on the Gospel of Luke*. "The New International Commentary on the New Testament". Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Company, 1951.

Gilmore, S. MacLean. "The Gospel According to St. Luke" (Exegesis). *The Interpreter's Bible*. Editado por George A. Buttrick, et al., Vol. VIII. New York: Abingdon-Cokesbury Press, 1952.

Godet, F. *A Commentary on the Gospel of St. Luke*. Traduzido por E. W. Shalders. Edinburgh: T. & T. Clark, s.d.

Gray, James Comper, and Adams, George W. *Bible Commentary*, Vol. IV. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, s.d.

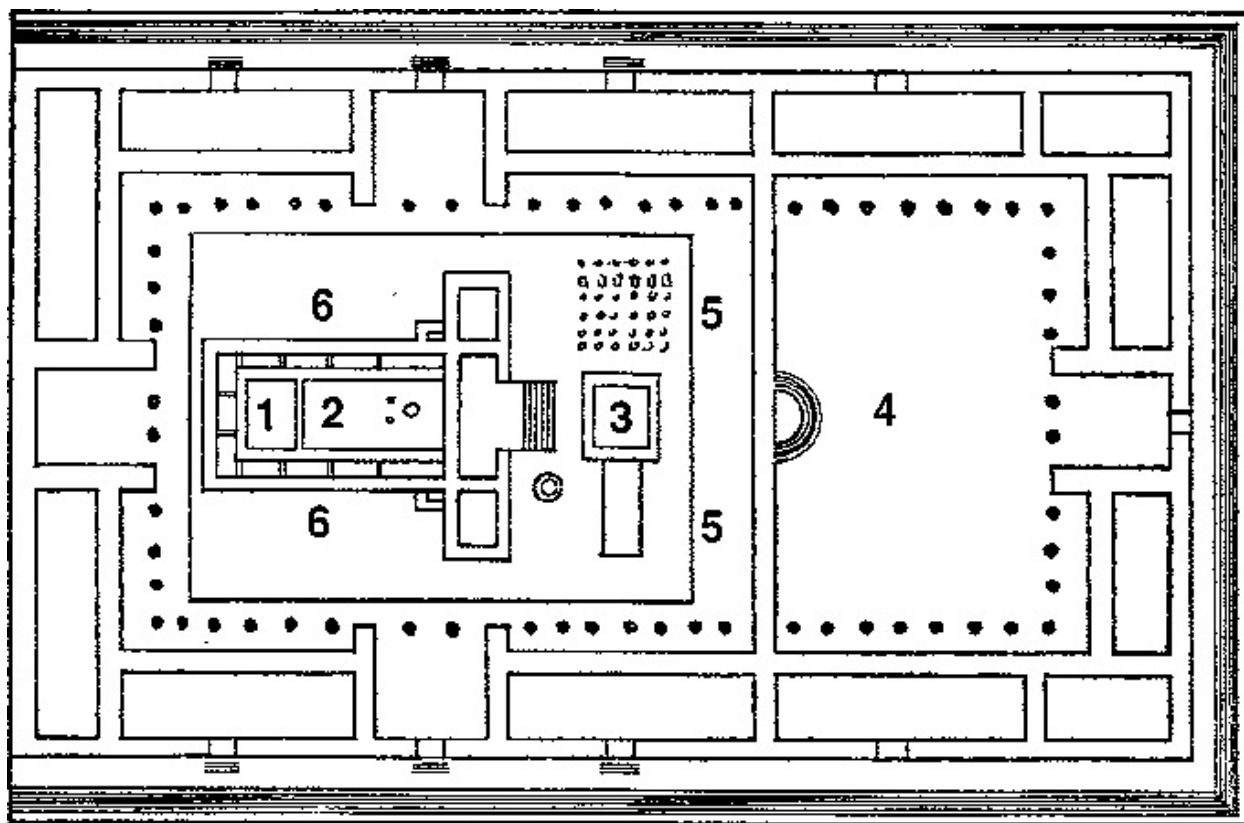
Henry, Matthew. *Commentary on the Whole Bible*, Vol. V. New York: Fleming H. Revell Company, s.d.

Maclaren, Alexander. *Expositions of Holy Scriptures*, Vol. VI. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Company, 1959.

Spence, H. D. M. "St. Luke" (Exposition). *The Pulpit Commentary*. Editado por H. D. M. Spence, Vol. XVI. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Company, 1958.

Van Oosterzee, J. J. "The Gospel According to St. Luke". *Commentary on the Holy Scriptures*. Editado por J. P. Lange. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, s.d.

Templo de Herodes

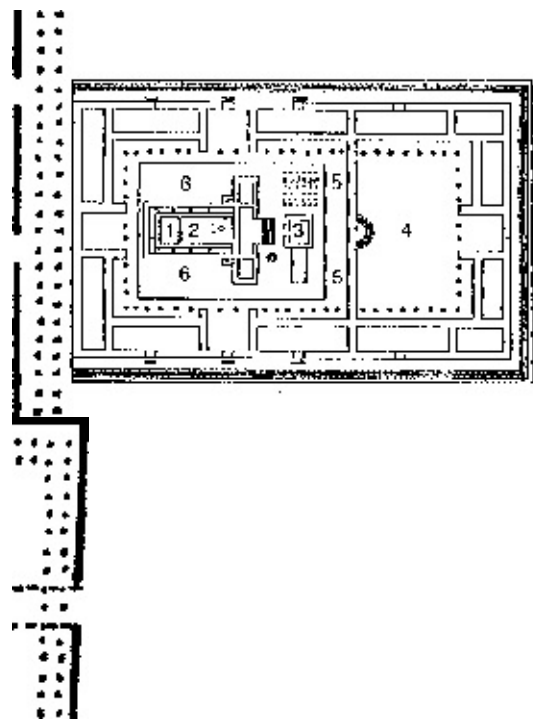


Torre de 1 Antônia _



</fi

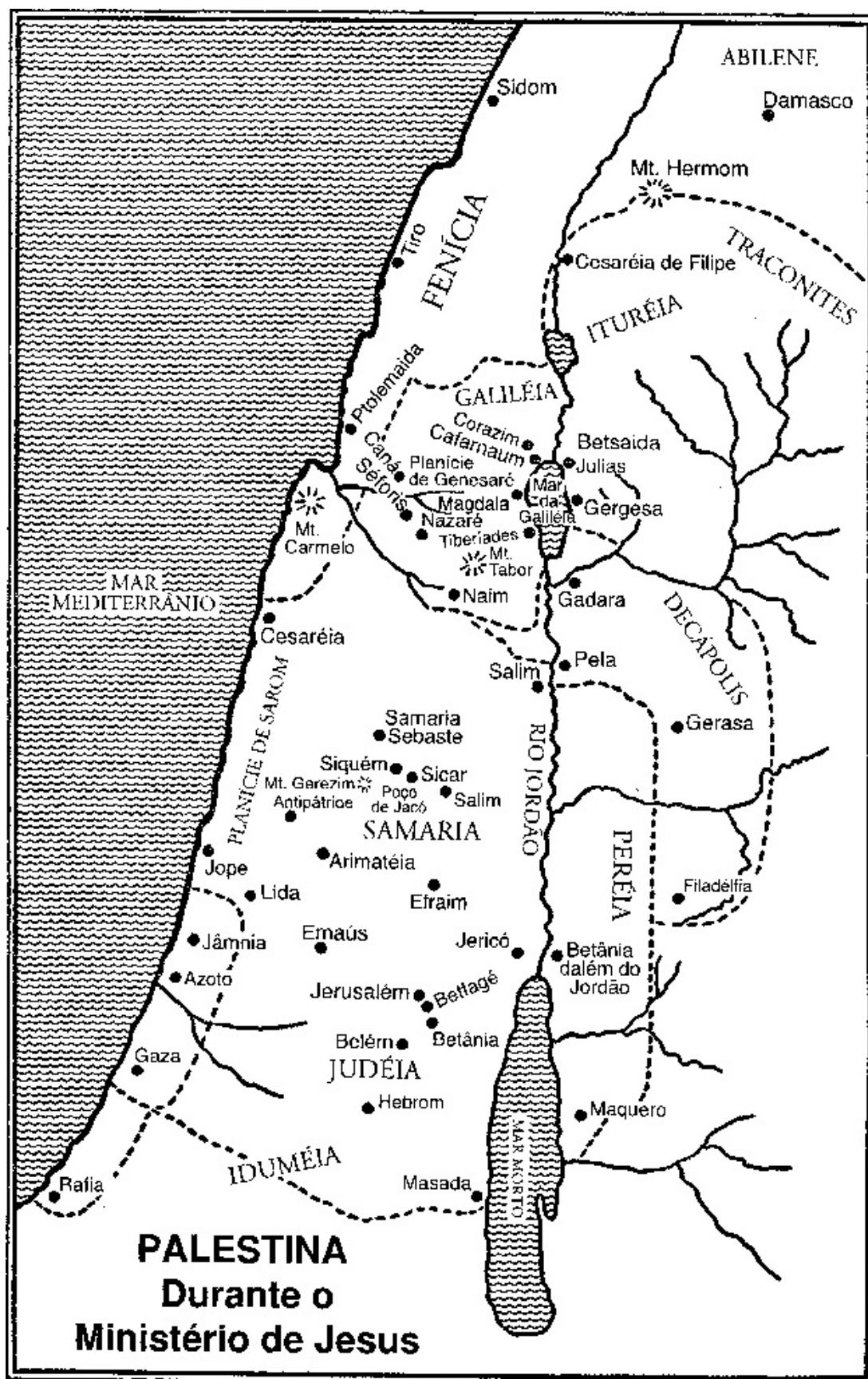
1. Santo dos Santos
2. Lugar Santo
3. Altar da Oferta Queimada
4. Átrio das Mulheres
5. Átrio de Israelitas
6. Átrio dos Sacerdotes



Átrio dos Gentios

-? e-

...i



Autores deste volume

RALPH EARLE

Professor de Novo Testamento, Nazarene Theological Seminary, Kansas City, Missouri. A.B., Eastern Nazarene College; M.A., Boston University; B.D., Th.D., Gordon Divinity School. Títulos de pós-doutorado obtidos nas universidades de Harvard e Edinburgh.

A. ELWOOD SANNER

Chefe do Departamento de Teologia, professor de Teologia e Literatura Bíblica, Northwest Nazarene College, Nampa, Idaho. A.B., M.A., D.D., Pasadena College. Graduado pela Berkeley Baptist Divinity School, University of Califórnia.

CHARLES CHILDERS

Presidente da Divisão de Línguas, Literatura e Belas Artes, Trevecca Nazarene College, Nashville, Tennessee. A.B., Howard Payne College; B.D., Asbury Theological Seminary; M.A., University of Louisville; Ph.D., Vanderbilt University.



Mateus ,i l ucas

O **Comentário Bíblico Beacon** traz uma interpretação abrangente da Bíblia Sagrada elaborada por 40 teólogos evangélicos conservadores. São 10 volumes, cinco para o Antigo Testamento e cinco para o Novo.

Ralph Earle Al Elwood Sanner Charles L. Childor'-

Em cada livro bíblico são comentados versículos de forma expositiva, exegética e sempre com uma sugestão homilética, o que torna o **Beacon** particularmente útil para pregadores e professores da Escola Dominical. Mas também ele tem uma característica devocional que faz dele uma obra cativante e indispensável a todos os crentes que desejam estudar a Palavra de Deus.

Beacon tem erudição teológica, todavia num tom equilibrado na sua interpretação e no seu objetivo inspiracional. Seu formato é atraente e prático.

Seus comentaristas e editores acreditam que esta obra é de grande valor para todos que buscam descobrir as verdades profundas da Palavra, de Deus. que “subsiste eternamente”.

ISBN 85-263-0690-1